

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DE SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM  
ESPECIALIDADE: TEORIA E ANÁLISE LINGUÍSTICA  
LINHA DE PESQUISA: MORFOLOGIA E FONOLOGIA**

**ROBERTO FRANCISCO NASI**

**ELEVAÇÃO DE VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NO PORTUGUÊS SUL-RIO-  
GRANDENSE: RETRATO OITOCENTISTA E ALTERNATIVA DE  
INTERPRETAÇÃO DO GRAFEMA COMO INDÍCIO FONÉTICO/FONOLÓGICO**

**PORTO ALEGRE**

**Dezembro de 2016**

ROBERTO FRANCISCO NASI

**ELEVAÇÃO DE VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NO PORTUGUÊS SUL-RIO-  
GRANDENSE: RETRATO OITOCENTISTA E ALTERNATIVA DE  
INTERPRETAÇÃO DO GRAFEMA COMO INDÍCIO FONÉTICO/FONOLÓGICO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, área de concentração de Estudos da Linguagem, especialidade Teoria e Análise Linguística, linha de pesquisa Fonologia e Morfologia, como requisito final para obtenção do título de Doutor.

Orientadora: Profa. Dra. Valéria Neto de Oliveira Monaretto.

PORTO ALEGRE

Dezembro de 2016

#### CIP - Catalogação na Publicação

Nasi, Roberto Francisco

Elevação de Vogais Médias Pretônicas no Português Sul-Rio-Grandense: retrato oitocentista e alternativa de interpretação do grafema como índice fonético/fonológico / Roberto Francisco Nasi. -- 2016. 284 f.

Orientadora: Valéria Neto de Oliveira Monaretto.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2016.

1. fonologia diacrônica. 2. linguística histórica. 3. século XIX. 4. português sul-rio-grandense. 5. elevação de vogais médias pretônicas. I. Monaretto, Valéria Neto de Oliveira, orient. II. Título.

## **Folha de Aprovação**

A presente Tese de Doutorado, de Roberto Francisco Nasi, sob o título **Elevação de Vogais Médias Pretônicas no Português Sul-Rio-Grandense: retrato oitocentista e alternativa de interpretação do grafema como indício fonético/fonológico** foi apresentada como requisito para a obtenção de título de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O trabalho encontra-se vinculado à área de Estudos da Linguagem, na especialidade Teoria e Análise Linguística e linha de pesquisa Fonologia e Morfologia, tendo sido devidamente defendido e aprovado no dia 12 de janeiro de 2017, pela seguinte banca examinadora:

Profa. Dra. Valéria Neto de Oliveira Monaretto  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
(presidente/orientadora)

Profa. Dra. Evelyne Patrícia Costa  
Universidade Federal de Santa Maria  
(professora convidada)

Profa. Dra. Maria José Bocorny Finatto  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
(professora convidada)

Prof. Dr. Paulo Ricardo Silveira Borges  
Universidade Federal de Pelotas  
(professor convidado)

*Para Carlos Roberto, Fátima e Gabriel.*

*Para Prof<sup>a</sup> Valéria.*

## Agradecimentos

Aos meus pais, Carlos Roberto e Fátima e ao meu irmão Gabriel, pela vida e pelo imenso apoio, sempre que necessário.

Ao Vinícius, pelo companheirismo enquanto acompanhou de perto o trabalho desta Tese, além do empréstimo da câmera utilizada para fotografia dos *corpora*.

À minha orientadora, Profa. Dra. Valéria Neto de Oliveira Monaretto, a qual acompanho desde o Mestrado. Pelas orientações e por ter me apresentado a Linguística Histórica e as possibilidades de estudo.

Aos professores da pós-graduação em Teoria e Análise Linguística da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Profa. Dra. Elisa Battisti, Profa. Dra. Gisela Collischonn, Prof. Dr. Luiz Carlos Schwindt, Prof. Dr. Marcos Goldnadel e Prof. Dr. Sérgio Menuzzi, pelas aulas e seminários sempre esclarecedores acerca das teorias linguísticas e suas abordagens.

Ao Prof. Dr. Afrânio Gonçalves Barbosa (UFRJ) e à Profa. Dra. Gisela Collischonn, pelas grandes contribuições feitas no exame de qualificação desta Tese.

À CAPES, pela bolsa concedida.

Aos colegas dos seminários em Linguística Histórica, Carolina dos Santos Meyer, Carolina Falck Grimm, Cyrano Rosa da Silva, Eliane da Rosa, Júlia Schaeffer Trindade, Márcia Eliane da Silva e Melissa Osterlund Ferreira.

Aos alunos das turmas de Conceitos Básicos de Linguística (2014/1) e Tópicos em Linguística Histórica (2014/1) do curso de graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que reafirmaram, durante meu estágio de docência, a importância da aprendizagem recíproca entre professor e alunos.

À coordenação, demais professores, secretários e colegas do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS.

Às colegas do programa de Pós-Graduação em Teoria e Análise Linguística, na linha de pesquisa Fonologia e Morfologia, pelas conversas enriquecedoras e divertidas, além dos desabafos ‘pós-graduandos’.

Ao Carlos Roberto Saraiva da Costa Leite, coordenador do setor de imprensa do Museu de Comunicação Hipólito José da Costa. Por estar sempre disposto a compartilhar seus conhecimentos históricos de imprensa, política e história do Rio Grande do Sul e, principalmente, pelo incentivo à pesquisa e pela autorização para a publicação dos *corpora* fotografados para esta Tese.

Ao grupo de funcionários do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, pela prestatividade e direcionamentos dados a este doutorando acerca dos instrumentos de pesquisa presentes na instituição.

À Vanessa Gomes de Campos, arquivista e pesquisadora do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e da Cúria Metropolitana, pelo cuidado e pelos aconselhamentos na seleção de *corpora* que compreendem parte dos documentos manuscritos desta pesquisa.

À Vanessa Becker de Souza, arquivista do Museu Júlio de Castilhos, pelo acesso e apresentação de cartas pessoais de Júlio de Castilhos.

A todos os meus amigos: agradeço pelo carinho, pela companhia, pela compreensão e pelo incentivo ao sempre me fazerem acreditar que eu seguia o caminho certo.

*Gracias a la vida, que me ha dado tanto  
Me ha dado el sonido y el abecedario  
Con el las palabras, que pienso y declaro  
Madre, amigo, hermano y luz alumbrando  
La ruta del alma del que estoy amando*

*Violeta Parra (1966)*



## Resumo

Esta Tese investiga um processo fonológico de elevação de vogais médias pretônicas no português sul-rio-grandense em textos escritos no século XIX. Acredita-se que alguns casos de presença de vogais <i> e <u> no lugar de <e> e <o>, com base na ortografia atual, possam ser indícios de um processo de elevação vocálica, de modo semelhante ao que ocorre em realizações da língua falada. Este trabalho propõe retratar a presença do processo de elevação de vogais médias pretônicas /e/ e /o/ no Rio Grande do Sul e propor uma metodologia para o trabalho em Fonologia Diacrônica, através de um levantamento e organização de *corpora* de textos oitocentistas, com base em estudiosos da Linguística Histórica (ROMAINE, 1982; LASS, 2000; SCHNEIDER, 2002; MONTGOMERY, 2007). O levantamento de dados em *corpora* de língua escrita baseou-se em fenômenos estudados em pesquisas sobre elevação de pretônicas, como a harmonia vocálica, a elevação em sílaba inicial e o caso de elevação sem motivação aparente (BISOL, 1981; BATTISTI, 1993; SCHWINDT, 1995, 2002; CASAGRANDE, 2003; KLUNCK, 2007; SILVA, 2012, dentre outros). *Corpora* variados de textos impressos são disponibilizados de forma digitalizada (fotografia) e inédita para a comunidade acadêmica e geral. Propõe-se discutir se as formas encontradas são casos de reflexos de oralidade ou possíveis ajustes a uma suposta norma escrita oitocentista em construção, através do confronto de ocorrências em gramáticas, dicionários e vocabulários oitocentistas.

Palavras-chave: português oitocentista sul-rio-grandense, vogais médias pretônicas, fonologia diacrônica.

## Abstract

This thesis investigates the pretonic mid vowel raising on written texts in Rio Grande do Sul in the nineteenth century. Based on current Brazilian Portuguese spelling, it is believed that some cases of the presence of vowels <i> and <u> replacing <e> and <o> may be clues from a vowel raising process like the same one that happens in spoken language. This paper intends to portray the presence of the raising of the pretonic mid vowels /e/ and /o/ in sul-rio-grandense Portuguese. Besides, it intends to propose specific methodology for diachronic phonology research through *corpora* organization, based on Historical Linguistics (ROMAINE, 1982; LASS, 2000; SCHNEIDER, 2002; MONTGOMERY, 2007). The data collection in written language *corpora* was based on phonological phenomena from the researches about pretonic mid vowel raising, such as vowel harmony, vowel raising in initial syllable and vowel raising with no apparent motivation (BISOL, 1981; BATTISTI, 1993; SCHWINDT, 1995, 2002; CASAGRANDE, 2003; KLUNCK, 2007; SILVA, 2012). Data were examined in grammar books and dictionaries from that century. This research discusses if the words found on the nineteenth century *corpora* reflect either the spoken language or the first writings of Brazilian Portuguese orthography from that time. Written texts *corpora* are available in a digital archive in this thesis.

Keywords: sul-rio-grandense Portuguese from the nineteenth century, pretonic mid vowels, diachronic phonology.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Trecho de <i>A Gazetinha</i> com elevação vocálica em <i>m<u>u</u>chila</i> (NASI, 2012, p. 83).	20
Figura 2 – Pauta vocálica tônica segundo Câmara (1999, p.44).....	25
Figura 3 - Pauta vocálica pretônica segundo Câmara (1999, p.44).....	25
Figura 4 - Redução sem condicionador fonético. Fonte: Bisol (2009, p. 79).....	26
Figura 5 - Representação arbórea de consoantes e de vogais segundo Clements e Hume (1995, p. 292).....	27
Figura 6 – Traço aberto e graus de abertura conforme Clements (1989).....	28
Figura 7 - Representação do processo de assimilação do traço na harmonização vocálica (BISOL, 2013, p. 51).....	28
Figura 8 – Vogais Tônicas do Latim Imperial. Fonte: Teyssier (1997, p.10).....	31
Figura 9 - Mudanças vocálicas do Latim Clássico ao Vulgar. Fonte: Boyd-Bowman (1980, p.2) .....	32
Figura 10 – Figura 10 – Diferenças entre a Linguística Histórica e Diacrônica. Fonte: Mattos e Silva (2010, p.12).....	81
Figura 11 – Detalhe de exemplares de jornais em estado de decomposição, exemplar roído de “Amigo do Homem e da Pátria”, Porto Alegre, 23/02/1830 e exemplar remendado de “O Pharol”, Itaquí, 02/07/1867.....	101
Figura 12 – Exemplares de jornais despedaçados e com páginas coladas.....	101
Figura 13 - Letras Apagadas em anúncio do “Gazeta Serrana”, Cruz Alta, 15 de janeiro de 1893.....	102
Figura 14 – Ilustração de Parte da Listagem de Jornais Raros do Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.....	102
Figura 15 – Detalhe do Inventário Resumido de Periódicos em Acervo do MCHJC, com exemplo de “O Brado do Sul” .....	103
Figura 16 – Anedota encontrada no jornal “A Evolução” de Porto Alegre, de 1911, com Registros Grafológicos de Variantes Fonológicas.....	112
Figura 17 - Lixo gráfico <i>deffeito</i> .....	114
Figura 18 – Lixo Gráfico: <i>semre</i> .....	114
Figura 19 – Diversos exemplos de variação puramente gráfica em anúncio de O Combatente; Santa Maria, 22 de janeiro de 1893.....	115

Figura 20 – Variação puramente gráfica: herança etimológica (ph) e plural terminado em – <i>es</i> prescrito em gramáticas da época.....	116
Figura 21 – Variação Puramente Gráfica: <i>mortaes</i> , <ll>, <tt>, <cc> e ditongo nasal <-ão> como desinência verbal de tempo futuro. O Independente, Rio Grande, 15 de setembro de 1862.....	117
Figura 22 – Dados significativamente fonológicos para concepção de indício de variação fonológica por nós conhecida. Amigo do Homem e da Pátria, Porto Alegre, 14 de agosto de 1829.....	118
Figura 23 – Dado significativamente fonológico: elevação de vogal média inicial travada por nasal. O Constitucional Rio Grandense, Porto Alegre, 3 de setembro de 1828.....	118
Figura 24 – Grafia de valor fonológico significativo: <i>discaço</i> . O Brado do Sul; Pelotas, 30 de dezembro de 1859, p.1.....	119
Figura 25 – Grafia de valor fonológico significativo: <i>escrivi</i> . O Comércio; Uruguaiana, 16 de outubro de 1893, p.2.....	120
Figura 26 – Grafia de valor fonológico significativo: <i>acubertar</i> . O Continentista; Porto Alegre, 10 de junho de 1836, p.2.....	120
Figura 27 – Carta de Carolina Prates de Castilhos ao seu filho Júlio; São Martinho, 25 de julho de 1894, fol.1r.....	121
Figura 28 – Carta de Carolina Prates de Castilhos ao seu filho Júlio; São Martinho, 25 de julho de 1894, fol.1v.....	123
Figura 29 – Carta de Carolina Prates de Castilhos ao seu filho Júlio; São Martinho, 25 de julho de 1894, fol.2r.....	125
Figura 30 – Carta de Carolina Prates de Castilhos ao seu filho Júlio; São Martinho, 25 de julho de 1894, fol.2v.....	127
Figura 31 – Painel “A Formação Histórico-Etnográfica do Povo Riograndense” mural de 25m <sup>2</sup> em técnica mista de Alto Locatelli (1951/1955), no Palácio Piratini, Porto Alegre, RS.....	133
Figura 32 – Charge de escravagistas tentando “galgar o Poder”. O Século, Porto Alegre, 5 de março de 1885, p. 4.....	155
Figura 33 – Exemplo de Documento Original e Transcrição Auxiliar para Leitura. Fonte: Do autor.....	159

Figura 34 – Da Ortografia – Art. I – Fonte: Sousa (1804, p. 236).....	169
Figura 35 – Vozes “ambiguas” e “som confuso” se “havemos de escrever <b>i</b> ou <b>e</b> . Fonte: Barbosa (1822, p.63).....	170
Figura 36 – “as vogaes não accentuadas são tractadas d’um modo quase accidental”. Fonte: Coelho (1868. p. 38).....	170
Figura 37 – Leão (1878, p.13).....	171
Figura 38 - “Linguagem dos matutos”, cantiga. Fonte: Coelho (1881, p.27).....	171
Figura 39 – “Cantiga de pretos”. Fonte: Coelho (1881, p.28).....	172
Figura 40 – Diccionario da Lingua Bunda ou Angolense. Fonte: Canecatim (1804, p.1).....	174
Figura 41 – Entradas lexicais “Cobiça” e Cubiçado”. Fonte: Coelho (1890, p. 364).....	175
Figura 42 – Grafia de <i>Burlequeador</i> , <i>burliqueador</i> e <i>burlequiar</i> . Fonte: Correia (1898, p.39).....	177
Figura 43 – Entrada lexical <b>Negrinho do pastoreio</b> para exemplificar <i>babuseiras</i> . Fonte: Correia (1898, p. 137).....	177

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Ocorrências de variação gráfica de <e> e <i> no português do trecentista. Fonte: Adaptado de Fonte (2010).....	37
Quadro 2 – Ocorrências de variação gráfica de <o> e <u> no português do trecentista s. Adaptado de Fonte (2010).....	38
Quadro 3 – Ocorrências prováveis de Elevação da Média Pretônica no Português do século XIV ao XVIII. Fonte: adaptado de Bisol (1981).....	41
Quadro 4 – Vogais Médias Pretônicas nos séculos XVI, XVII e XVIII no Livro Velho Tombo, segundo Telles (2014). Fonte: adaptado de Telles (2014).....	43
Quadro 5 – Vocábulos contidos em Cartas Comerciais do século XVIII acerca da variação entre <e> e <i> e <o> e <u>. Fonte: Barbosa (1999, p. 173).....	50
Quadro 6 – Vocábulos contidos em Documentos Oficiais do século XVIII acerca da variação entre <e> e <i> e <o> e <u>. Fonte: Barbosa (1999, p. 175).....	51
Quadro 7 – Total de ocorrências fonético-ortográficas de elevação vocálica de médias pretônicas. Fonte: adaptado de Oliveira (2006).....	52
Quadro 8 – Ocorrências de Elevação Vocálica de Médias Pretônicas em cartas pessoais e documentos oficiais dos séculos XVIII e XIX. Fonte: adaptado de Magalhães (2013).....	54
Quadro 9 – Amostra de textos representativos do escocês médio. Fonte: adaptado de Romaine (1982).....	87
Quadro 10 – Categorização de tipos textuais em relação à proximidade com o ato de fala. Fonte: Tabela 3.1 (SCHNEIDER, 2002, p. 73).....	95
Quadro 11 – Primeira tentativa de organização de <i>corpus</i> de jornais gaúchos do século XIX. Fonte: do autor.....	104
Quadro 12 - Relação idealizada de número de exemplares por período oitocentista. Fonte: do autor.....	105
Quadro 13 - Relação real de número de títulos com no mínimo 10 exemplares por período oitocentista. Fonte: do autor.....	106
Quadro 14 - Relação real de número de títulos com menos de 10 exemplares por período oitocentista. Fonte: do autor.....	106

Quadro 15 – Lista parcial de correspondência entre grafemas etimológicos e fonemas de Lima (2014). Fonte: adaptado de Lima (2014, p.30 e 31).....	130
Quadro 16 – Acervos de textos escritos oitocentistas nos arquivos de Porto Alegre. Fonte: do autor.....	150
Quadro 17 - Vocabulários e dicionários de língua portuguesa utilizados como fontes metalinguísticas	173

## SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	16
1	CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES.....	19
2	O PROCESSO DE ELEVAÇÃO VOCÁLICA DE MÉDIAS PRETÔNICAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO.....	25
2.1	REPRESENTAÇÃO NA TEORIA FONOLÓGICA.....	25
2.2	INDÍCIOS DO PROCESSO: DO LATIM AO PORTUGUÊS DO BRASIL.....	30
2.2.1	Investigações em sincronias passadas do português brasileiro, por meio da língua escrita.....	47
2.2.2	Pesquisas sociolinguísticas na língua falada.....	56
2.2.2.1	Panorama sobre resultados de pesquisas no Brasil.....	58
2.2.2.2	Panorama sobre resultados de pesquisas no Rio Grande do Sul.....	69
3	PARA UMA PESQUISA EM FONOLOGIA DIACRÔNICA.....	80
3.1	ESTUDOS DE VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS POR MEIO DE REGISTROS ESCRITOS: LINGUÍSTICA E SOCIOLINGUÍSTICA HISTÓRICAS.....	80
3.2	METODOLOGIA PARA ANÁLISE DE TEXTOS ESCRITOS.....	90
3.2.1	Critérios para Seleção de Textos Primários e Fontes para Interpretação Gráfica.....	92
3.2.2	Problemas na composição dos <i>corpora</i> da Pesquisa desta Tese.....	100
3.2.3	Interpretações Fonológicas a partir de Grafemas.....	108
3.2.3.1	Taxonomia para desvios de escrita segundo Lass.....	113
3.2.3.2	Uma Proposta de Interpretação de Dados Escritos em Sincronia do Século XIX.....	129
4	<i>CORPORA</i> DE TEXTOS ESCRITOS OITOCENTISTAS GAÚCHOS.....	133
4.1	MEMÓRIA LINGUÍSTICA ESCRITA DO RIO GRANDE DO SUL.....	133
4.1.1	Formação Histórica do Estado.....	134
4.1.2	Fontes Escritas em Arquivos Públicos.....	146
4.1.3	Jornais: impressos do século XIX.....	151
4.1.4	Cartas Manuscritas Pessoais.....	156
4.2	AMOSTRA DE JORNAIS E DE CARTAS PARA ANÁLISE DA VOGAL MÉDIA PRETÔNICA.....	162



<b>5</b>	<b>ANÁLISE DO ALÇAMENTO DE VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NO RIO GRANDE DO SUL OITOCENTISTA.....</b>	<b>164</b>
5.1	LEVANTAMENTO DE DADOS.....	164
<b>5.1.1</b>	<b>Vogal /e/ como &lt;i&gt;.....</b>	<b>165</b>
<b>5.1.2</b>	<b>Vogal /o/ como &lt;u&gt;.....</b>	<b>166</b>
5.2	PARA UMA INTERPRETAÇÃO DE INDÍCIOS DE ALÇAMENTO.....	167
5.3	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	178
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>188</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>192</b>
	<b>APÊNDICES.....</b>	<b>208</b>
	<b>APÊNDICE A:</b> Generalizações Sobre os Condicionamentos da Elevação Vocálica de Pretônicas em alguns trabalhos sociolinguísticos do PB: síntese de resultados.....	209
	<b>APÊNDICE B:</b> Generalizações Sobre os Condicionamentos da Elevação Vocálica de Pretônicas no RS: síntese de resultados.....	211
	<b>APÊNDICE C:</b> Relação de Jornais Gaúchos do Século XIX do MUSECOM.....	214
	<b>APÊNDICE D:</b> Jornais com mais de 10 exemplares.....	218
	<b>APÊNDICE E:</b> Jornais com menos de 10 exemplares.....	219
	<b>APÊNDICE F:</b> Dados Fonologicamente Significativos dos Jornais Gaúchos Oitocentistas em Relação à Década.....	221
	<b>APÊNDICE G:</b> Corpus de Cartas Manuscritas Pessoais da Família Prates de Castilhos (AHRS e MJC).....	222
	<b>APÊNDICE H:</b> Corpus de Documentos Manuscritos da Revolução Federalista (IHGRS).....	235
	<b>APÊNDICE I:</b> Pesquisas de Registros Escritos em Jornais em Dicionários – Vogal <e>.....	238
	<b>APÊNDICE J:</b> Pesquisas de Registros Escritos em Jornais em Dicionários – Vogal <o>.....	247
	<b>APÊNDICE K:</b> Pesquisas de Registros Escritos em Cartas da Família Prates de Castilhos em Dicionários.....	250
	<b>APÊNDICE L:</b> Pesquisas de Registros Escritos em Documentos da Revolução	

Federalista em Dicionários.....	257
<b>APÊNDICE M:</b> Dados Fonologicamente Significativos de Harmonia Vocálica, Elevação vocálica de médias em posição inicial e Elevação sem Motivação Aparente.....	260
<b>ANEXOS</b> .....	269
<b>ANEXO A:</b> Dados trazidos por Bisol (1981).....	270
<b>ANEXO B:</b> Detalhes e Meio de Busca do Acervo Particular Júlio De Castilhos – Adaptado do Instrumento de Pesquisa do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul e de acordo com Penna e Graebin (2009, p. 60-63).....	277

## INTRODUÇÃO

Esta Tese trata do processo de elevação de vogais médias pretônicas do português sul-rio-grandense em registros escritos do século XIX. Esse processo ocorre em vogais médias /e/ e /o/, que são realizadas como vogais altas [i] e [u] na posição pretônica das palavras, como em m[i]nino e c[u]ruja, por exemplo. Explicações mais detalhadas acerca da representação fonológica do sistema vocálico do português brasileiro e a exposição da pauta pretônica segundo o estruturalismo de Câmara Jr. (1999) e a representação autosegmental (BISOL, 2009, 2013) podem ser vistos no Capítulo 2 deste estudo. Além disso, nesta primeira parte, também expomos alguns estudos históricos (MELO, 1946; SILVA NETO, 1942, 1957, 1960, 1970; TEYSSIER, 1997; BISOL, 1981; FONTE, 2010; TELLES, 2014) sobre a língua portuguesa que demonstram que a flutuação existente entre vogais médias e altas já existe – e persiste – desde a língua latina.

Essa flutuação pode ser percebida pelo registro gráfico em textos produzidos ao longo de alguns séculos, considerados como indícios de uma realização fonética possível de ter existido. Este modo de se examinar processos fonológicos em sincronias passadas tem sido utilizado por vários estudiosos atualmente (OLIVEIRA, 2006; MAGALHÃES, 2013, MONARETTO, 2005; NASI, 2013, KELLER e COSTA, 2014; BENÇAL e ALTINO, 2015). Por fim, este Capítulo 2 expõe uma revisão bibliográfica sobre a elevação vocálica de médias pretônicas em estudos sociolinguísticos de língua falada em vários estados do Brasil com maior enfoque nos estudos sobre a língua portuguesa brasileira falada no Rio Grande do Sul. (BISOL, 1981 ; BATTISTI, 1993; SCHWINDT, 1995; CASAGRANDE, 2003; KLUNCK, 2007 e SILVA, 2012).

A questão de haver estudos sociolinguísticos nesta Tese se dá pelas seguintes razões: estes estudos ilustram o processo de elevação das vogais médias pretônicas na fala do português sul-rio-grandense em diversas amostras de regiões diferentes. O procedimento metodológico de estratificação social do fenômeno, com base em variáveis sociais, pode também ser usado - em parte – em textos escritos e ao longo da história. Esta união entre *sociolinguística* e *linguística histórica*, isto é, uma “sociolinguística histórica” é o que é proposto por Romaine (1982) quando realiza um estudo de sintaxe histórica sobre os pronomes relativos do inglês médio em textos escoceses no século XVI. Embora não seja possível determinar a estratificação social proposta pela sociolinguística da elevação vocálica

através dos corpora aqui analisados, acreditamos que as análises quantitativas nos tragam contribuições acerca da descrição do fenômeno.

Estudar variáveis linguísticas por meio de registros é papel fundamental da linguística e sociolinguística históricas, como podemos ver no Capítulo 3 desta tese. Discorreremos neste capítulo sobre a metodologia utilizada para a pesquisa em Fonologia Diacrônica. Esta pesquisa, com dados escritos de textos antigos, segue pressupostos e taxonomias específicas conforme Lass (2000), Schneider (2002) e Montgomery (2007). A aplicação desta metodologia enfrenta problemas bastante próprios da composição de *corpora* linguisticamente representativos para pesquisa, assunto sobre o qual também tratamos neste terceiro capítulo. Estes problemas estão relacionados à coleta de *dados fonologicamente significativos*, cuja interpretação é abordada na parte final desse capítulo.

Buscar textos antigos para contar a história de uma língua exige tempo e persistência. Podemos afirmar que a formação de *corpora* de textos escritos oitocentistas gaúchos (exposta no Capítulo 4) foi um trabalho de anos, que continua e continuará em outras pesquisas linguísticas posteriores. Para formar *corpora* escritos representativos do século XIX fez-se necessário o conhecimento da formação histórica do Rio Grande do Sul para entendermos o contexto sócio-histórico gaúcho no qual se deu a produção dos textos.

Para a pesquisa em fontes escritas em arquivos públicos, foram agendadas visitas diversas. Realizamos a digitalização de maior parte dos documentos que compõe os *corpora* desta Tese, como jornais (impressos) e cartas (manuscritas) pessoais, produzidos no século XIX, no Estado. Além de nos facilitar a leitura, esta amostra digitalizada do *corpus* jornalístico estará disponível em DVD-ROM, como acessório a esse trabalho.

Por fim, propomos no capítulo 5, uma alternativa de análise sobre a elevação vocálica de médias pretônicas, demonstrando os resultados obtidos através do exame grafológico das fontes manuscritas e impressas que formam nossos *corpora*. Este exame consistiu em apresentarmos as ocorrências gráficas de <i>, para representar <e>, e de <u>, para representar <o>, conforme Apêndices I, J, K e L, como um suposto e possível alçamento das vogais médias <e> e <o> de acordo com os tipos de processos de elevação vocálica já conhecidos pela teoria fonológica em estudos sociolinguísticos: *harmonia vocálica*, *elevação em sílaba inicial* e *elevação sem motivação aparente*. Apresentamos uma proposta de se estabelecer estratégias de interpretação destes indícios escritos do alçamento oitocentista, verificando cada uma das ocorrências gráficas em fontes metalinguísticas (evidências diretas)

como Vocabulários (BLUTEAU, 1712), Dicionário de Língua Portuguesa (SILVA, 1813), Dicionário de Língua Estrangeira (CANNECATIM, 1804) e Manual Etimológico (COELHO, 1890).

O estudo conclui que o alçamento de vogais médias pretônicas já estava presente no século XIX, embora possa estar aqui representado somente qualitativamente. Antes de iniciarmos a redação destes capítulos, algumas considerações preliminares fazem-se importantes para contextualizar a motivação deste trabalho, assim como deixar claro desde o início, os objetivos e as hipóteses deste trabalho. Embora Schneider (2002) considere a distância entre a fala e o registro escrito uma condição necessária para a remoção de um filtro textual na reconstrução do evento de fala, temos como proposta dessa tese defender que formas gráficas podem representar eventos de língua falada, se examinadas segundo taxonomias específicas e pelo confronto de fontes diretas e indiretas.

## 1. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Este trabalho pretende contribuir para a história do português brasileiro e para o enriquecimento dos estudos brasileiros de Linguística Histórica, por meio da investigação do fenômeno de elevação de vogais médias pretônicas no português sul-rio-grandense utilizado no século XIX. Para a execução desta pesquisa, os *corpora* selecionados foram: jornais - (impressos) que circularam nas regiões metropolitana e interiorana do Rio Grande do Sul - e correspondências familiares e oficiais (manuscritas). Parte destes *corpora* estão disponíveis como apêndice desta Tese de forma digitalizada (através de fotografia) para a comunidade acadêmica e em geral.

Propõe-se fazer um levantamento de formas grafemáticas<sup>1</sup> como indícios de variantes fonéticas/fonológicas de um processo em que uma vogal média átona /e, o/ é realizada como alta [i, u], na posição pretônica da palavra, chamado de *elevação ou alçamento vocálico*. O fenômeno de elevação vocálica é antigo (BISOL, 1981, 1983) e comumente encontrado na língua falada do português brasileiro. A intenção é construir um retrato da existência e comportamento de variantes de elevação vocálica no século XIX, na variedade do português brasileiro sul-rio-grandense, por meio do exame de registros escritos, de forma a contribuir para a descrição do português brasileiro, que se firma como tal a partir dessa época, conforme Tarallo (1983), Pagotto (1992), entre outros.

É interessante notar que estudos sobre a evolução do português no Brasil concentram-se principalmente na fase arcaica do português (MATTOS E SILVA, 2006) e no português moderno, a partir de estudos dialetológicos do final da primeira metade do século XX. Talvez, pela escassez de trabalhos de investigação em sincronias passadas, ocasionada por uma série de razões (dificuldades na formação e obtenção de *corpora*, falta de metodologia específica, etc.), as descrições têm buscado aperfeiçoar métodos de exame da língua falada somente.

Acreditamos que a investigação de um estágio no passado da língua possa contribuir para a formação da história linguística do português brasileiro (PB). Em pesquisa anterior (NASI, 2012), foram analisados alguns títulos de jornais do acervo do Arquivo Histórico Moysés Vellinho em Porto Alegre. Nos dados coletados em 275 exemplares de jornais,

---

<sup>1</sup> Segundo Câmara Júnior (2007, p.158) grafema "designa os símbolos gráficos unos, constituídos por traços gráficos distintivos, que nos permitem entender visualmente as palavras na língua escrita, da mesma sorte que os fonemas nos permitem entendê-las auditivamente na língua oral. É uma designação, a um tempo, mais rigoroso e mais ampla que "letra", pois frisa o caráter opositivo dos símbolos gráficos, de um lado, e, de outro lado, abarca os diacríticos, os ideogramas, como os números e os sinais de pontuação."

constatamos 154 ocorrências de registros escritos sobre os quais acreditávamos possuírem algum valor fonológico. Um exemplo do tipo de dado selecionado pode ser visualizado na figura a seguir:

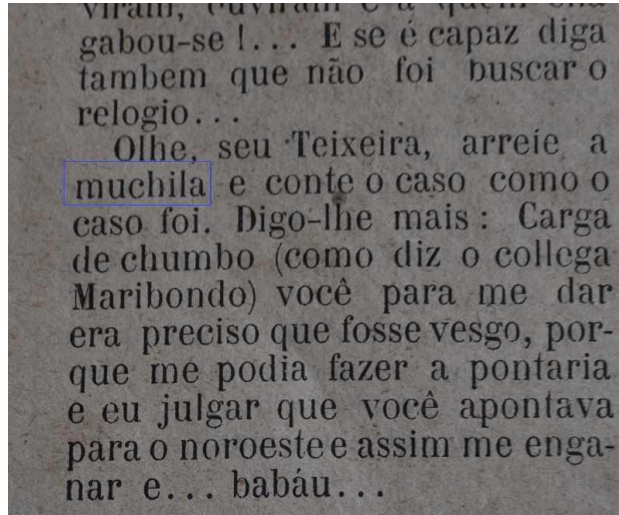


Figura 1 - Trecho de *A Gazetinha* com elevação vocálica em *muchila* (NASI, 2012, p. 83)

Dentre as ocorrências levantadas de registros de variação gráfica de <e>~<i> e <o>~<u> em diversos jornais, uma série de formas podem ser atestadas como indício possível de casos de elevação vocálica de vogais médias átonas em que /e,o/ realizam-se como [i,u], respectivamente, como ilustram os exemplos abaixo:

1. **persiguindo**, *O Mensageiro*, 10 de novembro de 1835, p. 3;
2. **cuberto**, *O Mensageiro*, 1º de dezembro de 1835, p. 1;
3. **aclariando**, *O Mensageiro*, 5 de janeiro de 1836, p. 3;
4. **compitentemente**, *O Povo*, 26 de setembro de 1838, p. 2;
5. **disgraçados**, *O Povo*, 26 de setembro de 1838, p. 1;
6. **dimitidos**, *O Povo*, 24 de outubro de 1838, p. 66;
7. **distino**, *O Povo*, 24 de outubro de 1838, p. 65;
8. **quasi**, *O Americano*, 28 de setembro de 1842, p. 4;
9. **dicidido**, *Estrella do Sul*, 15 de março de 1843, p. 1;
10. **cusinha**, *O Jornal do Commercio*, 5 de novembro de 1867, p. 4;
11. **muribundo**, *A Voz do Escravo*, 3 de abril de 1881, p. 1;
12. **assimilham**, *A Gazetinha*, 15 de novembro de 1891, p. 1;
13. **similhantes**, *A Gazetinha*, 15 de novembro de 1891, p. 1;
14. **disfrute**, *A Gazetinha*, 20 de março de 1892, p. 3;

15. **benifício**, *A Gazetinha*, 12 de maio de 1898, p. 2;

16. **incarna**, *A Gazetinha*, 10 de setembro de 1898, p. 1;

17. **maguado**, *A Gazetinha*, 6 de outubro de 1898, p. 1.

Os casos encontrados no exame grafemático em Nasi (2012) podem se enquadrar como indícios ou vestígios de um processo fonológico comum na variedade falada do português brasileiro, conhecido como *elevação vocálica da vogal média átona*; provocado por fatores diversos, segundo estudiosos como Bisol, (1981), Battisti (1993), Schwindt (1995), Casagrande (2003), Klunck (2007), Silva (2012) e Monaretto (2013).

As 67 ocorrências encontradas foram apenas expostas em nosso trabalho anterior (NASI, 2012), sem uma análise qualitativa um pouco mais apurada, a qual propomos nesta Tese, bem como uma organização de um *corpus* mais significativo e “volumoso” em termos quantitativos. Acreditamos que este tipo de dado como os que acima ilustramos mereça um tratamento de análise bastante específica do fenômeno de elevação da vogal média pretônica: em caráter variacionista (sob o qual este fenômeno é hoje conhecido, sendo objeto de diversos estudos de sincronias recentes) e também em caráter histórico (sob o qual este fenômeno já é conhecido como existente em sincronias passadas acerca do português utilizado em outras regiões brasileiras).

Em vista do observado, estabelecemos como **objetivos gerais** de nossa pesquisa o que segue

1. Formar *corpora* de textos oitocentistas escritos no Rio Grande do Sul de forma digitalizada (fotografia), para oferecer para a comunidade em geral;
2. Propor metodologia de análise nos *corpora* de língua escrita oitocentista do Rio Grande do Sul;
3. Propor um retrato da elevação vocálica da média pretônica no português sul-rio-grandense oitocentista;
4. Contribuir para a descrição histórica da fonologia do português brasileiro, com foco no século XIX.

A pesquisa busca, especificamente, investigar o fenômeno de elevação das vogais /e/ e /o/ pretônicos no português brasileiro sul-rio-grandense oitocentista. Isto é feito através do levantamento grafemático dessas vogais em jornais e correspondências da época, com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Histórica (ROMAINE, 1982), do Princípio de Remoção do Filtro (SCHNEIDER, 2002) para a coleta de dados fonologicamente significativos (LASS, 2000) que retratem pistas de uma pronúncia subjacente de uma variação



significativa através de *corpora* criteriosamente selecionados (MONTGOMERY, 2007). Para a verificação da existência deste fenômeno variável (elevação vocálica das médias), procura-se encontrar formas grafadas com <i> e <u> no lugar de <e> e <o>, respectivamente, em posição pretônica, como por exemplo nas alternâncias *pedido~p̄idido*, *coruja~c̄uruja*, *ensino~ĩnsino* e *coberta~c̄uberta*.

Além disso, este estudo pretende buscar evidências metalinguísticas sobre a realização das vogais médias pretônicas em obras como gramáticas, dicionários e glossários de língua portuguesa publicadas entre os séculos XVIII e XIX. Isto será feito para verificar se o processo de elevação das referidas vogais atuava no português brasileiro do século XIX como um possível reflexo de oralidade ou se este se tratava de uma aplicação de algum padrão de grafia na época existente, no sentido de se construir uma norma linguística. Assim, nosso trabalho pretende, de forma específica, sumariamente, os **objetivos** a seguir.

1. Propor uma alternativa de interpretação para o trabalho em Fonologia Diacrônica por meio de organização de *corpora* de textos escritos no Rio Grande do Sul durante o século XIX, com base em estudiosos da Linguística Histórica (ROMAINE, 1982; LASS, 2000; SCHNEIDER, 2002; MONTGOMERY, 2007).

2. Coletar ocorrências grafemáticas em textos oitocentistas que possam representar indícios de oralidade sobre o fenômeno de alçamento de vogais médias pretônicas por meio da análise qualitativa destas ocorrências de acordo com os tipos de elevação já conhecidos na língua falada em sincronias recentes, com base em estudos sobre elevação de vogais médias pretônicas (BISOL, 1981; BATTISTI, 1993; SCHWINDT, 1995, 2002; CASAGRANDE, 2003; KLUNCK, 2007; SILVA, 2012; MONARETTO, 2013).

3. Inferir se os registros escritos com vogais pretônicas altas <i> e <u> ao invés das médias <e> e <o> (que contrastam com a ortografia atual) podem ser considerados casos de reflexo de oralidade ou se podem ser interpretados como tentativas de ajustes a uma norma escrita em construção na época, através do exame de ocorrências em dicionários oitocentistas (BARBOSA, 1999; LIMA, 2014).

As **hipóteses** que norteiam este trabalho são as que seguem.

1. Observa-se maior variação gráfica de <e>, escrito como <i>, e menor variação de <o>, grafado como <u>, nos *corpora* oitocentistas, conforme se atesta em estudos de língua falada. É possível inferir, a partir disso, que a língua escrita refletiria situação similar da língua falada.

2. Evidências metalinguísticas diretas (como dicionários e gramáticas de época) acerca

do fenômeno podem atestar ocorrências grafemáticas como registros de tentativas de se construir norma de ortografia de época;

3. Alguns casos de indício de elevação no exame grafemático coincidem com realizações da língua falada, demonstrando que contextos favorecedores da elevação vocálica das médias pretônicas na fala são visíveis na escrita do português brasileiro do Rio Grande do Sul no século XIX. O registro de <i> e de <u> como um indício de elevação pode ser interpretado como favorecido pela presença de vogal alta /i/ nas sílabas seguintes, por exemplo, representando um processo de harmonia vocálica. Além disso, pode ser interpretado como indício de elevação sem motivação aparente e alçamento em sílaba inicial.

Para a realização deste estudo, esta Tese foi organizada, sumariamente, na ordem a seguir: apresentação do processo fonológico de elevação segundo a teoria fonológica, metodologia para pesquisa em fonologia diacrônica, exposição e constituição dos *corpora* e, por fim, análise qualitativa das ocorrências gráficas que possam representar alçamento vocálico.

Após estas considerações preliminares, apresentaremos o processo fonológico de alçamento vocálico de médias pretônicas, expondo como a teoria fonológica classifica as vogais em relação à altura e abertura, além da representação do processo de elevação de vogais médias pretônicas no português brasileiro. Além disso, demonstramos que a elevação vocálica analisada neste estudo já apresentava indícios na língua antecessora ao português, o latim. Realizamos uma revisão bibliográfica das pesquisas sociolinguísticas de língua falada no Brasil e, principalmente, no Rio Grande do Sul, apresentando um panorama de resultados que confirmam o condicionamento do fenômeno com sua ocorrência na língua portuguesa, bem como um quadro resumido das pesquisas examinadas.

A seguir expomos nossa metodologia para a pesquisa em fonologia diacrônica, explicando como se deu a constituição dos *corpora* dos textos escritos oitocentistas gaúchos que pudessem ser representativos linguisticamente, expondo também os problemas existentes nesta constituição. Além disso, discutimos o caráter significativamente fonológico dos dados encontrados, realizando uma reflexão acerca da relação existente entre som e letra existente na língua escrita.

Para maior compreensão do período histórico investigado (o século XIX), fazemos considerações acerca da formação histórica do Rio Grande do Sul e expomos os *corpora* abordados nesta Tese: jornais (impressos) e cartas (manuscritas), expondo também o que há em cada arquivo das instituições visitadas durante esta pesquisa.

Por fim, propomos uma análise qualitativa da elevação vocálica de médias pretônicas no Rio Grande do Sul do século XIX, demonstrando quais tipos de elevação vocálica de médias pretônicas conhecidos podem estar representados em ocorrências escritas do século XIX. Estas ocorrências também foram investigadas em dicionários e glossários da época, para verificarmos se a grafia de vogal alta para representar vogal média está atestada na ortografia, demonstrando a maior ou menor probabilidade desta ocorrência ser um “vazamento fonológico” da língua falada para a língua escrita e não uma adequação à um padrão de escrita já existente e preestabelecido por algum ortógrafo daquele século.

A seguir, exporemos a representação do processo de alçamento de vogais médias pretônicas pelas teorias fonológicas e considerações acerca do comportamento destas vogais desde o latim até estágios mais atuais de língua portuguesa, demonstrando que, em sincronias passadas, já se observava esta alternância entre vogais médias e altas, que persiste na língua até os dias atuais.

## 2. O PROCESSO DE ELEVAÇÃO VOCÁLICA DE MÉDIAS PRETÔNICAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

### 2.1 REPRESENTAÇÃO NA TEORIA FONOLÓGICA

A elevação de vogais médias pretônicas é um fenômeno bastante observável na língua portuguesa brasileira. De norte a sul do Brasil, as variedades registram este fenômeno como frequente no português brasileiro. Conforme Bisol (2013, p.49) a harmonização vocálica na pauta pretônica é uma característica do português brasileiro em todas as suas variedades quando comparado ao português lusitano.

Para Câmara Jr. (1980, p. 41), as vogais do Português Brasileiro (doravante PB) podem ser dispostas em um sistema triangular, em cujo vértice inferior se encontra a vogal mais baixa e, na parte superior, as demais vogais. Dessa forma a elevação gradual da língua, na parte anterior ou na parte posterior, conforme o caso, proporciona uma classificação articulatória das vogais /ε,ɔ/, como *médias de primeiro grau*; das vogais /e,o/ como *médias de segundo grau* e das vogais /i,u/ como *altas*. Essas sete vogais são plenamente realizadas em posição tônica conforme a figura a seguir:

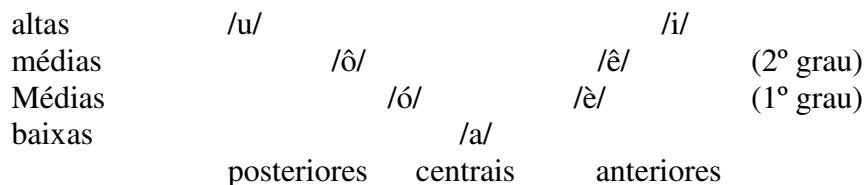


Figura 2 – Pauta vocálica tônica segundo Câmara Jr. (1999, p.44)

Já em posições átonas, não se mantém esse mesmo sistema de sete vogais devido ao processo de *neutralização*, que é a perda do traço que distingue dois fonemas. O sistema de sete vogais tônicas do PB reduz-se a cinco, ilustrado na figura seguinte

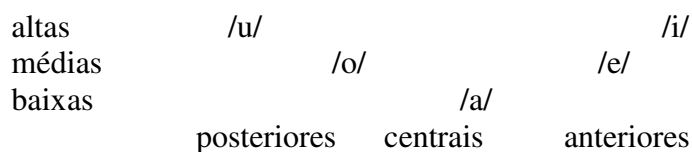


Figura 3 - Pauta vocálica pretônica segundo Câmara Jr. (1999, p.44)

As vogais médias altas /e, o/, quando em posição átona, podem ser alçadas para uma posição alta no quadro articulatório no português brasileiro. Essas vogais em posições pretônicas como postônicas podem ser variavelmente realizadas como [e] ou [i] ou como [o] ou [u]. Assim, palavras com vogais pré e pós-tônicas como, por exemplo, *boneca*, *mato*, *coruja* e *menino*, podem ser pronunciadas com a vogal média átona na forma [i] e [u], ou seja, *b[u]neca*, *mat[u]*, *c[u]ruja* e *m[i]nino*.

Este fenômeno de alçamento de altura no quadro articulatório das vogais médias /e,o/, em posição átona, pode ser caracterizado por três processos fonológicos, conforme Bisol (2010): *harmonia vocálica*, *neutralização* e *alçamento sem motivação aparente*.

O processo de harmonia vocálica tem como gatilho as vogais altas /i/ ou /u/ adjacentes às vogais médias /e/ e /o/ dentro da palavra. A vogal em posição pretônica assimila os traços de altura característicos da vogal seguinte, como é o caso de *m[i]nino* e *c[u]ruja*.

A neutralização se caracteriza pela perda de um traço distintivo, quando dois fonemas reduzem-se a uma unidade fonológica, como é o caso de *mat[u]*. O alçamento sem motivação aparente é um caso de elevação sem a presença de vogal alta na palavra, como por exemplo em *colégio~culégio*, *coração~curação*. Segundo Bisol (2009, p. 79), o alçamento sem motivação é um processo categórico de neutralização no qual os traços da vogal média pretônica são desligados e preenchidos por *default* por uma vogal alta, conforme a figura a seguir.

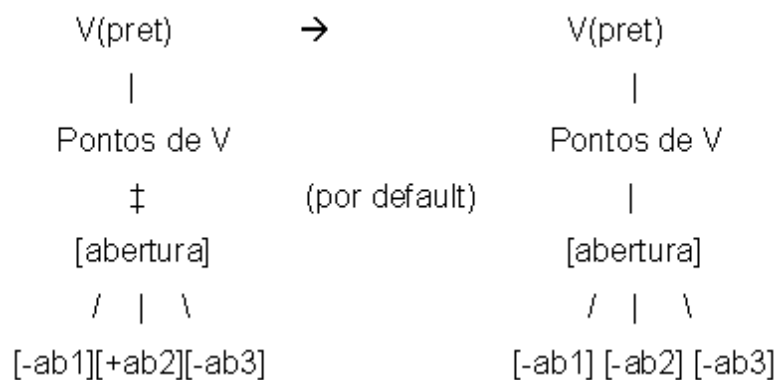


Figura 4 - Redução sem condicionador fonético. Fonte: Bisol (2009, p. 79)

A teoria fonológica representa a assimilação por meio de um sistema de traços distintivos proposto inicialmente por Chomsky e Halle (1968). Nesse modelo de classificação,

com a fonologia ainda concebida em caráter linear<sup>2</sup>, os traços são binários e formam as características básicas para a existência de um fonema (por exemplo, + ou – sonoro, + ou – soante, + ou – alto, + ou – baixo). Conforme a regra de aplicação linear por Bisol (1981, p.126), o processo de harmonia vocálica pode ser assim formalizado

$$(1) V_{[-bx]} \rightarrow [+alt] / C1 \_\_\_ C1 V_{[+alt +ac]}$$

A proposta de representação Não Linear da Fonologia Autossegmental organiza os traços distintivos em uma estrutura geométrica em camadas (*tiers*). Em Clements e Hume (1995), temos a definição dos *tiers* e sua hierarquização, na qual cada *tier* possui um nó de raiz do qual se ramificam os pontos consonantais e os pontos vogais conforme a figura a seguir:

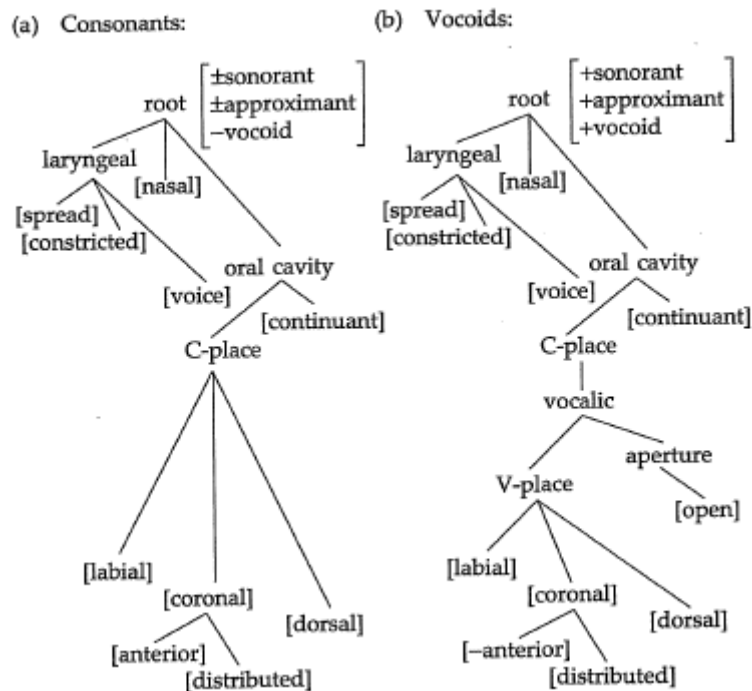


Figura 5 - Representação arbórea de consoantes e de vogais segundo Clements e Hume (1995, p. 292)

Na Figura anterior, os traços distintivos estão hierarquizados em *tiers* (camadas). Esta disposição de traços permite representar de forma mais simples do que o sistema de regras

<sup>2</sup> “Modelos lineares ou segmentais analisam a fala como uma combinação linear de segmentos ou conjuntos de traços distintivos, com uma relação de um para um entre segmentos e matrizes de traços, com limites morfológicos e sintáticos” (BISOL, 2005, p.13)

gerativas os processos fonológicos que ocorrem em uma língua, por exemplo como o caso de assimilação decorrente da harmonização vocálica.

No caso das vogais, os traços distintivos antes expressos como [ $\pm$  alto,  $\pm$  baixo] são tratados em termos de “abertura” para que se possa representam línguas que tenham quatro alturas, como por exemplo o francês e o português. Clements (1989) propõe o traço *aberto*, que apresenta três graus que definem as vogais conforme a figura a seguir

	<b>i / u</b>	<b>e / o</b>	<b>ɛ / ɔ</b>	<b>a</b>
<b>Aberto 1</b>	-	-	-	+
<b>Aberto 2</b>	-	+	+	+
<b>Aberto 3</b>	-	-	+	+

Figura 6 – Traço aberto e graus de abertura conforme Clements (1989)

Bisol (2013, p.50) analisa a harmonização vocálica como um processo de assimilação regressiva do nó de abertura, que é flutuante; o gatilho do processo é uma vogal alta, sendo o alvo a vogal média.

A vogal assimila o nó de abertura da vogal posterior, e o seu nó de abertura é desligado, conforme a figura a seguir.

#### a- Representação da Harmonização vocálica

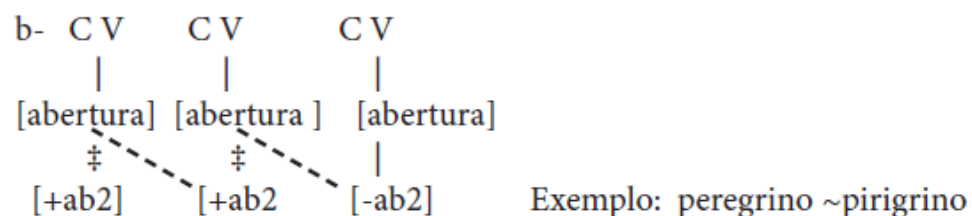
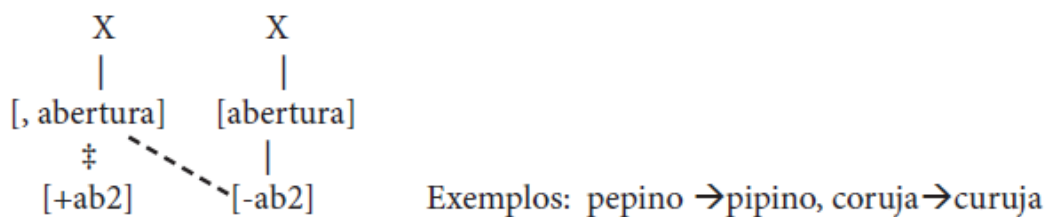


Figura 7 - Representação do processo de assimilação do traço na harmonização vocálica (BISOL, 2013, p. 51)

A harmonia vocálica consiste em um processo de assimilação do traço de abertura da vogal que segue a pretônica. Palavras como *coruja* ~ *curuja* e *pepino* ~ *pipino* são exemplos

de casos de elevação vocálica ocorrida através do processo assimilatório de harmonização vocálica.

Os processos de elevação vocálica variável das vogais médias /e/ e /o/ do português brasileiro são examinados por meio do exame da língua falada. Os estudos sociolinguísticos sobre a harmonia vocálica e a elevação sem motivação aparente mostram duas orientações de interpretação: condicionamento linguístico e social, no caso da harmonia, e motivação lexical, no caso da elevação sem motivação. Os resultados dessas pesquisas serão abordados na seção 2.2.2.

As discussões teóricas sobre a elevação da vogal média pretônica não cessam. Collischonn e Silva (2013) retomam o fenômeno da harmonização vocálica através de duas sínteses teóricas (HULST E VAN DER WEIJER, 1995; ARCHANGELI E PULLEYBLANK, 2007) a respeito das características tipológicas e dos condicionamentos envolvidos no fenômeno. Demonstram que questões acerca da localidade e natureza dos traços envolvidos ainda não foram respondidas pelas análises já feitas do fenômeno.

Em relação ao comportamento da harmonia na fronteira de constituintes, é reconhecido por estes autores que o domínio é a palavra prosódica. Sendo assim, a harmonia não atravessa fronteiras entre membros de palavras compostas. Desta forma, palavras como *odonto-clínica*, *velocímetro* ou *ferrovia*, não apresentariam elevação da vogal do primeiro membro do composto. Porém, segundo a autora, “a tese de que são domínios prosódicos – e não morfológicos – os que condicionam processos autossegmentais não foi suficientemente testada empiricamente” (COLLISCHONN; SILVA, 2013, p.5).

Além disso, segundo as autoras, há problemas em relação à transparência ou opacidade das vogais intervenientes no processo. Uma vogal baixa interveniente entre alvo e gatilho na harmonia da pretônica, por exemplo, em *negativo* (grifo das autoras), desfavorece o processo de harmonia o que configura bloqueio da regra. Geometricamente, estes bloqueios são explicados através da proibição de cruzamento de linhas de associação.

Assim, uma vogal baixa /a/ não é alvo do processo e impede o espriamento do traço para a vogal à sua esquerda. Contudo, para que se consolide esta proibição de cruzamento, /a/ tem que associar-se a [-alto] e impedir a passagem da linha de associação do traço para a vogal à sua direita. Porém, /a/ é redundantemente [-alto], e não se esperaria que fosse especificado para este traço. Segundo Collischonn e Silva (op.cit.)

o papel exercido por vogais intervenientes está diretamente relacionado à nossa concepção a respeito de quais traços constituem a representação desses segmentos e, também, quais estão especificados, isto é, presentes, na



representação dos segmentos e quais não estão. Até o momento, não temos uma análise que abarque estas questões para o português. (COLLISCHONN; SILVA, 2013, p.5)

Em vista do observado, percebe-se que ainda há respostas a se buscar acerca de especificidades teóricas do processo de harmonia vocálica. Embora essas questões não sejam analisadas em nossos dados, esperamos que estes contribuam acerca do já conhecido acerca do fenômeno.

A seguir, trataremos do comportamento vocálico desde a língua latina até a língua portuguesa brasileira, sua sucessora.

## 2.2 INDÍCIOS DO PROCESSO: DO LATIM AO PORTUGUÊS DO BRASIL

As vogais médias pretônicas sofreram processos de mudança ao longo da história. O fenômeno de elevação vocálica parece ser antigo e remonta ao Latim. Por isso, nesta seção, faremos uma breve retrospectiva desta evolução e alguns indícios gráficos levantados por alguns estudiosos sobre possíveis casos de elevação vocálica.

As descrições das transformações vocálicas e suas representações fonéticas são díspares na literatura. Para evitarmos alguma interpretação equivocada dos símbolos fonéticos utilizados por cada autor, decidimos manter os fones e ilustrações originais. Iniciaremos pela história do latim e de sua evolução ao português brasileiro em relação ao quadro vocálico. Em seguida, exporemos observações, levantamentos de alguns estudiosos de indícios de variação e de elevação vocálica de vogais ao longo dos séculos.

A língua latina começou a ser difundida na Península Ibérica após a chegada dos romanos, no ano de 218 a.C. (TEYSSIER, 1997, p.3). Todos os povos da península com exceção dos bascos adotaram a língua latina e, conseqüentemente, a religião cristã.

Em uma época de conquistas territoriais romanas, o plurilinguismo era uma situação comum, e não se tratava somente de diversidade linguística restrita a idiomas diferentes, mas também a dialetos diferentes, já que o próprio latim não era uma língua igual em si mesma. Bettini (2005, tradução nossa)<sup>3</sup> afirma

---

<sup>3</sup> “Oltre alla variegata situazione regionale, bisogna ricordare che lo stesso latino di Roma non fu una lingua sempre uguale a se stessa, ma presentò forti differenze diacroniche e sociolinguistiche. Dal punto di vista **diacronico** si suole distinguere tra il **latino preletterario** (la lingua delle iscrizioni fino al III sec. a.C.), il **latino arcaico** (dalle origini della letteratura fino a tutto il II sec. a.C.), il **latino classico** (I sec. a.C.), il **latino**

Além da variada situação regional, devemos lembrar que a mesma língua latina de Roma não foi sempre igual em si mesma, mas mostrou fortes diferenças diacrônicas e sociolinguísticas. Do ponto de vista diacrônico é relevante distinguir o latim pré-literário (de inscrições de língua até o século III a.C.), o latim arcaico (das origens da literatura até o século II a.C.), o latim clássico (século I a.C.), o latim de Augusto (governo de Augusto), o latim imperial (até o século II d.C.), e, finalmente, o latim tardio (até o século V d.C.).

Mesmo dentro de um mesmo período cronológico. “há fortes diferenças sociolinguísticas: a linguagem das classes educadas era diferente do idioma do povo analfabeto (o latim vulgar)” (Ibidem, tradução nossa).<sup>4</sup>

O dialeto galego-português, surgido do latim vulgar, já era utilizado em documentos escritos no século IX e foi utilizado até o século XII, quando houve a institucionalização da língua portuguesa. Castro (2004, p.1) situa os primeiros usos da língua portuguesa na década de 1170, no final do reinado do rei Afonso Henriques, primeiro rei de Portugal. Conforme o autor, “quanto à adoção generalizada do português como língua da escrita, ela situa-se no início do governo do nosso sexto rei, Dinis (1279), à semelhança do que o seu avô Afonso X dispusera pouco antes em Castela”.

Teyssier (1997, p.10) aponta como evolução fonética a perda das oposições de quantidade na passagem do latim clássico para o latim vulgar e para o latim imperial. O latim clássico possuía cinco timbres vocálicos, com distinção entre vogais longas e breves, totalizando dez fonemas vocálicos diferentes, sendo as vogais breves sempre mais abertas que as suas correspondentes longas. Embora tenham perdido em quantidade, conservaram-se os traços de abertura. Conforme o autor, “o latim imperial perdeu as oposições de quantidade, mas conservou as oposições de timbre resultantes dos variados graus de abertura”. As dez vogais e os dois ditongos do latim clássico foram substituídos por sete vogais no latim imperial, conforme o triângulo abaixo:

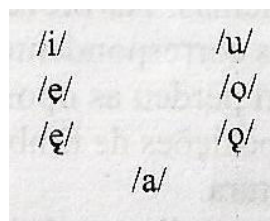


Figura 8 – Vogais Tônicas do Latim Imperial. Fonte: Teyssier (1997, p.10)

---

*augusteo* (principato di Augusto), il *latino imperiale* (fino al II sec. d.C.), e infine il *latino tardo* (fino al V sec. d.C.).”

<sup>4</sup> “Ma anche all'interno di una medesima fase cronologica vi sono forti differenziazioni sociolinguistiche: la lingua delle classi sociali più istruite si differenzia dalla lingua del popolo semianalfabeta (il latino volgare)”

Da mesma forma, Boyd-Bowman (1980, p.2) demonstra as mudanças vocálicas do latim clássico ao latim vulgar na figura abaixo:

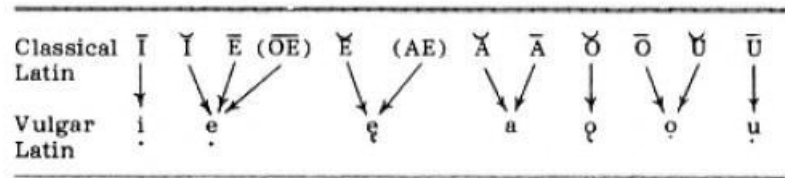


Figura 9 - Mudanças vocálicas do Latim Clássico ao Vulgar. Fonte: Boyd-Bowman (1980, p.2)

Na Figura 9, ilustra-se a mudança do sistema pleno de vogais, isto é, na pauta tônica. Já nas átonas finais, o sistema reduziu-se a três vogais, [a], [e] e [o]. Tratando-se das pretônicas, já se observava no *Appendix Probi* a alternância de [e] para [i] e de [o] para [u], que será vista logo em seguida.

Indica-se o século III d.C como marco da perda da oposição quantitativa, algo que se estendeu a toda a România, mas que ocorreu mais cedo nas regiões onde se falava o latim provinciano. Vêm da África os primeiros indícios da perda da quantidade, devido a propriedade dos “aloglotas apressar a *deriva* imanente da língua”. Assim, no século IV d.C. o ritmo quantitativo das vogais “não era senão uma vaga lembrança”.

Teyssier (1997, p.51) atribui o surgimento de três fonemas vocálicos novos às contrações das vogais em hiato. “No século XV, quando as contrações das vogais em hiato se completaram, essas vogais deveriam ser *longas e abertas* em oposição às pretônicas simples [e], [ä] e [o] que eram *breves e fechadas*.” Assim, há a evolução do [e] aberto pretônico em *escae-cer* > *esquecer* > *esquècer* e *pre-egar* > *pregar* (“predicar”)(Ibidem, op.cit.)

Os exemplos latinos tratados acima se justificam historicamente, já que o português derivou da língua latina, surgindo de um de seus dialetos, o latim vulgar – *sermo vulgaris*. O termo *vulgar* nos traz a referência de *vulgo, plebe*, camada social utilitária de uma variedade do latim não seguidora da gramática normativa, a fala vernácula da população.

A língua é a expressão máxima de um povo, sujeita à variação e mudança, conforme o uso que se faz dela. Os romanos, como qualquer povo utilitário de uma língua, viveram a situação de comportamento linguístico variável, na qual o latim falado no cotidiano não era o mesmo latim utilizado na literatura. O latim literário era a expressão escrita da língua,

consequentemente a forma conservadora de um uso correto e normativo da língua latina. Silva Neto (1970) afirmou:

Os soldados e os comerciantes foram grandes propagadores do latim. Os mercadores circulavam infatigavelmente através das estradas, levando aos agrupamentos urbanos as novidades da cultura romana. Assim, foram veículos de expansão linguística, pois com as coisas iam as palavras que as nomeavam. (SILVA NETO, 1970, p.79)

A definição de latim vulgar apresentou diversos problemas aos linguistas. Conforme teóricos antigos, a problemática da definição de um *sermo vulgaris* está relacionada aos problemas de definição dos usuários dessa variedade: o latim vulgar era uma mistura da variedade utilizada pela plebe e pela classe média? Como medir isso? Segundo Silva Neto (1957a, p.166) “(...) não será desarrazoado crer que o *sermo usualis* levado às províncias mais antigas pelos soldados, colonos e operários era um falar mesclado de formas itálicas”.

Como não havia outra forma de registro de dados a épocas remotas senão a escrita, utilizam-se estas fontes como indício da variedade falada da língua. Sendo a escrita conservadora e mascaradora da fala, para haver o registro escrito de um possível fenômeno fonológico, “é porque já existia há muito tempo, em círculos reduzidos ou socialmente desprestigiados. Só então se aceita como fato consumado depois que se torna impossível toda e qualquer sanção social”. (SILVA NETO, 1970, p.176 – 177)

Da diglossia presente nos dialetos latinos resultam obras como o *Appendix Probi*, documento do século IV d.C. no qual são observadas regras do “bom uso da língua latina”. Nestas regras, são condenadas formas vernáculas da língua latina em favorecimento da variante de prestígio da gramática normativa. Das 227 formas escritas presentes no documento, selecionamos as que apresentaram variação na grafia das vogais **e** e **o**, totalizando 23 formas:

1. *Porphireticum marmor non pupureticum marmor*
2. *Pecten non pectinis*
3. *Aquaeductus non aquiductus*
4. *Formica non furnica*
5. *Sobrius non suber*
6. *Theofilus non izofilus*
7. *Vinea non vinia*
8. *Senates non sinatus*

9. *Brattea non brattia*
10. *Cochlea non coclia*
11. *Cocleare non cocliarum*
12. *Palearum non paliarum*
13. *Formosus non formunsus*
14. *Cloaca non cluaca*
15. *Festuca non fistuca*
16. *Effiminatus non infimenatus*
17. *Botruus non butro*
18. *Faseolus non fasiolus*
19. *Dysentericus non dysintericus*
20. *Linteum non lintium*
21. *Robigo non rubigo*
22. *Bipennis non bipinnis*
23. *Ermeneumata non erminomata*

Através do *Appendix Probi*, Silva Neto (1957a, p.221 – 225) nos trouxe evidências de que a variação entre **e** e **i** e **o** e **u** já era constatada na língua de Cícero e César. Desta forma, observa-se uma tendência de fechamento vocálico<sup>5</sup> como inovação no comportamento variável da língua latina. Ainda segundo Silva Neto (Ibidem, p.142) “(...) sabe-se que era característica comum a todos os dialetos itálicos o fechamento da vogal longa *e*.”

Assim, temos os seguintes exemplos trazidos por Silva Neto (Ibidem, p.142 et seq.) que expressam este fechamento herdado da língua latina:

- *Tīmōne* (por *temone*) – p.142 (português – timão);
- *Bīstŭla* (por *bēstŭla*) – p.142 (português – bicho) e
- *Bītŭlu* (por *bētŭlu*) – p.147 (português - vido).

Acerca deste segundo exemplo, Silva Neto (Ibidem, p.145) ainda faz mais considerações: sendo *bēstŭla* diminutivo de *bēstia* (besta, animal, fera) sobre a qual a explicação fonética não é fácil. Conforme o autor, “com efeito, ou nós temos de admitir um latim vulgar *\*bistiū*, devido à metáfora, ou reconheceremos que a forma primitiva foi *becho*, donde se passou a *bicho* por influência de palatal”

---

<sup>5</sup> Silva Neto refere-se a “fechamento” nos casos que são denominados como elevação vocálica.

As explicações fonológicas à época de Silva Neto eram essencialmente etimológicas. Ao considerar *Tīmōne*, afirma que o português explicar-se-ia por *\*temão*, porém outros estudiosos citados por Silva Neto (1957) como Mohl explica *\*timone* por influência céltica e Meyer Lübke a explica como resultado de cruzamento com vocábulos itálicos. (Ibidem, p.142). Além destes, Piel (*apud* SILVA NETO, Ibidem, op. cit.) que, acerca do problema etimológico, afirma:

uma forma *bēstūla* não justifica de maneira nenhuma a presença do – i -'. Não é tanto assim, já pela existência da variante dialetal *bīstūla* em que o ditongo *ei* foi latinizado em *i*, já porque há exemplos paralelos: *escam* > isca: pescoço > biscoço.

Ainda afirma Silva Neto (Ibidem, p.147) “Havia uma remota possibilidade de ver-se influência itálica da mudança de *e* em *i*; contudo a verdade é que se trata de um fato inexplicado”. Em uma perspectiva mais moderna, Bisol (1981) explica o fato referenciando a atonicidade destas vogais. Conforme a autora

Do latim às línguas dele derivadas, as vogais átonas *e* e *o* trazem consigo uma longa história de variação. Foram, e ainda disso, revelam vestígios, as mais sujeitas alterações. A variação está ligada em parte à sua condição de atonicidade: as vogais não iniciais originalmente átonas que esse caráter preservam na derivação paradigmática estão sujeitas a alterações. (BISOL, 1981, p.98-99)

Os conceitos linguísticos à época de Neto eram diferentes dos utilizados pelas teorias fonológicas mais recentes no que trata da definição dos fenômenos fonológicos. Àqueles enfatizavam os aspectos diacrônicos de mudanças fonéticas, realizando estudos de caráter mais etimológico. Hoje, a alternância *bēstūla* – *bīstūla* poderia ser utilizada com um exemplo de elevação vocálica categórica em vocábulos nas quais a vogal encontra-se em sílaba finalizada por *s*. A elevação vocálica presente em *bētūlu* – *bītūlu* pode refletir um indício de caso de alçamento por harmonia vocálica: a vogal posterior também é alta (ǔ).

Assim como para Silva Neto, para Bisol (1981, 1983), a variação na escrita de vogais médias pretônicas do latim do século IV d.C. também pode ser evidenciada através de ocorrências no já citado *Appendix Probi*, o qual consultado em *Fontes do Latim Vulgar* (SILVA NETO, 1956). Várias obras históricas da língua portuguesa foram analisadas por Bisol (1981,1983), estas obras podem ser consideradas representativas do latim do século IV d.C., de estágios intermediários do português dos séculos VIII a XII e do português dos séculos XIV, XV, XVI, XVII e XVIII. Seguindo critérios da Teoria Gerativa, a autora classifica formas gráficas de palavras como formas mais prováveis ou pouco prováveis no

português gaúcho da fala contemporânea (Bisol, 1983, p. 82). Do *Appendix Probi*, são, para Bisol (1981, p. 241), formas mais prováveis demonstrando a origem possível da produção [e]~[i] e [o]~[u] pretônicos flutuantes já no latim vulgar em palavras como por exemplo *aquiductus*, *furmica*, *sinatus*, *fistuca* e *formunsus* opostas às formas corretas *aqueductus*, *formica*, *senatus*, *festuca* e *formosos*. Conhecem-se as flutuações formiga~formiga e formosura~formusura como exemplos de realizações da língua falada.

Posterior ao século IV d.C., a variação no registro da pretônica está evidenciada também no documento *The Latinity of Dates Documents in the Portuguese Territory* (SACKS, 1941), que registra o proto-português dos anos 770 ao ano 1120. Conforme Bisol (ibid.Op.Cit.) “nas palavras latinas com laivos de português nascente ou nas portuguesas que do textos emergem, as trocas de o por u e de e por i vão aparecendo”. Estão, nos dados da autora, palavras como *pigureiro*< *peculiarum*; *Piliteiros*<*pellitarios*; *Vinder*<*vendere*; *Mulinos*<*molina*; *Infirmidade*<*infirmatatem* ; *Testimonias*<*testimonia*. As ocorrências *enfermidade* = *infirmidade*~*infermidade* e *Testemunho* = *testemunho*~*testimunho* são consideradas variáveis favorecidas pela escrita atual. Os casos restantes são considerados favorecidos pela presença de vogal alta na sílaba seguinte e velar ou labial vizinhas a [o]

Em relação ao uso vogais médias pretônicas como vogais também Emiliano (2003, p. 225 e 226) nos traz formas escritas nas quais também constata-se a variação existente no emprego de **e** e **i**, de **o** e **u** no século XI: *Baselica*/ *basílica*; *Ermegildi*/*ermigildi*; *Gundesalui*/*gundisalui*; *Domeniguici*/*dominguiz*; *Dissolata*/*dessolata*; *Girald*/*Geraldo*; *Giraldus*/*geraldus*; *Uirifice*/*uerifice*; *Ribolo*/*ribulo* e *Ragimiru*/*ragemiro*. O autor analisou documentos notariais do Liber Fidei de Braga de 1050 a 1110.

Sobre o século XIII, o estudo de Fonte (2010) trata das vogais médias pretônicas nas *Cantigas de Santa Maria*, que trata do sistema vocálico do português no conjunto de cantigas produzidas no final trecentista. Em relação às pretônicas, a autora identificou casos de variação gráfica entre <e> e <i> condicionadas pela harmonia vocálica em ocorrências como *comedir*~*comidir*; *ferir*~*firir*; *menina*~*minina*; *verilla*~*virilla*; *fegura*~*figura*, *crocefigar*~*crucifigar*, dentre outros. Os registros da autora podem ser vistos nos quadros a seguir.

<b>Grafemas &lt;e&gt; e &lt;i&gt;</b>	
<b>Verbos :</b> comedir~comidir; consentir~consintir; ferir~firir; pedir~pidir; repentir~repintir	<b>Não-verbos :</b> crerezia~crerizia; eregia~erigia; ferida~firida; menina~minina; menino~minino; vegia~vigia; verilla~virilla; vezinna~vizia; vezinno~vizinno
<b>HV com [u] na sílaba tônica :</b> fegura~figura; sesudo~sisudo; creatura~criatura; meudo~miudo; ameude~amiude; feuz~fiuza	<b>HV com [i] na sílaba tônica:</b> arcediago~arcidiago; avezimao~avizimao; crocefigar~crucifigar; esperital~espiritual; nemigalla~nimigalla; pepion~pipion; petiçon~pitiçon
<b>Favorecidas por palatal na sílaba seguinte:</b> legeiro~ligeiro; pennor~pinnor	
<b>Favorecidas por velar seguinte ou precedente:</b> Alecante~Alicante; crestal~cristal; creschandade~crischãidade; creschão~crischão; escrever~escriber; mengar~mingar; menguar~minguar; menguado~minguado; vengar~vingar; vengador~vingador; vengança~vingança	
<b>Favorecidas por nasal ou sibilante em contexto inicial:</b> enchar~inchar; Engraterra~Ingraterra; estoria~istoria	
<b>Pretônica &lt;e&gt; em hiato com sílaba seguinte:</b> alumear~alumiar	
<b>Sufixos: -idade:</b> enfermidade~enfermidade/ <b>-mento:</b> atrevelimento~atrevelimento; entendimento~entendimento	
<b>Sem atribuição de contexto fonético:</b> celorgião~cilurgiano; manteneute~mantinente; offereçon~offeriçon	

Quadro 1 – Ocorrências de variação gráfica de <e> e <i> no português do trecentista. Fonte:  
Adaptado de Fonte (2010).

<b>Grafemas &lt;o&gt; e &lt;u&gt;</b>	
<b>Verbos :</b> bolir~bulir; descobrir~descubrir; destruir~destruir; fogir~fugir; mogir~mugir; nozir~nuzir; ongir~ungir; recodir~recudir; resorgir~resurgir; sobir~subir; somir-se~sumir- se; consumir~consumir.	<b>Não-verbos :</b> Andalozia~Andaluzia; Todia~Tudia; madodinho~madudinho; jostiça~justiça; joiz~juiz; joizo~juizo
<b>Derivados:</b> josticeiro~justiceiro; josticiar~justiçar	
<b>HV com [u] na sílaba tônica :</b> sepultura~sepultura	
<b>Assimilação ao timbre de [u] átono seguinte imediato à pretônica:</b> envorullar~envurullar	
<b>Labial seguinte à pretônica:</b> adobar~adubar	<b>Labial precedente à pretônica:</b> borges~burges; comoyon~comuyon; escomoyon~escomuyon;



	fundamento~fundamento; forado~furado
<b>Palatal seguinte:</b> cofojon~cofujon~confujon; celorgião~cilurgiano	<b>Palatal precedente:</b> jogar~jugar; joigar~juigar
<b>Velar precedente:</b> ascoitar~ascuitar; coberto~cuberto; coidado~cuidado; coidar~cuidar; coitelo~cuitelo; colpar~culpar; costar~custar; coteife~cuteife; crocefigar~crucifigar; encoberto~encuberto;	<b>Velar seguinte:</b> logar~lugar; Portugal~Portugal.
<b>Sem atribuição de contexto fonético:</b> oviar~uviar; pendorar~pendurar; ressocitar~ressucitar; sospirar~suspisar; volonter~volunter;	

Quadro 2 – Ocorrências de variação gráfica de <o> e <u> no português do trecentista s.

Adaptado de Fonte (2010)

Mesmo após contrapor formas nas quais a grafia das vogais fossem motivadas etimologicamente, a autora concluiu que para a grande maioria das variações gráficas entre essas vogais identificadas no *corpus* havia um contexto fonético-fonológico que favorecia o alteamento vocálico da pretônica. Conforme Fonte (2010)

Esse fato constitui mais um argumento a favor de se considerar essas variações gráficas como reflexos de variação fonética da língua falada no século XIII, uma vez que o levantamento da pretônica ocorreu, na grande maioria dos dados acima indicados, em contextos específicos e bem delimitados, que são responsáveis pelo levantamento da vogal pretônica /e/ na fala de muitas variedades do PB atual, conforme revelam os estudos variacionistas desenvolvidos em diversas regiões do país. (FONTE, 2010, P.164)

Do século XIV, o texto religioso “Orto do Esposo” (1381)<sup>6</sup> registra 77 ocorrências variáveis das vogais médias pretônicas. Segundo Bisol (1981), 68 destas formas são prováveis na fala da língua portuguesa sul-rio-grandense considerando o que se conhece atualmente como condicionador do fenômeno. Dentre as formas prováveis da autora (BISOL, 1981, p. 242-243), que podem ser consultadas no Anexo A desta tese, encontram-se palavras como *Acustumar, cubertura, cubrir, midida e minino*. Do mesmo tipo, foram encontradas ocorrências como *Avorricivel, cirimonias, custume, conhimento, desconhido, duçura e encubrido* no escrito *Tratado de Confisson* (1489), do século XV.

<sup>6</sup> Edição crítica de Mahler (1964).

Segundo Paiva (1988, p.34) encontram-se, nos cancioneiros portugueses do século XVI, trocas de **e** por **i** ou **i** por **e**, em formas como *sesudo* (sisudo), *fegura*, *devino*, *vertude*, *tevesse* (do v. ter), *princepe*, *oreginal*, *arteficial*, *openyam* (opinião), *milhor*, *ynsynar* (*ensinar*), *syntymento*, *gingiva*, *mintira*. Além destas, encontram-se trocas de o por u ou u por o, em formas como *soma* (suma), *fogyr* (fugir), *sogyar* (subjugar), *sojeyto* (sujeito), *someter* (submeter), *custume*, *pussuyr* (possuir).

A variação de vogais pretônicas é um fenômeno bastante antigo no português. Fernão de Oliveira, em *Grammatica da Lingoa Poroguesa*, do século XVI, aborda o que segue:

Das vogais, entre u e o pequeno há tanta vizinhança, que quase nos confundimos, dizendo uns sorrir e outros surrir e dormir ou durmir e bolir ou bulir e outras muitas partes semelhantes. E outro tanto entre i e e pequeno, como memória ou memórea, glória ou glórea”. (OLIVEIRA, 1536, p. 30).

Os séculos XV e XVI foram marcados pela grande expansão marítima portuguesa. As navegações tiveram a finalidade de expandir as rotas comerciais de Portugal. Conforme Varnhagen (1854)

A fim de assegurar esse commercio em favor de Portugal, por meio do estabelecimento de algumas feitorias, partiu da foz do Tejo, aos 9 de Março de 1500, uma esquadra de treze embarcações, armadas algumas por negociantes particulares, mas todas sujeitas á capitania mór de Pedr’Alvares Cabral, individuo de familia illustre, porêm não afamado por feitos alguns anteriores. (VARNHAGEN, 1854, p.13)

Assim, os portugueses chegaram ao território hoje denominado Brasil, em abril de 1500, trazendo consigo a última flor do Lácio: a língua portuguesa, sendo daí em diante o surgimento da variedade brasileira do português no século XVI. Esta, ao longo dos séculos, continuou tentando adaptar sua ortografia a gramática europeia, já que os primeiros acordos ortográficos e normas brasileiras surgiram apenas no início do século XX.

Obras como *Os Lusíadas* de Camões tratam deste período de viagens intensas de navio feitas pelos portugueses em suas explorações do globo. A epopeia portuguesa que retrata as navegações foi utilizada como fonte histórica da língua portuguesa por Bisol (1981). A autora encontrou registros que indicam a variação já existente nas médias pretônicas em palavras como *divido* (*devido*), *engulindo*, *encuberto*, *gingiva*, *minino*, *mintiroso*, *pirigo*, *surrindo*, dentre outras. São trinta ocorrências, que podem ser consultadas na íntegra no Anexo A ao fim do trabalho.

Esta variação se mantém ao longo dos séculos conforme as indicações de Spina (1987) acerca do português utilizado nos séculos XVI e XVII:

Do ponto de vista fonético, em suma, o que se observa na língua dos escritores dessa época, é a frequente alternância i/e: homicídio, gingiva, missilhão, vertude, sesudo, pilouro, tinger, encenso, mestura, dereito, dezer, mintiroso, piqueno, atraer, contraer, melhor, emperador, etc.; a alternância e/a, e/o: resplendor, piadoso, menhã, antre, rezão, pêra, valeroso, antão, emparo, Caterina, aventajar, manjarona, sezão, prepósito, jentar, salvagem, somana, ventagem, etc. (SPINA, 1987, p.20)

Bisol (1981) analisou a escrita de [e] e [o] nas obras *Thesouro da Lingoa Portuguesa* (1647) e *Regras Gerais* (1666), ambas de Bento Pereyra. Foram encontradas 44 formas escritas que demonstram a variação na grafia das vogais médias pretônicas do português no século XVII, assim como as alternâncias apontadas por Spina. Destas, 35 formas foram consideradas mais prováveis, dentre elas *cobiça~cubiça*, *coruja~curuja*, *devido~divido*, *focinho~fucinho*, etc.

Registros mais numerosos foram encontrados pela autora em *Compendio de Orthografia ou Arte de Escrever e Pronunciar com acerto a Língua Portuguesa* (1739) de Madureira Feijó. Das 158 formas encontradas, 117 são consideradas prováveis indícios de uso da vogal elevada na língua falada. Dentre elas estão as alternâncias *alecrim~alçrim*, *algodão~algudão*, *appetite~appitite*, *arrepilar~arripiar*, *assegurar~assigurar*, *moribundo~muribundo*, *partelleira~partilleira*, *vestígio~vistígio*, dentre outros registros do século XVIII que podem ser consultadas no Anexo A deste trabalho.

A probabilidade das ocorrências escritas refletirem a elevação na fala por nós hoje conhecida foi feita intuitivamente<sup>7</sup> por Bisol (1981, 1983) para expressar o grau de probabilidade da elevação vocálica motivada por harmonização. Desta forma, nos *corpora* que tratam da língua portuguesa (séc. XIV ao séc. XVIII), a autora nos trouxe as seguintes obras e ocorrências expressas no quadro a seguir:

<sup>7</sup> (BISOL, 1983, p.82) “Utilizando um dos critérios da Teoria Gerativa, a intuição do falante nativo, vamos classificar as representações como ocorrências prováveis ou não prováveis da fala de nossos dias, tomando por base o dialeto gaúcho.”

Obra	Autor	Ano	Probabilidade	Exemplos
<i>Orto do Esposo</i>	Texto religioso	1381	77 formas, 68 prováveis= 88%	<i>acustumar~acostumar, celicio~cilicio, cobertura~cubertura, cobrir~cubrir, concebimento~concebimento, medida~midida, menino~minino</i>
<i>Tratado de Confissoon</i>		1489	45 formas, 38 prováveis= 84%	<i>avorrecivel~avorricivel, cerimonias~cirimonias, costume~custume, conhicimento, desconhecido, duçura, encubrido, espicial, formigasses~furmigasti</i>
<i>Os Lusíadas</i>	Camões	1572	30 formas prováveis = 100%	<i>devido~divido, engulindo, encuberto, gingiva, minino, mintirosa, perigo~pirigo, surrindo.</i>
<i>Thesouro da Língua Portuguesa</i>	Bento Pereyra	1647	44 formas, 35 prováveis = 80%	<i>cobiça~cubiça, coruja~curuja, devido~divido, focinho~fucinho,</i>
<i>Regras Gerais</i>		1666		
<i>Compendio de Orthografia ou Arte de Escrever e Pronunciar com acerto a Língua Portuguesa</i>	Madureira Feijó	1739	158 formas, 117 prováveis = 74%	<i>alecrim~alicerim, algodão~algudão, , appetite~appitite, arrepiar~arripiar, assegurar~assiguar, moribundo~muribundo, partelleira~partilleira, vestígio~vistígio</i>

Quadro 3 – Ocorrências prováveis de Elevação da Média Pretônica no Português do século XIV ao XVIII. Fonte: adaptado de Bisol (1981)

### Segundo Bisol

os fatos indicam a persistência ininterrupta das variáveis e~i , o~u. Elas começaram sua história no latim dos fins do Império Romano, titubearam no português arcaico entre várias alternativas, e sistematizaram-se no português quinhentista, ficando também documentadas em registros de pronúncia do século XVIII. (BISOL, 1981, p.255)

Para a autora, os resultados da análise intuitiva descritiva dão evidências para a hipótese de Carvalho (1969), que diz que a variedade brasileira do português mantém ambas

as alternâncias <e>~<i> e <o>~<u> do português medieval como uma tendência de fechamento da vogal média por assimilação à natureza da vogal da sílaba imediata seguinte. Além disso, a aplicação da regra de elevação de <e> ~<i> é favorecida pela vizinhança com certas consoantes do PB antigo, assim como <o>~<u>. Esta última pode, também, ser o efeito da influência de uma única consoante labial ou velar. (BISOL, 1983, p.96). Além disso, a pesquisa de Bisol (1981) conclui que estas variáveis perpetuam-se até hoje na língua portuguesa brasileira, atentando para o dialeto do português falado no Rio Grande do Sul.<sup>8</sup> A fala do Rio Grande do Sul revela que há também casos de manutenção da vogal média ao invés de sua elevação devido ao contato de fronteira com falantes do espanhol, além de situação de contato entre descendentes de imigrantes alemães e italianos<sup>9</sup>.

O estudo de Telles (2014), assim como o de Bisol, analisa o registro das vogais médias em documentos dos séculos XVI, XVII e XVIII, porém em diferentes *corpora*: analisa documentos referentes a registros de doações recebidas por monges beneditinos, que constituem o Livro Velho do Tombo: um *corpora* composto por 91 documentos produzidos entre 1568 e 1716, 11 do século XVI, 75 do XVII e 5 do XVIII. Assim, as pesquisas diferem-se em relação à natureza de constituição de seus *corpora* abordados: enquanto Bisol (1981) analisou, em sua maioria, obras “normativas” de uma gramática da época e um texto religioso, Telles (2014) analisou 8 documentos notariais do Livro Velho do Tombo: dois do final do século XVI (1568 e 1584), três do século XVII (1614, 1632 e 1698) e três do início do século XVIII (dois de 1704 e 1706). Estes oito documentos tratam de registros de doações de sesmarias, testamentos e escrituras de terras.

As ocorrências que registram vogais médias pretônicas alçadas podem ser vistas no quadro a seguir:

---

<sup>8</sup> Aspectos da parte da pesquisa acerca de sincronias recentes serão abordados na seção 2.2.

<sup>9</sup> Bisol e Guy (1991) formalizam regras gerativas do *Levantamento da vogal frontal* e do *Levantamento da vogal posterior*, propondo uma *Regra unificada de levantamento* que ainda assim não dá conta do efeito condicionante diferenciado que as duas vogais desencadeiam na aplicação da regra. (BISOL e GUY, 1991, p.132)

Fenômenos	Séc.XVI	Séc . XVII	Séc. XVIII	Total
[o] grafado [u]		C <u>u</u> stume 1 C <u>u</u> stumaõ 1 R <u>u</u> berto 1 p <u>u</u> deres 1		4
[e] grafado [i]	Im <u>s</u> erraõ 1 Bem au <u>i</u> nturado 1	M <u>i</u> lhor 2 M <u>i</u> lhoramentos 1	R <u>i</u> ligiosos 1	6
				<b>10</b>

Quadro 4 – Vogais Médias Pretônicas nos séculos XVI, XVII e XVIII no Livro Velho Tombo, segundo Telles (2014). Fonte: adaptado de Telles (2014)

Verifica-se que a autora encontrou somente nos documentos setecentistas, 4 ocorrências de <o> grafado como <u>, e 6 ocorrências de <e> grafado como <i>, nos documentos dos três séculos, totalizando 10 ocorrências. Conclui-se que somente nos documentos setecentistas há ocorrências de <o> grafado <u>. A autora conclui, em relação a grafia de pretônicas, que os indícios do processo de mudança mostram os seguintes percentuais: 8,04% no século XVI, 71,24% no século XVII e 20,68% no século XVIII. Porém é importante salientarmos que neste percentuais também estão incluídas as grafias que expressam não somente a variação de <e> e <o> pretônicos grafados como <i> e <u> conforme o exposto no quadro acima, mas também a manutenção de vogais, isto é, <i> e <u> pretônicos grafados como <e> e <o>, como indícios de mudança (TELLES, 2014, p. 114).

Já no século XIX, o gramático Jerônimo Barbosa (1822, p.4) reafirma o comportamento variável das vogais átonas do português, quando fala da distinção de e e i “antes de alguma voz grande imediata” (vogal acentuada), nas quais teriam um comportamento tão similar que poderiam ser chamadas de “Ambiguas”, não tendo diacrítico próprio:

A Lingua Portugueza porém toca mais dois pontos ou vozes na sua corda vocal; huma entre o E Pequeno e o I Commum; e outra entre o O Pequeno e o U Commum, as quaes, por serem surdas e pouco distinctas, se podem chamar Ambiguas, e por isso não tem signal Litteral próprio, e se notão na escriptura, a primeira já com e e já com i, e a segunda já com o já com u. Taes são as que mal se percebem, quando estas mesmas vogaes se achão em qualquer palavra, ou antes de alguma voz grande imediata, ou depois da mesma nos Diphtongos, e no fim das palavras. Assim e parece ter o mesmo som que i nas palavras Cear, e Ciar (ter zelos), e nos diphtongos destas Paes, Pai; e pelo mesmo modo o tem o mesmo som confuso que u nas finaes de Paulo, Justo, Amo, e nas palavras Soar, e Suar, e nos Diphtongos, como em Pao Paulo, Seo Seu. (BARBOSA, 1822, p.4)

Por volta de 1800, o sistema vocálico do português apresentou uma modificação importante em relação às vogais realizadas como [e] e [o] na posição átona, tanto na posição pretônica quanto na posição final. Palavras como *meter*, *morar* são pronunciadas no Português Europeu (doravante PE) *mëter* e *murar*, com centralização de [e] e elevação de [o]. Houve a chamada redução, embora a grafia de **e** e **o** tenha sido conservada (TEYSSIER, 1997, p. 69).

A variação existente na língua portuguesa se mantém a ponto de chegar até a variedade brasileira. Segundo Melo (1946), a preocupação em se definir uma língua portuguesa brasileira se iniciou com a proclamação da Independência, embora depois de 1930 tenham surgido muitos trabalhos que tiveram por objeto a realidade linguística brasileira. Conforme o autor:

Foi exatamente num momento de intensificação do sentimento nacional, naquele ambiente de exaltação patriótica que preparou, viu e sobreviveu à proclamação da Independência, que surgiu a preocupação da língua própria. Não tão nítida como agora, é bem verdade. Porém, houve ainda em 1826, quem salientasse que a língua do Brasil já não era a mesma, absolutamente a mesma que a de Portugal. (MELO, 1946, p.11)

Para Melo

os portugueses falam mais rapidamente e com muito mais energia, marcando o contraste entre as sílabas tônicas e as não tônicas, ao passo que nós falamos pausadamente, mais descansadamente, distribuindo num ritmo pendular, na cadeia falada, a tonicidade ou semi-tonicidade e a ausência de acento. Numa palavra, a entoação portuguesa é rápida, incisiva e ríspida, ao passo que a nossa é lenta, arredondada e suave. É o proverbial ‘Português com açúcar dos estrangeiros’. A nossa cadeia sonora é mais vocálica, ao passo que a portuguesa é mais consonântica, em virtude principalmente do ensurdecimento dos ee e oo pretônicos. (MELO, 1946, p.98).

Assim, nos mostra que o célebre verso de Camões soará na boca de um brasileiro “*I si viris qui pódi mererer-ti*” soará, na boca de um português, em pronúncia espontânea e natural, soará ‘*E s’ vir’s q’ pod’ m’r’cer-t’*’.

Além disso, para Melo a variação existente entre /e/ e /o/ pretônico nos mostra uma conservação de traços linguísticos muito antigos da língua portuguesa, afirmando que a pronúncia brasileira está mais próxima da portuguesa do século XVI do que a atual de Portugal (MELO, 1946, p.98)

Ainda destaca o autor

É este um dos pontos em que mais nítida se apresenta a diferença entre a pronúncia portuguesa e brasileira. Aqui no Brasil, em qualquer região, se fazem sentir claramente o e e o antetônicos, sendo que no Nordeste soam quase sempre como è e ò abertos, podendo, nos vários lugares e em algumas palavras, soar respectivamente i ou u. (Ibidem, op.cit., p.99)

Continua, em relação à pronúncia das vogais

nós brasileiros dizemos *minino*, *piqueno* e *milhor* (...), ao passo que os portugueses dizem *m'nino*, *p'queno* e *m'lhor*. Pois bem: a grafia dessas palavras até o séc. XVII, como se sabe, é *minino*, *piqueno*, *milhor*, o que depõe a favor da antiguidade da pronúncia em *i*. (Ibidem, op. cit., p.100)

E com ele, concorda Silva Neto (1960) acerca da antiguidade da variação existente entre as vogais médias pretônicas:

no Brasil, o *e* pretônico está sujeito a dois tipos de harmonização vocálica: *e-i > i-i* e *e-u > i-u*". Como exemplos do primeiro, nos traz *feliz > filiz*; *pepino > pipino*; *medida > midida*; *menino > minino*; *ferida > firida*; *perigo > pirigo*, *avenida > avinida*, *bem-te-vi > bem-ti-vi*. Do segundo caso, menos frequente, *veludo > viludo*; *seguro > siguro*; *peludo > piludo*. Além disso, há tendência harmonizadora *o-u > u-u*: *gordura > gurdura*; *fortuna > furtuna*; *cortume > curtume*; *corrupção > currupção*. (SILVA NETO, 1960, p.34-35)

Silva Neto afirma que a sequência de *i* ou *u* em sílaba seguinte “seja uma condição fonética favorável, embora nem sempre válida (...). Mas a verdade é que já no Latim vulgar as vogais átonas mostraram tendência para o fechamento.”

Em tempos de ausência de reformas e acordos ortográficos, a variação na escrita era algo bastante comum. A mudança ocorre já no início do século XX. Segundo Neto (1957b, p. 40), Aniceto dos Reis Gonçalves Viana foi o introdutor dos estudos de fonética. Em 1904 publicou o clássico *Ortografia Nacional*, no qual expõe um sistema de grafia criado com base na história da língua, sendo considerado simples e de fácil compreensão. Seis anos após a publicação, o governo da República nomeava uma comissão para estudar a reforma da grafia a qual teve como base os trabalhos do estudioso.

Resumidamente, dentre os princípios de Viana encontram-se os seguintes: redução das consoantes dobradas a simples, com exceção de *rr* e *ss* mediais, que tem valores peculiares e regularização da acentuação gráfica. (SILVA NETO, 1942, p.74)

A reforma ortográfica baseada nos princípios de Viana instaurada no início do século XX regularizou muitos comportamentos variáveis na escrita da língua portuguesa da época, embora não tenha conseguido acabar com a variação da escrita das vogais médias pretônicas.



As línguas seguem seus caminhos condicionadas linguística, histórica, geográfica e socialmente. Assim, ambas as variedades europeia e brasileira, desenvolveram seus próprios sistemas fonológicos, morfológicos e sintáticos do passado até o presente.

Em relação à fonologia do português, Castilho (2014, p.192) compara o sistema vocálico pretônico do português brasileiro com o português europeu. Segundo o autor, a semelhança entre “de frente” e “diferente” no português europeu demonstra que a variedade europeia do português seguiu um caminho distinto da brasileira. Enquanto esta mantém a pronúncia das vogais átonas, aquela fortalece o apagamento. Assim, tanto “de frente” quanto “diferente” são produzidas como [d’frənt].

Cunha (1968, p.76) alude a este fato propondo que “O português era uma língua de base vocálica, e assim continua na modalidade brasileira. Há cerca de dois séculos começou o português europeu a seguir outra deriva, ou seja, a fortalecer as consoantes e a obscurecer as vogais átonas”.

Ao concebermos que o português brasileiro manifeste nesta variação das médias pretônicas uma característica do português antigo, afirma-se uma tendência e uma regularidade do fenômeno, algo que é hoje ainda atestado pelos estudos descritivos e variacionistas acerca da fonologia da língua portuguesa brasileira. Conforme Viegas e Cambraia (2011)

diferentemente do português europeu, o português brasileiro apresenta atualmente sistemas vocálicos tônico e pretônico semelhantes ao da fase arcaica, ou seja, sete fonemas vocálicos em posição tônica - /i, e, ε, a, o, u/ - e cinco em posição pretônica - /i, e, a, o, u/. (VIEGAS E CAMBRAIA, 2011, p.18)

Finalizando, é possível observar que o fenômeno de alteamento das vogais médias pretônicas presente hoje no português brasileiro reflete a instabilidade destes fonemas já no passado, no português europeu quinhentista, no português clássico, no galego-português e no *sermos vulgaris* do latim tardio. Conforme Bisol (1981, p.29), “a instabilidade da vogal pretônica que caracterizou o velho português deixou vestígios no português brasileiro, cujos falantes substituem variavelmente /e, o/ pelas respectivas vogais /i, u/, sob o efeito de certos condicionadores.”

A seguir, trataremos dos estudos que investigam sincronias passadas do português brasileiro, por meio da língua escrita. Estes estudos trouxeram contribuições acerca do

comportamento vocálico do português brasileiro em séculos passados, do século XVI ao século XIX

### **2.2.1 Investigações em sincronias passadas do português brasileiro, por meio da língua escrita**

As vogais médias pretônicas têm sido objeto de vários estudos por todo o País, através do exame da língua falada. Além das abordagens em sincronias recentes, há pesquisas que tratam deste processo na escrita da língua portuguesa brasileira em períodos passados. Bisol (1981) trata especificamente da harmonia vocálica (um dos processos que motiva a elevação vocálica de pretônicas) com a utilização de dados de língua falada principalmente, mas também faz uma revisão histórica do comportamento das vogais médias pretônicas do português, examinando textos do século XVI ao XVIII. Em trabalho posterior de Bisol (1983), a autora dedica-se especificamente a uma revisão histórica dessas vogais no português brasileiro.

Há outros estudos pioneiros de caráter histórico sobre o processo de elevação vocálica no português como o de Maia (1986)<sup>10</sup> e Marquilhas (1991, 2000, 2003)<sup>11</sup>. Contudo, estes estudos não serão abordados nesta seção por tratarem do português galego ou lusitano.

Mattos e Silva (1988, 2006, 2010) é outra grande pesquisadora que merece destaque por suas obras que tratam da metodologia e teoria da Linguística Histórica do português brasileiro. Participou de dois projetos, o PROHPOR (Programa para História da Língua Portuguesa) e o PHPB (Projeto para História do Português Brasileiro) que contribuem muito para o avanço da área no Brasil.

Na seção anterior, abordamos estudos que tratam especificamente do processo de elevação vocálica seguindo uma ordem cronológica da datação de seus *corpora*. Conforme visto em seção anterior, a língua portuguesa tem seus primeiros registros no século XIII, portanto, revisamos as pesquisas que trazem evidências escritas de indícios de elevação da

<sup>10</sup> Maia (1986) realizou a edição e análise de cento e sessenta e oito documentos não-literários representantes do galego-português datados entre 1255 e 1516. Neste trabalho, aponta diferenças fonéticas e morfológicas do galego (utilizado na região noroeste) e do português (utilizado na região do Minho e do Douro). Em relação às vogais, trouxe evidências da variação <e> e <i> átonos finais.

<sup>11</sup> Marquilhas (1991, 2000, 2003) analisa em seus trabalhos, o português seiscentista. Prefere a análise de textos escritos por *mãos inábeis* formados por cartas privadas, rezas de feitiçaria, folhetos difamatórios e denúncias. Analisa os erros de grafia que não são explicados por padrões ortográficos na época existentes em Portugal. Em relação à elevação de <e> átono não final, traz ocorrências de harmonia vocálica: *filises, siruido, minina, mitida, pirsiguindo* (MARQUILHAS, 2003, p.8)

vogal média pretônica em textos dos séculos XVI, XVII (BISOL, 1981, 1983; TELLES, 2014) e XVIII (BISOL, 1981, 1983; TELLES, 2014; BARBOSA, 1999). Nesta seção, abordaremos os estudos que tratam do português brasileiro do século XIX (OLIVEIRA, 2006; MAGALHÃES, 2013, MONARETTO, 2005; NASI, 2013, KELLER e COSTA, 2014; BENÇAL e ALTINO, 2015). Estes estudos foram selecionados devido à apresentação de dados acerca da elevação vocálica das médias pretônicas, além de utilizarem os pressupostos metodológicos específicos para lidar com a língua portuguesa escrita em textos que compõe *corpora* de registros antigos de língua.

Barbosa (1999), aponta, dentre outros aspectos linguísticos em documentos oficiais e cartas de comércio escritas no Brasil no final do século XVIII, ocorrências escritas nas quais há grafia variável das vogais médias pretônicas <e> e <o>. O autor nos traz “atestações grafemáticas de certos aspectos da oralidade”<sup>12</sup>. Dentre estes índices grafo-fonéticos, estão os que evidenciam a flutuação entre <e> e <i> e entre <o> e <u>. Em relação à elevação de e [e] > [i] e de [o] > [u] quando pretônicos, Barbosa (1999, p. 173) aponta 90 ocorrências encontradas nas cartas comerciais e 23 ocorrências nos documentos oficiais, conforme os quadros a seguir:

<u>Vocábulos</u>			<u>Cartas de comércio</u>
1. Sulicitar	(“Solicitar”)		210
2. premiditar	(“premeditar”)		210
3. Dipois	(2) (“Depois”)		90/411
4. chigar	(2) (“chegar”)		29/37
5. ispera	(“espera”)		94
6. Chigou	(3) (“Chegou”)		94/93
7. melhor	(13) (“melhor”)		94/39/143/442/404/407 /201/149/156/157/410
8. chigamos	(“chegamos”)		93
9. chigarão	(“chegaram”)		93

<sup>12</sup> Barbosa (1999) traz casos grafemáticos que são reportados pelo autor como de certos aspectos da oralidade (fonéticos): monotongação / ditongações; síncope de vogais pretônicas; flutuação entre <e> e <i> e entre <o> e <u> (elevação de [e] > [i] e de [o] > [u] quando pretônicos; variantes em [i] e [u] em monossílabos, abaixamento [i] > [e] e [u] > [o]), anteriorização / posteriorização, centralização, epênteses, nasalização e variação [b]~[v], além de outros casos peculiares.

10.chigada		(“chegada”)	93
11.chigarão		(“chegarão”)	93
12.chigarem		(“chegarem”)	93
13.sintirei		(“sentirei”)	39
14.nomiado(s)	(2)	(“nomeado”)	143/68
15.dispeza(s)	(2)	(“despesas”)	143
16.nim huma		(“nenhuma”)	174
17.pruduto		(“produto”)	441
18.remidiar		(“remediar”)	258
19.xiguei		(“cheguei”)	259
20.piqueno(a)	(3)	(“pequena”)	266/404/328
21.algudão	(12)	(“algodão”)	266/406/407/201/328/3 29/251/412/82
22.Curveta	(2)	(“Corveta”)	406/103
23.purção		(“porção”)	406
24.Sucidera		(“Sucedera”)	407
25.Suciedade	(2)	(“Sociedade”)	407/12
26.sigura(s)	(4)	(“seguras”)	408/409/410/411
27.Semilhantes	(3)	(“Semelhantes”)	249/81
28.surtidão		(“sortidão”)	250
29.prefirirei <sup>13</sup>		(“preferirei”)	250
30.disContara		(“descontará”)	156
31.pidir	(2)	(“pedir”)	156/157
32.aVinturei me		(“aventurei-me”)	156
33.detriminação		(“determinação”)	251
34.Sirtamente		(“Certamente”)	251

<sup>13</sup> A variação gráfica entre <e> e <i> deve, de fato, representar uma escrita fonética em muitos documentos. Nesse dado, por exemplo, estão, lado a lado, as duas variantes em duas ocorrências da mesmo vocábulo: “*preferi a estas e prefirirei todas as vezes (...)*”. (Nota do autor)

35. auzintes	(“ausentes”)	251
36. tomarão	(“tomaram”)	251
37. cumforme	(“conforme”)	252
38. tustomis	(“tostões”)	252
39. purpução	(“proporção”)	252
40. detriminar	(“determinar”)	252
41. imbolso	(2) (“embolso”)	409/412
42. imbolssar	(2) (“embolsar”)	409
43. dezimbolssso	(“desembolso”)	412
44. intregar	(“entregar”)	412
45. impregado	(“empregado”)	412
46. fixadura	(“fechadura”)	412
47. Conhicimentos	(“Conhecimentos”)	69
48. impregos	(“empregos”)	202
49. filis	(“feliz”)	293

Quadro 5 – Vocábulos contidos em Cartas Comerciais do século XVIII acerca da variação entre <e> e <i> e <o> e <u>. Fonte: Barbosa (1999, p. 173)

<u>Vocábulos</u>		<u>Documentos Oficiais</u>
1. puder	(“poder”)	153/30
2. miħhor	(5) (“melhor”)	153/30 ; 153/31-2; 153/31-3
3. assemilhava	(“assemelhava”)	153/30
4. conviniente	(“conveniente”)	153/31-3
5. imprego	(“emprego”)	153/6-1
6. intregues	(“entregues”)	153/6-1

7.	sirtificamos	(“certificamos”)	153/9
8.	refurmado	(“reformado”)	153/9
9.	rendisse	(“rendesse”)	153/23
10.	incontrem	(“encontrem”)	153/23
11.	cumúns	(“comuns”)	153/21
12.	intiligência	(“inteligência”)	153/21
13.	discuberta	(“descoberta”)	153/21
14.	vivirião	(3) (“viveriam”)	168/70
15.	similhante	(“semelhante”)	168/70
16.	anticipação	(“antecipação”)	161/12
17.	ocurrentes	(“ocorrentes”)	161/14

Quadro 6 – Vocábulo contidos em Documentos Oficiais do século XVIII acerca da variação entre <e> e <i> e <o> e <u>. Fonte: Barbosa (1999, p. 175)

Pode-se observar nos quadros com dados do trabalho de Barbosa (1999) que há bem mais palavras escritas com <i,u> no lugar de <e,o>, consideradas, em princípio como “erros de grafia” em cartas comerciais (49) do que em documentos oficiais (17). Acredita-se que na escrita dos textos de caráter oficial houvesse um maior cuidado com a ortografia. Segundo o autor (Ibidem op.cit.), o número de ocorrências dos documentos oficiais mostra que a força de uso de algumas palavras “é maior que a *vigilância* nos textos cerimoniais da época”, porém ao compararmos com os outros dados apontados nas cartas comerciais temos um contraponto de noventa dados que expressam “uma proporção de mais de quatro para um, que ratifica este tipo de material como de maior transparência às características da oralidade dos redatores.”

Além da apresentação destes dados, o autor teve o cuidado metodológico de realizar um contraponto às marcas de oralidade buscando as origens etimológicas na grafia destas palavras. Segundo o autor (1999, p. 190), a escrita etimológica<sup>14</sup> é contrária à escrita das atestações de marcas da oralidade, já que aquela expressa regras da ortografia da época, e estas representam estruturas da fonologia. Conclui que há mais vocábulos que sofrem

<sup>14</sup> Grafia etimológica é entendida pelo autor como por exemplo: grafias de consoantes geminadas (*pello*, *naquelle*, *offeceria*), encontros consonantais (*facto*, *acção*, *actual*) dentre outras etimologizações gráficas (*subdito*, *Ley*, *sciente*)

*etimologizações* do que vocábulos com atestações de marcas de oralidade. Percebe-se que o *corpus cartas de comércio* apresenta 222 ocorrências de *atestações* em relação a 258 práticas etimologizantes. Já no *corpus* dos documentos oficiais, contabilizaram-se 108 *atestações* e 394 etimologizações.

Investigações sobre o fenômeno de elevação vocálica de médias pretônicas podem ser encontrados em dados do século XIX. Os trabalhos de Oliveira (2006), Magalhães (2013), Monaretto (2005), Keller e Costa (2014) e Nasi (2012, 2013) fazem levantamentos de palavras escritas com vogais <i,u> no lugar de <e,o> para estudo da elevação vocálica.

Oliveira (2006) levantou ocorrências denominadas pelo autor como fônico-ortográficas de diversas marcas de oralidade<sup>15</sup>, dentre estas a variação fônico-ortográfica das vogais médias pretônicas. O *corpus* utilizado foram as cartas dos negros associados à antiga Sociedade Protetora dos Desvalidos, em Salvador na Bahia.

Em relação à grafia de <e> e <o> pretônicos, traz registros de indícios de elevação dos pretônicos [e] > [i]; [ẽ] > [i]; [o] > [u] e [õ]>[u]. Resultados conforme o quadro a seguir:

	Total de ocorrências	Exemplos
[e]>[i]	1904 <b>1255</b> (65,9%)	<b>V. alta na sílaba seguinte:</b> antecipado e falicida <b>Inicial ou coda nasal ou sibilante:</b> isclaricido e imenda <b>Hiato:</b> cartiado, nomiada <b>Palatal ou alveolar seguinte:</b> paricer, melhor, semelhante <b>Não se enquadram:</b> simestri, dipositado
[ẽ] > [i]	42 8 (19%) <b>31 (81%)</b>	<b>V. alta seguinte:</b> attindido, Cunprindido, sintinela <b>Nasal na primeira posição silábica:</b> infirmitade, interrado
[o]>[u]	332 <b>216 (65,1%)</b> – (<i> seguinte favorece mais do que <u>	<b>V. alta seguinte:</b> absoluta, costume, Domingo, prucrador <b>Hiato:</b> Cuelho, Padrueira <b>Labial precedente ou seguinte:</b> descoberto, governo, mulestia, Ruberto <b>Não se incluem</b> (embora velar/precedente): concorrência, luteria, recolher, ruzario.
[õ]>[u]	7	<b>Itens lexicais:</b> Cunprendido, Cunprindido, descuntado, ponderação, ponderações

Quadro 7 – Total de ocorrências fonético-ortográficas de elevação vocálica de médias pretônicas. Fonte: adaptado de Oliveira (2006)

<sup>15</sup> Oliveira (2006, p. 430) classificou 8043 ocorrências que considera características de marcas de oralidade: 151 aféreses, 13 próteses, 181 síncope, 103 epênteses, 550 apócopoes, 13 paragoges, 53 metáteses, elevação de vogais médias (2285 pretônicas, 600 postônicas, 14 tônicas e 1253 em monossílabos), 462 abaixamentos de vogais altas, 85 anteriorizações, 22 posteriorizações e 31 centralizações vocálicas, 1094 reduções de ditongos, 721 ditongações, 207 rotacismos, 24 palatalizações, 24 despalatalizações, 62 nasalizações e 95 desnasalizações. A elevação de médias pretônicas foi o fenômeno mais marcante, com 2285 ocorrências, representando 28,4 % desdes dados.

Para Oliveira (2006, p. 352), houve 1904 ocorrências que atestam elevação vocálica do [e] pretônico. Destas, 1255 (65%) são explicadas pela presença de vogal alta na sílaba seguinte, como em *antecipado* e *falida*. Já de [ẽ] > [i] pretônicos o autor (Ibidem, p.357) observa que foram 8 casos de ocorrências com vogal alta na sílaba seguinte, sendo 31 ocorrências (31%) desta elevação em palavras com nasal na primeira posição silábica (im,in). Em relação a elevação de [o] para [u] , o autor (Ibidem, p. 358) registra 332 ocorrências, das quais 216 (65.1% dos casos gerais) demonstram vogal alta na sílaba seguinte. Em relação à elevação do tipo [õ]>[u], apenas sete itens lexicais foram encontrados.

Ao comparar as ocorrências sobre os diversos fenômenos que acredita serem marcas de oralidade encontrados, Oliveira (2006, p.429) conclui que a elevação de vogais médias em pretônicas, em monossílabos e a redução de ditongos foram as características mais marcantes dos documentos abordados. Além disso, para que a elevação vocálica de médias pretônicas pudesse ser explicada em sua totalidade acerca das ocorrências da pesquisa, o autor ressalta que se deve observar “a relação que existe entre números elevados para alguns traços e a sua generalização no português brasileiro atual, o que comporta a inferência de que já eram também bastante espalhados no século XIX”.

Monaretto (2005) realizou um estudo em um *corpus* de textos escritos no Rio Grande do Sul entre 1831 e 1925. Estes *corpora* constituíam-se de 50 textos entre cartas pessoais, folhetos de distribuição pública, editoriais e classificados de jornais. Embora o foco de sua pesquisa tenha sido as variações de grafia do <r>, a autora percebe outros fenômenos fonológicos que podem estar refletidos na escrita de uma época, como a metátese (*intervista*), a junção de palavra com clítico (*agente*), dentre outros. Em relação à elevação vocálica, aponta as ocorrências *ligítimu*, *custume*, *acustumados*, *piquena*.

Magalhães (2013) analisa o alçamento das vogais pretônicas nos séculos XVIII e XIX, através de um *corpus* composto por 58 textos (29 cartas pessoais e 29 documentos oficiais) pertencentes ao acervo do projeto Para a História do Português Brasileiro<sup>16</sup>. O autor segue a ideia de que os documentos oficiais, devido à natureza técnica, estariam muito mais distantes da fala do que as cartas pessoais, já que estas não tem maior preocupação burocrática ou de formalidade, podendo de algum modo retratar aspectos mais próximos da modalidade falada da língua.

<sup>16</sup> <https://sites.google.com/site/corporaphpb/>



O autor classificou os dados através do tipo de processo fonológico ocorrido: harmonia vocálica (H.V.) e elevação sem motivação aparente (E.S.M.), conforme o quadro a seguir.

Tipo de Alçamento		Cartas Pessoais	Documentos Oficiais
/e/ > [i]	H. V.	<b>15</b> acintir, anticipadamente, aremidar, conviniente, discuidarei, discuido, desculpar, disculpe, melanculia, privino, quirido, repitir, siguras, sirvirá, sucidera,	<b>8</b> comviniente, dilicado, oinvio, siguras, sigure, sirtificamos, ediscuberta, intiligencia
	E. S. M.	<b>16</b> chigada, chigarão, chigarem, chigou, dezasucego, dispeza, infado, ispera, medtriminara, melhor, milhoras, milhores, piqueno, tizouras, vinder, xiguei	<b>9</b> chigado, chigar, chigou, disgraçada, dispezas, imprego, intregues, ispera, melhor.
/o/ > [u]	H.V.	<b>5</b> pruduto, puçivel, sulicitar, depuzitario, desuciedade	<b>3</b> custumo, cumúns, ediscuberta
	E.S.M.	<b>5</b> algudão, pruteção, puder, purção, sucego	<b>4</b> trusse, fugoens, puder, reformado

Quadro 8 – Ocorrências de Elevação Vocálica de Médias Pretônicas em cartas pessoais e documentos oficiais dos séculos XVIII e XIX. Fonte: adaptado de Magalhães (2013)

O autor concluiu que há mais ocorrências gráficas do alçamento em Cartas Pessoais do que em Documentos Oficiais. Contudo, não houve on controle de número de palavras em cada documento para se chegar à conclusãoda diferença quantitativa entre os diferentes tipos de documento. Em relação ao tipo específico de elevação, foram mais registradas ocorrências de possível alçamento sem motivação aparente do que possível harmonia vocálica.

Nasi (2012, 2013) analisa a elevação da vogal média pretônica na escrita de jornais gaúchos oitocentistas. O *corpus* foi composto por 275 exemplares de oito títulos de jornais, datados entre 1835 a 1900. Baseado na tipologia de Lass (2000), foram coletadas 54 grafias fonologicamente significativas<sup>18</sup> acerca da elevação da vogal média pretônica, como  *cuberto*, *compitentemente*, *disprezo*, *sinão*, *siquer* e *intretenimento*. Destas 54 palavras, 38

<sup>18</sup> *Phonologically significant spellings* (Lass, 2000, p. 62), exposto em *Taxonomia para Desvios de Escrita* (Ibidem op. cit.) ver seção 3.2.3 Interpretações Fonológicas de Grafemas (p.109)

apresentaram contexto de vogal alta na sílaba seguinte, acreditando-se serem dados de harmonização vocálica, como em *dicidido*, *cusinhar*, *disfrute*, *distilada*, *engulideiras*, *muchila*, *muribundo* e *pussuidor*. Esta pesquisa, realizada em dissertação de mestrado, contribuiu acerca da identificação de variáveis fonológicas em jornais gaúchos do século XIX, possibilitando um foco maior na identificação da elevação vocálica como objeto de estudo desta Tese. Além disso, abriu possibilidades de ampliação na constituição de *corpora*, inicialmente composto por documentos impressos (NASI, 2012) e neste estudo também composto por documentos manuscritos.

Keller e Costa (2014) analisam a instabilidade das vogais médias pretônicas em um *corpus* composto por 17 cartas pessoais escritas no Rio Grande do Sul no século XIX. Em relação às vogais médias, procuraram grafias significativamente fonológicas (LASS, 2000) de harmonia vocálica e alçamento sem motivação aparente. Foram encontradas palavras com substituição de [e, o] por [i, u] com vogal alta em sílaba adjacente. Quanto ao tipo de vogal, foram observados cinco dados nos quais há harmonia de <e> (*refirido*, *virificadas*, *descobrida*, *imidiações*, *perciguida*) e três casos de harmonia de <o> (*poiscurrião*, *mutivo*, *descubrir*). Conclui-se que a vogal <e> é a que mais sofre mais harmonização vocálica. Além disso, dos 8 casos observados de harmonização, cinco dados apresentam ambas as vogais homorgânicas quanto ao traço anterior (*refirido*, *virificadas*, *descobrida*, *imidiações*, *perciguida*) e três casos de não homorganicidade quanto a este traço (*poiscurrião*, *mutivo*, *descubrir*). As autoras ressaltam que dados atuais do português apontam para o favorecimento do fenômeno quando ambas as vogais compartilham a mesma posição de anterioridade ou posterioridade.

O trabalho mais recente, de Bençal e Altino (2015) examinou o português brasileiro escrito na cidade de Castro, no Paraná, durante o século XIX. O *corpus* foi composto por 50 documentos manuscritos<sup>19</sup>. Os dados contabilizados são estatisticamente quantificados no programa Goldvarb X<sup>20</sup>, controlando-se fatores intralinguísticos: (i) vogal presente na sílaba pretônica; (ii) vogal presente na sílaba tônica; (iii) vogal da sílaba seguinte; (iv) vogal da sílaba anterior; (v) localização da pretônica; (vi) trava silábica; (vii) ponto de articulação das

<sup>19</sup> Os documentos são de gêneros distintos: 1 ata, 2 atestados, 1 auto, 8 cartas oficiais, 2 cartas de sesmaria, 1 carta, 3 certidões, 1 contrato, 1 declaração, 1 orçamento, 5 pareceres, 1 prestação de contas, 1 regimento, 21 requerimentos e 1 resolução. (BENÇAL e ALTINO, 2015, p.78)

<sup>20</sup> As autoras apresentaram como objetivos da pesquisa: quantificar palavras que apresentam ambiente pretônico, em relação à elevação ou manutenção da média; descrever os ambientes favorecedores do processo e verificar se a recorrência escrita diacrônica se mostra estatisticamente análoga aos resultados sincrônicos orais.

consoantes adjacentes precedentes e seguintes às pretônicas; (viii) caráter morfológico das lexias; e (ix) classificação da palavra quanto à posição da sílaba tônica.

Os dados trazidos pelas autoras não seguem a metodologia de Lass (2000), em relação à *grafia fonologicamente significativa*, trabalhando também com dados que chamamos de *variação puramente gráfica*. Nos documentos analisados, as autoras contabilizaram 2.818 palavras com vogais médias altas na posição pretônica. Do total, 1.778 (63,1%) são ocorrências com a vogal anterior e 1.040 (36,9%) são com a vogal posterior. Em relação aos alçamentos, houve 43 ocorrências para a vogal <e>, como em *atriviria* ou *cimiterio*, e 19 ocorrências para a vogal <o>, como em *custume* e *inchuvia*.

Conforme os trabalhos revisados, vê-se que o fenômeno da elevação vocálica de médias pretônicas já é antigo na língua portuguesa e, segundo os estudos apresentados na próxima seção, perpetuam-se até os dias atuais. Na seção 2.2.2, revisaremos os trabalhos sociolinguísticos sobre as vogais médias pretônicas no português brasileiro em sincronias recentes, a fim de verificarmos as relações existentes entre a ocorrência de grafias significativamente fonológicas da variação entre <e~i> e <o~u> e alguns fatores condicionantes desta variação na fala.

### **2.2.2 Pesquisas sociolinguísticas na língua falada**

As vogais médias pretônicas são variáveis da língua portuguesa desde muito tempo. Essa variação faz parte da evolução da língua e caracteriza variedades brasileiras. Em algumas regiões, a elevação vocálica é frequente, atingindo, na maioria das vezes, palavras nas quais há vogais altas, motivadoras do processo de alçamento (como em *menino* e *coruja*, por exemplo), caracterizando-se um processo de harmonia vocálica.

Este contexto de elevação vocálica de harmonia tem como alvo vogais médias e, como gatilho, vogais altas. É um processo assimilatório que, segundo Bisol (2011, p. 23) “tem o efeito de tornar semelhantes os segmentos de seu domínio, minimizando o esforço articulatório ao reforçar o traço expandido”.

A harmonia vocálica não ocorre somente com vogais altas em contexto seguinte à vogal média pretônica. Conforme Bisol (2011), a harmonia é gradiente e há três regras no português brasileiro para sua aplicação, relacionadas às variedades Sul/Sudeste e Norte/Nordeste.

As variedades do Sul/Sudeste tornam as vogais pretônicas /e,o/ em /i,u/, as variedades Norte/Nordeste já apresentam três situações de harmonia. As vogais /e,o/ podem ser realizadas como [i,e, ε] e [u, o, ɔ], dependendo da vogal cotígua subjacente conforme os exemplos de Bisol (2011, p. 17): com vogal /e/ “defesa” – d[e]fesa; com vogal /ε/ “peteca” – p[ε]teca; com vogal /i/ “perigo” – p[i]rigo.

Os estudos sociolinguísticos sob luz de Labov (1966), que utiliza uma metodologia de estudo de regra variável e análise estatística, realizados no Brasil a partir da década de 70, trouxeram-nos valiosas descrições da variedade brasileira, principalmente sobre as vogais médias pretônicas (BISOL, 1981; SILVA, 1989, etc.).

Já os estudos sobre as vogais médias pretônicas com base nos pressupostos da Linguística Histórica, conforme visto na seção 2.2.1, nos trouxeram pistas e indícios da antiguidade do fenômeno e também a coincidência de casos de elevação pela presença de vogais altas, principalmente. Contudo, a harmonia vocálica gradiente, citada por Bisol (2011) como um produto de tendência da evolução da língua portuguesa brasileira, não pode, pois, ser examinada na língua escrita. A norma ortográfica atual não permite alguma representação diacrítica para o caso de abaixamento de vogal média pretônica, como escrever com acento agudo palavras cuja pretônica realiza-se com [ε] ou [ɔ], como em \*pérido, \*péteca, \*pólido, \*sórido, por exemplo.

Por isso, fica inviável um levantamento de formas gráficas que possam expressar realizações fonéticas de vogais médias abertas /ε, ɔ/.

Quanto ao caráter variável característico das vogais médias pretônicas do português brasileiro, como já observado por Nascentes (1953) e demais estudiosos, segundo exposto na seção 2.2 desta Tese, há diferenças dialetais pelo território do País que são demarcados pelas realizações [e<sup>o</sup>], [i<sup>u</sup>] ou [ε, ɔ]. É mister, portanto, revisitar alguns trabalhos sob perspectiva da sociolinguística, que tratam de examinar a língua falada.

A fim de traçarmos um panorama de todo o Brasil sobre o processo de elevação vocálica das vogais médias pretônicas, optou-se por abordar e revisar algumas pesquisas realizadas sobre diversas regiões do país, para se verificar os possíveis condicionadores linguísticos e sociais da regra variável.

### 2.2.2.1 Panorama sobre resultados de pesquisas no Brasil

O alteamento vocálico se apresenta como fenômeno recorrente nos falares do norte brasileiro. Revisamos duas pesquisas que tratam do fenômeno da elevação vocálica de pretônicas nesta região: o estudo de Campos (2008), sobre o dialeto paraense, falado na cidade Mocajuba, e o breve estudo de Hosokawa e Silva (2010), que trata do fenômeno na fala da cidade de Rio Branco.

O estudo de Campos (2008), sobre a variedade paraense analisou quantitativamente os casos de harmonização vocálica, neutralização e alteamento sem motivação aparente. O corpus foi composto por 48 informantes, sendo 24 do sexo masculino e 24 do sexo feminino, agrupados em três faixas etárias (15 a 25, 26 a 49, igual ou acima de 50 anos). Além destas variáveis extralinguísticas, foram consideradas a ausência ou presença da variável escolaridade: A (não escolarizados), B (1 a 4 anos), C (5 a 9 anos) e D (mais de 10 anos de escolaridade). Todos são mocajubenses (ou chegaram à cidade até os 7 anos de idade) e residem na zona urbana do município. Esta pesquisa conclui, em linhas gerais, que a presença do alteamento vocálico pretônico é tão significativa quanto a sua ausência, pois os pesos relativos apontam 0.50 para ambas. De 2227 dados verificados, 1093 (49%) aplicam a elevação, enquanto que sua ausência manifesta-se em 1134 dados (51%). Como em vários outros estudos, a vogal alta em sílaba subsequente se demonstrou motivadora do fenômeno (harmonização). A vogal /i/ desencadeia mais o processo tanto de /e/ quanto de /o/, como em *cobrir~cubrir* e *seguir~siguir*. Quando a pretônica é nasal, a vogal alta mostrou-se favorecedora à elevação de /e/, diferentemente da de /o/, da qual o estudo não demonstrou dados suficientes para a conclusão. Em ambientes átonos a oscilação das vogais médias anterior e posterior mostrou-se mais produtiva. O *onset* vazio mostrou-se praticamente categórico (tanto na posição antecedente quanto na seguinte) para a elevação. Nenhuma consoante foi considerada favorecedora quando precedente à vogal alvo de elevação, porém consoantes do *onset* de sílaba seguinte tiveram melhor atuação como assimiladoras (*onset* ramificado e consoantes dorsais).

Sobre as variantes extralinguísticas, os resultados de Campos (2008) mostraram que uma maior escolaridade está relacionada a um menor índice de elevação vocálica de médias pretônicas. As mulheres entre 26 e 49 anos de idade mostraram-se mais conservadoras, mantendo mais as vogais médias na posição pretônica do que os homens. A vogal /o/ influenciou significativamente os mais jovens e dos mais velhos, já a faixa intermediária

mostrou rejeição. Quando a pretônica nasal é /e/ e a tônica é /i/ a elevação foi significativa nas três faixas etárias.

O outro trabalho selecionado que trata de dialetos nortistas é o de Hosokawa e Silva (2010). Foi analisada a elevação vocálica das médias pretônicas em Rio Branco, com apenas 04 (quatro) informantes: 2 homens e 2 mulheres, estratificados em duas faixas etárias (18 a 25 e 35 a 45 anos), com escolaridade de terceiro grau superior incompleto (3 informantes) e superior completo (1 informante). Foram encontradas 108 produções<sup>1</sup> contendo /e/ (52) e /o/ (56) em posição pretônica. Segundo Hosokawa e Silva (2010, p.2720): “De nossa parte, nesses casos, preferimos creditar a elevação das médias a efeitos de coarticulação entre consoantes e vogais, deixando de lado a harmonização vocálica como causa do processo, embora, eventualmente, a alteração possa harmonizar as vogais da palavra.” Embora não descartem os modelos neogramático e de difusão lexical, afirmam estarem fundamentadas na fonética e na linguística história (Ibidem op.cit.)

Em relação à /e/, 12 (23%) das 52 produções sofreram alteamento e os resultados de /o/, 13 (23%) das 56 produções também se alteraram, com o mesmo processo. Os casos em que houve alteamento da vogal [e] foram os seguintes: f[i]rida por f[e]rida; [i]strada por [e]strada; d[i]svio por d[e]svio; [i]mprego por [e]mprego; [i]ncontrar por [e]ncontrar. Entre essas ocorrências, somente duas se caracterizaram como casos reais de elevação por harmonia vocálica, em que, conforme vimos nos diversos conceitos mostrados anteriormente, a vogal média da sílaba pretônica sofre os efeitos da vogal alta da sílaba seguinte, acabando por assimilar o traço alto desta última. Assim, [e] de “ferida” e de “desvio” são pronunciadas [i]. Outras ocorrências, como [e] de “estrada”, de “emprego” e de “encontrar” se encaixam mais na condição da influência das consoantes precedente [S] e [N]. Além destes casos, houve um caso inverso, de abaixamento da vogal alta [i] para a média [e], em [e]squeiro por [i]squeiro.

As ocorrências que mostraram alteração da vogal [o] foram: b[u]nito por b[o]nito; c[u]lher por c[o]lher; b[u]tar por b[o]tar; borb[u]leta por borb[o]leta; d[u]rmino por d[o]rmino ; ass[u]viar por ass[o]viar ; j[u]elho por j[o]elho. Como o que aconteceu com [e], alguns casos não se tratam exatamente de harmonização vocálica. Assim, o [u] no lugar de [o] em “colher”, “botar”, “borboleta” não estão sob a influência de uma vogal alta na sílaba seguinte, simplesmente pelo fato de esta vogal ser média [e] em colher e baixa [a] em botar; acredita-se que [o] nesses casos está sob a influência da consoante velar [k] em “colher” e da

consoante bilabial [b] em “botar”. O mesmo ocorre com o [u] de “joelho” que sofre a influência da consoante [Z], não havendo vogal alta na sílaba tônica.

Em relação ao fator gênero, condicionante sempre apontado nas pesquisas sobre o assunto: das 26 produções de /e/, houve 9 (35%) alterações por parte das mulheres e das 28 produções de /o/, houve 13 (46%) alterações, também por parte delas. O informante masculino alteou a vogal /e/ em 3 (12%) das 23 produções e elevou, também 3 (11%) das 28 produções de /o/. As autoras concluem que a regra de elevação vocálica das médias pretônicas /e/ e /o/ não ocorreu de forma significativa no *corpus* em estudo, embora este resultado possa decorrer do fato de os informantes terem concluído ou estarem cursando nível superior, tendo uma fala mais monitorada. Este trabalho demonstra necessidade de ampliar o *corpus*, algo reconhecido pelas autoras. Além disso, as autoras concordam que é relevante, para pesquisa posterior, efetuar gravações de conversas mais espontâneas.

Percebem-se diferenças metodológicas bastantes significativas nestes trabalhos: o número de informantes acreanos é bem menor do que os informantes paraenses. Em relação aos resultados, ambos concluem que a regra de elevação vocálica das médias pretônicas não apresentou aplicação significativa em ambos os *corpora*. Sobre os fatores linguísticos, a presença de vogal alta contígua demonstrou, em ambas as análises, ser favorecedora à elevação das médias. Em relação aos fatores sociais, percebe-se nos homens mocajubenses uma maior elevação do que nas mulheres, ao contrário dos informantes de Rio Branco. Acredita-se que a diferente composição do *corpus*, já que os informantes acreanos estavam cursando ou já tinham nível superior (em contraste aos mocajubenses, cujo grau de escolaridade foi controlado como variável) influencie nesta diferença na aplicação da regra variável de elevação de vogais médias pretônicas.

Em relação ao alteamento vocálico de médias pretônicas em falares do nordeste brasileiro, o estudo de Silva (2009) analisou a pronúncia das vogais médias pretônicas no dialeto de Teresina, capital do estado do Piauí. O *corpus* utilizado contou com 5.308 realizações de pretônicas, coletadas a partir de entrevistas com 36 informantes estratificados socialmente por gênero (18 homens e 18 mulheres), faixa etária (20 a 35, 36 a 50, + de 50 anos) e escolaridade (Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior).

Na seleção dos informantes, levaram-se em conta os seguintes critérios: ter nascido em Teresina (ou no interior do Estado e chegando na capital antes de 12 anos idade), ter morado

na cidade pelo menos 2/3 de sua vida e não ter morado fora do Estado por mais de um ano no período de aquisição da língua nativa (2 a 12 anos).

Além de entrevistas não monitoradas, outros dois instrumentos de coleta foram utilizados: questões diretas do tipo pergunta/resposta e leitura de uma lista de palavras soltas, com o objetivo de verificar a produção da vogal média pretônica em situação de controle. As variáveis linguísticas consideradas na análise foram: contiguidade (efeito diferenciado entre vogais orais ou vogais nasais), homorganicidade (homorgânicas ou não homorgânicas), tonicidade, paradigma (com ou sem paradigma), distância da tônica, derivada de tônica, contexto fonológico precedente (contexto inicial vazio e segmentos vizinhos -velar, labial, coronal ou palatal), contexto fonológico seguinte (contexto inicial vazio e segmentos vizinhos -velar, labial, coronal ou palatal).

Os resultados obtidos apontaram ser a contiguidade de uma vogal da mesma altura o fator favorecedor dos três processos harmônicos<sup>21</sup>, seguindo-se-lhes alguns segmentos consonantais circundantes. Os fatores sociais, gênero, faixa etária e escolaridade, não exercem qualquer papel sobre a pronúncia de cada variante no dialeto. A ocorrência da variação tripartida da pretônica deve-se ao uso moderado da harmonia com a vogal alta, pois é o contexto desta regra que abre as três possibilidades. Acredita-se que a emergência majoritária da vogal média aberta nesse contexto e em outros desarmônicos pode ser um indício de que o dialeto teresinense possa estar em direção a um processo de neutralização em favor da vogal média aberta.

A seguir, trataremos da fala de Brasília em relação à elevação das vogais médias pretônicas em um dialeto da região centro-oeste do Brasil.

O estudo de Bortoni, Gomes e Malvar (1992) trabalhou com a variação (elevação, manutenção ou abaixamento) das vogais médias pretônicas na fala da região brasiliense. A pesquisa questiona se a elevação vocálica das médias pretônicas trata-se de fenômeno neogramático ou de difusão lexical. Neogramáticos pregam a mudança localizada no fonema. Porém, linguistas sino-americanos (CHEN E WANG, 1975; WANG, 1977) apresentaram dados referentes ao item lexical como local da mudança sonora. Para Philips (1984), a

---

<sup>21</sup> Harmonia com vogal média aberta (r[ɛ]lógio, f[ɔ]rró), harmonia com vogal alta (qu[i]rido, s[i]gurança) e harmonia com vogal média fechada (r[e]forço, r[e]solver, agrad[e]cer, b[e]besse)



frequência lexical é um fator que propicia a aplicação de regras fonológicas. As mudanças são consideradas abruptas foneticamente e graduais lexicalmente.

É interessante ressaltar que Brasília, fundada na década de 1960, não apresentava um substrato predominante: segundo o censo de 1980, a população constituía-se de 67,6% nascidos em outros estados como Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, estados da região sul e nordeste e apenas 31,6% de nascidos no Distrito Federal. Os outros 0,9% eram estrangeiros. Esta composição de migrantes de outras regiões torna este dialeto único, já que inúmeros falares acabaram sendo trazidos.

Para analisar o que propicia ou não as regras de elevação e abaixamento, foram considerados os seguintes ambientes estruturais: vogal alta na sílaba seguinte, ambiente fonológico precedente (posição inicial de palavra, consoante labial, consoante alveolar, consoante palatal e consoante velar), ambiente fonológico seguinte (consoante labial, consoante alveolar, consoante palatal, consoante velar, vogal, /S/ e /R/), tonicidade subjacente (átona permanente, átona eventual) e formas verbais. Como variantes extralinguísticas foram considerados o sexo, a classe social e a origem dos pais dos falantes. Foram selecionados 14 informantes, 7 homens e 7 mulheres, de idades entre 11 e 38 anos. 12 deles são nascidos e cresceram no Distrito Federal. Uma informante é do RJ e está no DF desde os 7 anos de idade. Outro, de 14 anos, é nascido em Goiânia e vive no DF desde os 4 anos. Em relação à classe social, formaram-se dois grupos de acordo com a profissão e o tipo de escolaridade. Em relação à origem dos pais, foram considerados dois grupos de pessoas: informantes com pelo menos 1 dos pais nascidos no Nordeste e informantes com pais de origem de dialetos do centro-sul do Brasil.

O trabalho apresenta evidências a favor da interpretação neogramática do fenômeno de elevação das pretônicas, como, por exemplo, a presença de sílaba alta na sílaba tônica acarretando em harmonização vocálica na elevação do *e* e a influência analógica da morfologia derivacional na variação de ambas, aguardando explicações para os dados apresentados que não são explicados através desta interpretação. Os travamentos silábico por /R/ e /S/ foram considerados isoladamente devido à importância destes para outros dialetos. Espera-se que a labial favoreça a elevação de /o/, baseadas em Bisol (1981), já que há entre a vogal alta /u/ e a consoante labial o traço comum de labialidade. O hiato parece ser favorecedor da elevação de /e/ e de /o/.

Os resultados mostram que no falar de Brasília a vogal alta seguinte é um dos principais favorecedores do alteamento das médias pretônicas, sejam orais ou nasais [i], [i~], [u], [u~]. Além disso, a anterior média-alta nasal [e~] como em p[i]queno, também figurou como bastante favorecedor da elevação das médias. Para os alagoanos, as vogais altas nasais [i~, u~] e a alta oral [i] se mostraram favorecedores. Estes informantes manifestaram maior abaixamento do que elevação das médias, já que não assimilaram totalmente a variedade brasiliense. Entretanto, tendem a elevar as médias e reduzir seu índice de abaixamento. Os seguintes fatores linguísticos apontados como favoráveis à aplicação da regra tem relação ao contexto consonantal precedente e ao seguinte tiveram atuação: palatais precedentes, uma labial seguinte e a atonicidade permanente das sílabas. Das consoantes verificadas, apenas a velar posterior se mostrou mais favorável. No geral, contribuíram a atonicidade permanente das sílabas tal qual aconteceu no falar dos brasilienses e as formas verbais.

A seguir, trataremos dos dialetos carioca, paulista e mineiro, a fim de formarmos um panorama geral da elevação das vogais médias pretônicas no falar da região sudeste do Brasil.

O estudo de Callou, Leite e Coutinho (1991) verificou não somente a elevação, mas também o abaixamento das vogais pretônicas no Rio de Janeiro. Os resultados que tratam do abaixamento não serão abordados, já que não tratamos deste fenômeno em nossa pesquisa. O *corpus* foi composto por 18 informantes do projeto NURC (Norma Urbana Culta), 9 homens e 9 mulheres. Estes informantes estavam distribuídos em três faixas etárias (25-35, 36-50, mais de 51 anos), residentes em três áreas geográficas da capital carioca (Zonas Norte, Sul ou Suburbana).

Do total de 4.310 ocorrências de **e** e **o** na sílaba pretônica de 1729 itens lexicais, registraram-se 2133 para vogal oral *e*, 1213 da vogal oral *o*, 538 da vogal nasal *ē* e 276 da nasal posterior *ō*. 150 ocorrências foram de ditongos. Foram analisados o tipo de vogal (oral anterior e posterior, nasal anterior e posterior, ditongo), a distância em relação à tônica (distância de 1 a 4), o tipo do segmento tônico (homorgânico, baixa, média, ditongo), o tipo de pretônica subsequente (mesmos fatores anteriores e mais ausência de segmento, a depender da distância entre a tônica e a vogal analisada), o tipo de atonicidade (átona permanente, átona casual), o tipo do segmento seguinte e estrutura silábica, o tipo do segmento precedente e estrutura silábica, a estrutura da palavra (sufixos derivativos e ausência de sufixos) e o tipo de vogal tônica na palavra base.

Em linhas gerais, a probabilidade de elevação vocálica para os cariocas é de 0.362 e a da manutenção da vogal média pretônica é de 0.678. Mostrou-se um processo estável e as variáveis extralinguísticas não foram exatamente significativas. De acordo com as faixas etárias e sexo, apresentou uma curva descendente, já que homens de mais idade demonstram maior aplicação, ao contrário de mulheres jovens. Os autores concluem: “Não há, portanto, qualquer indício de progressão da regra, mas antes possível perda de produtividade” (Idibem op.cit.). É bastante interessante o questionamento final trazido por Callou et al: “Por que a regra foi inibida na variedade brasileira, já que no português lusitano atingiu seu auge?” Saiba-se que a anteriorização da vogal média pretônica ou o seu apagamento são marcas do português europeu. A elevação, então, é processo intermediário nesta anteriorização-apagamento.

Já o estudo de Tenani e Silveira (2008), analisou a fala culta da cidade de São José do Rio Preto, no interior paulista. O *corpus* desta pesquisa foi constituído de 16 inquéritos de fala, selecionados da amostra censo do banco de dados Iboruna, produzidos por informantes que atendem o seguinte perfil social: gênero feminino, com nível superior completo ou em andamento; pertencentes a quatro faixas etárias – de 16 a 25 anos; de 25 a 36 anos; de 36 a 55 anos e mais de 55 anos. As variáveis linguísticas analisadas foram as seguintes: vogal da sílaba tônica ([i], [u], [e], [o], Vogal médio-baixa [ɔ] ou [a]), distância da Sílaba Tônica (distância 1, 2 ou 3), vogal átona seguinte ([i], [u], [e], [o], Vogal médio-baixa [ɔ] ou [a]), consoantes Adjacentes (alveolar, palatal, velar, labial), tipo de Sílaba (CV, CCV, CVN ou CVC), nasalidade (vogal nasalizada, passível de nasalização ou vogal oral), tonicidade da Sílaba (atonicidade permanente ou secundária).

Dos 2246 contextos de vogal pretônica /e/ analisados, somente em 297 houve a regra aplicada do alçamento, o que corresponde a 13% do total. Dos 1590 contextos de pretônica /o/, somente em 228 houve alçamento, ou seja, 14%. Concluiu-se que, na variedade culta do noroeste paulista, as vogais médias [e, o] predominam sobre as altas [i, u], respectivamente. Além disso, /e/ e /o/ têm praticamente a mesma suscetibilidade para sofrer o alçamento, uma vez que a frequência de aplicação da regra no contexto da vogal anterior (13%) é muito próxima ao que observamos para o contexto da vogal posterior (14%). Em relação ao alçamento de /e/ e /o/ com relação à vogal tônica, os resultados mostram que o ambiente mais favorável à regra é a vogal tônica anterior /i/, tanto no contexto de pretônica /e/ (PR .98), quanto no de pretônica /o/ (PR .91). A vogal tônica posterior /u/, de modo diferente, tende a

motivar muito mais o alçamento de /o/ (PR .85), do que de /e/ (PR .50). Assim, foi bastante frequente identificar itens cujo alçamento das pretônicas /e/ e /o/ resultou da assimilação com a vogal alta /i/, como em *v[i]sícula*. Em relação à sílaba tônica, nota-se a predominância do fator adjacência da vogal alta à pretônica para a aplicação da regra, ou seja, a distância de uma sílaba entre a vogal pretônica /e, o/, candidata à elevação, e a vogal alta tônica mostrou-se como a condição ideal para que a regra de elevação fosse aplicada. Em relação à vogal átona seguinte, observou-se que, novamente, foi a vogal alta anterior /i/ que exerceu maior força articulatória sobre os contextos de pretônica /e/ (PR .83) e de pretônica /o/ (PR .92). Sobre as consoantes adjacentes, constatou-se que, de modo geral, os segmentos cujo ponto de articulação é labial ou velar foram os que apresentaram os maiores índices de aplicação da regra de elevação, o que demonstra que estes segmentos foram os mais favoráveis à elevação da pretônica nesta categoria.

No que diz respeito à labial seguinte, entretanto, os maiores índices de aplicação relacionaram-se somente à vogal posterior /o/, o que pôde ser entendido com base no traço de labialidade comum à vogal posterior e ao segmento labial. Em vista dos aspectos observados, analisaram-se os dados e explica-se o alçamento de /e/ com base no elevado número de ocorrências cujas pretônicas são alçadas e iniciam-se com consoante labial, como *[mi]nino/a*; *[vi]stido*; *a[vi]nida*. Nessas ocorrências, havia presença de vogal tônica alta seguinte, o que pode ser o fator que desencadeia a elevação. Desta forma, as autoras perceberam que não se trata necessariamente da atuação da consoante precedente. A sílaba aberta CV mostrou-se como o fator mais favorável à elevação tanto no contexto de pretônica /e/, com PR (.57), quanto no contexto da pretônica /o/, com PR (.69). A presença de elemento nasal na mesma sílaba, que resulta na nasalização categórica da vogal, foi o fator que se mostrou mais favorável à elevação da pretônica /e/ (PR .69), em itens como *s[i]ntido* e *m[i]ntira*. De maneira oposta, esse mesmo fator foi o que exerceu menor influência para o alçamento de /o/, com PR (.22). A atonicidade permanente figurou como condição ideal para a elevação vocálica. Também se constatou que a vogal alta contígua à pretônica tem importante papel na aplicação da regra do alçamento e a presença de vogal alta na sílaba tônica, em muitos casos, reforça, mas não determina a aplicação da regra. Estes fatos sustentam a afirmação de que a redução vocálica é o processo característico do dialeto em questão.

Por último, Rezende e Magalhães (2011) analisaram e descreveram a variação do sistema vocálico pretônico de 18 informantes dos municípios de Coromandel-MG e Monte

Carmelo-MG, em relação à elevação motivada por harmonização, à redução vocálica e à neutralização.

As variáveis linguísticas analisadas foram contexto precedente e seguinte (C, V ou pausa), especificação da vogal tônica (altura, posição e nasalidade), distância da sílaba tônica (0, 1, 2 e de mais de 2 sílabas), distância do início da palavra (0, distância de 1, 2 e de mais de 2 sílabas), tipo de sílaba (CV, CVC e CVN), quantidade sílabas da palavra (2, 3, 4 ou mais de 4) e classe da palavra (substantivos, verbos, adjetivos/advérbios, outras classes gramaticais - englobando conjunções e numerais). As variáveis extralinguísticas analisadas foram sexo, faixa Etária (15 a 25, 26 a 49, com 50 anos ou mais), escolaridade (0 a 8, 9 a 11 e 12 ou mais anos de estudo).

Foram obtidas 5947 ocorrências da vogal /e/ na posição pretônica. Dessas 5947 ocorrências, 2067 apresentaram elevação. O peso relativo de 0.89 atestou o contexto pausa como favorável para o alçamento de /e/. Conforme Bisol (1981) e Schwindt (2002), situações nas quais vogal /e/ é seguida por *N* ou *S*, a elevação da pretônica é praticamente categórica. Percebe-se que a pausa favorece o alçamento de /e/. Com 85% de aplicação nos dados em um total de 54 ocorrências, apenas 14 sofreram o processo de alçamento diante de palatal. A pretônica /e/ quando seguida de oclusiva (/p/; /b/; /t/; /d/; /k/; /g/) ou fricativa (/f/; /v/; /s/; /z/; /ch/; /j/; /R/) provavelmente se tornará [i]. Quando seguida de africada (/dz/; /ts/), a pretônica /e/ foi elevada, já que a variação ocorreu em quase metade das ocorrências. Bisol (1981) já havia descoberto que as palatais (/dz/; /ts/; /lh/; /nh/) seguintes são mais favorecedoras da elevação do /e/ pretônico. Esse contexto aparece no trabalho com 203 alçamentos em 480 ocorrências e peso relativo de 0.90. Além disso, a vogal tônica alta é o contexto que mais favorece a elevação de /e/, o que também confirma a tese de Bisol (1981). As médias-baixas (/é/; /ó/) também foram relevantes na elevação de /e/. O alçamento dessa vogal ocorreu em mais da metade das ocorrências encontradas. Constatou-se que as vogais tônicas nasais favorecem mais o alçamento de /e/ do que as vogais tônicas orais, visto que os pesos relativos foram 0.64 e 0.43. Mostraram-se, então, evidências mais significativas para o alçamento de /e/ as sílabas fechadas travadas por consoante (*serviço*; *estar*) e as travadas por nasal (*lembrar*; *ensino*), com pesos de 0.75 e 0.73. Isto se deve às palavras que possuem a vogal /e/ seguida de *N* ou *S*, o que, segundo os autores, justifica a alta ocorrência de elevação nesses contextos, já que ambos são quase categóricos.

Palavras com três (0.62) e com duas sílabas (0.39) são as que mais favorecem o alçamento de /e/. Advérbios e adjetivos e as palavras de outras classes gramaticais foram os contextos que mais contribuíram para o alteamento. Das ocorrências, 43% das ocorrências de ambos tiveram a vogal média elevada.

Em relação a /o/, foram obtidas 3581 ocorrências. Destas, 965 apresentaram a elevação. Acerca dos fatores linguísticos, percebeu-se que as oclusivas e fricativas precedentes são as maiores condicionadoras, com P.R. pouco acima de 0.60. Segundo o ponto de articulação do contexto precedente, quando presente as consoantes labiais (/p/; /b/; /m/), eleva-se /o/, fator que teve peso relativo de 0.86, ou seja, 598 alçamentos em 1005 ocorrências. As pós-alveolares e velares também condicionam a elevação de /o/, embora o número de alteamentos tenha seja inferior aos motivados pelas labiais. Os dados revelaram a predominância da vogal média-alta (/i/; /u/) seguinte para o alçamento de /o/, que apresentou 28 elevações em 32 ocorrências e peso relativo de 0.99. Em segundo lugar, tem-se a vogal baixa (/a/), com 88% de aplicação do fenômeno nas ocorrências. Quando seguida por uma consoante nasal (/m/; /n/;/nh/), a elevação da pretônica /o/ é praticamente categórica, apresentando peso de 0.96 e 60 elevações em 67 ocorrências. Outro contexto favorecedor são as palatais (/dz/; /ts/; /lh/;/nh/), que tiveram peso relativo de 0.86 e 84 alçamentos em 234 ocorrências.

Além da vogal baixa e das palatais, as vogais médias-altas e as velares e labiais (/p/; /b/; /m/) em contexto seguinte também se mostraram favorecedoras de /o/ para /u/. As vogais tônicas altas (/i/; /u/) foram as maiores favorecedoras da elevação de /o/→[u], com peso relativo de 0.81. Enquanto apenas /i/ tônico favorece a elevação de /e/, tanto /i/ como /u/ contribuem para /o/ se tornar [u]. As vogais tônicas orais favoreceram a elevação de /o/ em 894 elevações de 2868 ocorrências. Em relação à sílaba tônica, quanto mais próxima desta, maior a probabilidade de alçamento de /o/. O peso relativo de 0.57 para a distância 0, com 851 alçamentos em 2955 ocorrências, mostrou que esse contexto é o que mais favorece a elevação de /o/. Quanto mais próxima do início da palavra, maior a probabilidade da variação de o/→[u]. A sílaba fechada travada por consoante se mostrou como maior condicionadora da elevação de /o/, com 360 alçamentos em 686 ocorrências (0.60). Além disso, palavras com duas sílabas foram as que mais contribuíram para a elevação de /o//; apesar do baixo peso relativo, o contexto apresentou 500 alçamentos em 992 ocorrências. As palavras de outras classes gramaticais condicionam o alçamento de /o/, com peso relativo de 0.98 e 490

alçamentos em 666 ocorrências. Acredita-se que esse resultado se deve ao item lexical “porque”, que apareceu muitas vezes nas entrevistas e cuja vogal /o/ foi sempre elevada.

Em relação às variáveis sociais, os homens tiveram uma pequena vantagem com relação às mulheres em relação à elevação da pretônica /o/, realizando 494 alçamentos em 1611 ocorrências, com peso relativo de 0.51. As mulheres, por sua vez, realizaram 471 elevações em 1970 ocorrências, com peso relativo de 0.48. Pessoas menos escolarizadas realizaram mais a elevação de /o/ para [u] do que as que possuem maior grau de escolaridade.

Conforme o Apêndice A, vê-se que os trabalhos diferem em relação ao número de informantes e a fatores condicionadores selecionados na análise. Dos trabalhos que tratam não somente do alçamento, mas também da manutenção e/ou abaixamento da vogal média, foram considerados e expostos apenas dados referentes ao processo de elevação vocálica. Embora se verifiquem algumas diferenças notáveis entre os trabalhos, como o número de informantes, por exemplo, podemos concluir que o alçamento vocálico de pretônicas brasileiro, em linhas gerais:

- é uma regra que ocorre, em maior ou menor grau, em todas as regiões do Brasil, não possuindo condicionamento extralinguístico relevante (CALLOU, LEITE e COUTINHO, 1991; BORTONI, GOMES e MALVAR, 1992; TENANI e SILVEIRA, 2008; SILVA, 2009; REZENDE e MAGALHÃES, 2011);

- a vogal /e/ eleva-se, geralmente, mais do que /o/, sendo a presença de vogal alta na sílaba seguinte fator que favorece a elevação da vogal média pretônica. Palatais precedentes favorecem a elevação de /e/ (BORTONI, GOMES e MALVAR, 1992; SILVA, 2009) e palatais seguintes favorecem a elevação de /o/ (SILVA, 2009; TENANI e SILVEIRA, 2011).

A seguir, apresentaremos os resultados das pesquisas realizadas sobre os falares da região sul do Brasil. Como nossa pesquisa tem como objeto de análise o português brasileiro oitocentista utilizado no Rio Grande do Sul, faz-se mister apresentarmos os trabalhos feitos acerca do comportamento variável das vogais médias pretônicas nos dialetos sul-rio grandenses, o que está exposto na próxima seção.

### 2.2.2.2 Panorama sobre resultados de pesquisas no Rio Grande do Sul

Nesta seção, apresentaremos os trabalhos de Bisol (1981), Battisti (1993), Schwindt (1995, 2002), Casagrande (2003), Klunck (2007), Silva (2012) e Monaretto (2013). Estes autores analisaram a elevação da vogal média pretônica na fala sul-rio-grandense, compreendendo a região metropolitana e o interior do estado. Alguns destes trabalhos analisam, especificamente, o processo de harmonização vocálica (BISOL, 1981; SCHWINDT, 1995, 2002; SILVA, 2012; CASAGRANDE, 2003) enquanto outros analisam outros processos envolvidos na elevação, como os vocábulos iniciados em sílaba travada por nasal ou sibilante (BATTISTI, 1993) ou a elevação da média pretônica sem motivação aparente (KLUNCK, 2007; MONARETTO, 2013).

O estudo de Bisol (1981), pioneiro na área no Rio Grande do Sul, verificou os contextos favoráveis e desfavoráveis para a aplicação da regra que eleva a pretônica, analisando a probabilidade de seu uso no dialeto gaúcho. Foram estudadas variantes e ~ i e o ~ u em posição pretônica interna em quatro comunidades sociolinguísticas do sul do país: 8 informantes monolíngues de Porto Alegre (colonização açoriana), 8 informantes bilíngues de Taquara (colonização alemã), 8 informantes de Monte Bérico, em Veranópolis (colonização italiana), 8 informantes de Santana do Livramento (fronteiriços) e 12 informantes do projeto *Norma Urbana Culta* (NURC). Com exceção dos informantes do projeto NURC, o restante dos informantes possuía apenas o nível primário de escolaridade (metropolitanos, italianos, alemães e fronteiriços) e em dois níveis culturais (fala popular e fala culta).

Segundo a autora (Ibidem, p.31), a suscetibilidade do fenômeno é referida na pauta pretônica, com base nas seguintes hipóteses: a harmonização do dialeto gaúcho encontra-se baseada nas estruturas ou características das línguas em contato; os falantes bilíngues de português e alemão elevam mais a vogal /o/ do que /e/ devido à utilização da regra do *Umlaut* do alemão; os bilíngues italianos manifestam mais a vogal alta enquanto os fronteiriços mantêm a média por questões históricas, pois na evolução das línguas românicas, o italiano ressaltou as altas pretônicas em contextos nos quais o espanhol preservou as médias; as flutuações vocálicas não se restringem ao contexto condicionador de vogal alta na sílaba seguinte (há elevação sem motivação aparente).

Após observação dos dados, consoantes como a labial parecem favorecer mais a elevação de /o/ e a velar favorecer mais a elevação de /e/ e /o/; o sufixo “-zinho” inibe



categoricamente a regra, já “ - inho” a inibe variavelmente; algumas vogais parecem mais vulneráveis ao processo: as presentes em verbos de 3ª conjugação e verbos irregulares de 2ª conjugação (*ferir, fíria; poder, pudia*), as vogais não oriundas de tônicas no processo derivativo (*formiga~furmiga*), já as oriundas são mais raras (*cabelo ~cabiludo*); os contextos nasalizados parecem favorecer mais elevação de /e/ do que de /o/, ocasionalmente a vogal tônica alta é condicionadora (*coruja~curuja*), porém outras vezes, a átona alta (*procissão~prucissão*) e a vogal alta substitui a vogal média em paradigmas inteiros (*vistir, vistido, vistuário*).

Nesse estudo, foram considerados como fatores linguísticos: nasalidade (*vogal oral* ou *acendida*), tonicidade (*tônica*: alta homorgânica, alta não-homorgânica e outras; *pretônica*: alta e outras; *pré-pretônica*: alta e outras; *contiguidade e tonicidade*: tônica alta e pretônica alta, tônica alta e pretônica não-alta, tônica não-alta e pretônica alta, tônica não-alta e pretônica não-alta, alta e não-alta e, por fim, *vogal contígua*: sequências de vogais altas, vogal alta contígua, não contígua e outras), distância (coeficientes 1,2,3 e 4. Ex: perigo [1] , jornalista [2], comentarista [3], e procuradoria [4]), paradigma (vocábulos derivados com parente - palavras nas quais os paradigmas já possuíam vogal alta - e sem parente - palavras que adquirem vogal alta no processo de derivação), atonicidade (átona da pretônica permanente; casual com vogal média ou baixa na base e vogal sem *status* definido), sufixação (sem sufixo, com sufixo nominal, com sufixo verbal, com sufixo adjetival ou com sufixo adverbial), contexto fonológico precedente e seguinte (consoantes velares, labiais, alveolares e palatais).

Neste estudo foi analisada a vogal média pretônica interna, ou seja, os casos de elevação em vogal inicial, vogal em hiato e vogal prefixal não foram considerados. As hipóteses que nortearam a retirada dessas variáveis foram:

a) *Vogal inicial*: o silêncio à esquerda favorece a elevação, fato com comprovação histórica segundo Naro (1973). Porém, a autora registrou ocorrências nas quais o silêncio à esquerda preservou a média. Concluiu que a vogal inicial deve ser estudada à parte.

b) *Vogal em Hiato*: a elevação dessa vogal sobrepuja à da vogal interna, e as ocorrências apresentaram variação (*teatro~tiatro*). Esperava-se que a regra já tivesse se tornado categórica, o que ainda não ocorreu.

c) *Vogal do prefixo*: ressaltou a importância do prefixo na palavra, lembrando que nem sempre o prefixo se incorpora totalmente à palavra. Assim, certos traços de composição são

mantidos, e, segundo a autora, este é um contexto que não favorece a harmonização vocálica. É possível a ocorrência de elevação, mas também foram enumerados casos de elisão vocálica tanto em vogal inicial (*descascar ~ dscascar*) quanto em vogal final (*dentes ~ dents*).

Após a análise quantitativa, a autora concluiu que a nasalidade é um fator favorável a elevação de /e/ e possivelmente inibidora da de /o/. Em relação à tonicidade, a tônica /i/ favorece mais a elevação de /e/, como em *menino~minino*; para /o/, ambas favorecem, como em *formiga ~furmiga*. Nas pretônicas, a vogal alta favorece elevação de /e/ e /o/; vogal não-alta preserva a aplicação da regra. Nas pré-pretônicas, a vogal alta átona eleva a pretônica. Em relação à vogal contígua, quando /i/ favorece a elevação de /e/ e /i/ contíguos e /u/ favorecem a elevação de /o/. Assim, a contiguidade mostrou-se como um traço obrigatório para a elevação vocálica, já a tonicidade mostrou-se variável.

Além disso, constatou-se que quanto mais próxima a vogal maior a probabilidade de elevação. Esta apresenta maior probabilidade de ocorrer em palavras com parente do que sem parente. Em relação à atonicidade, esta revelou-se como condição ideal para as flutuações da pretônica ao lado da vogal sem *status* definido, que também mostrou-se expressiva. As palavras sem sufixo favoreceram a aplicação da regra. Sufixos verbais tiveram mais ocorrências que os nominais, afirmando que a flexão favorece mais a aplicação da regra do que a derivação. Em relação ao contexto fonológico precedente, para a elevação de /e/, mostraram-se favoráveis as consoantes velares, palatais, labiais e alveolares. Para /o/, as labiais e velares mostraram mais ocorrências. Considerando o seguinte, para a elevação de /e/, favoreceram as velares e palatais e, para a elevação de /o/, mostraram-se favoráveis as consoantes labiais, palatais e velares.

As variáveis sociais que se mostraram significativas foram etnia, na qual demonstrou-se que a regra é mais aplicada pelos metropolitanos, menos utilizada pelos bilíngues e menos ainda pelos fronteiriços; e idade, na qual demonstrou-se que os jovens tendem a utilizar menos a regra. Não houve preferência por um dos sexos como aplicador principal.

Em sequência, outro trabalho sobre o alçamento de vogais médias foi o de Battisti (1993) que analisou a elevação da vogal média pretônica em sílaba inicial de vocábulo, ou seja, nos contextos excluídos em Bisol (1981)<sup>22</sup>: vogal média inicial seguida de /S/ e /N/<sup>23</sup>. Os

---

22 A elevação da média nestes contextos apresentou 91% de aplicação geral (BISOL, 1981, p.34), porém o silêncio à esquerda também pareceu favorecedor à preservação da média (educado~iducado), algo que foge à história da vogal interna.

princípios que regem a elevação da vogal inicial não se identificam com os que elevam uma vogal média pretônica interna, mas devem estar em concordância com outro. A vogal média inicial deve ser estudada separadamente Bisol (1981, p. 33).

Battisti (1993, p. 20) acredita que as alterações sofridas pelas vogais médias nos prefixos, por exemplo, não se devem a uma regra de assimilação, como na harmonia vocálica, processo na qual a regra seria bloqueada caso houvesse qualquer indício de composição, mas sim a motivações históricas<sup>24</sup>. Desta forma, retoma os dados excluídos para verificar as regularidades que governam a variação nesses casos.

O *corpus* foi constituído por 35 informantes, distribuídos em dois grupos: um formado por 28 indivíduos selecionados da amostra de Bisol (1981), e outro por 7 indivíduos metropolitanos de nível superior de instrução pertencentes ao NURC com faixa etária de 25 a 50 anos.

O estudo concluiu que a ausência do contexto precedente favoreceu o alçamento de /e/, mas não de /o/, que tem maior probabilidade de elevar-se se a sílaba inicial for contígua à tônica. Em relação ao contexto fonológico seguinte, a consoante palatal favorece a elevação de /e/ e /o/, ao passo que labial somente favorece a elevação de /o/. As consoantes nasais e sibilantes (s, z) favorecem a elevação de /e/ de maneira quase categórica. Uma vogal alta em sílaba seguinte favorece a elevação de /e/ e /o/. Nas palavras cujas sílabas iniciais são prefixos, há favorecimento para a elevação de /e/. A autora ressalta que, nesse contexto, não é o prefixo o favorecedor do alçamento, mas a presença de /N/ e /S/ na coda silábica; diante do índice muito alto de elevação constatado, Battisti (op. cit., p. 119) observa que se trata de uma regra em vias de tornar-se categórica, de perder seu caráter variável. Os contextos de vogal alta são favorecedores da elevação; conforme Battisti (1993, p. 120) isso possibilitou a conclusão de que os mesmos princípios que regem a harmonia vocálica das vogais /e/ e /o/, em posição interna, não se aplicam às mesmas vogais em início de palavra.

---

23 Naro (1973) *apud* Battisti (1993, p.79) “(...) alternâncias como entrar::intrar foram registradas em documentos mais antigos, e devem-se à confusão com a evolução erudita de –in para –in. Além disso, a evolução de ex- para es- ou eis-, e de ins- para ens- resultou apenas em uma forma escrita, ens-, que passou a alternar com en- e in-, originando registros como inzemplo e inzame.” Isto é, estas ocorrências originaram-se pela confusão em certos prefixos.

24 Conforme Battisti (1993, p.80) “Em suma, o fato de /S/ favorecer a presença de uma vogal alta não está diretamente ligado às propriedades deste segmento, mas à história particular de certos morfemas ou itens lexicais.”

Assim como Bisol, Schwindt (1995), em uma nova amostra, também analisou a regra de harmonização vocálica, excluindo os casos de vogal média seguida de /N/ e /S/ estudados por Battisti (1993), considerando esses casos com elevação praticamente categórica da vogal média. Quando a palavra possuía mais de uma vogal alta (como em *medicina*) optou por analisar somente uma delas. No caso de ditongos (como em *coisinhas*), também foram postos de lado por terem sua pronúncia caracterizando hiato. Vogais prefixais também não foram analisadas pelo mesmo motivo de Bisol.

As amostras analisadas foram de Porto Alegre, Curitiba e Florianópolis. Teve como variáveis independentes a homorganicidade das vogais, a relação de vizinhança entre elas (tônica imediata, átona imediata, tônica não-imediata e átona não-imediata), nasalidade da vogal (quando pronunciada com o véu palatino abaixado) e atonicidade da vogal candidata à regra. Além destas, o contexto precedente (*início de palavra precedido por pausa, consoante labial, alveolar, palatal ou velar*) e seguinte à vogal (*vogal em hiato, consoantes labial, alveolar, palatal, velar; líquida alveolar e R velar*) também foram considerados. Incluiu a variável vogal alta em terminações (*presença de vogal alta no radical, nos sufixos verbais e nominais*) a fim de verificar se a presença de vogal alta nos sufixos favoreceria ou não a aplicação da regra de harmonização, incluindo palavras nas quais os sufixos formam adjetivos e participípios na categoria de sufixos nominais.

Como variantes extralinguísticas, além das localizações geográficas já citadas, Schwindt (op. cit.) analisou o sexo, a faixa etária (25 - 50, *acima de 50 anos de idade*), a escolaridade (*primário, ginásial e secundário*). Foram 12 sujeitos de cada capital, totalizando 36 entrevistas para a pesquisa.

O autor concluiu que a elevação da pretônica tem como principal condicionador a presença de vogal alta contígua. A tonicidade tem um papel secundário, só influencia se for cumprida a condição de contiguidade da vogal alta. Vogais orais são mais suscetíveis à regra, principalmente a vogal /o/. A homorganicidade não apresentou influência expressiva, embora a vogal /i/ tenha apresentado certa vantagem para aplicação da regra tanto em /e/ como em /o/. Com relação ao contexto fonológico, as consoantes velares e alveolares são motivadores para elevação de /e/ e as alveolares para /o/. O /r/ velar, a vogal em hiato, a líquida alveolar e as consoantes labial e palatal mostraram-se desfavorecedores da elevação de /e/. Os contextos desfavorecedores de /o/ foram o /r/ velar, a vogal, a líquida alveolar e a consoante velar. A regra não se mostrou sensível à faixa etária e ao sexo dos informantes, mas os dados

revelaram que os mais escolarizados elevaram menos a pretônica. Constatou-se, por fim, que a regra é mais aplicada à medida que se afasta do extremo sul do país, o que indica que a colonização e composição dialetal das áreas geográficas escolhidas podem influenciar a ocorrência de elevação por harmonia.

Em novo trabalho, Schwindt (2002) revisitou a harmonização vocálica no dialeto gaúcho. Contou com 64 informantes, 16 de cada cidade, o que compreendeu Porto Alegre (metropolitanos), Flores da Cunha (colonização italiana), Panambi (colonização alemã) e São Borja (fronteiriços). Como variáveis extralinguísticas, delimitou a faixa etária (*25 -50 ou mais de 50 anos*), sexo e escolaridade (primeiro e segundo graus). Como variáveis linguísticas, delimitou a contiguidade (contíguo ou não-contíguo), a homorganicidade, a nasalidade (nasais ou orais), o contexto fonológico precedente (labial, alveolar, alveolar sibilante, palatal, velar e pausa), o contexto fonológico seguinte (labial, alveolar, alveolar sibilante, palatal e velar), a tonicidade da vogal alta como gatilho e a localização morfológica (se a regra olha para fronteiras de morfemas na raiz, no sufixo verbal, no sufixo nominal e no sufixo -inho).

Neste segundo trabalho, o autor concluiu que o uso da regra permanece moderado (índices inferiores a 50%), embora em 20 anos (comparando com o trabalho de Bisol) o uso tenha aumentado no dialeto gaúcho e continua aplicando mais a elevação de /o/ do que de /e/. Aumentou, em duas décadas, 12% para /e/ e 6% para /o/. Podemos ainda estar em um caso de variação estável e, ao que tudo indica, a regra não se encontra estagnada.

Casagrande (2003) também analisou o fenômeno da elevação vocálica por harmonização, mas diferentemente dos demais, em dois tempos distintos. A autora contrapõe os resultados ao verificar a aplicação da regra em duas amostras da cidade de Porto Alegre: uma do final dos anos 70 e outra do final da década de 90.

A amostra do projeto *NURC* (anos 70) foi composta de 6 informantes (3 homens e 3 mulheres), divididos em 3 faixas etárias (20 – 30, 30 – 40, 40-50 anos). A amostra do projeto *VARISUL* (anos 90) foi composta de 12 informantes (6 homens e 6 mulheres) divididos em 3 faixas etárias (25 a 35, 35 a 45, 46 a 55 e mais de 56 anos), todos com escolaridade de nível superior. Como fatores linguísticos condicionadores, analisaram-se a nasalidade da vogal alvo, a contiguidade, a tonicidade da vogal alta, contiguidade e tonicidade, relações paradigmáticas, atonicidade da vogal alvo, distância da tônica, sufixo com vogal alta, contexto fonológico precedente (*alveolar, palatal, labial e velar*) e contexto fonológico seguinte (*alveolar, labial, palatal e velar*). Assim como em estudos anteriores, casos de eN,

eS e deS iniciais foram desconsiderados, além das vogais formadoras de ditongos e compostos.

Em sua análise em tempo real, a autora concluiu que o comportamento individual do uso da regra no dialeto porto-alegrense não é estável de uma época a outra, mostrando que houve um certo declínio no uso da regra pelos informantes no final da década de 90, o que indica regressão do fenômeno no dialeto estudado. Indicou os mais velhos como mais usuários da regra do que os mais jovens. Averiguou em seu estudo de tendências também uma diminuição do uso da regra pelos informantes da época mais recente. Quanto ao condicionamento dos fatores linguísticos, a autora afirma que muitos dos fatores já analisados por trabalhos anteriores como o de Bisol (1981) ainda exercem a mesma influência sobre a regra de harmonização, como a vizinhança da vogal média com uma vogal alta, sendo tônica ou não; a presença de consoante alta entre as vogais alvo e gatilho, ou seja, média e alta, e a presença de sufixo verbal com vogal alta em detrimento de outros sufixos. As diferenças de resultados indicam que a diminuição no uso da regra se dá nos contextos menos favoráveis à aplicação, como é o caso do fator vogal alta em sufixo nominal, cujos resultados para a amostra de final de 90 apresentaram-se relativamente inferiores aos apresentados na amostra de final de 70.

Diferente das análises anteriores, Klunck (2007) realizou um estudo deste alçamento de vogais médias pretônicas em palavras cujo contexto não apresenta nenhum fator que determine por si só as alterações de altura vocálica. A autora desconsiderou palavras com contexto de harmonização vocálica, de elevação quase categórica como a vogal /e/ inicial, seguida de /S/ e /N/, assim como vogais em sequência que podem formar ditongo ou hiato.

Foram ouvidas 24 entrevistas da cidade de Porto Alegre de três faixas etárias ( 23 a 39, 40 a 55 e mais de 56 anos), 13 de informantes homens e 11 de informantes mulheres, 8 de informantes com ensino fundamental e 16 de informantes com ensino médio. As variáveis linguísticas delimitadas foram a distância da tônica (da mesma maneira que BISOL, 1981), tipo de sílaba (leve ou pesada), altura da vogal da sílaba precedente, altura da vogal da sílaba seguinte (excluiu os casos de harmonização, mas utilizou-se desta variável para diferenciar o dialeto do Sul de outros dialetos), posição da pretônica analisada (inicial ou não), contexto fonológico precedente (labial, labial nasal, coronal, coronal nasal, dorsal, dorsal nasal, palatal, palatal nasal e ausência de consoante), contexto fonológico seguinte (labial, labial nasal, coronal, coronal nasal, dorsal, palatal, palatal nasal) e nasalidade (vogal oral ou nasal).

A autora concluiu que a variação nesse contexto ocorre de forma escassa e atinge mais a vogal /o/ do que /e/. Atribuiu a razão principal da ocorrência deste tipo de alteamento à variação lexical e à variação neogramática, pois ocorre com mais facilidade em palavras aparentadas, como *cunversa, cunversava, cunversando; chuvendo, chuveu, chover* do que em palavras isoladas .

A harmonização vocálica volta a ser objeto de análise em Silva (2012). O *corpus* deste estudo foi composto pela amostra coletada por Amaral (2002), integrante do Banco de Dados do Projeto VARSUL, com 40 entrevistas gravadas classificadas em 08 células de acordo com as variáveis sociais **sexo** (20 homens e 20 mulheres), faixa etária (20-50 e mais de 50 anos) e escolaridade (0-4 e mais de 4 anos).

As variáveis linguísticas delimitadas foram a homorganicidade da vogal gatilho/alvo, a nasalidade da vogal alvo, a tonicidade e contiguidade da vogal gatilho (tônica imediata, átona imediata, tônica não-imediata e átona não-imediata), atonicidade da vogal alvo (átona permanente, átona casual e sem status definido), o contexto fonológico precedente (labial, alveolar, palatal, velar e líquida alveolar), o contexto fonológico seguinte (labial, palatal, alveolar, velar, líquida alveolar, /R/ velar e vogal em hiato) e a localização morfológica da vogal gatilho (sufixo verbal, sufixo nominal, radical, diminutivo e vocábulo composto).

A autora concluiu que para a vogal /e/ o sexo não teve papel expressivo na aplicação da regra. Para elevação de /o/, os homens aplicam mais a regra do que as mulheres. Como no estudo anterior, os mais velhos utilizam mais a regra dos que os mais jovens, o que pode indicar regressão. De acordo com os fatores linguísticos condicionadores, concluiu que a vogal gatilho deve estar presente no contexto imediato à vogal afetada. Além disso, confirmou as observações de Bisol na tendência maior da aplicação aos sufixos verbais do que nos nominais. No contexto fonológico seguinte, o desempenho das alveolares juntamente com as palatais (ambas com traço redundante + alto) favorecem a aplicação para /e/. Já para /o/ o índice foi alto para as palatais e baixo para as velares. Em contexto precedente, a regra é favorecida pela presença das palatais, líquidas alveolares, labiais e de pausa e tende a ser bloqueada quando antecedida de velares e alveolares.

Assim como Klunck (2007), Monaretto (2013), analisou a elevação da vogal média pretônica sem motivação aparente. Conforme a autora (2013, p.19) “casos de alçamento pareciam aplicar-se variavelmente, na fala do português gaúcho, em palavras como

m[ol]eque~m[u]leque e p[e]gada~p[i]gada, por exemplo. Entretanto, o gatilho para sua aplicação não era claro.”

O estudo de painel em tempo real compreendeu informantes porto alegrenses do NURC (Norma Urbana Culta) e do VARSUL (Variação Linguística no Sul do País).

Para Monaretto (2013, p. 22), o estudo da mudança linguística em tempo real é uma estratégia de análise que pode fornecer evidências mais seguras acerca da mudança linguística. O *corpus* foi constituído de 12 informantes, 7 homens de idades entre 26 e 50 anos e 5 mulheres de idades entre 26 e 58 anos. O intervalo do tempo de recontato desses informantes foi de 26 e 27 anos. Desta forma, quando recontatados, formaram um grupo de 7 homens de idades entre 53 e 77 anos e 5 mulheres de idades entre 53 e 85 anos. Controlou as seguintes variáveis linguísticas: distância da sílaba tônica, tipo de sílaba, altura da vogal precedente e seguinte, posição da pretônica, nasalidade, contexto fonológico precedente e seguinte, posição morfológica da vogal alvo, classe gramatical da palavra. Configurou as extralinguísticas de acordo com sexo, idade, informante e amostra.

Em relação à aplicação total da regra entre um período (1970) e outro (2000), são confirmadas as expectativas para a vogal /o/, segundo a autora, por apresentar mais contextos de aplicação para o alçamento, porém em relação à vogal /e/ observa-se um leve crescimento, além de um pequeno decréscimo, para a vogal /o/, “diferença pequena, que pode ser atribuída ao informante e ao tipo de entrevista, em cada amostra. Em todo caso, a regra de aplicação é baixa e se mantém, de certa forma, estável, em termos numéricos (MONARETTO, 2013, p. 23)

Sobre o fator sexo, percebe-se que o homem faz mais uso do alçamento ao envelhecer, porém este resultado pode ter relação à composição do corpora ter 2 homens a mais do que mulheres em seus informantes. Em relação ao contexto precedente, os dados confirmam a análise de Klunck (2007) referindo-se à presença de palatal como contexto favorecedor para o alçamento de /e/ e /o/. Além destes, palavras comuns em ambas as amostras se mostraram presentes para ilustrar a aplicação de elevação em vocábulos de mesmo paradigma como um fenômeno de ordem lexical. Por exemplo: s[i]nhor/s[i]nhora; p[i]queno/p[i]quena/p[i]quenos, dentre outros.



A seguir, sintetizamos os resultados acerca dos fatores mais relevantes apresentados pelas análises do comportamento variável das vogais médias pretônicas no Rio Grande do Sul.

Para melhor apreciação sobre os condicionamentos da elevação das médias pretônicas no falar gaúcho, elaboramos um quadro síntese (Apêndice A). As células do quadro foram preenchidas de acordo com as informações trazidas nos trabalhos acima analisados, deixando-se em branco as informações que não estavam postas de forma clara ou explícita pelos autores.

Vê-se que este fenômeno fonológico está presente tanto na variedade popular quanto na culta, e que não apresenta papel social significativo. Embora as mulheres tenham apresentado maior elevação por harmonia (BISOL, 1981; SCHWINDT, 2002) e os mais velhos tenham aplicado mais a regra de elevação (BISOL, 1981; SCHWINDT, 2002; SILVA, 2012; MONARETTO, 2013), os valores são pouco expressivos para uma afirmação desta ordem. O falar dos informantes bilíngues italianos apresenta maior probabilidade de elevação vocálica das médias pretônicas, devido à influência da língua estrangeira que apresenta vogais elevadas.

Percebe-se, nos trabalhos que comparam a variedade metropolitana com a interiorana, que quanto mais o falante se afasta da capital, mais se preservam as médias em contextos conhecidos como propícios à elevação<sup>25</sup>. Isto torna a fala porto-alegrense com maior índice de elevação das vogais médias pretônicas,

Parece que a elevação vocálica de pretônicas está mais relacionada a fatores estruturais, ou seja, intralinguísticos. Desta forma, atentemos para as conclusões gerais acerca dos condicionamentos seguintes:

- percebe-se maior elevação de /e/ do que de /o/, com exceção àqueles trabalhos que analisaram a elevação vocálica sem motivação aparente (KLUNCK, 2007; MONARETTO, 2013). Em relação a estes trabalhos, a presença de palatal precedente às vogais favorece o processo, como por exemplo em “d[i]spertar”;

---

<sup>25</sup> Embora tenhamos realizado tentativas de análise acerca dos resultados da elevação vocálica de médias pretônicas na escrita em relação à fala quanto à questão geográfica, esta não foi possível. A origem geográfica dos redatores dos textos que compõe nossos *corpora* é desconhecida. Este fato nos mostra que, ao relacionarmos esses registros escritos com registros de fala de informantes que compõe bancos de dados de fala utilizados em análises quantitativas e que tem sua origem geográfica definida seria um equívoco nesta pesquisa em linguística histórica.

- a presença de vogal alta na sílaba seguinte configura-se como principal fator para a elevação por meio de harmonia vocálica, como em “m[u]chila”. A vogal alta contígua /i/ favorece a elevação tanto de /e/ quanto de /o/. Além disso, a tônica alta imediata demonstrou-se um dos principais condicionadores da harmonia, como em “s[u]zinho”(BISOL, 1981; SCHWINDT, 1995, 2002; CASAGRANDE, 2003; SILVA, 2012);

- vogais pretônicas orais são mais elevadas do que as nasais. Em relação a /e/, são as nasais que mais favorecem a elevação segundo Bisol (1981). Já em relação a /o/, a nasal parece inibir a regra de harmonia;

- quanto mais próxima da tônica, maior a probabilidade de elevar-se a média por harmonização. Velares e alveolares seguintes favorecem a elevação por harmonia vocálica. As átonas permanentes demonstraram ser mais propícias a este tipo de elevação. Além disso, palavras de mesmo paradigma tendem a elevar-se regularmente;

- em relação a sufixos, a probabilidade de harmonização é maior quando há presença de sufixos verbais com vogal alta;

- em relação à elevação de vogais médias em posição inicial, em hiato e em prefixo, sílabas fechadas por /n/, a presença de vogal alta na sílaba seguinte e das dorsais /k/ e /g/ seguintes favorecem a elevação das médias (BATTISTI, 1993);

Vários fatores condicionadores foram verificados nas pesquisas sociolinguísticas de língua falada. Embora não possamos aplicar os fatores sociais a *corpora* linguísticos escritos desta pesquisa, acreditamos que condicionadores linguísticos como a presença de vogal alta na palavra possam auxiliar na explicação de ocorrências escritas oitocentistas como reflexos de oralidade.

A seguir trataremos sobre o uso da escrita em estudos de variáveis linguísticas, além de expormos nossa metodologia para análise e seleção de textos escritos para composição dos *corpora* desta pesquisa. Tratatemos, também, sobre os pressupostos para a realização de interpretações linguísticas.

### 3. PARA UMA PESQUISA EM FONOLOGIA DIACRÔNICA

#### 3.1 ESTUDOS DE VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS POR MEIO DE REGISTROS ESCRITOS: LINGUÍSTICA E SOCIOLINGUÍSTICA HISTÓRICAS

O registro escrito é o conjunto de indícios imediatos de uma sincronia de um passado longínquo, composto de ocorrências gráficas devem ser interpretadas linguisticamente. A escrita, porém, configura-se como um meio de busca de evidências diretas de um passado que deve ser, muitas vezes, presumido. Além desta busca, pode-se encontrar a variação que originou uma mudança linguística concluída ou em desenvolvimento. De acordo com Schendl (2009, p.3), a mudança linguística, imperceptível no cotidiano do usuário de uma língua, torna-se mais óbvia quando verificamos textos antigos de uma língua específica e, quanto mais retrocedemos na história, mais óbvia a mudança se mostra.<sup>26</sup>

Conforme Bynon (1977, p. 1), a Linguística Histórica busca investigar e descrever a maneira pela qual as línguas mudam ou mantêm sua estrutura durante o curso do tempo, sendo o seu domínio a língua em seu *aspecto diacrônico*<sup>27</sup>. A Linguística Histórica é a ciência que se preocupou inicialmente em explicar a variação e a mudança linguística por meio de pressupostos e de metodologias definidos. Apesar de seus estudos datarem desde o final do século XVIII, muitas respostas ainda não foram encontradas, pois faltam evidências de que o passado, relatado ou inferido, tenha realmente acontecido. Lidar com a História implica em lidar com interpretações, muitas vezes, não tão precisas.

O grande diferencial do objeto de estudo da Linguística Histórica (doravante LH) dos outros modelos de análise da mudança linguística é que a LH investiga a história das línguas, geralmente, por meio do registro escrito ou por reconstruções desses. Este meio de pesquisa perdeu muito de sua expressividade no início do século XX, com o advento do Estruturalismo e das Escolas que o seguiram: reduziu-se o destaque da escrita como fonte para o estudo de mudança nos estudos linguísticos, pois o recorte sincrônico de uma língua no estado atual passou a ser prioridade nos estudos.

---

<sup>26</sup> Tradução nossa de “[...] language change is most obvious on a large scale when we look at older texts of a particular language, and the further back we go in history, the more obvious the changes become.”

<sup>27</sup> Tradução nossa de “Historical linguistics seeks to investigate and describe the way in which languages change or maintain their structure during the course of time; its domain therefore is language in its diachronic aspect.”

O caráter rico e dinâmico da língua falada é reconhecido desde os neogramáticos. No entanto, o testemunho da escrita pode ser compreendido como de grande valor para compreender o caráter evolutivo de uma língua. A escrita configura-se como um meio de busca de evidências diretas de um passado que deve ser, muitas vezes, presumido. Além desta busca, pode-se encontrar a variação que originou uma mudança linguística concluída ou em desenvolvimento. O estudo linguístico por meio da escrita é objeto da Linguística Histórica (doravante LH).

A LH pode ser concebida, para Mattos e Silva (2010, p.12), em sentido *lato* e *stricto*. Para a autora, é relevante distinguir a LH da Filologia, a ciência dos textos e dos dados datados. A Linguística Histórica, embora faça uso da Filologia ao atestar a veracidade de seus *corpora*, é todo o estudo feito através de *corpora* datados e localizados. Além disso, segundo Mattos e Silva, deve-se diferenciar a Linguística Diacrônica da Linguística Histórica. Visualizemos a Figura a seguir, onde se ilustra essa diferenciação.

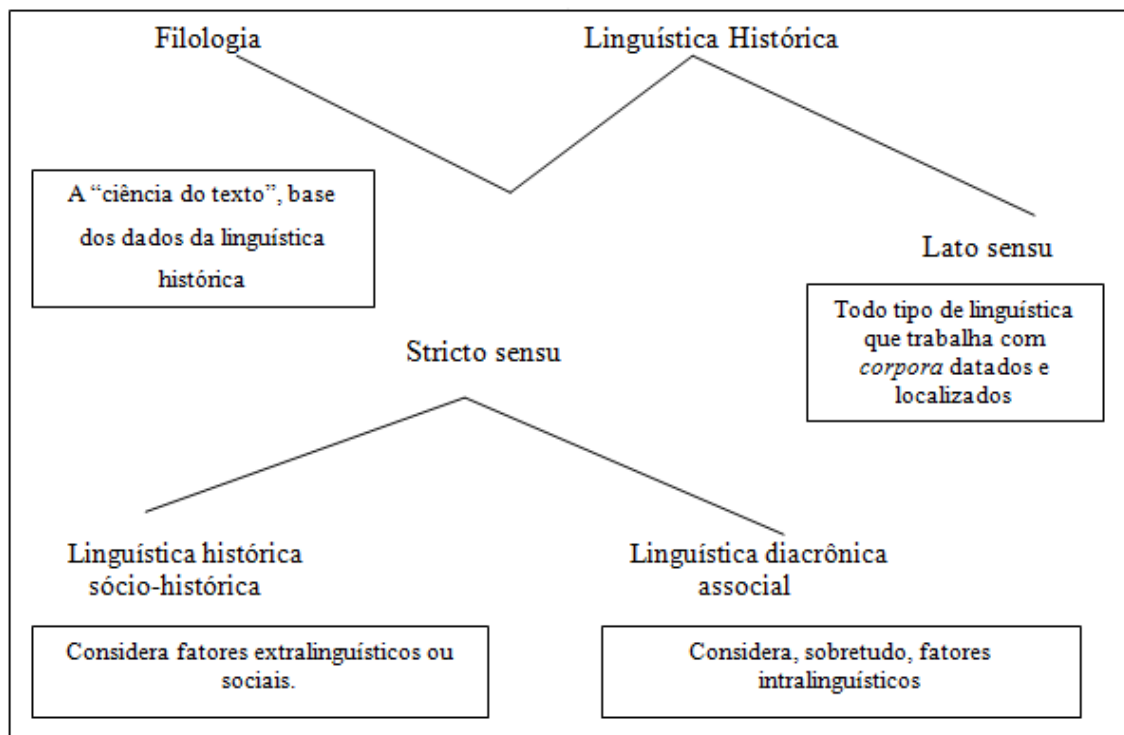


Figura 10 – Diferenças entre a Linguística Histórica e Diacrônica. Fonte: Mattos e Silva (2010, p.12)

Conforme o proposto por Mattos e Silva (2010, p.12), estudar mudanças sem considerar fatores extralinguísticos (sócio-históricos), ou seja, interessar-se somente pelos aspectos intralinguísticos é fazer linguística diacrônica, não histórica em seu sentido *stricto*.

Ao trabalharmos com o objetivo de descobrir ou desvelar a constituição histórica da língua portuguesa ao longo de seu tempo histórico, estamos fazendo linguística histórica e não diacrônica.

Esta pesquisa pretendia constituir-se, nos moldes de Mattos e Silva (2010) em um trabalho de linguística sócio-histórica o quanto possível. Entretanto, a construção de nosso *corpora* mostrou grandes empecilhos para esta tarefa. Fatores sociais considerados condicionadores da variação linguística apresentam dificuldade de serem observados em textos antigos. Ao tratarmos o texto como “um informante”, isto é, uma produção de discurso linguístico sujeito à variação, fatores como origem geográfica dos redatores e dados biográficos para delimitação de faixa etária, por exemplo, mostram-se incertos. Tentaremos explicitar as diferentes perspectivas de investigação sobre variação linguística que se propuseram em meados do século XX, ao longo deste capítulo.

Esta preocupação com fatores extralinguísticos ou sociais origina-se do pensamento sociolinguístico, que teve seu advento na década de 60 através dos trabalhos variacionistas de William Labov. Um estudo pioneiro deste pesquisador foi o exame do caráter variável da centralização dos ditongos /ay/ e /aw/ na fala dos habitantes da Ilha de Martha’s Vineyard.

Este estudo delimitou estatisticamente o comportamento linguístico de falantes, levando em consideração não somente os condicionadores intralinguísticos na produção dos ditongos mais ou menos centralizados, mas também condicionadores sociais como gênero, faixa etária, etnia do falante, dentre outros. Conforme Labov (2008)

não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo. (LABOV, 2008, p. 21)

Embora Labov ressalte maior importância ao tempo presente quando considera as pressões sociais operantes sobre a língua, o autor também realizou uma revisão histórica dos ditongos /ay/ e /aw/, como forma de contextualizar o objeto de estudo. Verificou que, no inglês dos séculos XVI e XVII, o primeiro elemento de /ay/ era uma vogal média central (LABOV, 2008, p.28).

Analisando os registros do LANE (*Linguistic Atlas of New England*) o ditongo /ay/ centralizado apareceu como “um sobrevivente vigoroso na fala dos informantes do Atlas”. A história de /aw/ já era diferente. Os registros apontavam centralização muito pequena nos

mapas e apenas alguma pista do paralelismo entre a centralização de /aw/ e /ay/. Estas evidências de que, já em terras vizinhas à Martha's Vineyard, o ditongo centralizado era registrado frequentemente, corroboram como um indício para que este fenômeno fosse corrente e também registrado frequentemente neste “presente vivo”.

Este estudo de Labov, inovando perspectivas de variação e mudança com análise de fatores sociais e linguísticos intervenientes ganhou destaque nos estudos a partir da metade do século XX, priorizando-se a língua falada vernacular. O passado na perspectiva da Sociolinguística Laboviana era “alcançado” pelo *Princípio Uniformitarista*, estudado pelo presente. Diacronia e sincronia estavam juntas na análise.

O *Uniformitarismo* é um conceito que foi emprestado à Linguística de ciências como a Geologia e a Biologia e utilizado por neogramáticos do século XIX.<sup>28</sup> Este princípio concebia as forças que atualmente causam mudanças na natureza como as mesmas que causavam modificações naturais em passados longínquos. Assim, sabendo-se hoje que o movimento de placas tectônicas explica a ocorrência terremotos, pressupõe-se que este movimento também causou o mesmo fenômeno há milhares de anos, por exemplo. Uma interpretação linguística do princípio uniformitarista é a de Whitney (1874), vista a seguir

A natureza, os usos da fala e as forças que sobre ela atuam e produzem suas mudanças não podem, senão, serem essencialmente as mesmas durante todos os períodos de sua história, em meio a todas as suas circunstâncias de mudança e fases variáveis; e não existe modo no qual seu passado desconhecido possa ser investigado, exceto por meio de um estudo cuidadoso de seu presente vivo e de seu passado registrado, além da extensão e da aplicação de remotas condições de leis e princípios deduzidas através deste estudo. (WHITNEY, 1874, p. 184)<sup>29</sup>

Lass (2000, p. 26) nos traz uma definição deste princípio ligada ao conceito de possibilidade ou não de acontecimentos, ao afirmar que o *Princípio da Uniformidade Geral* postula que “nada que, *em princípio*, é agora impossível o foi no passado”<sup>30</sup>. Porém, o mundo de tempos passados não é o mesmo de agora e, aplicar um princípio utilizado em ciências exatas (e.g. geologia) às ciências humanas como a linguística pode ser arriscado. Muitas vezes não podemos afirmar que um habitante de uma determinada região em uma determinada

<sup>28</sup> Para maiores esclarecimentos, ver Christy (1983)

<sup>29</sup> Tradução nossa: “*The nature and uses of speech, and the forces which act upon it and produce its changes, cannot but have been essentially the same during all the periods of its history, amid all its changing circumstances, in all its varying phases; and there is no way in which its unknown past can be investigated, except by the careful study of its living present and its recorded past, and the extension and application to remote conditions of laws and principles deduced by that study.*”

<sup>30</sup> Tradução nossa: “*General Uniformity Principle: Nothing that is now impossible in principle was ever the case in the past.*”

época era um falante de uma determinada língua, dialeto ou variante, isto é, há dificuldades de definir o usuário de língua ou a língua/dialeto *per se*. Assim, trabalha-se com probabilidades, através de um *Princípio de Probabilidades Uniformes*: “A distribuição geral de probabilidade em um dado domínio foi a mesma no passado como o é agora”<sup>31</sup> (Ibidem op. cit.). Além disso, a escolha de domínio geral da *Uniformidade* ou *Probabilidade* depende sempre da qualidade e detalhamento da informação obtida pelo pesquisador acerca do presente de língua.<sup>32</sup>

Este foco no tempo pretérito, priorizado pela Linguística Histórica (doravante LH), retornou ao centro das atenções dos estudos linguísticos através da *Sociolinguística Histórica*. Romaine (1982) acredita que a sociolinguística laboviana deva ser uma disciplina mais integrativa metodologicamente com outras áreas do conhecimento linguístico, como a LH. Conforme a autora, “sociolinguistas não tem monopólio no estudo de variação.” (ROMAINE, 1982, p.9)<sup>33</sup>.

Até então, segundo a autora, a sociolinguística tinha se concentrado em análises com dado de fala variável sincrônico, assim como nenhum estudo de linguística histórica tinha exigido uma base sociolinguística. A pesquisadora crê que o estudo de variáveis de escrita do passado pode atestar fatos ainda não observados na história de uma língua. Assim sendo, a proposta de Romaine é estender a Teoria da Variação para um problema escolhido pela autora para análise em sintaxe histórica e verificar a habilidade de sociolinguistas para lidar com dados históricos. Ao relacionar os conceitos e objetos de análise da linguística, da sociolinguística e da linguística histórica, Romaine (1982, p.7) afirma que, no modo de descrição sociolinguístico, a concepção de gramática de uma comunidade de fala (norma mais ou menos homogênea) deve ser transcendida para um conceito organização em termos de *estilos* nesta comunidade, entendendo-se “estilo” como um caminho de fazer algo.

Uma comunidade de fala seria caracterizada tanto por traços referenciais como estilísticos considerados em relação à estrutura por um lado e ao uso, por outro.<sup>34</sup> Além disso, é necessário para análise sociolinguística uma base ampla, descritiva e funcional dentro do que o uso da estrutura linguística pode ser investigado, pois “uma teoria sociolinguística

---

<sup>31</sup> Tradução nossa: “*Principle of Uniform Probabilities: The general distribution of likelihood in a given domain was always the same in the past as it is now.*”

<sup>32</sup> “*Such decisions depend on the quality and detail of our information about the present.*” (LASS, 2000, p. 27)

<sup>33</sup> Tradução nossa: “*Sociolinguists have no monopoly on the study of variation.*”

<sup>34</sup> Tradução nossa: “*A speech community would be characterized by both referential and stylistic features which must be considered with respect to structure on the one hand and use on the other.*”

pressupõe uma teoria linguística”.<sup>35</sup> Para ser verdadeiramente integrativa, a análise deve considerar tanto a *estrutura* quanto o *uso*, dependendo do “reconhecimento da diferença entre igualdade representacional e escolha sociolinguística.” (ROMAINE, 1982, p.11 e 12).

Lidar com dado histórico é, impreterivelmente, lidar com dados de escrita. Assim, além de considerações históricas do uso linguístico, integrar *Sociolinguística e Linguística Histórica* envolve a análise da relação existente entre escrita e fala acerca da representatividade do uso linguístico. Para Romaine, a fala e a escrita são tipos de comportamentos linguísticos, cujas realizações podem ser concebidas em diferentes canais ou *mídias (media)*.

Assume-se a dicotomia *língua e meio (medium)*, ao invés dos contrastes de dicotomias como *forma e substância* ou *língua/fala e escrita*. Entende-se que um *meio* pode ter potencial de autonomia plena como um veículo da língua. Como consequência, a função da escrita não é meramente registrar a língua falada, tendo a escrita também uma existência independente.<sup>36</sup> Além disso, contextos de escrita exibem características de padrão de variação, como, por exemplo, há símbolos ortográficos os quais são condicionados pelo contexto do mesmo modo que a língua falada dispõe de variação alofônica. Assim, a variação constitui-se em uma variável *per se* e uma língua pode exibir diferentes graus de variação em seu ciclo de vida, independentemente do *meio* pelo qual se manifesta.<sup>37</sup> (ROMAINE, 1982, p.16)

A manifestação linguística pelo *meio* escrito é percebida através de registros gráficos. Segundo Schneider (2002), o registro escrito constitui uma espécie de *filtro* ou *camada* que deve ser removida para que se reconstrua um evento de fala supostamente ouvido através da escrita. O autor (2002, p.72-73), sugere cinco categorias abrangentes de relação existente entre um evento de fala e seu registro escrito: de eventos de fala escrito *in loco (Registrados)*; de um evento de fala escrito algum tempo depois da pronúncia *per se*, supostamente de

---

<sup>35</sup> Tradução nossa: “A sociolinguistic theory, however, presupposes a linguistic theory, if it is to be truly integrative, it must relate both structure and use.”

<sup>36</sup> “Obviously this has great implications for linguistic theory as a whole; once we accept that the basic dichotomy exists between language and medium (and not between language and writing, or speech and writing), it can no longer be argued that all forms of the written language (or even sign language, for that matter) are outside the field of linguistics. The function of writing then is not merely to record the spoken language; writing has an independent existence” (ROMAINE, 1982, p.14)

<sup>37</sup> Adaptado de: “For example, the written hand shows regular variation in orthographic symbols which is conditioned by context in the same way that the spoken language displays allophonic variation. Characteristic organization of the written language into special schemata such as end-rhyming lines indicates that poetry rather than prose is intended. Language, in other words, qua language, exhibits the patterned organization that is a crucial property of language in whatever medium it is manifested.”



anotações e/ou memória (*Recordados*); em modo de discurso aproximado do evento de fala, ou seja, pronúncias concebidas por um autor que, por falta de presença do interlocutor, precisam ser anotadas ao invés de faladas (*Imaginados*); amostras de pronúncias típicas de outrem citadas repetidamente, às quais o redator refere como pronúncias características da fala (*Observado*) e registros de fala imaginada e hipotética, normalmente interpretada como pronunciada por outros que não o escritor, mas sim através de modelos da vida real com os quais o escritor estava familiarizado (*Inventado*).

Percebe-se que a reconstrução da fala através da escrita envolve diferentes tipos de texto e de escrita, nos quais se levam em consideração fatores importantes como a distância temporal entre a fala e o registro escrito, além da definição da identidade do escritor (se este é o próprio falante do discurso escrito ou se reproduziu a fala graficamente a fala de outrem). O uso linguístico da fala permeia diferentes tipos de registros escritos os quais podem representar estados de língua de tempos específicos e demonstrar fenômenos linguísticos que ocorreram em determinadas épocas.

O estudo de sintaxe histórica proposto por Romaine (1982), por exemplo, examinou a relativização do Inglês Escocês Médio (Middle Scots). Investigou-se especificamente a variação existente entre WH (quhilk-whick), TH (that) e a omissão do pronome relativo, algo já descrito como típico de textos do século XVI. Foi realizada uma revisão histórica das orações relativas (restritivas e não-restritivas), trazendo ocorrências do inglês antigo e do inglês médio, demonstrando a evolução dos pronomes demonstrativos para relativos e a relativização propriamente dita semelhante ao que se conhece no inglês moderno. (ROMAINE, 1981, p. 69)<sup>38</sup>

Como *corpora*, a autora utilizou tipos de textos diferentes escritos durante o reinado de James V. Foram delimitadas amostras de acordo com a cronologia e a geografia desses registros escritos, construindo-se variantes extralinguísticas de acordo com diferentes gêneros textuais, conforme visto no quadro a seguir

---

<sup>38</sup> Tradução nossa: “Returning now to specific developments in the English relative system, we observe that the use of the three available relatives, *who*, *which*, *that*, did not parallel in all respects that of present-day English until the end of the early modern English period (ca. the end of the seventeenth century).”

Amostra dos Middle Scots		
Prosa	Legais e Oficiais	<i>Acts of the Lords of Council in Public Affairs</i> <i>Sheriff Court Book of Fife</i> <i>Burgh Records</i> (Edinburgh)
	Literária (narrativos)	Bellenden's <i>Boece</i>
	Epistolar	<i>The Scottish Correspondence of Mary of Lorraine</i>
Verso	Cortês ou sério	<i>Ane Satyre of the Thrie</i>
	Moralista ou religioso	<i>Estatitis</i>
	Cômico	<i>The Bannatyne Manuscript</i>

Quadro 9 – Amostra de textos representativos do escocês médio. Fonte: adaptado de Romaine (1982)

Os textos variavam, em relação ao gênero, entre “prosa legal” e “verso”. Os estilos contextuais na ocorrência dos pronomes relativos foram isolados, verificando-se a animacidade do contexto antecedente ao relativo, o efeito dos diferentes tipos de antecedentes e o efeito da posição sintática, construindo-se variantes intralinguísticas. Para Romaine (1982),

certos tipos de textos diferenciados estilisticamente no inglês e estilos diferentes da língua falada moderna revelariam essencialmente os mesmos fatos sobre o uso atual dos relativos assim como o uso do passado em questão (século dezesseis); a saber, que formas WH ocorrem com mais frequência em estilos mais formais, independentemente de escritos ou falados; e que *that* e apagamento ocorrem nos estilos menos formais de escrita e fala. (ROMAINE, 1982, P.71)<sup>39</sup>

Em relação ao estilo, foram delimitadas, nos *corpora*, diferenças entre o discurso citado e a narrativa. Para a autora, a delimitação de cada *corpus* seguiu um critério de

<sup>39</sup> Tradução nossa: “I submit that a survey of certain types of stylistically differentiated texts in modern English and different styles of modern spoken language would reveal essentially the same facts about the use of the relatives today as it would have done in the period in question (i.e. early sixteenth century); namely, that WH forms occur more frequently in more formal styles, whether written or spoken, and that *that* and 0 occur in the least formal styles of speaking and writing”. (ROMAINE, 1982, p. 71)

quantificação em relação aos tipos de orações relativas que cada um destes possuía. Assim, delimitaram-se as variantes intralinguísticas conforme os seguintes fatores:

1. Tipo de oração: restritiva ou não-restritiva;
2. Traços ou características do antecedente/cabeça e
3. Posição sintática/ função gramatical do relativo em S2.

Em relação aos resultados, Romaine (1982, p. 193 -194) percebeu que se confirma a hipótese de que restrições linguísticas não parecem interagir com as extralinguísticas, interpretação esta indicada pelo fato que os coeficientes de probabilidade ligados às características linguísticas não necessariamente se modificam quanto se adicionam as extralinguísticas. Além disso, a incorporação de fatores extralinguísticos à análise enfatiza o fato de que restrições linguísticas permanecem as mesmas para ambas as regras: o que muda é a probabilidade de *input* de um texto a outro (ou, supondo a comunidade de fala, de um grupo social a outro). Neste caso, todos os textos exceto *Boece* promovem mais as regras de uso de *that*, embora textos oficiais promovam menos a aplicação da regra que os textos em verso (*Ane Satyre and The Bannatyne Manuscript*) e *The Scottish Correspondence*. A análise apoia, então a evidência de que o estilo textual é um fator importante na análise de frequência do uso de determinados relativos.<sup>40</sup>

O exame da língua pelo passado, algo característico da Linguística Histórica, retorna com a Sociolinguística Histórica de Romaine e de outros estudiosos. Para Mattos e Silva (1999, p.162), deveu-se a Tarallo (1983) a concepção da Sociolinguística sob uma perspectiva diacrônica no português brasileiro. Além de Romaine (1982), este outro estudo de sintaxe histórica também realiza uma análise dos pronomes relativos em orações. Os fenômenos *relativização* e *pronominalização* foram analisados sincronicamente (através de documentários, entrevistas, discussões e novelas) e diacronicamente através de cartas e textos.<sup>41</sup>

---

<sup>40</sup> Tradução nossa: “*The incorporation of extralinguistic factors into the analysis serves to emphasize the fact that the linguistic constraints remain largely the same for both rules. What changes is the input probability from one text to another (or in the speech community, from one social group to another). In this case all the texts except Boece promote the rules of that creation to a great extent, although official texts promote the application of the rule to a lesser extent than the verse texts (Ane Satyre and The Bannatyne Manuscript) and The Scottish Correspondence. The multivariate analysis again supports the evidence from the frequency analysis of Chapter 6, that style is an important factor in the usage of the relatives; it affects both the rules of that creation and deletion.*”

<sup>41</sup> Para outras análises relacionadas à sintaxe histórica/diacrônica, ver Roberts e Kato (1996).

Baseado em dados diacrônicos, Tarallo (1983) utilizou-se de *corpora* composto por cartas e textos do século XVIII, cobrindo um período de 200 anos, divididos em 4 intervalos de 50 anos. Ao analisar os dados sincrônicos com as ocorrências pronominais nos dados diacrônicos, Tarallo demonstra que os processos anafóricos que ocorrem em orações principais sugerem predições sobre qual estratégia específica de relativização o falante utiliza em determinados contextos. Além disso, demonstra que alguns pronomes continuaram a ser utilizados de forma semelhante no português brasileiro, enquanto outros modificaram o seu uso, ou seja, o seu lugar na oração.

Sob a luz da teoria variacionista e do gerativismo, foram demonstradas duas estratégias de relativização: a do pronome relativo e a do pronome resumptivo. Traz a ocorrência de “relativas cortadoras” para objeto direto como estratégia inovadora no PB. Uma característica marcante deste trabalho é que o autor se utiliza do presente para explicar o passado histórico e também deste passado para explicar o presente, realizando uma união de sincronia e diacronia. Afirma que

a análise diacrônica também tomou o caminho, necessariamente, do trabalho quantitativo, já que a transição de um estado [de língua] a outro não é tão clara e os fatores condicionantes para a atuação de uma regra sintática podem ser efetivos no passado assim como no presente. (TARALLO, 1983, p.66)<sup>42</sup>

Estudos como os de Tarallo, Mattos e Silva, dentre outros, deram origem, no Brasil, a grupos de pesquisadores que se dedicam aos estudos linguísticos históricos concentrados em projetos como o coletivo nacional PHPB<sup>43</sup> (Projeto Para a História do Português Brasileiro), criado por Ataliba Teixeira de Castilho em 1997 e programas como o “Programa Para a História da Língua Portuguesa” (Prohpor), da Universidade Federal da Bahia.

O PHPB aborda três campos de atividades: estudos sobre mudança gramatical, estudos sobre história social linguística e organização de *corpora*. Em 2010, mantendo as três bases iniciais, adicionaram-se os seguintes grupos de trabalhos: fonologia diacrônica, lexicologia e diacronia dos gêneros textuais. O Projeto já apresentou o material desenvolvido em seus seminários em oito volumes (HORA E SILVA, 2010).

---

<sup>42</sup> Tradução nossa: “*The diachronic analysis also necessarily took the path of quantitative work, since the transition from one state to another is not so clear-cut and conditioning factors to the actuation of one syntactic rule may be effective in the past as well as in the present.*” (TARALLO, 1983, p. 66)

<sup>43</sup> Disponível em <https://sites.google.com/site/corporaphpb/>

Na área da fonologia, já foram examinados, através dos *corpora* do PHPB, os seguintes fenômenos: metátese (HORA et al, 2007; HORA, TELLES, 2010); hipossegmentação (BATTISTI, 2010); sequências mediais de obstruintes (MONARETTO, 2015) e vogais pretônicas (MAGALHÃES, 2013; TELLES, 2014). Há outros trabalhos em curso, examinando-se fenômenos que envolvem, por exemplo, consoantes em coda e ditongação, demonstrando-se que é possível realizar pesquisa histórica da língua portuguesa brasileira através de *corpora* escritos legitimamente datados de um tempo passado. Acreditamos que textos escritos representem um estado de língua do passado e que muitos dos aspectos linguísticos envolvidos na elevação das vogais médias pretônicas do português por nós conhecidos hoje já se manifestavam na língua em tempos passados.

A seguir, trataremos da metodologia para o trabalho linguístico ao utilizar textos escritos antigos: os critérios que envolvem a seleção de fontes primárias e os problemas envolvidos na constituição dos *corpora* para este tipo de pesquisa. Posteriormente a esta seção, demonstraremos como estes critérios podem ser aplicados à amostra selecionada de textos produzidos no Rio Grande do Sul oitocentista.

### 3.2 METODOLOGIA PARA ANÁLISE DE TEXTOS ESCRITOS

Diretamente, grande parte dos registros escritos neste contexto representam um ato de fala: sendo um ato genuíno, histórico que ocorreu em um tempo e um lugar específicos, registrado, porém indiretamente, na escrita; ou talvez um ato ficcional, mas necessariamente característico, representando formas de fala que um membro típico de uma dada comunidade de fala pode ter pronunciado com certo grau de probabilidade, representatividade da comunicação diária nesta comunidade.<sup>44</sup> (SCHNEIDER, 2002, p. 67)

Conforme Schneider (2002), reconstruir um ato de fala através do registro escrito é uma tarefa simples, porém com critérios complexos acerca do *grau de probabilidade* da *representatividade* da escrita como ato de fala. Para tal, seguir uma metodologia para pesquisa em *corpora* de registros escritos antigos implica, conseqüentemente, na composição desta em caráter bastante específico quanto à natureza dos textos que formam o *corpus*, além do

---

<sup>44</sup> Tradução nossa: “*More directly, most written records of interest in this context represent a speech act: either a genuine, historical one that took place at a specific time and place, recorded but indirectly in writing, or a perhaps fictional but necessarily characteristic one, rendering speech forms that a typical member of a given speech community might have uttered with some degree of likelihood, representative of the everyday communication in this community.*” (SCHNEIDER, 2002, p. 67)

fenômeno linguístico o qual se pretende analisar. Assim, podemos falar mais em uma “composição” de metodologia do que seguir métodos propriamente ditos, devido à natureza específica de textos antigos para composição de *corpora*. Generalizar uma metodologia para análise em jornais ou cartas antigas pode não ser apropriado, uma vez que esses textos podem apresentar variações em sua constituição acerca do gênero textual - dependendo da época na qual foi produzido e de como seu redator fez uso deste gênero, por exemplo.

Para Romaine (1982, p. 122 e 123) a união entre métodos de análise da Sociolinguística e da Linguística Histórica possibilita estudar o passado linguístico através de sincronias linguísticas recentes. A reconstrução sociolinguística deve seguir o *princípio uniformitarista*<sup>45</sup>, no qual aceita-se que forças linguísticas que operam hoje e são observáveis em nosso entorno não são diferentes das que operavam em tempos passados, assumindo que a variação linguística observada em tempos recentes pode ser observada no passado.<sup>46</sup> Conseqüentemente, acredita-se na possibilidade de que fenômenos fonológicos específicos que ocorrem em tempos atuais possam ser atestados em estados distantes de língua, através da escrita por meio da seleção apropriada de tipos textuais.

A autora, em seu estudo de sintaxe histórica, selecionou seus textos primordialmente por gênero textual (prosa legal, prosa não-legal e texto em verso), o que é abordado como essencial conforme Lass (2000), Schneider (2002) e Montgomery (2007). Porém, além de gêneros e tipos textuais, a autora realiza uma estratificação desses textos em relação ao fenômeno linguístico por ela abordado: a ocorrência dos relativos *which*, *that* ou o apagamento destes pronomes – este último conhecido como fenômeno frequente em sincronias recentes da língua inglesa. Desta forma, separa textos nos quais ocorrem *which* de textos que ocorrem *that*, e assim por diante.

Apesar de uma composição de metodologia ser necessária de acordo com a especificidade dos textos e dos fenômenos linguísticos investigados, certos critérios gerais

---

<sup>45</sup> Para Nevalainen e Raumolin-Brunberg (2012, p. 24) a *Sociolinguística Histórica* deriva sua razão de ser do *Princípio Uniformitarista*.

<sup>46</sup> Tradução nossa: “*The working principle of sociolinguistic reconstruction must be the 'uniformitarian principle'. In other words, we accept that the linguistic forces which operate today and are observable around us are not unlike those which have operated in the past. Sociolinguistically speaking, this means that there is no reason for claiming that language did not vary in the same patterned ways in the past as it has been observed to do today*”

devem ser seguidos para uma análise de registro escrito como fonte de estudo de variação linguística. Exporemos estes critérios a seguir, segundo Lass (2000), Schneider (2002) e Montgomery (2007).

### **3.2.1 Critérios para Seleção de Textos Primários e Fontes para Interpretação Gráfica**

Todo o texto pode ser considerado uma manifestação linguística. Este aspecto da escrita, embora verdadeiro, não a exime de refletir mais ou menos um uso linguístico vernacular. Sabe-se que a escrita – assim como a fala – é de utilização linguística variável. Esta variação pode estar ligada ao escritor/falante, ao gênero textual, dentre outros fatores., conforme apontam os estudiosos de variação e mudança linguística com dados do passado. Assim, no caso de uma pesquisa histórica de língua, selecionar certos textos escritos como *corpus* para pesquisa de identificação de aspectos da fala no discurso escrito torna-se uma tarefa criteriosa e, além disso, minuciosa em relação ao tipo de texto que se tem em mãos.

Inicia-se a seleção, primeiramente, partindo do que há disponível de registros escritos representativos linguisticamente de um recorte de tempo específico. Dados escritos figuram como os únicos disponíveis quando se deseja analisar um estado de língua do qual, de um passado distante, não se tem registros acústicos.

Fontes escritas possibilitam a formação de *corpora* para análise textual na busca de reflexos da oralidade, como por exemplo certos fenômenos fonológicos. Porém, sabe-se que o texto escrito não representa a totalidade da fala. Assim, pensa-se no texto escrito como uma “camada” a ser removida, de forma que o evento de fala possa ser, de certa forma, percebido.

Para Schneider (2002, p.68) o texto escrito constitui-se em uma espécie de *filtro*, pois representa o ato de fala supostamente ouvido. Assim, o pesquisador deve tentar reconstruir o que é mais precisamente previsível para a representação de fala através da escrita. Conforme as palavras do autor:

Princípio de Remoção do Filtro: um registro escrito de um evento de fala coloca-se como um filtro entre as palavras faladas e o analista. Como o linguista está interessado no evento de fala ‘per se’ (e, primordialmente, nos princípios de variação e mudança de língua por detrás dele), uma tarefa primária será ‘remover o filtro’ tanto quanto possível, isto é, acessar a natureza do processo de registro de todas as maneiras possíveis e relevantes; e avaliar e levar em conta seu impacto provável na relação entre evento de

fala e registro para reconstruir o próprio evento de fala, de forma tão precisa quanto possível. (SCHNEIDER, 2002, p.68)<sup>47</sup>

Considerar a língua escrita um “filtro a ser removido” deve-se a diversos fatores. A concentração geral dos estudos de variação em dados de língua falada, por exemplo, demonstra que, na realização de estudos históricos sobre as línguas, este tipo de dado nem sempre está disponível. Além disso, existe uma limitação do registro escrito: em termos de gêneros de texto e de amostras de falantes/escritores disponíveis, o pesquisador é forçado a trabalhar com o que se tem – normalmente *corpora* não uniformes quantitativamente e, muitas vezes, em estado avançado de deterioração devido à ação do tempo. Por fim, o texto figura como *filtro*, já que a violação da “pretensa” linearidade entre escrita e fala atesta que a escrita nem sempre é uma representação fiel da fala, isto é, a língua usada através da escrito pode ser muito distante da forma vernacular.

Assim, “remover” o filtro é, além de uma leitura minuciosa, consituir *corpora* escritos para análises variacionistas privilegiando textos que se aproximem mais do vernáculo. Para Schneider (2002, p.71), os seguintes textos podem ser do tipo mais próximos da oralidade:

1. De preferência, textos que estejam próximos da fala, ou seja, sejam *representativos*. Acaba-se, geralmente, excluindo-se textos considerados mais formais além de textos literários;
2. Escritos provenientes de vários grupos sociais diferentes (classes sociais, idade e gênero);
3. Registros que realmente apresentem variação do fenômeno estudado, sendo necessária a diferenciação entre *variantes linguísticas* e *erros esporádicos*, ou, como refere-se Lass (2000, p.62), entre *variação puramente gráfica* e *grafias significativamente fonológicas*,

---

<sup>47</sup> Tradução nossa: “**Principle of Filter Removal:** *a written Record of a speech event stands like a filter between the words as spoken and the analyst. As the linguist is interested in the speech event itself (and, ultimately, the principles of language variation and change behind it), a primary task will be to ‘remove the filter’ as far as possible, i.e., to assess the nature of the recording process in all possible and relevant ways and to evaluate and take into account its likely impact on the relationship between the speech event and the record, to reconstruct the speech event itself, as accurately as possible.*”



ou, como refere-se Montgomery (2007, p. 116), entre *variação significativa* e *variação não-significativa* através da interpretação de grafias ocasionais (*occasional spellings*);<sup>48</sup>

4. Os textos não devem ser breves demais a ponto de não apresentarem um número de palavras suficiente para permitir uma análise geral estatística.

Ainda após estes cuidados na seleção de textos, o autor afirma quais categorias textuais estão mais à serviço do pesquisador na delimitação do *corpus*, definindo-as de acordo com sua natureza de registro. Para tal, Schneider concorda com Lass (2000) ao considerar essencial a busca por *evidências descritivas diretas* na delimitação de *corpus* escrito para estudos linguísticos, já que estas auxiliam o pesquisador na reconstrução da fala por meio da grafia. Schneider (2002, p.72-73), sugere cinco categorias abrangentes de relação existente entre um evento de fala e seu registro escrito:

1. *Registrado*: Registro direto de um evento de fala específico, escrito *in loco* ou transcrito posteriormente de registro mecânico (no caso de registros de julgamentos e entrevistas)

2. *Recordado*: Um registro de um evento de fala específico, embora escrito algum tempo depois da pronúncia *per se*, supostamente de anotações e/ou memória. O escritor pretende tomar nota do que foi dito literalmente de forma fiel, mas a compensação deve ser feita em relação a alguns fatores como lapsos de memória ou limitações de compreensão. Por exemplo: registros de ex-escravos ou de viajantes.

3. *Imaginado*: O potencial de registro do escritor, pronúncias concebidas por este que, por falta de presença do interlocutor, precisam ser anotadas ao invés de faladas; porém este permanece em modo de discurso aproximado. Embora o limite da escrita genuína fique certamente confuso nesta categoria, esta situação caracteriza escritores com limitada proficiência e prática de escrita que, simplesmente, precisam colocar seus pensamentos no papel por algum motivo. Assim, cartas de escritores semiletrados pertencem à esta categoria, assim como questionários.

4. *Observado*: Um escritor cita, repetidamente, amostras de pronúncias típicas de outrem, às quais ele refere como pronúncias características da fala. São declarações motivadas de forma prescritiva. É semelhante à categoria “Recordado”, porém o ato de fala registrado aqui não é singular, mas típico, caracterizando um estágio mais indireto como registro de fala,

---

<sup>48</sup> O detalhamento destas categorias de tipos de registros gráficos e sua relação interpretativa serão explicitados e ilustrados na seção seguinte desta Tese.

filtrado pela percepção e também avaliação do autor.

5. *Inventado*: É a fala imaginada e hipotética, normalmente interpretada como pronunciada por outros que não o escritor, mas sim através de modelos da vida real com os quais o escritor está familiarizado; não há associação com um evento de fala da vida real, mas a pronúncia fictícia que se dá como característica do falante fictício.

O autor expõe esta classificação resumida no quadro a seguir, no qual se veem, além de textos exemplares de cada categoria, a exposição de outros fatores discutidos por ele, como a realidade do evento de fala (sendo esta real ou hipotética), se é o falante mesmo que escreve o texto, além da distância temporal existente entre a fala e o registro escrito (sendo imediata ou tardia).

<b>Categoria</b>	<b>Realidade do evento de fala</b>	<b>Identidade falante-escritor</b>	<b>Distância temporal entre fala e registro</b>	<b>Tipos de textos característicos</b>
<i>Registrado</i>	Real, único	diferente	imediate	Transcrições de entrevistas, registros de julgamentos
<i>Recordado</i>	Real, único	diferente	tardia	Narrativas de ex-escravos
<i>Imaginado</i>	Hipotético, único	idêntica	imediate	Cartas, diários
<i>Observado</i>	Normalmente real, único	diferente	tardia	comentários
<i>Inventado</i>	Hipotético, não especificado	-	Não especificado	Dialeto literário

Quadro 10 – Categorização de tipos textuais em relação à proximidade com o ato de fala. Fonte:

Tabela 3.1 (SCHNEIDER, 2002, p. 73)

Percebe-se, nesta classificação, que somente a categoria *Inventado* é de realidade hipotética do evento de fala, sendo todas as demais categorias representativas, em certo grau, representações de fala que se aproximam do real. O autor também supõe uma distância de

tempo entre o ato de fala e seu registro, demonstrando que esta é *imediate* nos textos *Registrados e Imaginados*, e *tardia* nos *Recordados e Observados*.

Embora saiba-se que fala e escrita fazem parte de um *continuum* linguístico, sendo canais diferentes para a manifestação de uma mesma entidade - a língua - vê-se que, em todas as categorias com exceção do texto *Imaginado*, a identidade entre falante e escritor difere. Assim, os tipos cartas, diários, transcrições, comentários e narrativas parecem figurar como menos distantes do vernáculo de uma época do que os textos literários, que constituem um registro *Inventado*, ou seja, criado ou *hipotético* da língua vernácula.

Além de Schneider (2002), Montgomery (2007) também expõe critérios primordiais na seleção dos vários tipos textuais para a reconstrução de um passado linguístico escrito. Segundo o autor (2007, p.111), textos escritos incluem literatura (romances, poesia, peças teatrais), documentos legais, sermões, livros didáticos, memorandos, anúncios de jornal, livros de receitas; além dos comentários das observações de viajantes e especialistas da língua (gramáticos, ortoepistas, lexicógrafos, reformadores de ortografia, etc.)<sup>49</sup>

Montgomery (2007, p. 112-113) critica as categorias textuais de Schneider (2002, p. 73) ao afirmar que estas realmente ajudam o pesquisador a medir um conjunto de registros escritos quando relaciona-se este com a fala, porém as categorias propostas por Schneider podem enganar aqueles que as interpretam como detentoras de graus de validade na revelação de padrões de fala. O autor atenta para a terceira categoria proposta por Schneider, os textos *Imaginados*, exemplificados pelas cartas e diários. Esta é a única categoria colocada pelo autor como “hipotética e não representativa” de pronúncias reais de fala. Entretanto, Montgomery afirma que esta categoria apresenta muitas vantagens sobre as outras quando se pensa em escritos (datados e autênticos) redigidos em primeira pessoa por escritores semiletrados, por exemplo. Estes escritos, segundo o autor, muito nos revelam acerca do comportamento linguístico das massas.<sup>50</sup>

---

<sup>49</sup> Tradução nossa: “*A wide range of written and spoken texts form the arsenal of text-types for reconstructing the linguistic past and often for inferring the linguistic past from the linguistic present. Written ones include literature (novels, poetry, plays), legal documents, sermons, textbooks, memoranda, newspaper advertisements, cookbooks, etc., and the commentary and observations of contemporary travelers and language specialists (grammarians, orthoepists, lexicographers, spelling reformers, etc.)*”

<sup>50</sup> Tradução nossa: “*Schneider’s categories help researchers gauge how speech-based a range of written records are, but they can mislead those who interpret them as having graduated degrees of validity for revealing speech patterns. Sitting a bit awkwardly amid the others is Schneider’s third category, the only one not representing actual speech utterances. It has many advantages over the others, in including first-person, authentic records*

Toda escrita é, em parte, testemunho de fala. Para Montgomery (2007, p. 114), o texto escrito consiste em formas ortográficas que estão sujeitas à interpretação linguística, pois até a codificação de um “padrão” formal escrito, toda escrita aproximava-se mais da fala do que após esta codificação.<sup>51</sup>

Embora não possamos prever quais traços de fala estarão expressos na escrita de uma pessoa, é possível inferir que o que ocorre na escrita reflete a fala e; senão de maneira mais simples e direta, analisar as ocorrências acerca de sua regularidade e aproximação com evidências de outras fontes, tais como comentários linguísticos contemporâneos e registros linguísticos anteriores e posteriores. (MONTGOMERY, 2007, p. 116)

Montgomery afirma a existência de “dimensões” na constituição de *corpora* linguísticos para a pesquisa de língua vernácula na escrita, conforme expomos a seguir:

1. *Dimensão textual*: nesta dimensão, o pesquisador deve perguntar-se qual tipo textual, de registro e de estilo estão expressos no texto a ser analisado. Ressalta que documentos escritos diferem amplamente em suas circunstâncias de produção e em suas relações com a língua falada.<sup>52</sup> Textos que pretendem representar a fala (e.g. diálogos ficcionais e peças) são produzidos para consumo de massa e frequentemente exageram a variação linguística e os estereótipos, o que torna incerta sua relação com modelos da vida real. Acessam-se estes textos através de documentos literários, com representações de fala bastante atraentes à construção de *corpora* pelos pesquisadores, mesmo excluindo os documentos manuscritos de semiletrados que mostram-se mais valiosos a este tipo de pesquisa. Documentos literários *per se* podem e frequentemente atestam características não padrão ou variedades de um dado lugar ou período de tempo.<sup>53</sup>

2. *Dimensão temporal*: o pesquisador deve preocupar-se com a definição de tempo do

---

*from known and datable, but less-experienced individuals whose writing, in contexts of widespread illiteracy, reveals much about the linguistic masses.”*

<sup>51</sup> Tradução nossa: “*Written texts consist of orthographic forms that can be subjected to linguistic interpretation. Until codification into a formal written “standard” [...] all writing more closely approximates speech than thereafter.*”

<sup>52</sup> Tradução nossa: “*Written documents differ widely in their circumstances of production and their relationship to spoken language.*” (MONTGOMERY, 2007, p. 121)

<sup>53</sup> Tradução nossa: “*True, literary documents alone can and often do attest non-standard features or varieties of a given place or time period.*” (MONTGOMERY, 2007, p. 121)

estado de língua, i.e., quando o texto foi produzido e qual período da língua este representa. Muitos textos existiam oralmente em tempos muito anteriores ao seus registros escritos. Textos literários/impressos apresentam data de publicação, o que pode ter ocorrido anos depois do autor ter observado o retrato de fala. Assim, privilegiar manuscritos como, por exemplo, cartas (públicas ou particulares) traz a vantagem de se terem datas e locais de origem específicos. Além disso, cartas possibilitam definições como idade e tempo exato de aquisição de linguagem pelo autor que, quando conhecidas, presumem tempo aparente e viabilizam a observação de mudança em progresso em cartas de famílias de alto escalão.<sup>54</sup>

3. *Dimensão social*: envolve a definição social dos autores dos textos analisados, i.e., quem produziu os textos e que linguagem o texto representa. O autor ressalta que textos impressos normalmente envolvem mais de uma “mão”<sup>55</sup>, com a identidade e o perfil social do intermediário (secretário, editor, impressor, etc.) permanecendo desconhecida.<sup>56</sup> Assim, ressalta a vantagem das cartas manuscritas para a pesquisa linguística, embora se faça essencial a definição exata do perfil social e histórico de seus redatores. Para tal, é essencial que a evidência de autoria esteja ordenada e determinada para cada conjunto de documentos, frequentemente para cada documento de forma individual. Isto demanda a consulta paciente a arquivistas e historiadores sociais, pois estes seguem protocolos de avaliação de autorias de manuscritos e demonstram seus julgamentos em publicações destes documentos.<sup>57</sup>

4. *Dimensão espacial*: definir a origem espacial do texto, ou seja, de onde o texto se origina, se é localizável, além da nacionalidade ou origem regional de seu redator. Conforme o autor, nesta dimensão, cartas tanto do gentio quanto de classes mais altas mostram vantagem devido a esses grupos estarem mais prováveis à preservação de registros. Aponta

---

<sup>54</sup> Tradução nossa: “*For letters, that the age and thus the exact time of an author’s acquisition of language are sometimes known raises the possibility, assuming apparent time, of observing change in progress in the letters of extended higher echelon families [...].*”

<sup>55</sup> O termo “mão” é utilizado como sinônimo de “redator” ou “escritor” por diversos autores (ROMAINE, 1982; MARQUILHAS, 1991, 2000; MATTOS E SILVA, XXXX;) em termos como “mãos inábeis” ou “escrito por uma ou mais mãos”, dentre outros. Segundo o Glossário de Crítica Textual publicado pela FCSH da Universidade Nova de Lisboa, “mão” é definido como “copista individualizado” e engloba todas as características de desenho de letra que distinguem um copista de outro. (Disponível em: <http://www2.fcsh.unl.pt/invest/glossario/glossario.htm>, acesso em 17/04/2016)

<sup>56</sup> Tradução nossa: “*For published texts more than one hand has often been involved, with the identity and the social profile of the intermediary (secretary, editor, printer, etc.) unknown.*” (MONTGOMERY, 2007, p. 122)

<sup>57</sup> Tradução nossa: “*Evidence on authorship must be marshaled and assessed for each set of documents, often for individual documents, and this often requires patiently consulting archivists and social historians. The latter use protocols to evaluate the authorship of manuscripts and often indicate their judgments in published documentary editions.*” (MONTGOMERY, 2007, p.122-123)

que escritos das classes mais abastadas são, geralmente, mais preservados por instituições civis e religiosas, mesmo que estas classes raramente fizessem uso de língua não padrão.<sup>58</sup>

5. *Dimensão de representatividade*: esta dimensão está fortemente ligada às anteriores, no caso de definir quantos indivíduos produziram o documento e de qual grupo social estes são típicos, além de quão generalizável são os padrões linguísticos que estes evidenciam. Estas definições são respondidas, segundo o autor, pela sobrevivência desordenada e fragmentada do documento escrito muitas vezes removidos da produção real de fala real.<sup>59</sup>

Segundo Beal (2012, p. 64), podem haver evidências escritas *indiretas* e *diretas* de um estado linguístico do passado. Textos de tipos variados, cujos autores não estão produzindo evidência do estado de língua de forma consciente, constituem evidências linguísticas indiretas. Já textos cujos autores demonstram consciência ou intenção na produção de tais evidências (como gramáticos ou ortoepistas, por exemplo) constituem evidências diretas de um estado linguístico de um passado distante.<sup>60</sup>

Para Lass (2000, p.46) há a disponibilidade de três fontes de informação para o estudo de interpretação gráfica de comportamento variável da escrita de fontes *indiretas*, sendo estas as seguintes:

1. *Evidência descritiva direta* – é a consulta de evidências metalinguísticas e literárias acerca da língua (dicionários, glossários e gramáticas, além de textos literários). Gramáticas de uma determinada época podem fornecer conhecimento de normas ou orientações que constituem o padrão de escrita daquele tempo, assim como os acordos ortográficos.

2. *Nosso conhecimento acerca de tradições escritas particulares e suas relações* - é a verificação de representações precisas de sistemas de línguas conforme sua constituição

---

<sup>58</sup> Tradução nossa: “Here letters of the gentry and upper classes would seem to have an advantage because these groups more likely kept records and had civil or religious institutions preserve records on them. More information can be unearthed about authors from more elite classes, though there is a trade-off because they rarely used nonstandard language.” (MONTGOMERY, 2007, p. 123)

<sup>59</sup> Tradução nossa: “From how many individuals do the documents come? Of what portion of society are they typical? How generalizable are the language patterns they evidence? These questions are usually answered by the haphazard survival of documents. [...]in the sense that it may be fragmentary, corrupted, or many times removed from the actual productions of actual speech.” (MONTGOMERY, 2007, p. 124)

<sup>60</sup> Tradução nossa: “Direct evidence includes statements by orthoepists, elocutionists, and grammarians and is direct in the sense that the authors are intentionally providing evidence about the state of the language; indirect evidence consists of texts of various kinds in which the author is not consciously providing evidence of the state of the language, but from which historical linguists can deduce such evidence.”

histórica. Durante o século XIX, prevalecia uma escrita etimológica na língua portuguesa? De que era composto este padrão de escrita vigente, já que os acordos e reformas ortográficas ainda não tinham ocorrido?

3. *estratégias complexas de inferência baseadas em vários tipos de considerações históricas* – é a verificação da existência de registros de dialetos, descrições do estado de língua em atlas linguísticos, textos literários, cartas e outros.

A seguir trataremos dos problemas enfrentados na pesquisa e formação dos *corpora* linguísticos desta pesquisa. O estudo proposto nesta Tese teve por objetivo utilizar a Metodologia para análise de textos escritos no passado sugerida pelos estudiosos nessa área, conforme descrito anteriormente. Contudo, orientações de Lass (2000), Schneider (2002) e Montgomery (2007), de extrema valia para a pesquisa em Linguística Histórica, esbarram com a realidade brasileira de armazenamento, disponibilidade e conservação de material escrito antigo. As dificuldades para a pesquisa nessa área no Brasil são inúmeras. Algumas delas serão descritas a seguir, com base na experiência obtida em Nasi (2012), que utilizou *corpus* de jornais impressos no Rio Grande do Sul no século XIX e com base na investida de ampliação de *corpora* desta Tese.

### 3.2.2 Problemas na composição dos *corpora* da Pesquisa desta Tese

Ao “trabalhar com o que se tem e, da forma disponível de organização e armazenamento desses acervos”, encontram-se algumas dificuldades enumeradas a seguir:

1. *Problemas de ordem física*: os jornais são bastante antigos e muitos exemplares, sujeitos às ações do tempo, encontram-se extraviados, em estado de decomposição, com páginas coladas ou roídas (Fig 11), letras apagadas, ilegíveis ou parcialmente legíveis (Fig 13) dentre outros problemas que tornam o trabalho de leitura destes exemplares um tanto moroso e demorado. O armazenamento inadequado deste tipo de material mostrou-se uma constante durante o tempo de pesquisa: muitos títulos sem encadernação, enrolados em papel comum, muitas vezes fora de acesso por não estarem na prateleira destinada. Do periódico “Gazeta de Porto Alegre”, de Porto Alegre (1880), por exemplo, há apenas “meio exemplar” em diversos pedaços rasgados, demandando um exercício do tipo “quebra-cabeças” para ser lido. Destaca-

se, ainda, que muitos dos materiais fotografados foram danificados devido a chuvas e infiltrações existentes no museu – para desespero e tristeza dos funcionários – e já não existem mais para acesso, pois foram extraviados e/ou perdidos.



Figura 11 – Detalhe de exemplares de jornais em estado de decomposição, exemplar roído de “Amigo do Homem e da Pátria”, Porto Alegre, 23/02/1830 e exemplar remendado de “O Pharol”, Itaquí, 02/07/1867.

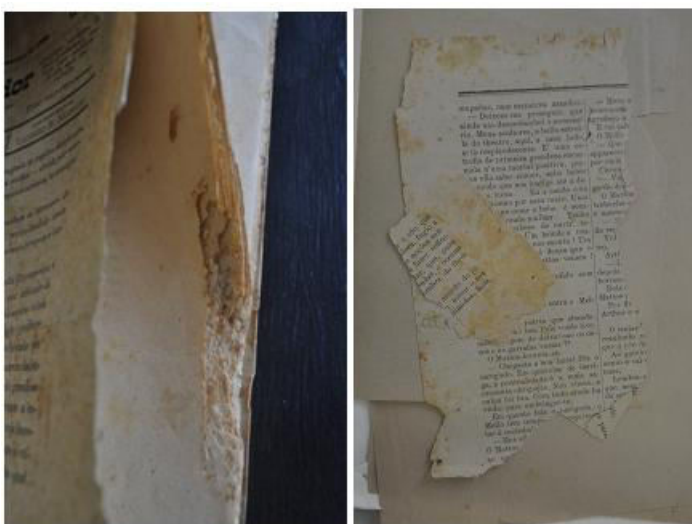


Figura 12 – Exemplares de jornais despedaçados e com páginas coladas



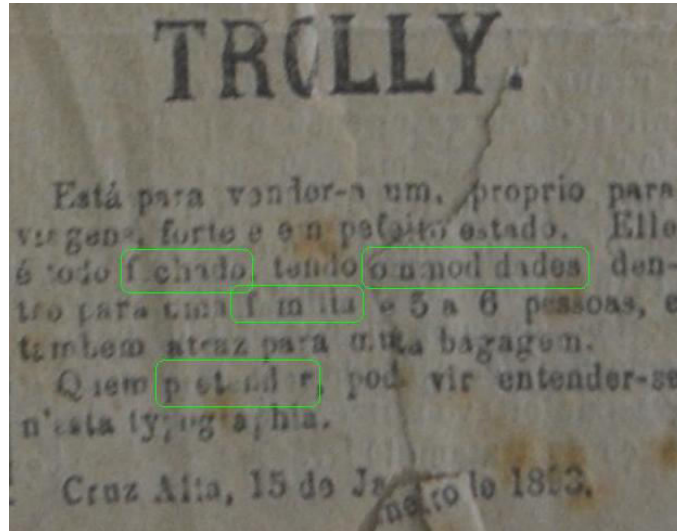


Figura 13 - Letras Apagadas em anúncio do “Gazeta Serrana”, Cruz Alta, 15 de janeiro de 1893.

2. *Problemas de ordem organizacional*: a consulta aos títulos existentes em acervo foi feita através de uma *Listagem de Revistas e Jornais Raros*. Esta lista é apresentada pelas categorias “Título”, “Ano de Publicação”, “Número”, “Ano”, “Cidade”, “Armário” e “Prateleira”. A lista apresentava, muitas vezes, rasuras e alterações, além de datação equivocada de alguns periódicos: títulos como *Gazeta de Alegrete*, de Alegrete (1893) e *Gazeta de Notícias*, de Canoas (1859) não apresentam exemplares dos anos registrados, mas sim de 1916 e 1959, respectivamente. Seções incompletas que dificultaram o acesso aos periódicos oitocentistas gaúchos em acervo também são presentes na listagem, conforme Figura 14 abaixo.

TÍTULO	Ano Pub	No	ANO	CIDADE	ARMÁRIO	PRATELEIRA
Acacia, A	1	13	1876	Porto Alegre (RS)	1	A2
Actualidade (1)	VI	10	1916	Porto Alegre (RS)	1	A2
Actualidade (2)	I	5	1867	Porto Alegre (RS)	1	A5
Actualidade, A	???	???	[1893]	Rio Grande (RS)	1	A2
Album de Domingo	I	1	1878	Porto Alegre (RS)	1	A5

Figura 14 – Ilustração de Parte da Listagem de Jornais Raros do Museu de Comunicação Hipólito José da Costa

A instituição sediou o Projeto Jornais Raros, que realizou um outro inventário resumido de periódicos disponíveis em arquivo.<sup>61</sup> Este inventário facilita muito a pesquisa, pois contém informações que não são trazidas na Listagem de Jornais Raros que, segundo funcionários, era apenas um instrumento preliminar de pesquisa. O inventário informa “Título”, “código do Título”, “Periodicidade”, “Período de Circulação”, “Cidade”, “Estado”, “País”, “Responsáveis”, “Tipologia” (Jornal, Revista, Prospecto/Folder, Almanaque, etc.), “Palavras chaves” (Política, Republicano, Primeira República, Período Regencial, Ilustração, Fotografia, Direito, Histórica, etc.), “ano de circulação” (I,II,III,IV...), “número”, “dia”, “mês” e “ano”, conforme a figura a seguir.

Título	código do título	Periodicidade	Período de circulação	Cidade	Estado	País	
Brado do Sul, O	51	Diário (de terça-feira a domingo)	1858 - 1865	Pelotas	Rio Grande do Sul - RS	Brasil	
Brado do Sul, O	51						
Brado do Sul, O	51						
Brado do Sul, O	51						
Responsáveis	Tipologia	Palavras chaves	ano circulação	Número	Dia	Mês	Ano
	Jornal	Anúncios/ Economia/ Comércio/ Oficial/ Política/ Variedades/ Segundo Império					
			I	34	1?	5	1858
			II	12	28	3	1859
			II	41	09 e 10	5	1859

Figura 15 – Detalhe do Inventário Resumido de Periódicos em Acervo do MCHJC, com exemplo de “O Brado do Sul”

Não há dúvidas de que este inventário é um valioso instrumento de pesquisa, porém encontra-se desatualizado. Devido às intempéries que ocasionaram perdas de acervo, mudanças no quadro de funcionários e problemas de gestão/armazenamento, muitos dos títulos apresentam divergência de exemplares disponíveis em lista e *in loco*. Um exemplo disso é o já citado “Gazeta de Porto Alegre”, de Porto Alegre (1880), do qual apresentam-se

<sup>61</sup> Fonte: Site do Museu de Comunicação Hipólito José da Costa. Disponível em [http://www.museudacomunicacao.rs.gov.br/site/wp-content/uploads/inventario\\_formatado.pdf](http://www.museudacomunicacao.rs.gov.br/site/wp-content/uploads/inventario_formatado.pdf) . Acesso em 19/04/2016, às 17:24.

três (3) exemplares disponíveis no inventário, mas fisicamente há apenas “meio exemplar” para consulta e, ressalta-se, em péssimo estado de conservação.

Concluimos ao passar por estes problemas que:

- a contagem de exemplares de cada título para consulta deveria ser feita manualmente;

- consultaríamos o máximo de títulos possíveis durante o tempo disponível que tínhamos para pesquisa.<sup>62</sup>

- fotografariamos os exemplares para poder realizar uma leitura minuciosa sem o tempo estimado de um turno de pesquisa.<sup>63</sup>

Uma terceira dificuldade para a Pesquisa em acervos antigos é cidata a seguir

3. *Problemas na seleção/separação dos corpora em sua composição*: a formação de um *corpus* uniforme para análise de variáveis através da Sociolinguística Histórica. Enfrentamos, além das dificuldades já citadas, o seguinte problema: os periódicos não possuem número regular de exemplares.

As tentativas de preparação de um *corpus* para análise foram diversas. As variáveis extralinguísticas que desejávamos formar a partir do que se dispõe de material foram as seguintes:

Número	Primeira Metade (1800-1850)	Segunda Metade (1860-1900)
10 títulos com 3 exemplares cada.	Jornais Metropolitanos	Jornais Metropolitanos
	Jornais Interioranos	Jornais Interioranos

Quadro 11 – Primeira tentativa de organização de *corpus* de jornais gaúchos do século XIX.

Fonte: do autor.

A seleção deste *corpus* de jornais do Rio Grande do Sul exigiu que estabelecêssemos alguns critérios de uniformização do material o tanto quanto possível, no sentido de se possibilitar a análise dos seguintes aspectos:

<sup>62</sup> A instituição limita o número de 6 (seis) títulos diários, não sendo permitido exceder esse número de títulos para consulta. Embora tenhamos requisitado, oficialmente, acesso a mais títulos do que o permitido por dia de pesquisa, o museu também encontrava-se fechado com alguma frequência, devido à problemas de gestão.

<sup>63</sup> Isto nos levou ao objetivo de disponibilizar o *corpus* de periódicos oitocentistas sul rio-grandenses de forma digitalizada nesta tese. Dos 153 periódicos existentes, foram digitalizados 62 títulos<sup>63</sup>. Esta digitalização se deu através de fotografia (Câmera Nikon D5000).

- Critério para separação dos jornais:

a) Época de produção: 1ª metade (1800 a 1850) e 2ª metade (1851 a 1900) do século XIX;

b) Local de produção: metropolitanos (Porto Alegre) e cidades do interior do estado.

Ao examinar os 62 títulos já digitalizados, conforme o quadro (apêndices C e D), observamos que não houve como distribuir os jornais pela época de produção proposta em (1). Por isso, optou-se pela separação dos jornais por década a partir de 1820, uma vez que a imprensa se inicia no Rio Grande do Sul em 1827, com o *Diário de Porto Alegre*, do qual se tem apenas um exemplar disponível em acervo. De acordo com a disponibilidade dos jornais, o critério “Época de produção” foi estabelecido em 1º período (1820 a 1850) e 2º período (1860-1890). Assim, o recorte de tempo jornalístico do período oitocentista constituiu-se de 40 anos para cada período. A seguir expomos os critérios revistos:

- Critérios revistos para a separação de jornais

a) Época de produção: 1º período (1820-1850) e 2º período (1860-1890);

b) Década de produção: 1820 a 1890 (oito décadas);

c) Local de produção: metropolitanos (Porto Alegre) e cidades do interior do estado.

A ideia da divisão dos periódicos ainda era encontrar 10 títulos de cada década que possuíssem pelo menos 3 exemplares disponíveis para análise, totalizando 30 exemplares por década. Teria-se, pois, a seguinte amostra uniforme idealizada a seguir:

		1820	1830	1840	1850
1º período	capital	30	30	30	30
	interior	30	30	30	30
		1860	1870	1880	1890
2º período	capital	30	30	30	30
	interior	30	30	30	30

Quadro 12 - Relação idealizada de número de exemplares por período oitocentista. Fonte: do autor.

Ao buscarmos títulos de jornais que possuíssem mais de 10 exemplares no conjunto de jornais digitalizados que formamos, os resultados encontrados foram os seguintes:

<b>Década</b>	<b>Local</b>	<b>1820</b>	<b>1830</b>	<b>1840</b>	<b>1850</b>
<b>1º período</b>	<b>capital</b>	2	3		1
	<b>interior</b>				1
<b>Década</b>	<b>Local</b>	<b>1860</b>	<b>1870</b>	<b>1880</b>	<b>1890</b>
<b>2º período</b>	<b>capital</b>	1	3	3	
	<b>interior</b>		2		1

Quadro 13 - Relação real de número de títulos com no mínimo 10 exemplares por período oitocentista. Fonte: do autor.

O número de títulos que dispunham de, pelo menos, 10 exemplares estava aquém da idealização almejada em princípio para a formação do Corpus desta Pesquisa. Os 45 títulos do acervo digitalizado composto por 62 títulos possuíam de um a seis exemplares somente e foram distribuídos no quadro a seguir:

<b>Década</b>	<b>Local</b>	<b>1820</b>	<b>1830</b>	<b>1840</b>	<b>1850</b>
<b>1º período</b>	<b>capital</b>		6	2	
	<b>interior</b>		1	4	
<b>Década</b>	<b>Local</b>	<b>1860</b>	<b>1870</b>	<b>1880</b>	<b>1890</b>
<b>2º período</b>	<b>capital</b>			2	1
	<b>interior</b>	7	6	5	11

Quadro 14 - Relação real de número de títulos com menos de 10 exemplares por período oitocentista. Fonte: do autor.

Após esta divisão do *corpus* digitalizado conforme os critérios expostos em (2), observou-se que não dispúnhamos de jornais relativos às décadas de 1840 e 1860. Nova busca de dados foi realizada no Arquivo Histórico e constatou-se que não há jornais do interior entre as décadas de 20 e 40 e apenas 3 títulos interioranos do segundo período, 2 na década de 1870 e 1 na década de 1890. Não há jornais da capital da década de 1890, pelo menos disponíveis e armazenados no Museu. Além disso, dos 62 títulos digitalizados, apenas 17 possuíam no

mínimo 10 exemplares. A única regularidade encontrada foi 1 exemplar para cada categoria da década de 1850.

Em vista dos problemas enfrentados, a decisão metodológica preliminar foi a de separar os jornais em dois grupos, vistos a seguir:

**1º grupo (+10):** composto por 17 títulos que possuíam no mínimo 10 exemplares em nosso acervo digitalizado. O número de exemplares destes títulos varia de 15 a 128 exemplares. Foram analisados 10 exemplares de cada título, totalizando 170 exemplares.

**2º grupo(-10):** composto por títulos dos quais temos menos de 10 exemplares, variando de 1 a 6 exemplares por título. Foram analisados 45 periódicos diferentes, totalizando 70 exemplares.

Em relação ao *corpus* composto por cartas, foram consultadas as Cartas da Coleção Varela e do Arquivo Particular Júlio de Castilhos, contidas no AHRS<sup>64</sup> além das Cartas da Revolução Federalista, contidas no IHGRS.<sup>65</sup>

A Coleção Varela, embora bastante representativa de um período específico do século XIX, apresentava uma documentação diversificada a ponto de não podermos saber quem eram seus redatores. Foram lidas algumas cartas, comparando-as à transcrição contida nos Anais do AHRS. Foram fotografadas, assim como as cartas do Arquivo Particular Julio de Castilhos. Conforme o exposto em Penna e Graebin (2009), este Arquivo apresenta a Série 02, que refere-se a documentos – maior parte deles, cartas, que tratam de Assuntos Familiares, isto é, são as cartas trocadas entre familiares da Família Prates de Castilhos. Este Arquivo, em conjunto com as cartas do MJC, abordadas em Santos (2013) formam nosso *corpus* de Cartas da Família Prates de Castilhos.<sup>66</sup>

As tentativas de divisão de *corpus* foram inúmeras, sempre almejando categorias que pudessem ser interpretadas linguisticamente e relacionada a fatores sociolinguísticos como localidade geográfica do jornal, por exemplo. Porém, o que se observa é que reconstruir variáveis sociais de documentos oitocentistas apresenta uma série de problemas: como determinar o grau de letramento de um redator na época? Há dados biográficos disponíveis em outras fontes para determinar a idade exata de um redator específico? Como especificar

<sup>64</sup> Parte das Cartas da Família Prates de Castilhos estão no AHRS, e outra parte (SANTOS, 2013), no MJC.

<sup>65</sup> Todas as cartas foram fotografadas para o Corpus do PHPB-RS.

<sup>66</sup> Ver seção 4.1.4 **Cartas Manuscritas Pessoais** desta Tese

redatores em textos como o jornal, nos quais há vários autores? Uma solução foi buscar documentos relacionados à pessoas célebres, como o político Júlio de Castilhos, por exemplo, dos quais há dados biográficos suficientes em parte para determinar um perfil de redatores de uma família sul-rio-grandense do século XIX para se tentar construir variáveis sociais, como gênero, faixa etária e grau de escolaridade.

Observou-se que a divisão do corpus por período, época e lugar (capital/interior) pareceu não ser significativa em termos de distribuição de casos (*tokens*). Os tipos de palavras (*types*), no entanto, podem talvez evidenciar que o fenômeno de elevação da oralidade se reflita em parte na grafia. Devido todos esses problemas, resolvemos tratar do conjunto que periódicos deste *corpus* como um todo.

A seguir, faremos considerações acerca do viés fonológico na interpretação de grafemas.

### 3.2.3 Interpretações Fonológicas a partir de Grafemas

A interpretação fonológica a partir de grafemas é uma das estratégias da Linguística Histórica para estudar estados de língua do passado. Histórias de línguas foram retratadas, seguindo-se métodos de análise em textos escritos. O estudo da variação e mudança linguística foi objeto de análise desde muitos anos em cima de fontes primárias escritas. Tratar de estudar variação fonológica, principalmente, por meio de textos escritos, exige certos cuidados.

Conforme Labov (1972, p. 11), para estudar variação e mudança linguística por meio de textos do passado, é preciso fazer melhor uso de dados considerados ruins, porém textos escritos funcionam como principal testemunho de um passado linguístico mais distante (LASS, 2000, p. 44). Registros escritos funcionam como filtros, fornecendo-nos uma representação de um ato de fala supostamente ouvido (SCHNEIDER, 2002, p. 67).

Romaine (1982, p. 16) entende que a escrita é o meio ou canal tão legítimo quanto à fala para se examinar processos variáveis linguísticos. Formas grafemáticas apresentam características de padrões regulares de variação, pois há símbolos ortográficos que são condicionados pelo contexto de modo semelhante à variação alofônica.

Segundo Marquilhas (2000, p. 230), a escrita alfabética é interpretada como uma escrita segmental através da qual é possível se perceber fenômenos de variação fonética e fonológica. Ainda, conforme a autora,

as realizações gráficas que contrastem com convenções coevas são uma metalinguagem dos seus autores; no desvio à convenção encontram-se vestígios de uma conceptualização linguística, facto que permite fundamentar hipóteses sobre a natureza de estruturas da língua. (MARQUILHAS, 2000, p. 229)

Os sistemas alfabéticos, utilizados em várias línguas, mapeiam cadeias de fonemas determinando uma relação de um para um de caracteres ou grafemas, como ocorre no Inglês, conforme exemplo a seguir (LASS, 2000, p.47):

Phonemic	/k æ t/	/s k I p/
	↓ ↓ ↓	↓ ↓ ↓ ↓
Graphemic	<c a t>	<s k i p>

Na Língua Portuguesa, essa relação entre grafia e som também ocorre em palavras similares a do inglês.

Representação Fônemica	/g a t u/	/p u l u /
	↓ ↓ ↓ ↓	↓ ↓ ↓ ↓
Representação Grafêmica	<g a t o>	<p u l o>

A necessidade de representação sonora nem sempre é fixada em um tipo de representação gráfica. Assim, o fonema /s/ em português apresenta as seguintes possibilidades ortográficas: <s>, <c>, <ss>, <x>, <ç> e <z>, <sc>, <xc>, que ocorrem respectivamente em *salsa*, *cílio*, *passado*, *auxílio*, *carroça*, *vez*, *crescer*, *excesso*.

Lass (2000, p.52) afirma que essa pretensa relação de correspondência apresenta violações. Há grafemas distintos para um mesmo fonema. Há grafema que representa mais de um fonema. Há grafemas sem som.



Em português, casos como *chácara* e *xícara*, por exemplo, o dígrafo <ch> e a letra <x> são utilizados para representar /ʃ/, demonstrando uma relação de duas formas grafêmicas para representar uma forma fonêmica. O mesmo grafema <x> pode representar formas fonéticas distintas em palavras como *táxi*, *máximo*, *exame*, por exemplo. Existem grafemas que são mudos, como, por exemplo, casos como o <h>, herdado de escritas etimológicas no sistema alfabético do português; *história* (do latim *historia* vinda do grego *ιστορία e homem* (do latim *homo*) e *hoje* (do latim *hodie*), dentre outros casos.

O mesmo ocorre na língua inglesa em que os fonemas /θ/ e /ð/ - sendo este vozeado e aquele desvozeado - são representados grafemicamente pelo dígrafo <th>. Conforme os exemplos, *think* e *though*, o dígrafo <th> pode representar dois fonemas diferentes.

Representação Fonêmica	/ θ i n k /	/ ð o u /
	↓ ↓ ↓ ↓	↓ ↓ ↓ ↓
Representação Grafêmica	<th i n k>	<th o u gh >

Além dessa relação díspar entre grafema/fonema, o registro escrito não acompanha necessariamente o registro oral. Letras podem não ser pronunciadas, assim como sons podem ser inseridos sem a sua representação ortográfica. Por exemplo, em *abóbora* e *fósforo*, é possível existir um processo variável de enfraquecimento ou apagamento da vogal átona postônica imediata, um fenômeno muito corrente no português, em palavras proparoxítonas, tornando-as paroxítonas: *abobra* e *fosfro*.

Realização Fonética	[ a 'b ɔ b r a ]	[ f 'ɔ s f r o ]
	↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓	↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓
Representação Grafêmica	< a b o b o r a >	< f ó s f o r o >

Outro exemplo de relação não necessária de grafema/som é o caso de epênteses (inserções) de sons sem a presença de letra na convenção ortográfica, como ocorre em *advogado* [adevogadu].

A relação grafema/som não é de fácil interpretação, pois pode haver caracteres sem realização sonora ou, ao contrário, símbolos gráficos que são variavelmente pronunciados. Além disso, outras questões são pertinentes para se estudar aspectos fonéticos/fonológicos de um estado de língua no passado por meio de sua grafia. Em épocas pretéritas, em que se escrevia sem um padrão convencional de ortografia, as formas de registro são bem variadas. Verificam-se formas diferentes de registros para uma mesma palavra em português do século XIX, por exemplo, como em *tesouro/thesouro*; *chapéu/chapeo*; *órgão/orgam*, *mãe/ mãi*; *igreja/egreja*, *eigreja*, *ygreja*, entre outros.

Marquilhas entende o grafema como

uma unidade discreta, relativamente autónoma (ou relativamente dependente) da unidade fonológica, optando-se pela categorização nem puramente formal, nem puramente transcendente da matéria gráfica. (MARQUILHAS, 1991, p. 71)

Através desta concepção, a autora prevê duas classes iniciais de classificação das variantes gráficas: “a dos grafemas descritíveis dentro do sistema gráfico, quer sob o aspecto formal, quer sob o aspecto funcional” e “a dos grafemas funcionalmente descritíveis nas relações que estabelecem com aspectos da língua falada ” (Ib. opus. cit.).

A ideia de Marquilhas dá margem a se supor que os grafemas podem desempenhar uma função distintiva do sistema alfabético ou apresentar-se como um reflexo da oralidade. No segundo caso, sons que não seriam representados na ortografia de língua padrão poderiam ser transcritos como consequência da fala. Casos como inserções de sons, em palavras em que não há o grafema correspondente, poderiam ilustrar essa situação, como, por exemplo, [mardade] por *maldade*; [bonɛkra] por *boneca*; [pinew] por *pneu*, etc.

Ouvir o inaudível é essencial em pesquisa em fonética e fonologia diacrônicas. Segundo Schneider (2002, p. 67), é preciso verificar se registros gráficos apresentam um padrão estrutural em uma variedade de língua falada; se ocorrem em mais de uma pessoa e se corroboram a pronúncia de outras variedades.

Formas alternativas de representação gráfica podem evidenciar processos fonológicos. Uma possível evidência dessa hipótese, especificamente em fontes do português gaúcho do século XIX, pode ser vista em um anúncio do jornal “A Evolução”, publicado no Rio Grande do Sul em 1911. Conforme ilustração, verificam-se diversos registros gráficos que podem sugerir alguns fenômenos fonológicos, tais como:

- a. Metátese: *perparado* (preparado), *persidente* (presidente)
- b. Apagamento de /r/ final: *chamá* (chamar), *senadô* (senador), *falá* (falar), *capitá* (capital)
- c. Epêntese consonantal: *despois* (depois)
- d. Rotacismo: *carmamente* (calmamente), *procrama* (proclama)
- e. Ditongação seguido por /s/: *nois* (nós), *faiz* (faz), *treiz* (três), *voceis* (vocês)
- f. Apagamento de /s/ final: *fazemo* (fazemos), *temo* (temos)
- g. Redução do Ditongo Nasal Final: *sentaro* (sentaram), *fizero* (fizeram)
- h. Vocalização de Lateral: *bandaiêra* (bandaliera)
- i. Monotongação: *boliadêra* (boliadeira)

Seu Bernarde que é sarado,  
 Bicho fera e perparado  
 Mandou chamá um deputado  
 E despois um senadô,  
 — O seu Raul que é doutô —  
 E lhes disse carmamente:  
 Eu quero sê Persidente!

— O tio Pita que è "Pessoa"  
 Muito nossa e muito bôa  
 Não se mette em nossa frente,  
 Nois fazemo um tempo quente  
 Temo arame, temo gente.  
 Se faiz festa, faiz banquete  
 E ca me vou lá pr'a o Catete.

P'ra despois ninguem falá,  
 Vocéis vão p'ra a Capitá,  
 — Seu Raul e seu Brandão —  
 Atrunem lá a convenção  
 E convenção me procrâma.  
 E os treiz sentaro na câma  
 E fizero o telegramma...

Gaúcho velho que é austero  
 Faz como o "quero-quero"  
 Derme com um olho só,  
 Quando vio a bandaiêra  
 Sacudio as boliadêra  
 E foi aquella xarqueada:  
 Deu um tombo na "Bernarda".

Figura 16 – Anedota encontrada no jornal “A Evolução” de Porto Alegre, de 1911, com Registros Grafológicos de Variantes Fonológicas

Entretanto, é preciso deixar claro que, apesar de a escrita revelar aspectos da oralidade, casos de registros escritos que poderiam representar eventos fonéticos e fonológicos são apenas **indícios** de um evento de fala supostamente ouvido. Não há como se ter certeza da fala examinando-se a escrita, pois nem tudo o que se fala se escreve e vice-versa.

A semelhança existente entre a variação fonológica de fala e escrita foi objeto de estudo de análises em diferentes perspectivas teóricas em estudos voltados para a aquisição de escrita infantil, como em Abaurre (1999, 2011), Labov e Baker (2003), Monteiro e Miranda (2008), Cristófaros-Silva e Greco (2010) e Miranda (2010), dentre outros. Estes trabalhos afirmam, sobretudo, a interferência da oralidade na escrita e demonstram de que forma isso pode ser observado através de registros escritos que poderiam “vazar” certos fenômenos linguísticos.

A seguir, apresentamos a taxonomia para a interpretação de grafias desviantes, conforme Lass (2000). Esta taxonomia nos revela formas de diferenciação de formas gráficas que se apresentam como *erros comuns de escrita de variação puramente gráfica*, e de *grafias fonologicamente significativas*.

### 3.2.3.1 Taxonomia para desvios de escrita segundo Lass

Lass (2000, p. 62) afirma que a ortografia sugere processos fonológicos. No entanto, é preciso atentar-se para certas situações que o autor denomina como desvios de escrita. Estes podem ser equívocos; casos de variação gráfica (forma diferente de escrita de uma palavra) e casos da variação gráfica significativamente fonológica (quando a forma escrita de uma palavra pode refletir a sua pronúncia).

Para diferenciar tais formas escritas, o autor sugere a seguinte taxonomia para desvios de escrita:

**a) Lixo/Garbage** – são aquelas formas de escrita tão ruins de interpretar que não podem ser outra coisa a não ser *lapsus calami*. Do inglês, Lass nos traz a palavra *vliges* trazida de um diário de 1820, na qual a interpretação correta é *villages*. São os erros ortográficos visíveis a olho nu, por exemplo, a troca de grafemas, como a escrita *fazenad* em vez de *fazenda*. Exemplos documentados em alguns jornais oitocentistas gaúchos podem ser

vistos a seguir:

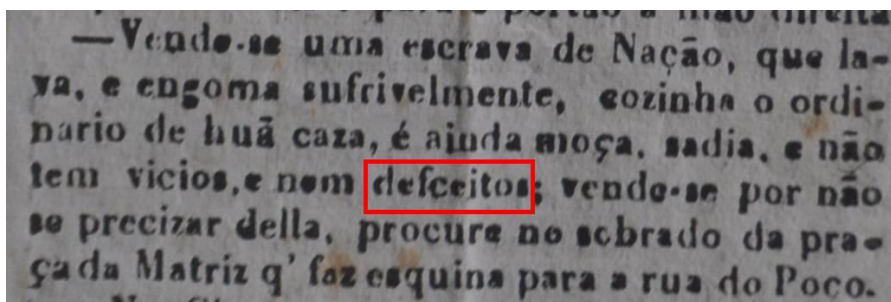


Figura 17 - Lixo gráfico *defceitos*

A palavra *defceitos* sugere uma pronúncia [def'seitos], que não configuraria em realização variável de /de'feitos/, sugerido pela palavra **defeito** na Língua Portuguesa. O exemplo a seguir, *semre*, também não expressa valor fonológico na língua portuguesa diferentemente de **sempre** - /sem'pri/. É visível o lapso na omissão de **p**.

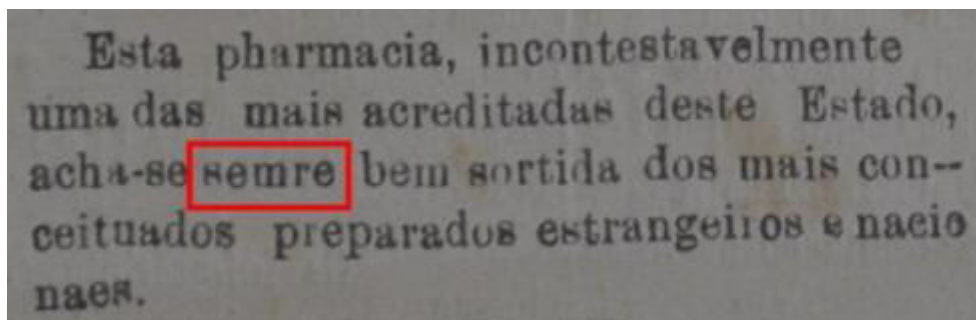


Figura 18 – Lixo Gráfico: *semre*

**b) Variação puramente gráfica/*Purely graphic variation*** - são as formas de escrita resultantes de uma tradição escrita, por exemplo ocorrências de escrita que já fossem prescritas por regras existentes na escrita da época. Lass afirma que em textos do inglês antigo, a variação entre as letras <P> e <D> não traz nenhuma referência fonológica, vinda de uma tradição de escrita. No caso do português brasileiro, temos a variação decorrente da duplicação de grafemas, como *attendidos* em vez de *atendidos*, e a utilização de *ph* em *pharmacia*, como exemplo de palavras pertencentes à tradição escrita da época de um estágio de língua passado. Documentações podem ser vistas a seguir:

Afinal ! foi vendida a BRUTA, a  
 SORTE GRANDE da Loteria do Es-  
 tado, nesta cidade. E quem vendeu  
 o bilhete ? a feliz agencia de Augus-  
 to Vinhas. O felisardo possuidor do  
 bilhete foi o Sr. Herculano dos San-  
 tos, que tinha o numero 2667.

Como havia promettido pelas co-  
 lumnas do "Combatente", esta age-  
 cia saptistez o compromisso que to-  
 mou com seus freguezes, quando pro-  
 metten a sorto grande.

Tem sempre bilhetes dos Estados de Santa  
 Catharina, Ceará, Paraná, Bahia e deste  
 Estado.

Figura 19 – Diversos exemplos de variação puramente gráfica em anúncio de O Combatente;  
 Santa Maria, 22 de janeiro de 1893.

**PHARMACIA**  
**POPULAR**  
 de  
 MANOEL MATHIAS DE MELLO

Esta **pharmacia** incontestavelmente  
 uma das mais acreditadas deste Estado,  
 acha-se sempre bem sortida dos mais con-  
 ceituados preparados estrangeiros e **nacio**  
**naes.**

Avia-se receitas aqualquer hora do dia e da  
 noite com precisão, presteza e modicidade  
 nos preços.

O DR. PIRES CALDAS. dá consultas na «**Pharma-**  
**cia** Popular

**GRATIS A OS POBRES**  
 (Rua 13 de Maio n.º. 65 Antiga do  
 Commercio.) (2.ª. ord.)

Figura 20 – Variação puramente gráfica: herança etimológica (ph) e plural terminado em *-es* prescrito em gramáticas da época.



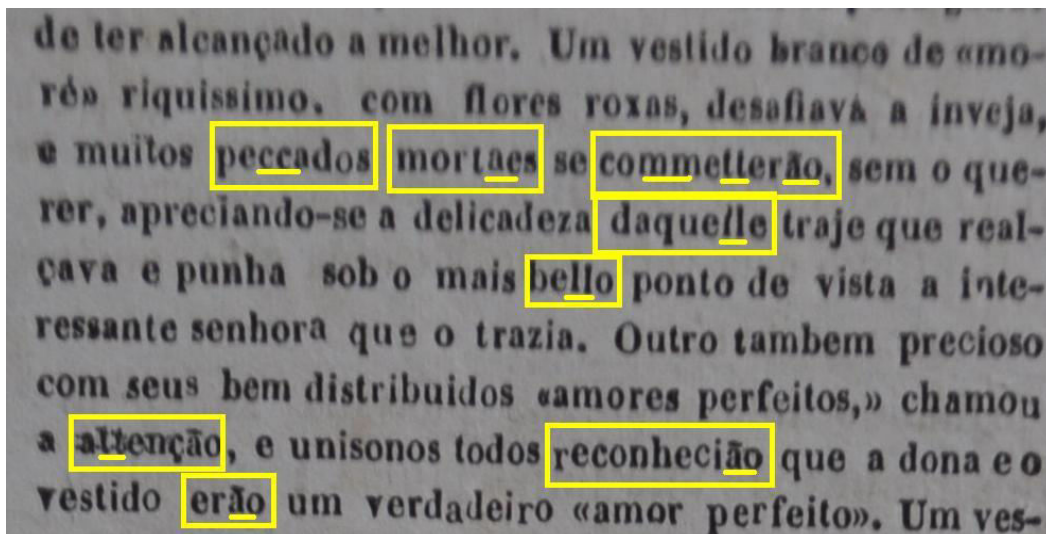


Figura 21 – Variação Puramente Gráfica: *mortaes*, <ll>, <tt>, <cc> e ditongo nasal <-ão> como desinência verbal de tempo futuro. O Independente, Rio Grande, 15 de setembro de 1862

As ocorrências destacadas exemplificam as grafias etimologizadas, como o uso de *ph* para indicar a fricativa lábiodental desvozeada em *PHARMACIA* (Fig.20), de consoantes geminadas em *promettido* e *prometteu* (Fig. 19) e encontros consonantais como em *saptisfez* e *columnas* (Fig. 19); a alternância na utilização dos grafemas *s* e *z* para representação de fricativa alveolar vozeada em *freguezes* e *felisardo* (Fig. 19), e a orientação escrita de plurais com adição de *-ES* prevista em gramáticas: segundo Aulete (1864, p.24), a regra exigia a utilização de “-es” para a formação de plurais em nomes terminados em *l* precedidos por *a, o* ou *u*. Oliveira (1862, p.6) também afirma que “os nomes acabados em *al, ol* ou *ul* formam o plural mudando o *l* em *es*. Outros casos de variação puramente gráfica podem ser vistos na Figura 21: *mortaes* (plural seguindo a ortografia), *peccados*, *commetterão*, *daquelle*, *bello*, *atenção* (grafias etimologizadas com as consoantes geminadas <ll>, <tt>, <cc>, <mm>) e *commetterão* e *erão* (grafia do ditongo nasal *-ão* como desinência verbal de tempo futuro). Estes são exemplos de variações puramente gráficas, que não correspondem a variações fonológicas por nós conhecidas no estágio de língua recente ou são propriedades estilísticas da escrita produzida por um sujeito-escritor daquela época.

c) **Grafia fonologicamente significativa/ *Phonologically significant spellings*** – é grafia que pode expressar processos fonológicos, tornando-se a informação relevante para nossa pesquisa. Lass nos traz dos diários de Goldswain (1820) ocorrências do inglês médio que sugerem o som /E/ (ex: *deack*, *deck* para ‘deck’), com algumas grafias que sugerem vogais mais baixas como /æ/ ou /a/ (*dack*). Ao pesquisar em materiais sobre os dialetos do



inglês do sul da Inglaterra, foram constatados vários itens que mostram a ocorrência de velares antes de /a/ em dialetos nos quais se esperava a ocorrência de /E/, o que torna o abaixamento possível. O autor cita outros casos como o apagamento de vogais átonas e simplificação *coda cluster* (por exemplo *scole* para ‘scold’). Da língua portuguesa, encontramos exemplos de variação vocálicas por nós conhecidas como a elevação de vogal média postônica em *agricula* e a corruptela de **menos** como *menas* na figura a seguir:

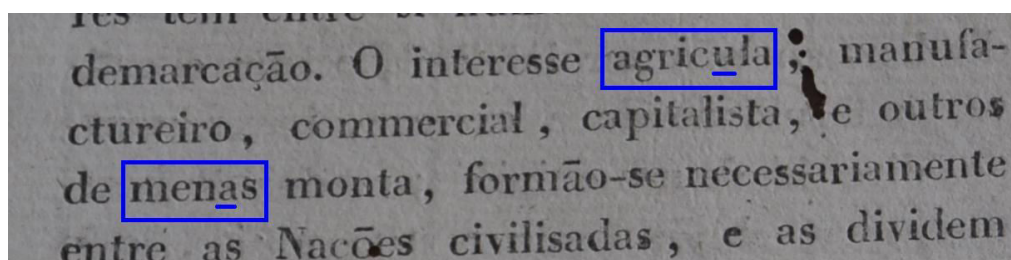


Figura 22 – Dados significativamente fonológicos para concepção de indício de variação fonológica por nós conhecida. Amigo do Homem e da Pátria, Porto Alegre, 14 de agosto de 1829.

Além destes, acreditamos que a ocorrência a seguir (Fig 23), *intendido* sugere a elevação da média inicial seguida por nasal pronunciada /inten'dzido/, que alterna na LPB com /enten'dzido/ que é sugerido pela forma padrão de escrever a palavra **entendido**.

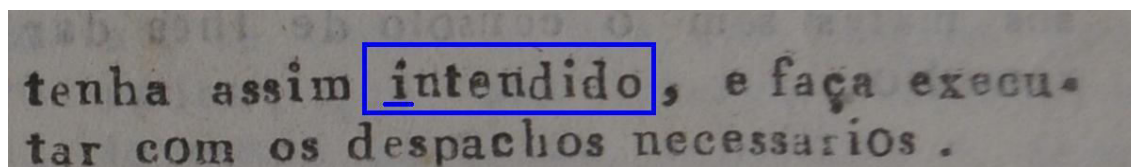


Fig 23 – Dado significativamente fonológico: elevação de vogal média inicial travada por nasal. O Constitucional Rio Grandense, Porto Alegre, 3 de setembro de 1828.

É interessante que a relação existente entre os grafemas convencionados na ortografia e os fonemas existentes na produção possível na fala destas palavras do PB expressa a parcialidade da grafia como representação de fala. Podemos interpretar escritas como *indiabrado*, *iscola*, *distino*, *churume* e *coberta* como representação gráfica da pronúncia presente nas variáveis *endiabrado~indiabrado*; *escola~iscola*; *destino~distino*; *chorume~churume* e *coberta~coberta*? Sim, porém parcialmente: *indiabrado* ocorre na escrita porque ocorre na fala. A vogal média e esperada na pronúncia trazida pela ortografia de *endiabrado* manifesta-se, na pronúncia, como vogal alta **i**, assim como já fora atestada na

aplicação da regra de elevação de vogal média inicial seguida da nasal **n**. Porém, a grafia representa parcialmente a pronúncia possível: *indiabrado* não poderia representar univocamente /iŋdʒia'brado/, pois somente há, na grafia, a modificação do grafema vocálico que corresponde à variação vocálica na fala, contudo não há representação de grafema consonantal para a palatalização dʒ, por exemplo. Interpretar uma escrita fonologicamente como indício de variação implica em basear-se no que é conhecido como fonológico e variável na fala de forma representada na grafia do vocábulo.

Desta forma, nossa análise considera variáveis linguísticas fonológicas identificadas na língua falada do português brasileiro, ou seja, consideramos casos alternativos de realização de /o/ pretônico, por exemplo, registrados graficamente com a letra u como uma variante de variável fonológica, assim como os registros escritos com *í*, representando possivelmente alçamento de vogal média /e/. Desse modo, formas variantes obtidas por meio de certa representação escrita são tratadas neste trabalho como parte de variáveis fonológicas.

Das ocorrências escritas citadas anteriormente para exemplificação da elevação variável das vogais médias, algumas foram encontradas em textos escritos antigos, produzidos no Rio Grande do Sul no século XIX: *indiabrado* foi encontrado na p.2 do periódico *A Gazetinha*, do dia 27 de dezembro de 1891 assim como *distino*, retirado da edição encadernada de *O Povo*, de 24 de outubro de 1838, na p. 65. A seguir, mais algumas ilustrações de registros escritos os quais a leitura expressa a variável aplicação da regra de elevação de vogal média pretônica ilustradas em jornais. Na Figura 24, por exemplo, a palavra **descanso** sugere /des'kãŋso/ alternante com /dʒis'kãŋsu/, na qual há elevação de vogal média **e** travada por **s** sugerida em <*disca*ço>. Na Figura 25, **escrevi** sugere /eskre'vi/ alternante com /eskri'vi/, elevação de vogal média pretônica por harmonia vocálica sugerida por <*escri*vi>. Já **acobertar**, na Figura 26, sugere /akober'tar/ alternante com /akuber'tar/, na qual há elevação de vogal média pretônica sem motivação aparente sugerida pelo registro escrito <*acubert*ar>

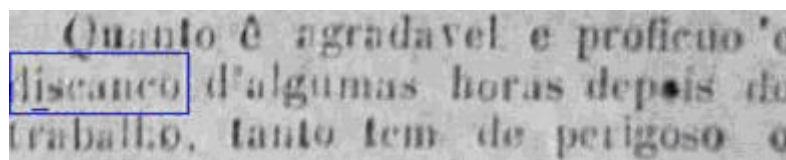


Figura 24 – Grafia de valor fonológico significativo: *disca*ço. *O Brado do Sul*; Pelotas, 30 de dezembro de 1859, p.1

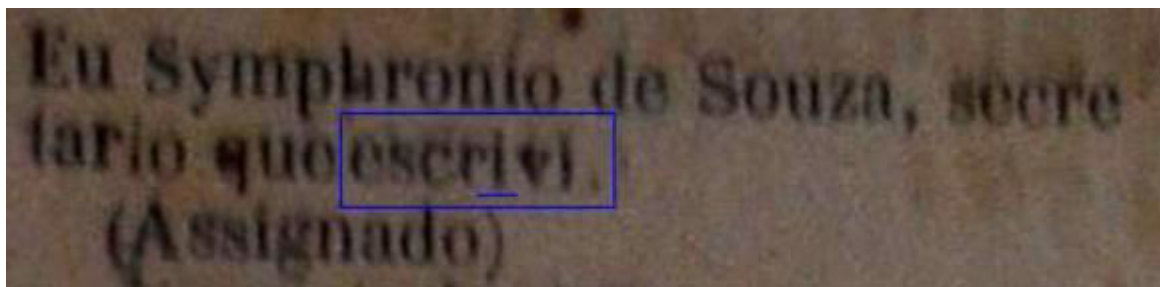


Figura 25 – Grafia de valor fonológico significativo: *escrivi*. O Commércio; Uruguaiiana, 16 de outubro de 1893, p.2

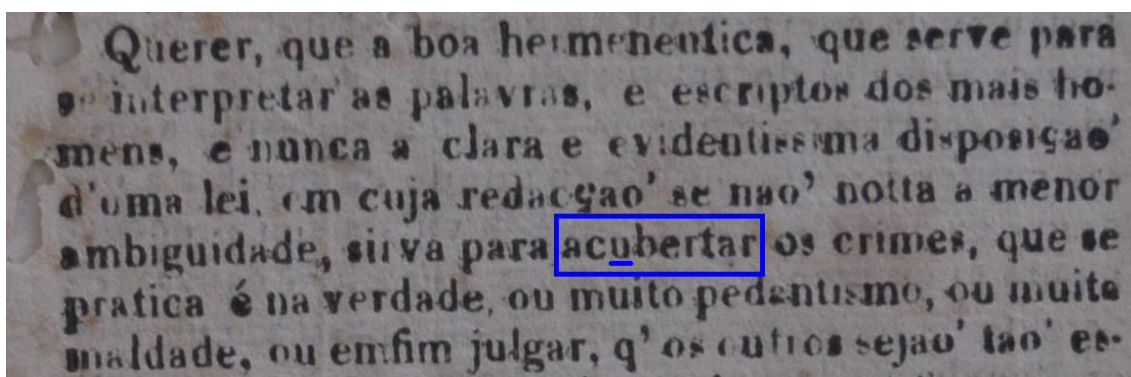


Figura 26 – Grafia de valor fonológico significativo: *acubertar*. O Continentista; Porto Alegre, 10 de junho de 1836, p.2

A seguir exporemos as categorias apontadas na taxonomia de Lass (2000) para a classificação de ocorrências gráficas através do exame de manuscritos originais em bom estado de conservação, seguindo suas transcrições abaixo<sup>67</sup>. Apontamos ocorrências escritas que exemplificam os três tipos de desvio de escrita classificados por Lass (2000): Lixo Gráfico (destacados em **vermelho**), Variação Puramente Gráfica (destacadas em **amarelo**) e os Dados Significativamente Fonológicos (destacados em **azul**).

<sup>67</sup> As transcrições expostas têm, por base, o modelo de transcrição do Projeto História do Português Brasileiro (PHPB), disponível em <https://sites.google.com/site/corporaphpb/home>.

São Martinho 25 de Julho de 1894

Querido Júlio

Dejei inmensamente que  
 com a chegada com a querida  
 dos netinhos, sempre seja  
 acompanhado de vigia na  
 saúde. Felicemente em teu  
~~pro~~ passado bem e mais fa-  
 te mas ainda com algum  
 sofrimento de meus inconfortos  
 como já te disse na primeira  
 ra que escrevi-te da qui, des-  
 de o dia 10 estamos aqui.  
 Tanto eu como a Cassia esta-  
 mos completamente depanima-  
 dos de divermos aqui em  
lugar isolado sem recursos  
 completamente associedade e  
 pessimo gente m.<sup>to</sup> iguissimamente

Figura 27 – Carta de Carolina Prates de Castilhos ao seu filho Júlio; São Martinho, 25 de julho de 1894, fol.1r

Transcrição de Carta de Carolina Prates de Castilhos ao seu filho Júlio; São Martinho, 25 de julho de 1894, AHRS, DOC 002, Série 2, Subsérie 04, maço 07, caixa 02, fol.1r

[fol. 1r]

Prezado Julio

Desejo **immensamente** que | com prezada *Comadre* e queri= | das netinhas. Sempre **sejão** | acompanhados de vigorosa | saude. [espaço] Felismente eu ten= | ho passado bem e mais for= | te mas ainda com alguns | sofrimento de meus incomodes | Como ja te disse na primei = | ra que escrevi\_te da qui, des= | de o dia 16 estamos aqui. || Tanto eu como a Cassia esta= | mos completamente **dezanima=** | **das** de vivermos aqui um | lugar izolado sem recursos | completamente asociedade é | pessima gente  *muito* iguinorante



Tudo m.<sup>to</sup> como o caso sobre educa  
cação de filhas sobre tudo, educa  
 eu ainda tenho o recurso de ir  
 para a Uruçuva em quanto  
 passar bem de saúde.  
 Hoje sou testemunha do lugar  
 próximo que a Cassia tem de  
 moral pelo menos quatro annos  
 com uma filha quase ~~moço~~ moço  
 e mais filhinhos para educa  
 A Cassia neste sentido está triste  
 e desgostosa por vir passar o tempo  
<sup>mais</sup> educação de sua  
 filha neste lugar e mesmo é  
 m.<sup>to</sup> educação de se viver  
 aqui. É então em lembrei-me  
 de ti que é o meu educação  
 te se for possível a remoção do  
 Carrilho para Santa Maria e  
 e segural-a em quanto elle g

Figura 28 – Carta de Carolina Prates de Castilhos ao seu filho Júlio; São Martinho, 25 de julho  
 de 1894, fol.1v

Transcrição de Carta de Carolina Prates de Castilhos ao seu filho Júlio; São Martinho, 25 de julho de 1894, AHRS, DOC 002, Série 2, Subsérie 04, maço 07, caixa 02, fol.1v

[fol. 1v]

tudo  *muito* caro e escaso sobre **idu= | cação** de filhas sobre tudo, [espaço] | eu ainda tenho o recurso de ir | para a reserva em quanto | passar bem de saude. | | Hoge sou testemunha do lugar | pessimo que a Cassia tem de | moral pelo menos quatro annos | com uma filha quaze mossinha | e mais filhinhas para **iducar** | A Cassia neste sentido está triste | e desgostoza por vir passar o tem= | po <↑mais> proprio da **iducação** de sua | filha neste lugar e mesmo é |  *muito* insuportavel de se viver | aqui. [espaço] E então eu lembrei\_me | de ti que é o meu recurso pedin- | te se for possível aremoção do | Carrilho para Santa Maria | e segural\_a em quanto ella

esta. ~~vaga~~ acomança se pode-  
 res ~~arranjar~~ esta nemocão av  
name logo para eu consul-  
 tar com o banninho se quer a  
nemocão que nada disse a elle  
se fasso isto é só por motivo  
 da Cassia que acho que ella  
 tem sobrada razão de não  
 querer morar aqui.  
 Não tenho tido aflicção de re-  
 ceber uma cartinha dos me-  
 us da hi só vi pela Fadencia  
realizase o simbanque do  
 Assis no dia 14 do corrente em  
 fim meu filho no resto de ni-  
nha velhice não sementar  
~~de~~ de meu para sem longe  
 meus filhas e filhas.  
 Não esquece de dar-me lo-  
 go a resposta de que te peço

Figura 29 – Carta de Carolina Prates de Castilhos ao seu filho Júlio; São Martinho, 25 de julho  
 de 1894, fol.2r



Transcrição de Carta de Carolina Prates de Castilhos ao seu filho Júlio; São Martinho, 25 de julho de 1894, AHRS, DOC 002, Série 2, Subsérie 04, maço 07, caixa 02, fol.2r

[fol. 2r]

está. vaga acomarca se pode= | res anrranjar está remoção **avi** | **zame** logo para eu consul= |  
 tar com o Carrilho se quer a= | remoção que nada disse a elle | se fasso isto é só por motivo |  
 da Cassia que acho que ella | tem sobrada raz ão de não | querem morar **aqui**. | | Não tenho  
 tido aflecidade de re= | ceber uma cartinha mas me= | us da hi so vi pela Faderação | re  
 aliza<↑r>se o **imbarque** do | Assis no dia 17 do corrente em= | fim meu filho no resto de mi=  
 |nha **velhise** não **seau**zentando= | **se** de mim para bem longe | meus filhos e filhas. | | Não  
 esquecete de dar-me lo= | go aresposta de que te pesso |

Mãe tenho também recebido a  
 federação desde que vim da  
 api. Apesar da Com.  
 que assiste abraços meus e da  
 Cassia e também a Chiquinha  
 abençoe e beije por mim meus  
 queridos netinhos. Recebe um  
 abraço e abençoação

P. S.  
Assigne a  
 Federação só,  
 para abrente  
 saber o que ha a  
 ten respeito. Carolina  
 A Cassia envia um saudo no abraço  
 e um beijo a querida Eugenia

De Sua  
 m. extremosa  
mae

Figura 30 – Carta de Carolina Prates de Castilhos ao seu filho Júlio; São Martinho, 25 de julho de 1894, fol.2v

Transcrição de Carta de Carolina Prates de Castilhos ao seu filho Júlio; São Martinho, 25 de julho de 1894, AHRS, DOC 002, Série 2, Subsérie 04, maço 07, caixa 02, fol.2r

[fol. 2v]

Não tenho tambem recebido a= | federação desde que vim da | ahí. [espaço] Aprezada Comadre | que **asceite** abraços meus e da | Cassia e tambem a Chiquinha | abencoe e beije por mim meus | queridos netinhos. [espaço] Recebe um | abraço e abençoão

De Sua | *mu*ito extremosa | **mai**

P. S.

**Assignei** a

Federação só,

para auzente

Carolina

sabre o que ha a

teu respeito.

A Cassia envia-te um saudozo abraço | e um beijo aquerida Eugenia

Conforme vemos nos exemplos destacados nas transcrições, realiza-se a classificação das ocorrências escritas em lixo gráfico, variação puramente gráfica e dado com possível valor fonológico, como forma de seleção adequada de ocorrências escritas que possam representar fenômenos fonológicos frequentes na fala da língua portuguesa.

### **3.2.3.2 Uma Proposta de Interpretação de Dados Escritos em Sincronia do Século XIX**

Propor interpretação fonológica em dados escritos em sincronias passadas é uma tarefa que demanda uma taxonomia específica para as escritas ditas “desviantes”, conforme visto anteriormente. Supor que o indício de registro escrito é uma representação da oralidade da época envolve dirimir certos aspectos como o de que poderia existir uma ortografia vigente que demonstrasse que esse registro é, primariamente, um reflexo de uma adequação (ou tentativa desta) do redator à norma.

Acreditamos que as formas gráficas encontradas em fontes consideradas padrão na época, como, por exemplo, os dicionários, não podem ser consideradas indícios de oralidade através de “escrita desviante”, já que, *per se*, não desviam da ortografia proposta existente, como uma norma em construção.

Barbosa (1999) interpreta registros escritos como marcas de oralidade em cartas de comércio e documentos oficiais setecentistas e ressalta a dificuldade da descrição da variação linguística em textos de sincronias passadas. Conforme Barbosa

considerando-se que, no plano da língua falada, a descrição simples e adequada dos vários planos da variação linguística não é tarefa fácil, diferente não o seria com material escrito de sincronias passadas, cercado de tantos contextos a serem esclarecidos por ciências tão diversas. (BARBOSA, 1999, p.116).

O autor propõe que o registro escrito de um tempo passado de língua deve ser avaliado por meio de dados supragráficos (relevância do suporte), dados paleográficos (aspectos físicos da escrita) e linguísticos (fenômeno expresso em estilo de escrita de época). Barbosa (1999) utiliza as etimologizações, como forma objetiva de identificar escritas mais ou menos sujeitas a marcas de oralidade, consultando fontes como os dicionários de Bluteau (1712) e de Silva (1813).

Afirma Barbosa que a grafia pode revelar alguns processos fonéticos, avaliando nas cartas oficiais e de comércio alguns destes processos, como a flutuação entre <e>, <i> e <o>, <u>. Em relação a essas “atestações grafemáticas de certos aspectos da oralidade”, afirma “sabe-se não ser difícil argumentar pela razoável equivalência, em textos de produtores inábeis, entre o que se fala e o que se escreve.” (BARBOSA, 1999, p. 163). Ao listar ocorrências como *sulicitar*, *dipois* e *milhor*, o autor afirma que estas não estavam nem no nível de imperícia das *mãos* já descritas como *inábeis*, nem no de artificialidade dos profissionais ou eruditos da escrita etimológica: eram, como já foi dito, redatores *pouco hábeis*.<sup>68</sup> (BARBOSA, 1999, p. 173)

Lima (2014) contribui para a metodologia de Barbosa (1999), verificando o padrão de latinização gráfica de redatores eruditos de folhetins de periódicos do século XIX. O autor estabelece uma lista entre grafemas etimológicos de consoantes e seus fonemas correspondentes conforme segue.

Grafema	Fonema
<bb>	/b/
<cc>	/c/
<mm>	/m/
<gn>	/n/
<th>	/t/
<ct>	/t/

Quadro 15 – Lista parcial de correspondência entre grafemas etimológicos e fonemas de Lima (2014). Fonte: adaptado de Lima (2014, p.30 e 31)

O autor compara as normas subjetivas (a prescrição dos gramáticos) e as objetivas (a utilização prática da grafia em periódicos oitocentistas) a fim de identificar possíveis relações entre essas normas. Ao analisar o testemunho dos gramáticos acerca do uso etimológico de grafemas, percebeu que “a etimologização gráfica era uma categoria importante para os autores da época.” (LIMA, 2014, p.40)

<sup>68</sup> Grifo do autor.

Embora a Academia fosse mais favorável a uma escrita etimológica do que fonética, o autor observa que, em determinada época, a relação mais próxima entre oralidade e ortografia refletia o período oitocentista, quando havia muitas discrepâncias entre as fontes metalinguísticas existentes acerca da ortografia da LP. Segundo o autor,

entre o sec. XIX e XX viu-se uma aproximação da ortografia à oralidade. Até 1911 havia grafias, orientações de como deveria ser a ortografia. O resultado das disputas foram as reformas ortográficas do século XX. (LIMA, 2014, p. 46)

Neste contexto, interpretar fonologicamente uma ocorrência escrita como indício de variação baseia-se na equiparação em fenômenos fonológicos frequentes em uma sincronia recente, já descritos em estudos linguísticos. A pronúncia específica de uma das variantes/alternâncias de uma variável fonológica deve ser algo presente na fala e passível representação gráfica no passado.

Embora, os pesquisadores do português brasileiro em sincronias passadas, Barbosa (1999) e Lima (2014), procurem identificar correspondências entre a realização fonética/fonológica com a representação gráfica, essa relação não é tão simples, conforme visto anteriormente nessa Tese. A relação grafema/fonema ocorre de forma gradativa e nem sempre direta. Por isso, mais adequado é tratar registros gráficos como **indícios de formas supostamente ouvidas**.

Urge, pois, fazer uma tentativa de uma proposta de interpretação desses “dados”, encontrados em textos escritos. A época oitocentista no Brasil foi um período no qual houve tentativas de construção de norma padrão em termos de convenção ortográfica. Havia um baixo número de alfabetizados (escritores e leitores), além de um acesso restrito através de poucos veículos à produção escrita, como impressos de jornais e alguns livros. Desse modo, escrever pode ser uma tentativa de se obedecer ou de se seguir algum padrão preestabelecido como modelo ou exemplar de alguma norma linguística

Com base em Lass (200, p. 46), interpretar o comportamento variável gráfico de uma forma considerada “desviante”, envolve, além de estratégias de inferências de base em considerações históricas e o conhecimento de tradições escritas de época, a consulta à fontes de evidências descritas diretas, como dicionários e gramáticas. Contudo, em primeiro lugar, o registro grafemático deve, pois, ter sua expressão realizada na língua falada em uma época. Como testemunhos orais e de língua falada só aparecem no século XX, pressupõe-se que os

registros de sincronia de língua falada recente expressem fenômenos já realizados no passado, conforme *o princípio uniformitarista*, citado na seção 3.1 desta Tese.

Assim os processos elencados e descritos em estudos de língua falada no capítulo 2 dessa Tese, revelam processos variáveis e possíveis de serem refletidos em uma escrita de época em que não havia norma padrão estabelecida uniformemente. Propomos examinar casos de registros escritos em amostra de jornais e de manuscritos do século XIX no Rio Grande do Sul em relação ao processo fonológico no qual supostamente estaria envolvido e a recorrência do registro gráfico em fontes diretas, como em algumas gramáticas e dicionários da Língua Portuguesa, escritos no século XVIII e XIX.

Verificamos, neste capítulo, que estudar variação e mudança linguística em tempo passado envolve a utilização do texto escrito como fonte de informação. A seleção de *corpus* deve ser criteriosa a ponto de permitir a suposição de eventos de fala, segundo Schneider (2002) e Montgomery (2007). Apesar de se apresentarem diversos problemas para a composição de *corpora* escritos para a pesquisa em Linguística Histórica, a escrita presente neste tipo de material possibilita, através de uma taxonomia de escritas consideradas desviantes (LASS, 2000) e da consulta a fontes metalinguísticas, interpretar fonologicamente certos registros escritos como indícios de fala de uma época pretérita da qual não se guardam registros sonoros.

A seguir, no quarto capítulo desta Tese, exporemos a amostra de *corpora* de documentos impressos e manuscritos com os quais trabalhamos. Esta amostra é composta por jornais, cartas manuscritas da Família Prates de Castilhos e Documentos da Revolução Federalista. Trataremos dos acervos que guardam estes documentos sobre a memória linguística do Rio Grande do Sul, respectivamente o Museu de Comunicação Hipólito José da Costa, o Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, o Museu Júlio de Castilhos e o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Para situarmos-nos historicamente no período no qual foram produzidos os documentos oitocentistas, expomos os eventos acerca da formação histórica do Rio Grande do Sul no século XIX.

#### 4. *CORPORA* DE TEXTOS ESCRITOS OITOCENTISTAS GAÚCHOS

##### 4.1 MEMÓRIA LINGUÍSTICA ESCRITA DO RIO GRANDE DO SUL

Tratar de memória implica tratar de resgate e preservação de ideias, dizeres, tradições, costumes, enfim, história. Algo que se deve, primordialmente, à escrita como forma de documentação da realidade passada.

Iniciaremos este capítulo tratando da história do Rio Grande do Sul, a fim de situar-nos na época sobre a qual trata este estudo, o século XIX. Além disso, tentamos demonstrar que acontecimentos históricos como guerras e imigrações, além de tudo o que envolve o movimento e a convivência entre os povos, estão relacionados com a formação histórica do português sul-rio-grandense. Após, trataremos dos acervos de museus e arquivos públicos em Porto Alegre que possuem as fontes primárias utilizadas na constituição dos *corpora* de nossa pesquisa.



Figura 31 – Painel “A Formação Histórico-Etnográfica do Povo Riograndense”. Fonte: mural de 25m<sup>2</sup> em técnica mista de Alto Locatelli (1951/1955), no Palácio Piratini, Porto Alegre, RS



#### 4.1.1 Formação Histórica do Estado

Nosso trabalho compreende a análise do que podemos observar da língua portuguesa escrita no Rio Grande do Sul no período oitocentista. Conseqüentemente, torna-se relevante situarmo-nos histórica e geograficamente no Rio Grande do Sul do século XIX. Para isso, expomos breves considerações históricas acerca do “Rio Grande de São Pedro” do século XVI ao Rio Grande do Sul do século XIX.

O Rio Grande do Sul, atualmente, situa-se no extremo sul do Brasil, fazendo fronteira com países de língua espanhola, como o Uruguai (sul e sudoeste) e a Argentina (oeste e noroeste). Ao leste é banhado pelo Atlântico e ao norte faz fronteira com o estado de Santa Catarina.

Diferente de outros estados brasileiros, esta região é de colonização tardia, além de historicamente cercada por disputas entre portugueses e espanhóis ao longo de vários séculos, pois conforme Pesavento (1992, p. 7), o território sul-rio-grandense integrou-se tardiamente ao restante do Brasil colonial. A região permaneceu inexplorada por mais de um século, enquanto que no restante da América portuguesa se desenvolveram os engenhos de açúcar. Desvinculado da agricultura colonial de exportação diretamente integrada ao mercado internacional, o estado carecia de sentido no contexto do processo de acumulação primitiva de capitais que se verificava nos quadros do Antigo Sistema Colonial.

Outra peculiaridade de sua formação é que grande parte das cidades do estado foram fundadas e se desenvolveram através da imigração alemã e italiana. Segundo Bisol (1981), reconhecem-se quatro grupos majoritários étnico-culturais na formação da população falante do português sul-rio-grandense: portugueses, espanhóis (fronteiriços), alemães e italianos.

A história e a cultura sul-rio-grandense exerceram grande influência nas características linguísticas, através de práticas bilíngues espanholas, alemãs e italianas, dentre outras formas diferentes de falar o português. Estudos de cunho sociolinguístico têm sido desenvolvidos através do banco de dados Variação Linguística do Sul do Brasil (VARSUL) desde a década de 70. Estes estudos tratam de variáveis fonológicas características deste estado, como a realização de vogais médias pretônicas e postônicas (m[e]nino/m[i]nino, bol[o]/bol[u]) e da

lateral alveolar ou velar (pa[l]co/pa[u]co), dentre outros aspectos linguísticos típicos da região.<sup>69</sup>

A história e o desenvolvimento de formação étnica e cultural, sem dúvida, exerceram influência na variedade falada deste Estado. Por isso, apresentaremos a seguir dados históricos da formação do Rio Grande do Sul, citando os conflitos, a economia desenvolvida e alguns fatos políticos de modo cronológico.

Até a chegada portuguesa ao Brasil, a região, hoje correspondente ao estado do Rio Grande do Sul, era habitada por índios guaranis, tapes e charruas. Conforme Laroque (2011, p.16), “no Rio Grande do Sul, Charruas/Minuanos ocupavam áreas de campos do sudoeste, até aproximadamente a altura dos rios Ibicuí e Camaquã, mas também se estendiam para o pampa uruguaio e para as pequenas porções do território argentino”.

Em relação à história mais longínqua, segundo Barbosa (2013, p.16) o primeiro explorador da costa rio-grandense foi Gonçalo Coelho, em 1503, seguido por D. Nuno Manuel (1513) e por João Dias de Solis (1516), português a serviço da Espanha, “morto pelos índios charruas à entrada do estuário do Prata”. Posteriormente, Cristóvão Jaques (1521), Martim Afonso de Sousa (1532) comandados por seu irmão Pero Lopes de Sousa penetraram no sangradouro da Lagoa dos Patos, “que então teria denominado Rio de São Pedro, em homenagem ao seu padroeiro”. Destas viagens, resultaram registros e descrições da costa gaúcha, assim como a generalização do nome “Rio Grande de São Pedro.”

No século XVII, a região do Sul começou a chamar a atenção dos colonizadores e gradativamente foi sendo povoada. Muitos padres jesuítas espanhóis se mudaram para o território com a missão de converter os índios. Segundo Fitz (2011), os jesuítas visitavam as aldeias onde então era exercido o proselitismo religioso com fins de conversão. Porém, os índios permaneciam em suas aldeias originais e conservavam seus hábitos, costumes e sistema socioeconômico. A “domesticação” dos selvagens não ocorreu de imediato. “O sucesso da doutrinação religiosa só poderia ocorrer se simultaneamente à evangelização fosse desarticulado o modo de vida tradicional dos indígenas.” (Ibidem, p.52)

As missões jesuíticas significavam uma importante fonte de mão de obra formada por índios catequizados, aldeados e servis<sup>70</sup>. Para a captação destes índios como recurso a servir

---

69 As publicações destes estudos podem ser vistas em Bisol, Collischonn (2009) e Bisol, Battisti (2014).

às Coroas e à Igreja, implantou-se o sistema reducional: em 1626, o padre Roque Gonzalez de Santa Cruz fundou São Nicolau, iniciando o processo em territórios do atual Rio Grande do Sul. A partir de então, os índios foram catequizados, ensinados e instruídos pelos padres, o que sugere trocas linguísticas entre as línguas destes nativos e os padres europeus.

A primeira residência dos padres foi em 1626 (PESAVENTO, 1992, p.8). A área ocupada pelos jesuítas limitava-se pelo mar, a leste, e pelo Rio Uruguai, a oeste. A partir de 1640, introduziu-se o gado nas missões, pois os padres temiam não conseguir alimento suficiente para os índios convertidos. Neste período, a carne não era considerada um bem econômico, mas sim um bem de consumo à subsistência.

Assustados pelos bandeirantes, os jesuítas optaram por abandonar as terras e levar todos os índios catequizados, deixando para trás os que não se converteram a mercê dos bandeirantes que queriam escravizá-los. As dezoito reduções foram todas destruídas pelos bandeirantes brasileiros e exploradores portugueses. Retiraram-se, então, para a outra margem do Rio Uruguai a oeste, levando pessoas, porém deixando o gado. Os rebanhos reproduziram-se à solta, formando a reserva de gado xucro do pampa conhecida como “Vacaria del Mar”.

Já em 1680, os portugueses fundaram a *Colônia do Sacramento*, um centro comercial lusitano na margem norte do Prata para acabar com o monopólio do comércio espanhol na região. Esta colônia foi alvo de inúmeros conflitos por portugueses e espanhóis em relação à dominação do território, o que fez com que espanhóis, portugueses e nativos.

Embora houvesse contato entre indígenas, portugueses e espanhóis, os padres jesuítas foram os primeiros a se fixarem no Rio Grande do Sul em meio aos nativos. A partir de 1682, jesuítas espanhóis começaram a retornar ao Rio Grande do Sul, fundando os *Sete Povos das Missões* ou *Missões Orientais*: São Francisco de Borja, São Nicolau, São Miguel Arcanjo, São Lourenço Mártir, São João Batista, São Luiz Gonzaga e Santo Ângelo Custódio. O retorno ocorreu devido aos bandeirantes estarem entretidos com a extração de ouro e pedras preciosas, deixando as perseguições em terras gaúchas.

Além da evangelização e civilização dos indígenas, os jesuítas criaram estâncias para criar o gado de Vacaria del Mar, já bastante devastado pelo abate indiscriminado. Desta

---

<sup>70</sup> Os indígenas eram vistos com mão de obra alternativa e local à mão de obra escrava africana, que teve início com o tráfico negreiro na América que perdurou do século XVI ao XIX.

forma, em 1701, aumentou-se a valorização econômica do gado sulino e o território do Rio Grande do Sul é integrado à economia colonial de exportação como subsidiária.

As aldeias jesuítas adquiriram importância econômica e chamaram a atenção para a província de São Pedro (PESAVENTO, 1992, p.12). Com o desenvolvimento econômico dos Sete Povos, suas exportações à Europa e o pagamento de tributos a Roma, os jesuítas tornaram-se uma ameaça política às monarquias europeias. Assim, suas terras foram colocadas em pauta nas disposições do Tratado de Madrid (1750). Neste mesmo ano, concentraram-se as tropas no Rio Grande do Sul para a demarcação do Tratado e, dois anos depois, houve imigração de portugueses açorianos para o povoamento do território correspondente às Missões. Estes imigrantes não receberam as terras de imediato, já que os índios missionários resistiram às tropas luso-castelhanas para não abandonarem estas terras.

Isto resultou na Guerra Guaranítica (1754). Após esta guerra, com o massacre dos índios liderados pelo lendário índio Sepé Tiarajú, os jesuítas foram expulsos de Portugal (1759), Espanha (1767) e América (1768) sendo seus bens e propriedades confiscados.

Cria-se a Capitania de Rio Grande de São Pedro (1760), subordinada ao Rio de Janeiro. Em 1764, o governador José Marcelino de Figueiredo distribuiu terras aos açorianos e estimulou o povoamento e a agricultura de subsistência. Formaram-se povoados em Mostardas, Estreito, Santo Amaro, Taquari, Santo Antônio da Patrulha, Porto Alegre, Cachoeira e Conceição do Arroio. Novas sesmarias são concedidas na fronteira do Rio Pardo.

Os açorianos, inicialmente, agruparam-se nas terras do Porto de Viamão. Este foi elevado à Freguesia, denominado Freguesia de São Francisco do Porto dos Casais, em 26 de março de 1772, hoje estabelecida como data oficial da fundação do município de Porto Alegre. Para uma melhor situação geográfica e estratégica, em 25 de julho de 1773 o governador da Capitania, Marcelino de Figueiredo, transferiu a capital de Viamão para Porto Alegre, já que a freguesia possuía cerca de 1.500 habitantes (COSTA, 1998, p.73). Foram criadas várias estâncias, que em 1780, eram pioneiras na produção de charque, sendo vendido para todo o país. Era utilizada a mão de obra escrava para a fabricação do produto.

No mesmo ano, ocorreu a segunda invasão castelhana no Rio Grande do Sul por Vertiz Y Salcedo, governador de Buenos Aires. Salcedo foi detido em Rio Pardo por Rafael Pinto Bandeira e, em 1776, o Rio Grande foi reconquistado pela ação conjunta das tropas

locais portuguesas. Em 1777, ocorre a terceira invasão castelhana, com a tomada de Sacramento e da Ilha de Santa Catarina por D. Pedro de Cevallos. Com o Tratado de Santo Ildefonso, a Espanha impõe ao reino português a perda de Sacramento e das Missões em troca cedeu-se Santa Catarina a Portugal (MIRANDA, 2011, p. 96)

Segue-se, então, o período da mercantilização da economia gaúcha: expansão do trigo e desenvolvimento da pecuária sulina (agora através do charque). Em 1801, Manuel dos Santos Pedroso, um soldado estancieiro, e José Borges do Canto, contrabandista e desertor, conquistaram a fronteira oeste. Conforme Pesavento (1992, p.23) “as missões, que se achavam em decadência sob a administração espanhola leiga, transformaram-se em nova área para expansão das sesmarias.

O Rio Grande do Sul foi elevado à Capitania Geral em 1807. A partir desta data, a Capitania de São Pedro não estava mais subordinada ao Rio de Janeiro, mas sim ao Vice-Rei do Brasil (MIRANDA, 2011, p.98). Um ano depois, devido às invasões napoleônicas em Portugal, a Corte portuguesa chegou à Bahia. Com o domínio napoleônico da Península Ibérica, D. João ocupa a Guiana Francesa em 1809 e no mesmo ano faz sua primeira tentativa de ofensiva no Prata, relacionada ao interesse inglês e português no mercado platino. Em seguida, o Tratado de 1810 entre Portugal e Inglaterra acarretou na independência das Províncias Unidas do Rio da Prata sobre a hegemonia de Buenos Aires e influência inglesa. Mais duas tentativas de ofensivas foram feitas por D. João no Prata, em 1811 e 1816. Neste período, houve lutas entre o “exército pacificador” (tropas gaúchas e portuguesas) e o exército argentino de Artigas. A Inglaterra, dominadora econômica do Prata, atua como mediadora. O unitarismo de Buenos e do federalismo de Artigas protagonizam ataques às estâncias gaúchas, o que acarreta na invasão luso-brasileira do Prata. A derrota final de Artigas ocorre somente em 1820, com anexação das terras orientais com o nome de Província Cisplatina.

Devido à desorganização das charqueadas uruguaias, o gado foi trazido para o Rio Grande do Sul, abastecendo os rebanhos, desenvolvendo-se a economia relacionada diretamente à pecuária gaúcha.

Nesta época de desenvolvimento econômico da pecuária sul-rio-grandense e da vinda da família real para o Brasil, cria-se o Império Brasileiro, independente politicamente de Portugal. Conforme Pesavento (1992, p. 35) durante as duas primeiras décadas do século XIX iniciou-se o processo de independência do Brasil. Este “inseriu-se na crise mais ampla da

desagregação do Antigo Sistema Colonial”. A vinda da família real portuguesa em 1808 “veio a agravar as tensões dentro de uma situação estruturalmente desequilibrada, contribuindo para a conscientização das camadas dominantes agrárias na sua luta contra os monopólios”. Em 1822, no dia 7 de setembro, o Príncipe Regente do Brasil D. Pedro de Alcântara Bragança grita, às margens do riacho Ipiranga, “Independência ou Morte!”, oficializando a data na qual se comemora a emancipação política das terras brasileiras do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves.

É importante ressaltar que o desenvolvimento das charqueadas na primeira metade do século XIX demandou mão de obra escrava, o que fez com que o Rio Grande do Sul tivesse uma população considerável de escravos africanos. Estes também trouxeram seus costumes e suas línguas ao contato com o português. Embora a região seja a que tem menor percentual de negros e índios, conforme Leite (1995, p.3) toda a historiografia do Sul do Brasil subestimou a presença dos negros. Acrescenta “Mesmo o Rio Grande do Sul, que teve um sistema escravista significativo (cerca de 27,3% da população de 1860 era escrava!), é considerado como um estado branco, europeu, no Brasil.” Constata-se, dessa forma, que enquanto ocorriam guerras e disputas territoriais, em conjunto com a vinda de imigrantes, os africanos mantinham-se em uma esfera social de força de trabalho, sendo subestimados inclusive historiograficamente, embora seus costumes sociais e linguísticos também figure na formação histórica sul-rio-grandense e conseqüentemente em seu dialeto.

Após dois anos, em 1824, outorgou-se a primeira Constituição brasileira. Neste mesmo ano, José Feliciano Fernandes Pinheiro assume como primeiro presidente da Província do Rio Grande do Sul e chegam os primeiros imigrantes alemães para colonizar as terras hoje correspondentes à cidade de São Leopoldo. Em 1825, o Brasil declarou guerra à Argentina (Guerra Cisplatina) pela posse da banda oriental: as tropas rio-grandenses mobilizaram-se para lutar na Cisplatina. Houve conflitos entre os chefes locais e os representantes do centro do Brasil. Novamente, em 1828, instaurou-se a paz pela mediação inglesa.

Nesta época, o Uruguai surge como país e iniciou-se a recuperação do gado oriental, processo que continuará até 1831, quando haverá concorrência do charque platino ao charque rio-grandense na disputa pela colocação no mercado interno brasileiro. O café torna-se o principal produto de exportação brasileira. Enquanto isso, as colônias alemãs produzem gêneros agrícolas ainda em caráter de subsistência.

Em 1834, com o Ato Adicional, as províncias passam a ter poder legislativo, o que origina, no Rio Grande do Sul, reclamações contra o centralismo político da Regência. Bento Gonçalves, militar engajado nas guerrilhas da primeira campanha cisplatina (1811-1812), sofre neste ano acusações de ligações com políticos uruguaios. Buscando a independência do Rio Grande do Sul do Império do Brasil, foi um dos líderes da Guerra dos Farrapos, que viria a eclodir no ano seguinte: em 20 de setembro de 1835, dia em que os rebeldes conquistaram Porto Alegre. Nesta época, a Argentina está sob a ditadura de Rosas, que auxilia Oribe a subir no poder no Uruguai. A partir deste ano, eclode a Cabanagem no Pará e uma série de outras revoltas por todo o Brasil como a Sabinada (1837) na Bahia e a Balaiada (1838) no Maranhão.

Em 1836, Antônio Souza Neto proclamou a República Rio-Grandense devido à vitória contra os imperiais na Batalha do Seival. Ao saber da proclamação, Bento Gonçalves e sua tropa locomoveram-se à beira do Rio Jacuí para juntarem-se às forças de Neto. Ocorreu o combate na ilha do Fanfa e Bento Gonçalves foi preso e levado à Bahia. Porto Alegre é perdida para as tropas legalistas. Um ano depois, foge da prisão e retorna ao Rio Grande do Sul.

No ano de 1838, os farrapos tomam Rio Pardo. Estes mantêm relações com o Uruguai, por meio do qual exportam o charque e recebem reforços bélicos. No ano seguinte, levam a revolução até Santa Catarina e fundam, em Laguna, a República Juliana confederada à Rio-Grandense.

Em relação à economia, nesta época as colônias alemãs desenvolviam uma agricultura de subsistência já em caráter comercial, exportando o excedente para Porto Alegre, em 1840. Três anos mais tarde, o charque rio-grandense era exportado via Montevideu e ocorria o declínio farroupilha com a nomeação de Duque de Caxias como presidente da província e comandante de armas e sua vitória sobre os rebeldes.

Em 1844, o Brasil impõe protecionismo alfandegário com o fim dos Tratados de 1810 com a Inglaterra. No ano seguinte, os ingleses promulgam o Bill Aberden, ameaçando o tráfico negreiro realizado pelo Brasil. No mesmo ano, em 18 de fevereiro, na região do Poncho Verde, David Canabarro proclama o Tratado de Paz que estabeleceu o final da revolução farroupilha. Este tratado, decretado por D. Pedro II, perdoava os desertores e ressarcia as dívidas contraídas pelos sul-rio-grandenses rebeldes durante o dez anos de guerra farroupilha.

É importante ressaltar que o movimento farroupilha, com promessas libertárias para época, atraiu um significativo contingente de soldados, dentre eles imigrantes europeus e seus descendentes, assim como muitos negros que lutavam pela abolição do trabalho escravo. Formou-se o Corpo de Lanceiros Negros, que era integrado por negros livres ou libertados pela Revolução e, após, pela República, com a condição serem recrutados como soldados pela causa. Até hoje, os dias 13 e 14 de novembro marcam o dia de homenagem a estes lanceiros, dizimada pelo exército do imperador Pedro II no chamado Massacre de Porongos, resultado de um traiçoeiro acordo entre um chefe dos farrapos e o comandante do exército imperial, o futuro Duque de Caxias.

Três anos após a Guerra dos Farrapos, formou-se no Rio Grande do Sul o “Exército Libertador” para lutar contra o ditador uruguaio Oribe na Guerra Grande, eclodida em 1848 e que se finda somente em 1851, quando se anulam as condições de concorrência uruguaia com o charque gaúcho.

Economicamente, os alemães, com sua agricultura de subsistência, a partir dos anos 40 até os anos 70 prosperavam suas colônias praticamente sem auxílio, já que a sociedade da época se utilizava de mão de obra escrava para produção. Conforme Pesavento

o comerciante alemão foi o elemento que se destacou no mundo colonial. Lucrava sobre a produção agrícola mediante a diferença obtida pelos produtos na colônia e em Porto Alegre; lucrava com o transporte das mercadorias da colônia à capital e da capital à colônia; lucrava ainda com as operações financeiras de empréstimos e guarda de dinheiro, o que lhe oportunizava um capital de giro para investir. (PESAVENTO, 1992, p. 49)

Não obstante, a situação financeira dos imigrantes somente melhorou após a extinção do tráfico negreiro com a Lei Eusébio de Queiroz em 1850, através da qual a discussão acerca da questão servil ganha destaque. Conforme Vital

mesmo com o contexto desfavorável para a manutenção do sistema escravista, mexer no sistema de mão de obra no Brasil não foi algo simples. Houve um longo período de transição. Logo, volta-se à questão anterior: qual a função da imigração em um País com uma estrutura escravocrata tão consolidada? Estaria o Estado brasileiro à frente dos próprios grupos que o mantinham? Certamente, não. Nem tampouco pode-se considerar a questão servil como fator único nas ações do Estado brasileiro diante da política imigratória na primeira metade do século XIX. (VITAL, 2011, p. 160)

No mesmo ano, cria-se o Partido Conservador do Rio Grande do Sul e funda-se o Estaleiro Só, importante representante da indústria naval brasileira, em Porto Alegre. Logo em



1851, o Brasil declara guerra contra Rosas, da Argentina. Desta forma, no RS, permanece a mobilização militar, embora findada a guerra contra Oribe (Uruguai), inicia-se a luta contra Rosas. A Argentina é derrotada em 1852, na batalha do Monte. No Rio Grande do Sul, formam-se conciliações interpartidárias: a Liga, sob hegemonia do Partidor Conservador; e a Contra-Liga, sob hegemonia do Partido Liberal. Este partido será reorganizado em 1860, com a formação do Partido Liberal Histórico, que lança um manifesto de cunho combativo e reformista em 1863.

Economicamente, anulam-se as condições de concorrência uruguaia com o charque rio-grandense em 1851, condições estas que são restabelecidas em 1860. A partir de 1854, os lotes de terra deixam de ser cedidos e passam a ser vendidos aos imigrantes. Quatro anos depois forma-se o Banco da Província. No ano de 1865, época de grande desenvolvimento da lavoura comercial nas colônias alemãs, inicia-se a Guerra do Paraguai: Brasil, Argentina e Uruguai assinam a Tríplice Aliança contra o Paraguai.

O Partido Liberal, que predomina no RS desde 1845, inaugurou em 1868 o jornal “A Reforma” e foi referido como um órgão de “grande propaganda de aliciamento no RS” (PESAVENTO, 1992, p. 61). Dois anos mais tarde, a crise da charqueada sulina se manifestou na falta de mão de obra escrava e na concorrência com o Prata. A lavoura colonial prossegue com grande desenvolvimento, abastecendo o mercado interno do país. Os liberais conseguem, em 1873, dominar a Assembleia Sul-Rio-Grandense em uma época na qual esta era dominada pelos conservadores. O partido liberal atuava inconformado com a ordem vigente e criticava as instituições.

Em 1874, eclode o conflito dos Mucker, uma família alemã de fanáticos religiosos aos quais foram atribuídos crimes cometidos contra os que não queriam fazer parte da seita de Jacobina Mentz Maurer.

No ano de 1875 começam a imigrar os primeiros italianos no Rio Grande do Sul. Estes ficaram com as terras menos acessíveis, estando em desvantagem em relação aos alemães, chegados 50 anos antes. Assentaram nas colônias de Conde d’ Eu e Princesa Isabel e dedicaram-se a vitivinicultura, extração de madeira e ao artesanato.

Os liberais ascendem ao poder do governo da Província e dominam a Assembleia e mudam sua atuação: defendem a ordem e as instituições, liderados por Gaspar Silveira

Martins em 1878. A partir de 1881, ocorre uma importante mudança no sistema eleitoral brasileiro: a Lei Saraiva concede o direito de votar e ser votado aos acatólicos e estrangeiros naturalizados. Desta forma, os alemães no RS puderam participar do processo político-partidário, sendo cooptados pelo Partido Liberal.

Esta década foi marcada politicamente pela atuação do Partido Liberal e pelas campanhas abolicionistas. Em 1882, foi realizada a 1ª Convenção Republicana no RS e fundou-se o Partido Republicano Rio-Grandense (PRR). Com o declínio das instituições monárquicas no Brasil em 1883, no mesmo ano realiza-se o 1º Congresso Republicano no RS, no qual se destaca a figura de Júlio de Castilhos, o jovem jurista positivista. O ano seguinte é marcado por dois acontecimentos políticos: o 2º Congresso Republicano e a fundação do jornal “A Federação”, órgão oficial do PRR. Este partido fez intensa propaganda na província, “dentro de um contexto político dominado pelo Partido Liberal, porém em desgaste pelo seu imobilismo” (PESAVENTO, 1992, p. 53).

As campanhas abolicionistas cumprem seu papel em 1888: a Lei Áurea, sancionada pela Princesa Isabel, extinguiu a escravidão no Brasil. Um ano depois, proclama-se a República. No Rio Grande do Sul, os liberais são derrubados do poder e Gaspar de Silveira Martins é exilado na Europa.

No Brasil de 1890, Deodoro da Fonseca assume como presidente e Floriano Peixoto como vice. No Rio Grande do Sul, Júlio de Castilhos é eleito presidente do estado em 1891. Deodoro decretou o fechamento do Congresso e, após sua renúncia, é substituído por Floriano Peixoto. Castilhos, que apoiou o golpe de Deodoro, é deposto pela oposição. Instala-se no RS o chamado “governicho”, composto por Assis Brasil, Barreto Leite e Barros Cassal. Neste mesmo ano, inicia-se a expansão industrial e manufatureira com o surgimento de indústrias como a Neugebauer (fundada pelos irmãos Franz, Ernest e Max Neugebauer) e a Companhia Fiação e Tecidos Porto Alegrense. Posteriormente, forma-se a Cervejaria Ritter e Filhos (1894), a refinaria de banha Otero Gomes (1900), a fábrica de pregos João Gerdau (1901) e a Firma de camas e fogões João Wallig (1904).

Em 1892, surge o Partido Federalista Brasileiro (PFB) após o retorno de Silveira Martins do exílio. No ano seguinte, Júlio de Castilhos volta ao poder, causando revolta do PFB. Eclode, então, em 1893, a Revolução Federalista, liderada por Silveira Martins contra o governo de Castilhos. A revolta foi articulada com a conquista da cidade de Bagé. No mesmo

ano, eclodiu a Revolta Armada no Rio Janeiro contra o governo de Floriano Peixoto. Esta revolta se uniu à causa dos federalistas gaúchos. Juntos, conquistaram a região de Desterro, em Santa Catarina. Em junho de 1895, ambas as revoltas chegam ao fim, consolidando-se no sul o domínio e a burocratização do Partido Republicano Rio-Grandense.

No ano de 1898, a concentração industrial e a expansão da lavoura colonial, com a formação da Sociedade Agrícola e Pastoril do RS, foi acompanhada pela sucessão de Castilhos por Borges Medeiros na presidência do Estado. Castilhos permanece como chefe do partido até sua morte, em 1903, quando passa a chefia a Borges de Medeiros.

Não faremos considerações históricas do Rio Grande do Sul novecentista, pois este não é o período contemplado nos objetivos de nosso trabalho. Ressaltamos que, guerras e conflitos políticos, invasões e imigrações trazem novas línguas a outros povos, ou seja, proporcionam contatos bilíngues e, conseqüente, o surgimento de dialetos dentre outras manifestações linguísticas.

Conforme já dito, é interessante reforçar que, mesmo com a ampliação da escolarização no Brasil no século XIX, a situação de biliguismo perdura até hoje em alguns lugares do Rio Grande do Sul. Conforme Battisti (2014, p,11), o isolamento das comunidades de imigrantes no período oitocentista atrasou o desenvolvimento do espírito brasileiro e do nacionalismo que se cultuava em outros lugares do Brasil, algo que “contribuiu para que a fala dialetal e o contato com o português se mantivessem entre os imigrantes e seus descendentes”. Somente no século XX, em 1938 e 1839 com a Campanha de Nacionalização do Estado Novo de Getúlio Vargas que o português ganhou força no uso linguístico dessas comunidades, já que as medidas proibiam o ensino em língua estrangeira para menores de 14 anos e a fala de língua estrangeira em público.

O Rio Grande do Sul até o século XIX foi uma terra de índios guaranis, portugueses, espanhóis, italianos, alemães, russos e poloneses (estes dois últimos foram grupos miniritários, imigrando até meados do século XX). Sendo assim, traz, em sua formação histórica e linguística, influências de todas estas etnias e línguas. Segundo Schmitt (1987), a

manutenção das vogais médias finais no Rio Grande do Sul é um reflexo de interferência de outra língua, o que não ocorre em Porto Alegre<sup>71</sup>.

Por isso, notam-se no dialeto sul-rio-grandense, variando em relação à região (metropolitana, da campanha, da fronteira, da serra) variações lexicais como, por exemplo, certas palavras hispano-luso-indígenas de uso corrente: os diminutivos hispânicos *solito* (sozinho, um pouco só – *solo* no espanhol), *despacito* (devagarinho – *despacio* em espanhol) e *cansadito* (cansadinho, um pouco cansado).

Em relação ao comportamento das vogais, percebe-se a preservação do “o” e do “e” no português semelhantes como o são no Espanhol em contextos nos quais se alterariam para “u” e “i” no Português. Em palavras como *grande, forte, leite, desespero*, mantêm-se as vogais médias em contextos - átonos pretônicos ou finais - nos quais espera-se a elevação, como em *forti, leiti, disispero*. Segundo Bisol (1981, p. 261), “os fronteiriços, que vivem o confronto de duas línguas irmãs – o português e o espanhol” elevam menos as vogais médias por influência do espanhol, “a língua românica que mais preservou a média pretônica latina”. Isto acontece principalmente nas regiões interioranas à noroeste e sudoeste do estado, mais próximas da Argentina e do Uruguai.

Assim, até os dias atuais, além do português, no Rio Grande do Sul, também são faladas outras línguas e dialetos, os quais também foram objetos de estudos linguísticos como o kaingang (GONÇALVES, 2007), o guarani<sup>72</sup> (RAMBO, 1947), as variedades do alemão (ALTENHOFEN, 1990, 1996), do italiano (FROSI, 1989, 1999) e o português fronteiriço influenciado pelo espanhol<sup>73</sup> (STURZA, 2005) em regiões de fronteira com a Argentina e o Uruguai (CARVALHO, 2003), conhecidos popularmente como “castelhano” e “portunhol”.

---

<sup>71</sup> Cidades como Westfalia e Teutônia apresentam bilinguismo entre o português e dialetos do alemão, por exemplo.

<sup>72</sup> “Dentre os 600 índios que, aproximadamente, vivem no Pôsto, 550 são caingangues. Os 50 restantes são guaranis. As línguas deferem radicalmente. Os guaranis falam o idioma na sua forma paraguaia (terra de origem) enxertado com palavras castelhanas. Os caingangues usam o dialeto gê, com muitas palavras portuguesas. Entre os guaranis, os homens todos falam, ou pelo menos entendem, o português, as mulheres falam-no pouco, as crianças pequenas não o conhecem, e os rapazes o aprendem na escola do Pôsto.” (RAMBO, 1947, p.81 e 82)

<sup>73</sup> “Este espaço desterritorializado é o que coloca as nossas línguas da fronteira em situação de contato. Com o status de línguas oficiais e predominantes, o português e o espanhol na América se colocam lado a lado ao longo das fronteiras geográficas que compartilham. Porém, do ponto de vista da situação étnica, os grupos de convívio e seus contatos linguísticos, em diferentes regiões fronteiriças do Brasil com os demais países da América do Sul, contribuem para a constituição de um panorama linguístico heterogêneo, muito aquém do que representa a dualidade português-espanhol no seu estatuto de línguas majoritárias” (STURZA, 2005, p.2)

O dialeto gaúcho pode ser ouvido hoje no Rio Grande do Sul, e seus estados passados de língua são cultuados através dos Cancioneiros de diversos artistas muito aclamados pelo Movimento Tradicional Gaúcho (MTG)<sup>74</sup>, que celebra datas comemorativas (Revolução Farroupilha), a música, a vestimenta e culturas gaúchas em Centros de Tradições Gaúchas (CTGS), além da literatura que representa o gaúcho folclórico, tendo seu expoente nas obras de Simões Lopes Neto.<sup>75</sup>

Referências à variedade gaúcha do português no século XIX são feitas por Coruja (1856) e Corrêa (1898), que expõem palavras, frases e expressões que fazem parte do dialeto gaúcho conhecido à época e muitas ainda permanecem. Expressões como “**Campear**, v.a. procurar pelo campo” (CORUJA, 1856, p.9) e “**Guasca**, s.f. qualquer tira ou correia de couro cru: os homens da cidade assim chamam (tomando á má parte) os homens do campo; mas n’este caso é do genero masculino” (Ibidem, op. cit. p. 16), além de “**Cordiona**, subs. f. : gaita de folles” (CORRÊA, 1898, p. 63) são utilizadas até hoje em contextos idênticos ou similares à época como por exemplo as alternâncias **cordiona~cordeona** que ocorrem em Nunes e Nunes (1984, p. 128).

Na próxima seção, exporemos onde está armazenada parte desta história escrita sul-rio-grandense do século XIX: os acervos dos Arquivos Históricos e Museus da cidade de Porto Alegre, fonte de nossos *copora*.

#### 4.1.2 Fontes Escritas em Arquivos Públicos

Fontes escritas, como atas, cartas, recibos, inventários, ofícios, etc, bem como outros objetos como mapas, pinturas e utensílios, etc. possibilitam formar um retrato linguístico e social de um estado de língua.

A documentação existente em língua portuguesa é fundamental na reconstrução da memória linguística de uma comunidade. Possibilita formar um retrato linguístico de um estado de língua. Quando utilizamos o termo “memória linguística” em nosso trabalho é relevante restringi-lo a documentos escritos, os quais tivemos acesso. O período examinado foi oitocentista, do qual não se dispõe de gravações de fala, já que não havia equipamentos

<sup>74</sup> Movimento Tradicionalista Gaúcho, disponível em <http://www.mtg.org.br/>

<sup>75</sup> Segundo Kern et al (1993) “A construção idealizada do gaúcho, mergulha fundo no passado histórico do Rio Grande do Sul, buscando sinais, traços e práticas que são reagrupados em torno de um novo significado: o de fornecer a uma coletividade uma imagem socialmente aceita, na qual as pessoas se reconheçam” .

para tal. Isto nos leva a confiar, obviamente, nas evidências trazidas pela escrita como reflexo – ou parte – do uso linguístico em questão.

Problemas de acesso e conservação do material são comuns neste tipo de trabalho. De acordo com Yassuda (2009)

a documentação, por ser um trabalho que não se mostra, na maioria das vezes é imperceptível ao grande público e muitas vezes também inacessível. Dessa forma, muitos museus não possuem um sistema de documentação adequado, seja por falta de infraestrutura ou por outras razões. (YASSUDA, 2009, p.16)

Cientes destes problemas e tentando amenizá-los, realizaremos nosso “garimpo” por trechos de textos escritos que poderiam refletir, de alguma maneira, a realidade linguística oitocentista no Rio Grande do Sul.

Pesquisamos os acervos e bibliotecas das seguintes instituições: o do **Museu de Comunicação Hipólito José da Costa**, selecionando os periódicos; o do **Arquivo Histórico do Memorial do Rio Grande do Sul**, selecionando as Cartas da Coleção Varela e o Arquivo Particular de Júlio de Castilhos, o do **Museu Júlio de Castilhos** – para a consulta às cartas originais da Família Prates de Castilhos abordadas em Santos (2013); e o do **Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul**, selecionando as Cartas da Revolução Federalista.

O Museu de Comunicação Hipólito José da Costa (**MUSECOM**)<sup>76</sup> é a instituição que contém o maior número de títulos de periódicos publicados no Rio Grande do Sul. É uma instituição cultural que se propõe a guardar e divulgar a memória dos meios de comunicação social do Rio Grande do Sul, assim como fonte de pesquisa histórica. Nesse sentido, consiste simultaneamente em um Arquivo de Periódicos, um Museu de Imagem e Som e um Museu de Propaganda. A instituição está estruturada em quatro áreas básicas: Imprensa (jornais e revistas) e Propaganda (cartazes, embalagens, folhetos, fotos, etc.); Imagem e Som (Cinema, Fotografia, Rádio, Fonografia, Vídeo e TV); Difusão e Divulgação (concepção e montagem de exposições) e Administração e Secretaria.

---

<sup>76</sup> Museu de Comunicação Hipólito José da Costa (**MUSECOM**).

Endereço: Rua dos Andradas, 959 – Centro Histórico – Porto Alegre. Telefone: (51) 3224 4252.

Site: <http://www.museudacomunicacao.rs.gov.br/site/>. E-mail: [hipolito-secretaria@sedac.rs.gov.br](mailto:hipolito-secretaria@sedac.rs.gov.br).

A instituição promove vários eventos, entre eles exposições do acervo, mostras fotográficas, artes gráficas e cartuns, projeções de vídeo e cursos de extensão; além disso publica, dentro do possível, os resultados de seu trabalho, através de boletins, folhetos e literatura avulsa. Conta com um acervo de 700 jornais raros. Estes, 153 títulos foram produzidos no século XIX no Rio Grande do Sul (Apêndice B). Muitos estão fora de acesso (devido a problemas de armazenagem) e se extraviaram com o tempo. Frequentemente, o museu passa por problemas de gestão e necessita melhorias em sua infraestrutura. Desta forma, muitos dos jornais fotografados no início desta pesquisa encontram-se extraviados na época atual. Isto é, infelizmente, comum em muitas instituições públicas.

Há grande dificuldade de agrupamento destes títulos para a obtenção de um *corpus* uniforme para classificá-los por décadas (só há jornais de 1820 em diante) e local de publicação (Porto Alegre x cidades do interior). A consulta do acervo no MUSECOM é feita através de uma Lista de Jornais Raros e assistência benévola e afinsa do coordenador<sup>77</sup> e estagiários na sala de pesquisa do setor de imprensa da instituição.

A segunda instituição pesquisada foi o Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (AHRS)<sup>78</sup>. Localiza-se no segundo andar do Memorial do Rio Grande do Sul. A instituição promove exposições comemorativas, artísticas e históricas. Além disso, promove pesquisas com historiadores e estudantes. Nele encontramos a *Coleção Varela*, uma coleção de cartas particulares de diversas pessoas gaúchas do século XIX. Esta coleção merece destaque, pois nela baseia-se uma das principais publicações anuais do Arquivo, os Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Além desta coleção, foram também encontradas cartas pessoais da família de Júlio de Castilhos que tomam posição de destaque no *corpora* de nossa pesquisa por ser formada por cartas pessoais.

O acervo da instituição consiste em coleções particulares de cartas (Coleção Varela, Coleção Ferreira Rodrigues), jornais (O Povo), fundo documental de religiosos, documentos dos governantes, documentos militares, documentos da polícia, registros de imigração, requerimentos e registros de imóveis. A consulta é feita através de instrumentos de pesquisa que consistem em listas impressas e encadernações, além da assistência de profissionais da

---

77 Carlos Roberto Saraiva da Costa Leite, Pesquisador e Coordenador do Setor de Imprensa do MUSECOM.

78 Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (AHRS). Endereço: Rua Sete de setembro, 1020, 2º andar - sala 17 – Centro Histórico – Porto Alegre. Telefone: (51)3227 0882 . Site: <http://arquivblogrs-ahrs.blogspot.com.br/>. E-mail: [ahrs@sedac.rs.gov.br](mailto:ahrs@sedac.rs.gov.br)

História.

A terceira instituição, o Museu Júlio de Castilhos (**MJC**<sup>79</sup>) é o mais antigo do Estado do Rio Grande do Sul em seu trabalho e dedicação na guarda, conservação e exposições de objetos ofertados pela sociedade que contribuiu na formação de seu acervo, tombado como Patrimônio Histórico. Atualmente, a instituição possui mais de 11 mil peças que são mantidas como testemunhos do Estado do Rio Grande do Sul (SOUZA, 2014, p.13).

A instituição guarda folclore sobre o seu acervo, como as famosas “Botas do Gigante”, além de histórias sobre o prédio ser assombrado pelo fantasma de Honorina de Castilhos. A construção que o sedia era a casa do antigo governante Júlio de Castilhos e sua família. Seu acervo consiste em cartas pessoais de Júlio de Castilhos, atas de reuniões e documentos administrativos do governo do estado. A consulta é feita através de um sistema informatizado e da assessoria de profissionais da Arquivologia<sup>80</sup> e História. As cartas originais de Júlio de Castilhos consultadas nesta Instituição foram transcritas em Santos (2013). O acesso dos originais não é aberto ao público, porém pudemos fotografá-las com a autorização da instituição.

O quarto e último acervo analisado foi o do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (**IHGRS**)<sup>81</sup>. Fundado em 05/08/1920 por um grupo de intelectuais gaúchos, é uma instituição privada, sem fins lucrativos. A sede que hoje ocupa faz parte do patrimônio doado pelo governo do Estado em 1948. Em 1964, novamente com incentivos do governo estadual, foi autorizada a incorporação de um edifício em condomínio.

Com o IHGRS, inaugurou-se a institucionalização da intelectualidade rio-grandense, a qual passa a ser respaldada e a assumir o papel de elaborar os discursos historiográficos regionais. Possui uma estrutura de três andares, que consistem em Sala de Pesquisa, Biblioteca, Sala dos Arquivos, Mapoteca e Auditório. Seu acervo consiste em cerca de 1.000 mapas, sobretudo do território do RS, entre originais e reproduções. É formado por doações

---

<sup>79</sup> Museu Júlio de Castilhos (**MJC**). Endereço: Rua Duque de Caxias, 1205, Centro Histórico – Porto Alegre. Telefone: (51)3221 3959. Site: <http://museujuliodecastilhos.rs.gov.br/>. E-mail: [ahrs@sedac.rs.gov.br](mailto:ahrs@sedac.rs.gov.br)

80 Vanessa Becker Souza, arquivóloga e atual diretora do Museu Júlio de Castilhos.

<sup>81</sup> Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (**IHGRS**). Endereço: Rua Riachuelo, 1317 – Centro Histórico – Porto Alegre. Telefone: (51) 3224 3760. Site: <http://www.ihgrgs.org.br/>. E-mail: [ihgrgs@ihgrgs.org.br](mailto:ihgrgs@ihgrgs.org.br).



realizadas ao longo da sua existência por membros do Instituto, familiares de membros falecidos e da comunidade em geral.

Há cerca de 60.000 itens, entre livros e periódicos, além de títulos relacionados à história do RS: Coleções de Othelo Rosa, Raphael Copstein, Afonso Guerreiro Lima, Athos Damasceno, Revistas de IHG do país, periódicos acadêmicos e revistas genealógicas. Além destes, há os Arquivos Pessoais (72 fundos de arquivo) e Coleções Documentais (9 coleções).

A consulta se dá através agendamento e pagamento (semanal ou diário) por dia de pesquisa, além do auxílio de uma profissional da Arquivologia<sup>82</sup>.

A seguir, expomos, de forma esquemática e resumida, o acervo de textos escritos nos arquivos de Porto Alegre.

<b>MUSECOM</b>	<b>AHRS</b>	<b>MJC</b>	<b>IHGRGS</b>
Jornais gaúchos produzidos entre 1827 e 1900 em Porto Alegre, Alegrete, Rio Grande, Quaraí, Encruzilhada do Sul, São Jerônimo, São Sebastião do Caí, Pelotas, dentre outras (Apêndice B)	Coleção particular de cartas; Coleções Varela e Ferreira Rodrigues; Jornais (O Povo); fundo documental de religiosos; documentos dos governantes; documentos dos militares; documentos da polícia; registros de imigração; requerimentos.	Cartas pessoais de Júlio de Castilhos; atas de reuniões, documentos administrativos.	Arquivos pessoais; rascunhos das cartas do Visconde de São Leopoldo (100 documentos manuscritos entre 1700 e 1800).

Quadro 16 – Acervos de textos escritos oitocentistas nos arquivos de Porto Alegre. Fonte: do autor.

Verifica-se que, em muitas instituições, não se tem ideia exata da totalidade de documentos que compõe o seu acervo. Muitas vezes, a troca de informações com funcionários

---

82 Vanessa Gomes de Campos, historiadora e arquivista.

antigos destas instituições nos foi mais valiosa do que os próprios instrumentos de pesquisa lá existentes<sup>83</sup>. Estes instrumentos estão, muitas vezes, desatualizados ou incompletos.

A seguir, trataremos do *corpus* constituído por periódicos gaúchos oitocentistas, nossa primeira fonte analisada. Estes jornais encontram-se no Museu de Comunicação Hipólito José da Costa. Após, expomos brevemente o *corpus* composto por cartas da família Prates de Castilhos, contidas no acervo do Museu Júlio de Castilhos.

#### 4.1.3 Jornais: impressos do século XIX

Devido às dificuldades de interpretação dos documentos manuscritos presentes nos acervos que não possuem transcrições para comparação com a fonte primária, escolhemos inicialmente os jornais gaúchos para a composição do corpus de nossa pesquisa. Acreditamos que a escrita dos jornais, cujo receptor é parte da população da época, nos possibilita a análise e constatação da oralidade na escrita. O jornal traz cartas (administrativas ou de leitores), notícias, textos sensacionalistas, anúncios, dentre outros gêneros textuais. Supomos que a variação de gêneros trazidos em um jornal reflete uma variação de comportamentos linguísticos e, conseqüentemente, variação na escrita. Acreditamos que a variação escrita possa refletir a variação da fala da época na qual os jornais foram publicados.

Em pesquisa anterior (NASI, 2012) foram analisados exemplares de 13 títulos de jornais sul-rio-grandenses. Estes títulos variavam quanto ao estilo de sua linguagem de acordo com o teor de suas publicações. Alguns apresentavam caráter mais político, como o farroupilha “O Povo”, por exemplo. Outros apresentavam notícias mais sensacionalistas, centrando a informação veiculada muitas vezes ao caráter regional e local acerca da cidade no qual eram produzidos. Em relação à produção de alguns jornais, foi interessante perceber que jornais como o abolicionista “A Voz do Escravo”, por exemplo, fora fundado por um carpinteiro, um comerciante, um confeitiro e um vigário. Desse modo, embora houvesse uma esmagadora maioria de gêneros textuais que denotassem formalidade e conservadorismo, havia também a cultura de periódicos escritos “pelo povo e para o povo. Chamamos atenção para o visto *em A Gazetinha*:

---

83 Próximo à época de redação deste texto, descobrimos por meio do coordenador do setor de imprensa do MUSECOM que há jornais em melhor estado de conservação no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

os escriptores da “Gazetinha”, sem excepção de um único, são todos elles homens pobres, alguns paupérrimos (...) Alguns dentre elles são simples operarios, que furtam diariamente algumas horas ao repouso, trocando a ferramenta pela penna (A GAZETINHA, Porto Alegre, 11 de julho de 1898, P.1 – Cautella)

O jornal, como documento de imprensa, apresenta eventos históricos da época na qual é produzido. Por meio de jornais, é possível retroceder ao passado de uma determinada comunidade, por exemplo, pois este revela fatos, notícias e eventos de um determinado tempo. O Rio Grande do Sul pode ser considerado um dos estados brasileiros com maior circulação desses impressos no século XIX, ao lado do Rio de Janeiro, São Paulo e Recife.

A imprensa no Brasil desenvolveu-se com uma circulação de textos muito restrita até 1600, devido às censuras impostas por governos e pela igreja, no período que compreende a Inquisição (SODRÉ, 1983). Embora o controle da imprensa tenha passado por períodos de maior ou menor censura ao longo do tempo – o que limitava o número de periódicos circulantes em 1827, um decreto de Dom Pedro I extinguiu a censura. Assim surgiu boa parte da imprensa das províncias, inclusive a do Rio Grande do Sul, com o Diário de Porto Alegre em sua primeira edição em 1º de junho de 1827.

Para Sodré (1983, p.28), o atraso da imprensa no Brasil corresponde ao atraso do capitalismo no país, assim como o atraso no surgimento de uma burguesia brasileira mais numerosa para constituir a audiência destes jornais. O País estava em fase de início de desenvolvimento urbano e de cultura letrada.

Na década de 20 do século XIX, Porto Alegre não ultrapassava as lindes da Praça do Portão<sup>84</sup>. Salvo algumas casas distanciadas mais além. Consequentemente, a instrução do povo era deficiente e a cidade deixava muito a desejar no aspecto cultural. Nesta época, contudo, já havia alguns homens que, tendo estudado no Rio de Janeiro, em São Paulo e na Europa, inauguraram a imprensa sul-rio-grandense, que tenderia a crescer nos anos seguintes. Conforme Fortes (1977, p.2), “não era nada fácil àquela época adquirir uma tipografia”, além de que “releva considerar que a implantação de tipografia no Brasil sofreu considerável retardamento, porque Portugal sufocou todas as tentativas nesse sentido(...) não era de interesse de Lisboa o desenvolvimento cultural brasileiro”. Assim, depois do Rio de Janeiro (1808), o Rio Grande do Sul foi uma das primeiras províncias a dispor de um prelo.

---

84 Atual Praça Conde de Porto Alegre, situada na atual R. Dr. Flores com a Avenida Duque de Caxias no centro da capital.

No Rio Grande do Sul, a imprensa é dividida, segundo a literatura específica (FORTES, 1977; BARRETO, 1986; MACEDO, 1995, dentre outros) em três fases distintas, que variam suas nomenclaturas conforme a seguir: fase *pré-farroupilha* (ou pré-revolucionária), que corresponde à primeira metade do século XIX (1827 – 1835), a fase *farroupilha* (revolucionária), que corresponde aos anos da Guerra dos Farrapos (1835 – 1845) e a *pós-revolucionária*, que corresponde aos anos posteriores à revolução, isto é, à segunda metade do século XIX.

Conforme Barreto (1986, p.15), eram os fatos políticos que “mantinham o fogo sagrado do jornalismo na província, ora protegido pelos conservadores no poder, ora vivendo sob o manto dos governantes liberais, quando não desavindos entre si”.

Conforme Zicman (1985, p.90) a periodicidade dos jornais os torna “arquivos do cotidiano”, pois registram a memória do dia a dia. O acompanhamento diário permite estabelecer cronologicamente fatos históricos.

A seguir, apresentaremos algumas especificações acerca da imprensa gaúcha na primeira metade do século XIX. Como este período inicia-se somente na década de 20, buscamos uma maior uniformidade do *corpus* ao dividirmos os jornais em primeiro período (1820 a 1860) e segundo período do século XIX (1861 a 1900).

Em relação ao primeiro período (1820 – 1850), segundo Hohlfecht (2006, p. 5), a imprensa, em seu sentido estrito<sup>85</sup>, inicia-se em 1827 com “publicações precárias e pouco qualificadas” até 1835, quando explode a grande revolução farroupilha. O autor ressalta que a imprensa tinha a função de informar sobre os principais acontecimentos históricos e sociais. O jornal tinha um caráter político. Os jornais partidários deviam atender a determinadas demandas de seu público, além de divulgarem seus princípios ideológicos.

Conforme Vianna

os jornais dos primeiros 25 anos da imprensa sul-rio-grandense tinham escassa matéria de redação. E quando a possuíam, via de regra, o era de tom polêmico, para rebater críticas de adversários ou formular-lhes acusações. Um jornalismo dominado pelas paixões políticas. Pouco ou nenhum espaço se reservava à divulgação de notícias sobre a vida da comunidade. Dominavam suas colunas as publicações oficiais, as chamadas ‘correspondências’ (cartas de leitores), as transcrições e os pequenos

---

85 No século XIX, havia outros documentos impressos em circulação no Rio Grande do Sul, como panfletos de publicidade, propaganda política, etc.

anúncios de venda de terras, de escravos ou utilidades. Notícias, mesmo, se cingiam, em alguns à chegada ou saída de navios ao porto de Rio Grande. (VIANNA, 1977, p. 35)

Ainda, segundo Vianna (Idem, p.37) as notícias que informavam situações mundiais eram obtidas através de um processo chamado “tesoura”, muito comum no meio jornalístico, no qual há o “recorte”, a utilização do conteúdo de notícias de outros periódicos para serem anunciadas. No caso dos jornais gaúchos, as notícias utilizadas vinham de periódicos cariocas, de outras províncias ou de países europeus que chegavam ao porto de Rio Grande com atrasos de até trinta dias. Nesta época, não havia máquina de escrever e os originais de redação eram escritos a punho.

Na época da guerra, muitas vezes ambos os jornais (favoráveis e contrários ao governo) passavam por momentos nos quais, ora desfrutavam das graças do poder, outrora das malquerenças dos governos, devido ao conteúdo político que era publicado. Conforme Barreto (1986, p. 15), com o término da revolução em 1845 os tempos mudaram para a imprensa, pois houve menos perseguição. Isto permitiu sobrevivência a alguns jornais como “O Comércio” (até 1848) e “Imparcial” (1849). Em seguida, vieram jornais com formato em tamanho maior, mais modernos, como “O Correio de Porto Alegre”, “O Mercantil” e “O Farol”. Estes jornais tinham um teor político menor, eram mais noticiosos e publicavam folhetins, baseados nos jornais europeus. Desta época também são o jornal “Rio Grandense” (publicado até janeiro de 1858) e o “Diário do Rio Grande”, que foi publicado nos próximos 62 anos de imprensa gaúcha.

Em relação ao segundo período (1851 – 1900), segundo Reverbel e Bones (1996, p. 18) a multiplicidade de jornais, mesmo em pequenas localidades, é uma das particularidades que caracterizam a imprensa gaúcha. Isto indica que os jornais sul-rio-grandenses permanecem em pouco tempo de circulação.

Terminado o conflito da Guerra Farroupilha em 1845, organiza-se, segundo Hohlfedt (2006, p. 3) uma imprensa partidária ou panfletária *civil*, que vai de 1850 a 1900, quando os proprietários e editores políticos se alinham obrigatoriamente a algum dos partidos políticos que existiam. Isto ocorria devido à quase impossibilidade financeira de existência de um jornal sem filiação partidária. Desta forma se estruturaram os jornais “A Reforma” (1869), do partido Liberal de Gaspar Martins e “A Federação” (1884) do partido Republicado de Júlio de Castilhos.

Ao mesmo tempo, estrutura-se uma imprensa literária, que se inicia ao final da década de 1860 e que perdura no século XIX até o século seguinte. Deste tipo de publicação surgem os jornais mais sensacionalistas e, até, caricaturistas, estreados com “A Sentinela do Sul” (1867) e, em destaque na figura a seguir, “O Século”, circulante entre 1880 e 1893.

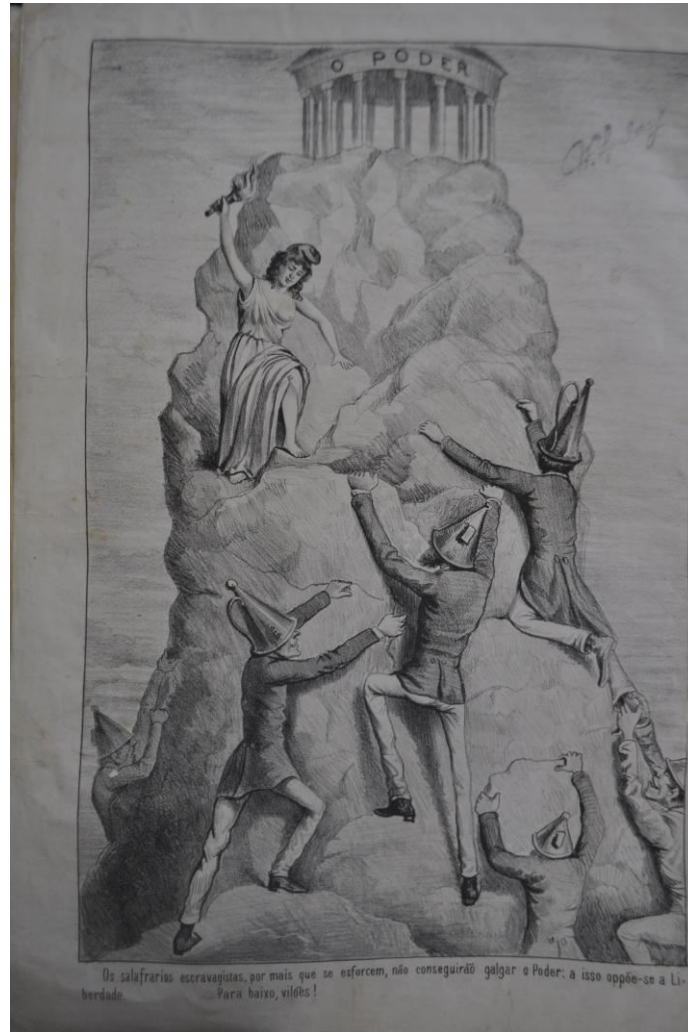


Figura 32 – Charge de escravagistas tentando “galgar o Poder”. O Século, Porto Alegre, 5 de março de 1885, p. 4

Em 1856 aconteceu a primeira publicação literária na província, “O Guahyba”. Em 3 de março de 1874 estreou outro importante título, “O Mercantil”, que perdurou até 1897. Este jornal era originalmente simpático ao Partido Conservador, pois defendeu a campanha abolicionista (extremamente em voga na época, conforme já relatado na seção introdutória deste capítulo acerca da História do Rio Grande do Sul). Posteriormente o jornal se colocou contra a república e a favor da manutenção da monarquia.

Para Hohlfedt (2006) o final da década de 60 do século XIX marcou o surgimento de jornais que introduziram o conceito de *empresa jornalística*, como hoje conhecemos.

mesmo que alguns deles [jornais] ainda vinculados a partidos políticos: seus diretores e editores sabem que precisam atender a demandas de seu público, adotando algumas práticas da maioria dos jornais do centro do país, como a publicação de *folhetins*, por exemplo. Assim é que os encontraremos em todas as publicações, independentemente de sua ideologia. (HOHLFEDT, 2006, p.4)

Além disso, (Ibidem, p.5), observa-se um deslocamento de acentuação, do emissor – um determinado tipógrafo, editor ou partido político que edita um jornal – para o receptor. “É para com o receptor que os novos editores e proprietários de publicações se dirigem e se preocupam”.

Nesta época, surgiram os jornais vinculados às novas comunidades étnicas – alemães e italianos – e aqueles produzidos para o leitor mais segmentado, seja o intelectual ou a jovem senhora de família, além de jornais operários. Títulos como “Deutsches Volkblatt” (1871) e “L’operato italiano” (1899) iniciaram suas produções.

Para melhor organização da descrição destes periódicos, separamos os títulos por década, conforme o Apêndice C. Neste, expomos 153 títulos de jornais gaúchos oitocentistas raros no Museu de Comunicação Hipólito José da Costa. Em seção posterior, trataremos dos jornais verificados que constituem nossos *corpora* analisados. Além dos jornais, documentos públicos, também procuramos documentos mais privados, como cartas manuscritas pessoais, sobre as quais tratamos na próxima seção.

#### **4.1.4 Cartas Manuscritas Pessoais**

Para a pesquisa linguística de uma escrita mais próxima do uso vernáculo procuramos documentos não tão públicos, mais pessoais: cartas manuscritas.

Para Schneider (2002, p. 75), as cartas tem a vantagem de serem facilmente localizadas em termos de tempo, espaço e autor (com nome, data e local exatos), sendo as cartas de semiletrados (como a de Carolina Prates analisada no final desta seção) ótimas fontes de registro de fala. Por outro lado, a ilegibilidade, os problemas de autoria (e.g. cartas podem ter sido ditadas) e uma carta de autor totalmente letrado pode ser tão formal quanto outros registros impressos como os jornais.

Cartas manuscritas demandam treino na leitura de caligrafias muitas vezes ilegíveis devido às ações do tempo unidas à qualidade ferrogálica da tinta utilizada na escrita da época. Transcrições para comparações se fazem necessárias para um treino eficaz que assegure uma prática de leitura menos lenta e mais dinâmica das cartas. A presença de transcrições contribuiu para que voltássemos nossa atenção à Coleção Varela de Cartas nas coletas e análises preliminares. Posteriormente, devido ao caráter administrativo, formal não tão representativo do vernáculo presente nestas cartas e à ausência de dados biográficos de seus autores, a constituição do *corpora* privilegiou acervos particulares em busca de documentos pessoais. Foram então, analisadas, as cartas do Acervo Particular de Júlio de Castilhos e de seus familiares.

Para categorizarmos a formalidade contida nas cartas, começamos nosso trabalho analisando as formas de tratamento utilizadas. Sabe-se que as línguas possuem diversos pronomes de tratamento específicos para se referir ao interlocutor de maneira formal (*senhor, vossa excelência*) e informal (*tu, você*).

Estudos acerca das características linguísticas de variedades de tratamento já vem sendo analisadas por Marcotulio (2010, 2012), que investigou a forma inovadora do pronome *Vossa Mercê* ao longo do tempo. O autor utilizou-se de *corpus* formado por cartas setecentistas escritas no Rio de Janeiro pelo marquês do Lavradio. No caso da utilização de cartas como amostra, o autor levanta fatores como grau de parentesco e laços afetivos como fatores delimitadores de informalidade em documentos escritos e definidores de formas de tratamento utilizadas. Também utilizando-se de cartas, Pagotto e Duarte (2005) realizaram o estudo das cartas dos avós Ottoni, escritas entre 1879 e 1892 no Rio de Janeiro aos seus netos. A variável analisada foi a posição do clítico e sua utilização, no caso, a próclise. O uso variou consideravelmente do avô para a avó, de forma que esta análise permite ver que o avô (que era senador) prefere a utilização de uma forma mais lusitana, já a avó (que era do lar) deixou emergir mais fortemente as formas do português do Brasil (PAGOTTO E DUARTE, 2005, p. 80). Este estudo, dentre outros contidos em Lopes (2005) podem nos trazer evidências de um português que está sendo transformado durante o século XIX.

Em busca de uma melhor classificação para selecionarmos as cartas para análise, procuramos as cartas de cunho mais pessoal e informal possível dentre esses documentos. Para isso, torna-se importante basearmo-nos em seus aspectos formais acerca da introdução (saudações), desenvolvimento (assuntos dos relatos) e finalização das cartas (despedida). Consideramos relevante formas escritas e ocorrências lexicais no conteúdo das



correspondências que nos transmitissem uma certa informalidade a ponto de percebermos marcas ou ao menos indícios de oralidade: formas de tratamento que fossem além de *Ilmo.* ou *Exmo. Sr.* Mas que também utilizassem *Vossa Mercê*, relatos que fossem além de uma mera informação de fatos, mas que expressassem um discurso mais subjetivo ou no qual o emissor demonstrasse estar minimamente “engajado” com a informação proferida, por exemplo, relatos familiares; expressões que demonstrassem apreço explícito ao destinatário da carta também foram consideradas. Todos estes são fatores que podem condicionar determinados usos linguísticos que perpassam as letras escritas.

A Coleção Varela foi a primeira coleção de documentos manuscritos a qual tivemos acesso. Encontra-se no Arquivo Histórico (Memorial) do Rio Grande do Sul. Constitui-se de correspondências entre diversos escritores, muitos de biografia desconhecida, perdida no tempo. Além de cartas, também há regimentos internos do Exército Republicano, além de relações nominais de militares e de prisioneiros de guerra. É uma coleção frequentemente citada para retratar o período da Guerra dos Farrapos, pois apresenta diversos documentos referentes ao conflito, como os acima referidos e também relações de solicitações de materiais, requerimentos, decretos, alvarás, procurações, dentre outros.

Embora a Coleção ganhe seu nome devido a seu último portador, Alfredo Varela, conforme Arce (2011, p. 20), Domingos José de Almeida foi o primeiro guardião deste acervo. Durante o conflito, Almeida ocupou cargos como Ministro e Secretário do Interior e Fazenda. Estes cargos eram encarregados de reunir, minimamente, os arquivos escritos nas repartições à época existentes. Segundo a autora (Ibidem) “sua biblioteca foi uma das mais ricas e variadas na Província em sua época.” Além disso, a autora ressalta que existia, nesta coleção, uma documentação bastante variada de esfera pública (circulares do governo acerca dos acontecimentos políticos, decretos e requerimentos, por exemplo) e também privada (e.g. cartas particulares entre Domingos José de Almeida e sua esposa Bernardina).

A existência da coleção estaria condicionada à intenção de Almeida de editar o histórico da revolução pela visão dos *farrapos*, seus camaradas. Conforme Arce (2011, p. 32), Almeida “mantinha-se atualizado em relação à produção historiográfica da e sobre a província” e seu acervo documental já era cobiçado por outros historiadores. Almeida faleceu em 6 de maio de 1871, sem publicar sua obra de história da revolução.

Embora seu filho tenha tentado retomar o trabalho do pai, pistas em relação ao acervo documental só ressurgem quando este já está em mãos de Alfredo Varela, nascido em

Jaguarão em 16 de setembro de 1864. Historiador entusiasta do período da Revolução Farroupilha, foi Procurador Geral da República em 1890 e diretor de A Federação de 1890 a 1891 (REICHARDT, 1964, p.160). Baseado no acervo, que recebeu e ampliou, escreveu, em 1933, *História da Grande Revolução*. Esta obra, segundo o autor “representa um quadro mais elucidativo, mais nitido, mais perfeito, sobretudo mais completo, mais erudito; do que foi traçado em ‘Revoluções cisplatinas’” (VARELA, 1933, p. 8).

A Coleção Varela está armazenada em 25 caixas (AHRS, 2005) e tem sido transcrita desde 1977 através dos Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Os documentos transcritos variam quanto à sua natureza e tipos textuais manuscritos, não restringindo-se a cartas – objeto desta pesquisa. Este caráter diverso pode ser visto na apresentação da Coleção trazida no Instrumento de Pesquisa Coleção Varela (AHRS, 2005): Coleção Varela, Diversos; Coleção de Nielsen Raul, Jornais, Fazenda Provincial – Tesouro Publico Nacional (1838/1839); Coletorias, Contadoria Geral do Tesouro, Coletorias (1840); Contadoria Geral do Tesouro (1841), (1842) e (1843); Ministerio da Fazenda (1842); Contadoria da Fazenda e Livros pertencentes à Coleção Varela.

Foram consultados alguns documentos da Coleção Varela de Cartas. Estes documentos estão transcritos nos Anais 5 e 6 do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Assim, pudemos contar com essas transcrições como uma ferramenta auxiliar na leitura dos originais fotografados. Conforme a figura a seguir

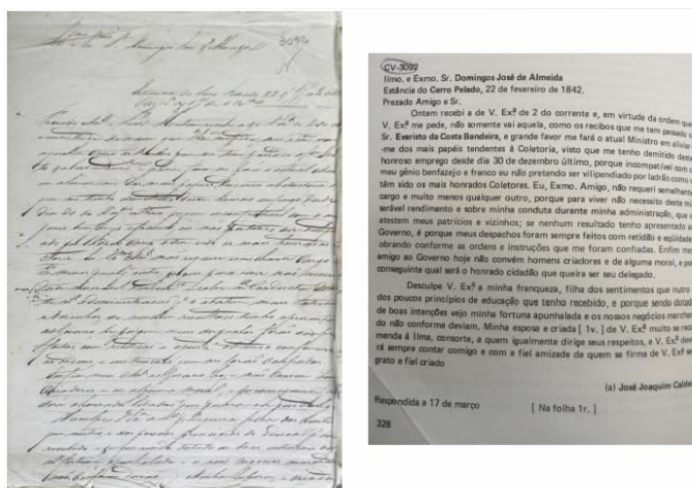


Figura 33 – Exemplo de Documento Original e Transcrição Auxiliar para Leitura. Fonte: Do autor.

É importante ressaltar que não obtivemos dados históricos suficientes dos redatores destas cartas. Entretanto, além disso, houve mais dois fatores que nos motivaram dar prosseguimento em nossa busca de cartas que pudessem ser consideradas mais apropriadas para formação de *corpus linguístico* para esta pesquisa:

- as transcrições apresentam atualização ortográfica, isto é, não conservam traços de escrita que são, para nossa pesquisa, essenciais na coleta de dados. Por exemplo: a grafia manuscrita de “minino” foi atualizada para “menino” nas transcrições impressas dos Anais;

- a natureza diversa dos documentos bastante numerosos e em profusão na Coleção Varela, além do formato destes textos nos quais não esperávamos um uso linguístico escrito que pudesse estar mais próximo da oralidade – requerimentos, decretos, circulares, recibos, cartas oficiais, dentre outros.

Devido a isto, iniciamos a busca por cartas de cunho mais pessoal, isto é, entre familiares ou destinatários e remetentes que apresentassem, fosse nos pronomes de tratamento ou nos assuntos tratados, relações mais íntimas, o que poderia sugerir o uso linguístico escrito mais sujeito a interferências da oralidade.

Esta busca foi iniciada através do Instrumento de Pesquisa do Fundo Documental de Acervos Particulares do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Este Fundo Documental é composto pelos Arquivos Particulares de diversas pessoas e apresentavam, também, numerosos documentos de natureza e épocas diversas (século XIX e XX) como passaportes, carteiras de trabalho, correspondências em língua estrangeira (alemão), fotografias, relatórios datilografados, documentos de consulados, recortes de jornal, partituras, dentre outros. Percebe-se que o objeto de pesquisa que buscamos, isto é, cartas pessoais manuscritas do século XIX, ainda não está alcançado.

Dentre os Arquivos Particulares, encontram-se outros meios de busca, como as famílias gaúchas e os documentos dos governantes. Dentre estes, encontramos o Acervo Particular de Júlio de Castilhos. Sabe-se que Castilhos foi um célebre político sul-riograndense, porém, o que nos chamou a atenção em seu Arquivo Particular foi a presença de um bom número de cartas trocadas entre familiares: cartas entre Castilhos e sua mãe, pai, irmão, esposa, filhos, cunhados, tio, correligionários, dentre outros. É deste arquivo que trataremos a seguir.

O Acervo Particular Júlio de Castilhos é composto por 14 Séries, sendo estas : **Assuntos de Estado** (documentos relacionados a assuntos e personagens em âmbito público);

**Assuntos Familiares** (correspondências, bilhetes e documentos tratando de temas familiares entre Júlio de Castilhos e seus parentes ou apenas entre seus parentes); **Atas, Manifestos e Panfletos** (documentos de registro, propaganda ou opinião política); **Cargos, Provimientos e Solicitações** (correspondências com a finalidade principal de pleitear e/ou preencher cargos públicos); **Assuntos Privados Julio de Castilhos** (documentação relacionada estritamente a interesses pessoais de Julio de Castilhos), **Conflitos e Sedições** (documentação que trata da movimentação de episódios de convulsão social), **Telegramas** (exclusivamente telegramas de caráter político. Em sua maior parte concentrados em determinadas datas. Ex.: telegramas enviados por Julio de Castilhos por ocasião do término de seu mandato de Presidente do Estado); **Correligionários** (correspondências e documentos que tratam da comunicação política entre Julio de Castilhos e membros do PRR (Partido Republicano Rio-Grandense) ou entre eles); **Aurélio Viríssimo de Bittencourt Junior** (correspondências trocadas entre Aurélio Bittencourt, Julio de Castilhos e diversos correligionários. Também inclusas as correspondências ditadas por Julio de Castilhos a seu Secretário); **Folhetos e Jornais** (fragmentos de periódicos e folhetos); **Cartas de Pêsames** (correspondências, cartões e bilhetes expressando pêsames pela morte de Julio de Castilhos); **Assuntos Diversos** (documentação de caráter diversificado, até 1903); **Documentos post-mortem** (documentação de caráter diversificado, pós 1903) e **Imagens** (fotografias, postais, etc.)

Ao buscarmos textos nos quais fosse mais provável o uso da língua vernácula através da escrita, debruçamos-nos sobre os documentos da **Série 02**, isto é, **Assuntos Familiares**. Conforme o já especificado, esta série consiste em diversas correspondências e documentos que tratam de temas familiares de Júlio de Castilhos. É composta por 12 subséries, sendo estas nominadas pelo personagem que envia ou recebe correspondências, bem como é mencionado nos documentos:

Subsérie 01: CASTILHOS, Francisco Ferreira de - Correspondência recebida

Subsérie 02: CASTILHOS, Francisco Ferreira de - Correspondência enviada

Subsérie 03: CASTILHOS, Carolina Prates de - Correspondência recebida

Subsérie 04: CASTILHOS, Carolina Prates de - Correspondência enviada

Subsérie 05: CASTILHOS, Carolina Prates de - Documentos

Subsérie06: CASTILHOS, Honorina de - Correspondência recebida

Subsérie07: CASTILHOS, Honorina de - Correspondência enviada

Subsérie08: CASTILHOS, Honorina de - Documentos

Subsérie 09: SILVA, Firmino de Paula e - Correspondência enviada

Subsérie 10: SILVA, Firmino de Paula e - Correspondência recebida

Subsérie11: Correspondência entre diversos familiares

Subsérie12: Documentos

Esta Série 02 do Acervo Particular Júlio de Castilhos em conjunto com as cartas do Museu Júlio de Castilhos, formaram nosso *corpus* de Cartas Manuscritas Particulares da Família Prates de Castilhos, conforme Apêndice G. Junto aos jornais, formaram nossos *corpora*, do qual especificamos a amostra na próxima seção.

#### 4.2 AMOSTRA DE JORNAIS E DE CARTAS PARA ANÁLISE DA VOGAL MÉDIA PRETÔNICA

Conforme o Apêndice C, verificamos que há 153 títulos de jornal produzido no Rio Grande do Sul no século XIX. Destes, a maioria dos títulos foi publicada na segunda metade do século, mais especificamente na década de 1890. Já mencionamos na subseção 3.2.2 sobre problemas na composição dos *corpora* que foram realizadas diversas tentativas de divisão do *corpus* de jornais. Conforme os Apêndices D e E desta Tese, os jornais foram divididos em dois grupos: um grupo de títulos dos quais haviam no mínimo 10 de exemplares disponíveis e outro grupo composto por títulos de jornais com menos de 10 exemplares disponíveis. Embora não tenhamos observado relevância linguística nesta divisão, pudemos observar, conforme os Apêndices D e E, que a maioria das títulos pesquisados apresentou dados fonologicamente significativos para esta pesquisa. Dos 62 títulos (e 240 exemplares) de jornais analisados, 22 títulos não apresentaram dados que considerássemos fonologicamente significativos acerca de representações escritas de elevação de vogal média pretônica. Estes títulos, com exceção dos porto-alegrenses *O Anunciante (1835)*, *O Imperialista (1840)*, *O Combate (1886)* e *O Exemplo (1893)*, foram todos produzidos no interior do estado em cidades como Rio Grande, Pelotas, São Gabriel, Cruz Alta, Bagé, Rio Pardo e São Leopoldo<sup>86</sup>

Foi estipulado um mínimo de 10 exemplares por título de jornal. Quando não houvesse este mínimo disponível, comprometemos-nos a ler os exemplares que estivessem disponíveis. Conforme o Apêndice E, os jornais com menos de 10 exemplares variavam entre 1 a 5 exemplares. Para agilizarmos o processo de leitura e pudéssemos cobrir um maior número de jornais, delimitamos a leitura na íntegra da primeira página de cada exemplar de

---

<sup>86</sup> O Colono Alemaó; A Voz da Verdade; O Bageense; Echo Gabrielense; O Artista; O Commercio; A Grinalda; Correio do Século; Cruz Altense; O Especulador; Alvorada; O Conservador; Revista Gabrielense; O Asmodeo; A Ferula; Cruzeiro do Sul; O Patriota; O Boato

jornal como amostra na qual pesquisamos o fenômeno da elevação de vogais médias pretônicas na escrita do português gaúcho do século XIX.

Segundo Campos et al (2011, p.2) a análise da primeira página de um jornal é passível de análise linguística, pois possibilita “verificar as ideologias, vozes sociais que, inseridas num determinado contexto sócio-histórico-cultural, possibilitam a relação entre os sujeitos da comunicação”, isto é, os produtores e os leitores de um jornal. Além disso, Salvaterra Magalhães (2012, p.225) afirma que na primeira página de um jornal “circulam vozes institucionais que dão o tom de toda a edição”, isto é, a página pode ser entendida como uma estratégia dos editores como um chamamento à leitura. Desse modo, foram lidas a primeira página de 10 exemplares de cada um dos 17 títulos listados no Apêndice D e também a primeira página de 1 a 5 exemplares dos 44 títulos listados no Apêndice E desta Tese.

Além destes textos, também elegimos as cartas manuscritas pessoais como *corpus* desta pesquisa. As cartas foram selecionadas da Série 2 (Anexo B) do Acervo Particular de Júlio de Castilhos (Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul) e da coleção do Museu Júlio de Castilhos (SANTOS, 2013), formando o Acervo de Cartas da Família Prates de Castilhos<sup>87</sup>. Este acervo está exposto no Apêndice G desta Tese. Além disso, também foram analisadas Cartas da Revolução Federalista (Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul). Estas cartas estão expostas no Apêndice H. Todos estes documentos foram lidos na íntegra nos seus originais manuscritos e também foram realizadas transcrições. Esta leitura buscou dados fonologicamente significativos que pudessem representar indícios de elevação de vogais médias pretônicas na escrita oitocentista.

A seguir, trataremos da análise do acento de vogais médias pretônicas nas amostras aqui expostas.

---

<sup>87</sup> A escolha da família de Júlio de Castilhos ocorreu devido à existência de um acervo maior de cartas pessoais, em mais de uma Instituição (AHRG e MJC), além da maior disponibilidade de dados biográficos/sociais desta família.

## 5. ANÁLISE DO ALÇAMENTO DE VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NO RIO GRANDE DO SUL OITOCENTISTA

### 5.1 LEVANTAMENTO DE DADOS

De acordo com Lass (2000), ocorrências gráficas de escritas desviantes são categorizadas em uma taxonomia específica que expõe *lixo gráfico*, *variação puramente gráfica* e *grafia fonologicamente significativa*. Grafias com valor fonológico são consideradas grafias que reflitam processos fonológicos da oralidade, não *variações puramente gráficas* (estilos de escrita ou reflexos da ortografia) nem erros gráficos visíveis ao primeiro olhar (*lapsus calami*). Neste caso, buscamos grafias fonologicamente significativas como **indícios** de elevação de vogais médias pretônicas no português sul-rio-grandense, isto é, ocorrências gráficas de contextos nos quais se esperariam <e> e <o> , pela convenção ortográfica atual, mas que se apresentem os grafemas <i> e <u>. Assim, levantaram-se como “dados” casos como *muchila*, *custume*, *imprestando*, *hidiondo*.

Em relação aos jornais, foram levantados 103 ocorrências gráficas de <i> pretônico em contextos nos quais se esperam hoje a grafia de <e> (conforme o Apêndice I) e 26 ocorrências gráficas de <u> pretônico nos quais se esperam hoje a grafia de <o> (conforme o Apêndice J). Estes dados foram apresentados, no Apêndice F, seguindo categorias como o período de publicação do jornal (1ª ou 2ª metade do século), além da década (1820 a 1900) e o local de produção de cada jornal (metropolitanos ou interioranos). A categorização proposta no Apêndice F não nos permitiu realizar grandes conclusões linguísticas do fenômeno estudado, devido ao número pequeno de dados; porém nos permite afirmar que indícios da elevação de vogais médias pretônicas podem ser encontrados em jornais durante todo o século XIX, de 1820 a 1900.

Assim, categorizações extralinguísticas dos jornais foram deixadas à parte, preferindo para nossa pesquisa o exame grafológico das palavras encontradas, no qual a ocorrência da palavra foi considerada um dado a ser coletado quando apresentava grafia de <i> para representar <e> , e <u> para representar <o>, ilustrando-se um indício de uma realização de alçamento das vogais médias <e> e <o>, como [i] e [u], respectivamente.

Em relação às Cartas Pessoais Manuscritas da Família Prates de Castilhos, conforme o Apêndice K, foram encontradas 31 grafias de <e> pretônico as quais consideramos fonologicamente significativas na representação de elevação de <e> para <i>; e, para a

elevação de <o> para <u>, foram detectadas 8 ocorrências. Em relação aos Documentos da Revolução Federalista, conforme o Apêndice L, foram detectadas 8 ocorrências de grafias de <i> pretônicos e apenas 3 ocorrências de <u>.

Os dados de língua escrita são reduzidos, não importando o número de exemplares de jornais (dos quais foram analisadas na íntegra apenas a primeira página) ou o número de cartas (lidas integralmente). Esta redução não nos permite realizar uma análise quantitativa, já que a obtenção de dados de escrita não possibilita comparação quantitativa com dados obtidos em pesquisas de língua falada. Entretanto, pudemos chegar a algumas conclusões e analisar qualitativamente o fenômeno da elevação de vogais médias pretônicas representado em amostra do português sul-rio-grandense escrito do século XIX.

A seguir, expomos um panorama dos casos encontrados que registram a vogal /e/ em contexto pretônico.

### 5.1.1 Vogal /e/ como <i>

Em relação à vogal /e/, foram detectadas 103 ocorrências gráficas de <i> em contextos pretônicos nos quais se esperava o grafema <e> em jornais gaúchos do século XIX. Conforme o Apêndice I, são 76 palavras que demonstram 103 ocorrências, já que as seguintes palavras aparecem mais de uma vez: *cumieira* (2x), *difinitiva* (2x), *disculpa* (2x), *disvarios* (2x), *indiscriptível* (3x), *similhança* (2x), *similhante* (9x) e *siquer* (5x).

Em relação às Cartas Manuscritas Pessoais da Família Prates de Castilhos, foram detectadas 31 ocorrências demonstradas em 21 palavras, sendo as mais frequentes *dispesas* (2x), *idução* (2x), *incommenda* (4x), *vosmices* (2x). Isto pode ser visto no Apêndice K (Pesquisas de Registros Escritos em Cartas da Família Prates de Castilhos em Dicionários).

Acerca dos Documentos da Revolução Federalista, foram encontradas oito palavras: *disculpe*, *filicidade*, *filis*, *fornicimento*, *inbora*, *intão*, *siginti* e *siguintes*. A grafia das palavras apresenta ou vogal alta na sílaba seguinte ou contextos os quais são conhecidos como favorecedores praticamente categóricos de elevação vocalica da média /e/ na língua falada, como sílabas iniciais travadas por /n/ ou /s/ como por exemplo em *disculpe*, *dispesas*, *incommenda*, *intão* e *inbora*.



### 5.1.2 Vogal /o/ como <u>

No *corpus* composto por jornais gaúchos do século XIX, foram detectadas 26 ocorrências em 19 palavras, sendo mais frequentes as palavras *concurrência* (3x), *uberto* (2x), *ocorrência* (2x), conforme o Apêndice J (Pesquisas de Registros Escritos em Jornais em Dicionários – Vogal <o>). Nas cartas pessoais da Família Prates de Castilhos, conforme o Apêndice K (Pesquisas de Registros Escritos em Cartas da Família Prates de Castilhos em Dicionários), registraram-se oito palavras com grafia de <u> em contextos nos quais esperava-se <o> pretônico: *cumarca*, *custume*, *Juaquin*, *ocurridos*, *prumessa*, *pudia*, *subrinhos* e *susiedade*. Os documentos da Revolução Federalista apresentaram somente 3 ocorrências em duas palavras: *puçivel* (2x) e *subrinho*.

Conforme nossa primeira hipótese de trabalho exposta nas Considerações Preliminares desta Tese, reproduzida a seguir.

*1. Observa-se maior variação gráfica de <e>, escrito como <i>, e menor variação de <o>, grafado como <u>, nos corpora oitocentistas, conforme se atesta em estudos de língua falada. É possível inferir, a partir disso, que a língua escrita refletiria situação similar da língua falada.*

Os casos de elevação de vogal média rerepresentados pelo grafema <i> são bem superiores aos de <u>, nos *corpora*. Foram 142 ocorrências contra 37, respectivamente. Em estudos sobre pretônicas em língua falada, a realização de vogal [i] é bem mais frequente do que [u] (BISOL, 1981; BATTISTI, 1993; SCHWINDT, 1995), o que confirma nossa hipótese inicial.

Essa proporção quantitativa, contudo é distinta conforme o tipo de elevação. No caso de *harmonia vocálica*, em que há uma vogal alta em contexto seguinte à vogal média na palavra (menino, pepino), os casos com [i] são bem mais expressivos numericamente. Os casos de *alçamento sem motivação aparente*, em que não há uma vogal alta na palavra (melhor, senão), por outro lado, já mostram mais frequência de elevação com a vogal /o/ (coberta, fomentar).

Embora tenhamos encontrado alguns exemplares grafemáticos que podem ilustrar o alçamento de vogais médias pretônicas, é preciso levar em consideração questões como tradições discursivas ou ortográficas da época, a fim de se averiguar se a escrita de uma palavra era realmente com <e> e <o> pretônicos à época de seu registro. Desse modo, trataremos, a seguir, das formas possíveis de interpretar os indícios gráficos do alçamento vocálico de pretônicas.

## 5.2 PARA UMA INTERPRETAÇÃO DE INDÍCIOS DE ALÇAMENTO

Conforme já abordado na seção 3.2.1 desta Tese, Lass (2000, p.46) afirma que há a disponibilidade de três caminhos para o estudo de interpretação gráfica de comportamento variável da escrita: a *evidência descritiva direta, nosso conhecimento acerca de tradições escritas e estratégias complexas de inferência baseadas em vários tipos de considerações históricas*. Estas três estratégias relacionam-se com o fato de que envolvem a busca de registros de descrição do estado de língua, seja em textos literários, seja em glossários, dicionários ou gramáticas.

Com base nessas considerações, propomos a hipótese 2 dessa Tese, reproduzida a seguir:

2. *Evidências metalinguísticas diretas (como dicionários e gramáticas de época) acerca do fenômeno podem atestar ocorrências grafemáticas como registros de tentativas de se construir norma de ortografia de época.*

Neste estudo, analisamos alguns dicionários e gramáticas de Língua Portuguesa do século XIX. Foram selecionadas e analisadas gramáticas do século XIX, que oferecessem informações sobre flutuações ou grafia variável de vogais médias pretônicas, por meio do acervo digital da Biblioteca Nacional de Portugal (<http://www.bnportugal.pt/>).

As gramáticas portuguesas consultadas foram Sousa (1804), Melo (1818), Barbosa (1822), Aulete (1864) e Coelho (1868). Procuraram-se, nestas obras, evidências sobre a grafia das vogais médias pretônicas na língua portuguesa. De acordo com Kemler (2012, p. 134), a produção metagramatical, genuinamente oitocentista (excluindo-se reedições setecentistas), inicia-se somente com a publicação de Sousa (1804). Rodrigues (2015) afirma que o surgimento de uma nova seção não era vista frequentemente até então em gramáticas anteriores: *Ortoepia*, acerca da descrição articulatória dos sons. Acerca de descrições

fonético-fonológicas, considera, dentre outras obras, as seguintes gramáticas como representativas deste período: Melo (1818), Barbosa (1822), Aulete (1864) e Coelho (1868).<sup>88</sup>

Analisamos, em nosso trabalho, outras obras metalinguísticas, como Leão (1878) e Coelho (1881), quanto a possíveis registros acerca da variação linguística da época. Segundo Mateus (2006, p.5), Jozé Barbosa Leão destaca-se em seu tempo porque propôs uma reforma ortográfica “em sentido sônico”, isto é, apresentando normas para que se escrevesse exatamente como se pronunciava. Outro destaque, Francisco Adolpho Coelho, foi professor do curso superior de Letras de Lisboa e desenvolveu trabalhos em pedagogia, estudos linguísticos sobre o português e línguas crioulas, além de fonética experimental (RODRIGUES, 2015, p. 64). Em Coelho (1881), há uma seção inteiramente dedicada ao português brasileiro.

Em relação a obras brasileiras, foram analisadas as gramáticas de Ribeiro (1881) e Ribeiro (1889). Nascido em Minas Gerais, Júlio Ribeiro era professor de Latim e Retórica (FÁVERO, 2002, p. 74), dedicando sua obra ao ensino secundário da época. Segundo Lima (2014, p. 86), Ribeiro (1881) era um texto bastante lido pelos estudantes e por eruditos. Além de ser citado em outras gramáticas e por personalidades daquele tempo, foi fonte de consulta e debate entre gramáticos do final do século XIX e início do século XX. Já o nordestino João Ribeiro, formou-se em direito e foi professor de História Geral e jornalista. Sua *Grammatica Portugueza* “norteia-se na forma histórica ao estudar vocábulos primitivos e derivados na quantidade extensiva, analisando seu número de sílabas, na variação, detendo-se nas palavras variáveis e invariáveis.” (FÁVERO E MOLINA, 2014, p.55). Tanto Júlio quanto João Ribeiro foram gramáticos brasileiros citados pela historiografia das ideias gramaticais como expoentes da produção metalinguística da segunda metade do século XIX (LIMA, 2014, p. 32).

O resultado da verificação de evidências acerca da grafia de vogais médias pretônicas nas obras acima referidas pode ser visto a seguir.

Sousa (1804) aponta, em “Da Ortografia”, o E com o I, e o O com o U como as vogais mais sujeitas à confusão, especialmente quando “são seguidas de alguma vós aguda”, como,

---

<sup>88</sup>Rodrigues (2015) analisa descrições fonético-fonológicas presentes, analisando sete metatermos fundamentais para a compreensão do estudo de fonética e fonologia em obras descritoras do português neste período: *som, letra, voz, vogal, consoante, nasal e oral*.

por exemplo, os verbos *Cear~Ciar* e *Moer~Muer*. Segundo o autor “para tirar esta duvida não há mais do que considerar estes Verbos no Presente do Indicativo *Eu ceio, Eu môo* onde se percebe mais claramente *e* em *Cear*, e *o* em *Moer*” (SOUSA, 1804, p.236). Outros exemplos podem ser vistos na figura a seguir, na qual o gramático aponta como incorreta a grafia das vogais alta <i> e <u> em exemplos como *Firida, Firimento, Gimido, Tizoureiro, Vistido* e *Pumar* contraposta à grafia correta da média pretônica <e> nas palavras *Ferida, Ferimento, Gemido, Thezoureiro, Vestido* e *Pumar*. Percebem-se, nas palavras apontadas, casos coincidentes com realizações na fala nas quais a presença de vogal alta na sílaba seguinte à pretônica favorece a elevação através de um processo de assimilação, conforme a terceira hipótese de nossa pesquisa.

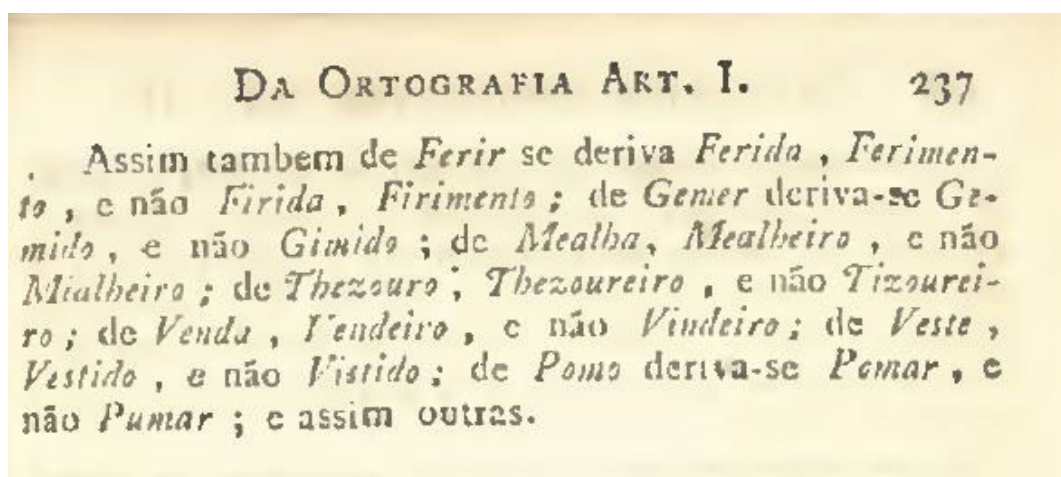


Figura 34 – Da Ortografia – Art. I – Fonte: Sousa (1804, p. 237)

A mesma justificativa acerca da ambiguidade das vogais médias pretônicas <e> e <o> em verbos é citada por Barbosa (1822), como, por exemplo, em *Cear~Ciar, Soar~Suar*. Para o autor (1822, p. 62), as vogaes podem ser ambíguas, seu som “confuso”. Percebe-se, na figura a seguir, a recomendação para distinguir as vogais <i> ou <e>, <o> ou <u> átonas, pois “estas vozes vem antes da Syllaba aguda, ou depois” (BARBOSA, 1822, p.63)

*Para na escriptura distinguir as vozes, que na pronunciação são surdas e ambiguas, e saber se havemos de escrever i ou e, o ou u: ou estas vozes vem antes da Syllaba aguda, ou depois. Se vem d'antes, não ha outro meio para as conhecer e determinar se não o de variar com outra formação, ou declinação a mesma palavra de sorte que a voz ambigua passe a ser huma das grandes; e então o seu som confuso se fará distincto para se escrever com a sua vogal propria.*

Assim, para eu saber com que vogal hei de escrever as primeiras vozes surdas dos dois verbos *Cear*, e *Ciar*, e dos dois *Soar* e *Suar*; não tenho mais do que pol-as no presente do Indicativo *Céo*, *Cío*, *Sóo*, *Sío*, e logo vejo a vogal com que os devo escrever nas mais fórmãs dos mesmos verbos. O mes-

Figura 35 – Vozes “ambiguas” e “som confuso” se “havemos de escrever i ou e. Fonte: Barbosa (1822, p.63)

Aulete (1864) não parece tratar de qualquer semelhança ou caráter ambíguo no uso de vogais médias ou altas. Já Coelho (1868, p. 38), embora não trate especificamente da variação entre <e> e <i> e <o> e <u> pretônicos, relata “um modo quase accidental” na pronúncia de vogal média átona quando de sua transposição do latim ao português. Além disso, afirma a dificuldade na manutenção dessa vogal, em se conceber “regras fixas”, já que as vogais átonas não tem o mesmo comportamento estável das tônicas, da “alma da palavra”. Conforme a figura a seguir

O primeiro facto que se nota quando se estudam as modificações das vogaes na passagem do latim para o portuguez (e em geral para todas as linguas romanas) é que, em quanto as vogaes não accentuadas (2) são tractadas d'um modo quasi accidental, ou em que pelo menos não se podem descobrir regras fixas, as vogaes accentuadas pelo contrario estão sujeitas a leis determinadas e formam «o ponto medio, a alma da palavra»

Figura 36 – “as vogaes não accentuadas são tractadas d'um modo quase accidental”. Fonte: Coelho (1868, p. 38)

Leão (1878, p.13) apresenta uma norma de ortografia que condena o emprego do “e” a representar “i” e do “o” a representar “u”. É importante ressaltar que esse autor propunha uma reforma ortográfica “sônica”, baseada inteiramente na língua falada. Isso pode ser verificado quando o autor sugere como correta a grafia da vogal alta <i> no contexto pretônico das palavras *ifeito*, *infermo istudo*, *iscavar*, *izâme*, *passiar* e *isbofetiar* (respectivamente *efeito*, *enfermo*, *estudo*, *escavar*, *exame*, *passear* e *esbofetear*). Estes exemplos nos mostram que o autor zela pela representação da oralidade destas vogais na escrita, conforme a figura a seguir

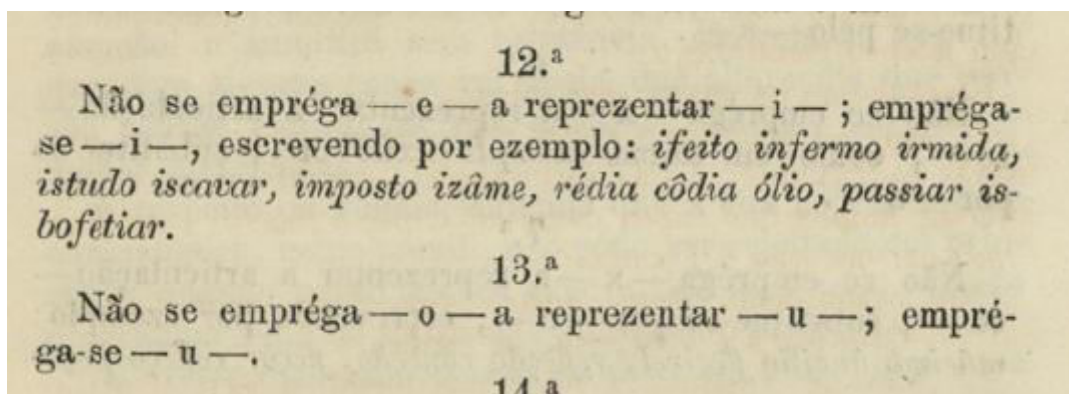


Figura 37 – Leão (1878, p.13)

Coelho (1881) descreve dialetos românicos em vários continentes, dentre estes o português brasileiro. Segundo o autor, a linguagem popular, dos “matutos” das províncias brasileiras apresenta modificações fonéticas consideráveis. A obra tem caráter mais descritivo e menos normativo da língua portuguesa. Embora não mencione direta e metalinguísticamente o comportamento variável entre as vogais médias pretônicas <e> e <o> e as altas <i> e <u>, apresenta quadras populares, cujos versos trazem palavras que exemplificam variáveis fonológicas, como a supressão do *r* final em *frô* (flor) e *sinhô* (senhor), além das vogais altas <i> e <u> em *sipultura* (sepultura), *sinhô*, *sinhó* (senhor), *Binidito* (Benedito) e *cumigo* (comigo). Conforme as figuras a seguir

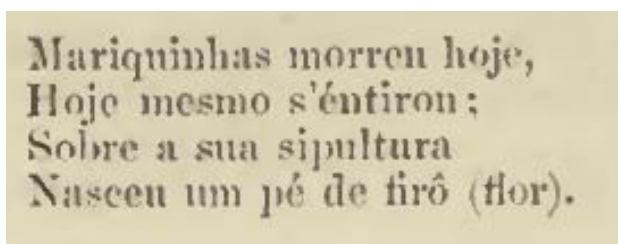


Figura 38 - “Linguagem dos matutos”, cantiga. Fonte: Coelho (1881, p.27)



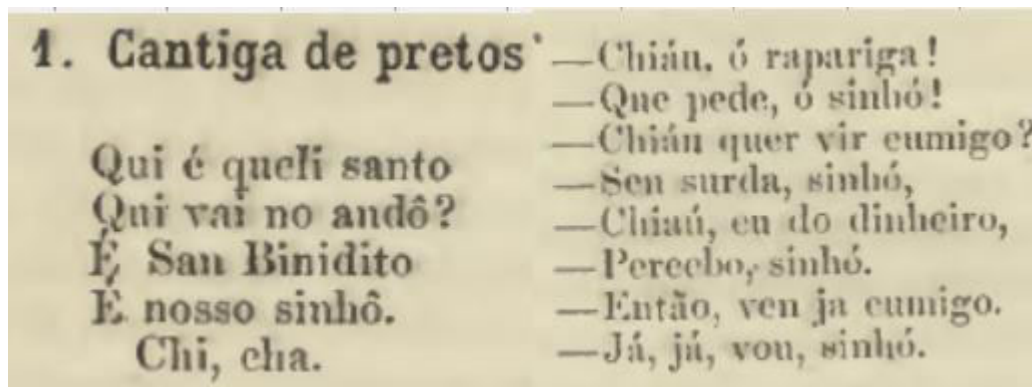


Figura 39 – “Cantiga de pretos”. Fonte: Coelho (1881, p.28)

Em Ribeiro (1881), não foram encontradas evidências acerca da grafia variável de vogais médias pretônicas <e> e <i>. Ribeiro (1889), a única referência encontrada foi acerca da confusão acerca da grafia de <e> alternando-a com <i> em *escriver*. Conforme o autor “Ha casos de interferencia produzidos por sympathia ou alliteração vocal: escrever, receber (*scribere, recipere*) por *escriver*, etc.” (RIBEIRO, 1889, p. 32)

Quanto aos vocabulários e dicionários, foram analisados as obras portuguesas de Bluteau (1712), Cannecatim (1804) e Coelho (1890) e a dos brasileiros Silva (1813), Coruja (1856) e Corrêa (1898). Algumas destas fontes, como Bluteau (1712) e Silva (1813) foram objeto de análise de estudos da norma gráfica oitocentista em Barbosa (1999) e Lima (2014). Conforme o quadro a seguir

Ano	Autor	Obra	Origem	Características
1712	Rafael Bluteau	<i>Vocabulario portuguez e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasilico (...), autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos</i>	Portugal	8000 p., 43,6 mil verbetes. 8 volumes. Bilíngue (português e latim)
1804	Bernardo Maria de Cannecatim	<i>Diccionario da lingua bunda ou angolense, explicada na</i>	Portugal	744 páginas, 1 volume. Trilíngue (português, latim e angolense)

		<i>portuguesa e latina</i>		
1813	Antônio de Morais Silva	<i>Diccionario da Lingua Portuguesa</i>	Brasil	1749 páginas. 2 volumes. Monolíngue (português).
1856	Antônio Álvares Pereira Coruja	<i>Collecção de Vocábulos e Frases usados na Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul no Brazil,</i>	Brasil	32 páginas. Monolíngue (português brasileiro sul-rio-grandense; dicionário de regionalismos)
1890	Adolpho Coelho	<i>Diccionario Manual Etymologico da Lingua Portuguesa Contendo a Significação e Prosodia</i>	Portugal	1272 páginas, 2 volumes. Monolíngue (português). Contém etimologia e indicação de pronúncia dos verbetes.
1898	José Romaguera da Cunha Corrêa	<i>Vocabulario Sul Rio-Grandense</i>	Brasil	261 páginas, 1 volume. Monolíngue (português brasileiro sul-rio-grandense; dicionário de regionalismos)

Quadro 17 – Vocabulários e dicionários de língua portuguesa utilizados como fontes metalinguísticas

Embora a obra tenha sido publicada no século XVIII, Bluteau (1712) é referido por Marquilhas (1991, p.28), dentre outros estudiosos, como uma das obras mais abrangentes do registro da língua portuguesa de séculos passados. Esta publicação apresenta entradas em português, explicações também em português, porém com citações latinas, da Bíblia ou de autoridades. Constitui-se por cerca de 43 mil verbetes, sendo essa obra dedicada ao então rei de Portugal à época de sua produção. Ainda, segundo Marquilhas, a redação desse trabalho deu-se por quatro mãos diferentes, sendo dois copistas, a mão do autor, Rafael Bluteau, e do responsável pela conservação do manuscrito (MARQUILHAS, 1991, p.32). O próprio



Bluteau ressalta, nas páginas iniciais de seu *Vocabulário Portuguez e Latino*, a importância do dicionário como registro histórico da grafia da língua portuguesa ao afirmar

Todos os homens são mortaes, mas nem todo são indoutos. Se não há remedios contra a morte, para a ignorancia não faltão antidotos. Para combaterem esse monstro, nos vocabularios estão as palavras, como em exercito bem ordenado, em fileiras alphabeticas. (BLUTEAU, 1712, p.5)

Em relação às obras oitocentistas, foi analisado inicialmente o *Diccionario da lingua bunda ou angolense, explicada na portugueza e latina* (CANNECATIM, 1804). Conforme Rodrigues (2015, p.17), estudos afirmam que os vernáculos europeus foram inicialmente gramaticalizados com a finalidade de se obter instrumento para o aprendizado de língua estrangeira. Este dicionário consiste, segundo Cannecatim (1804, p.v), em uma obra “para que a Lingua Bunda pudesse igualmente ser entendida dos Estrangeiros e, em especial, dos Missionarios, que se destinão para Angola”. O frei e missionário capuchinho italiano Bernardo Maria de Cannecatim, viveu por 20 anos em Angola, no final do século XIX (SANTOS, 2008, p.268). A obra é apresentada na forma de glossário em três colunas, listando a entrada lexical na primeira coluna em português, em latim na segunda e em angolense na terceira, conforme a figura a seguir

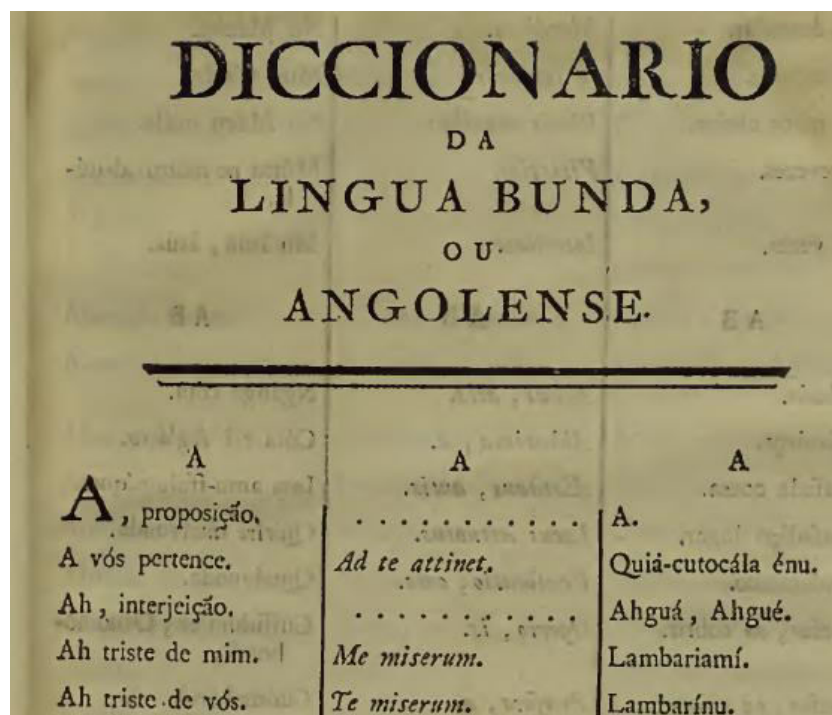


Figura 40 – Diccionario da Lingua Bunda ou Angolense. Fonte: Cannecatim (1804, p.1)

Do final do século XIX, foi consultada a obra de Coelho (1890), “*Diccionario Manual Etymologico da Lingua Portugueza Contendo a Significação e Prosodia*”. O autor propõe-se, em geral, “a dar os termos da lingua hodierna” (COELHO, 1890, p. v), porém não estabelecendo “systema orthographico novo”. Seu autor afirma que seguiu a ortografia usual, “com todas suas contradicções” (Ibidem, op. cit.). Este dicionário traz a entrada lexical em português, seguida da pronúncia escrita, além da definição do significado e, muitas vezes, etimologia da palavra, conforme a figura a seguir

**Cobiça**, ko-bi-sa, *s. f.* Desejo forte de possuir alguma cousa. Desejo immoderado de fortuna. (Lat. \* *cupiditia*, por *cupiditas*.)  
**1. Cubiçado**, ko-bi-sá-do, *p. p.* de **Cobiçar**. Desejado com ardor, paixão.  
**2. Cobiçado**, ko-bi-sá-do, *p. p.* de **Cobiçar**. Desejado com ardor, paixão, avareza.  
**Cobiçador**, ko-bi-sa-dôr, *s. m.* O que cobiça. (*Cobiçar*.)

Figura 41 – Entradas lexicais “Cobiça” e Cubiçado”. Fonte: Coelho (1890, p. 364)

Das fontes brasileiras, consultamos inicialmente o *Diccionario da Lingua Portugueza*, de Morais Silva (1813)<sup>89</sup>. Carvalho (2009, p.128) ressalta o valor histórico da obra como o primeiro dicionário brasileiro monolíngue do português, produzindo pelo carioca António de Morais Silva ao longo de sua conturbada carreira acadêmica em Coimbra. Além disso, conforme Finatto (1993, p. 34) “Independente dos focos de análise (que podem variar do aspecto quantitativo ou qualitativo), a obra de Morais é um marco e amplamente reconhecida quanto à sua importância”.<sup>90</sup> Composto por 2 volumes, 1749 páginas, este dicionário traz a entrada lexical em português, classificação gramatical da palavra e definição também em português. Foi baseado na consulta do autor a obras clássicas da língua portuguesa, como por exemplo Bluteau<sup>91</sup>. Nas próprias palavras do autor:

<sup>89</sup> Conforme Finatto (1993, p. 67) a edição de 1813 é a mais fiel aos propósitos do autor.

<sup>90</sup> Segundo Finatto (1993, p. 31) a obra de Morais Silva que é tida por alguns como portuguesa é aqui considerada brasileira “em virtude do autor ser brasileiro de nascimento e do impedimento de sua publicação na colônia.”

<sup>91</sup> “Lançado em Lisboa, em 1813, em segunda edição, de sua inteira autoria, o *Diccionario da Lingua Portugueza*, de Antonio de Moares Silva, feito para ficar fora das estantes seculares que abrigavam esse tipo de obra, veio a permitir consulta fácil que o *Vocabulario* de Bluteau não convidava a fazer, pois, com seus oito volumes, mais dois de suplementos, suas quase 8000 páginas e já envelhecido de mais de 90 anos, sem reedição e tornando-se raro, não era o que se pode considerar como obra de referência acessível e prática.” (ARAÚJO, 2009, p.12)

Do que recolhi das minhas leituras fui suprindo as faltas, e diminuições, que nelle achava; e quem tiver lido o Bluteau, e conferir com o seu este meu trabalho, achará que não foi pouco o que ajuntei; e mais pudéra accrescentar, se as minhas circunstancias me não levassem forçado a outras applicações mais fructuosas. (SILVA, 1813, p. x)

Ainda afirma

Quanto a Ortografia que segui, declaro altamente, e de bom som, que na mayor parte a sigo contra o meu parecer, e porque assim o querem. Eu sou pela Ortografia Filosofica, a qual fundada na analyse dos sons proprios, ou vogáes, e na de suas modificações, pede que a cada um se dê um só sinal, ou letra privativa, distincta, e que não represente nenhum outro som, ou consoante. (Ibidem op. cit., p.xi)

Por fim, foram analisadas as obras dos brasileiros Coruja (1856) e Corrêa (1898). Conforme Araujo (2009, p.89), ambas as obras foram produzidas, editadas e impressas no Brasil. Ambos os autores tratam de referências dialetológicas do português utilizado no Rio Grande do Sul. O professor e jornalista gaúcho Antônio Álvares Pereira Coruja publicou, em 1856, *Collecção de Vocábulos e Frases usados na Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul no Brazil*, de apenas 32 páginas. Na introdução da obra, o autor afirma que grande parte dos termos linguísticos utilizados na província muitas vezes “não são conhecidos por outros nomes” na língua portuguesa. Em relação a estes termos, desenvolveu sua Collecção “tendo igualmente consultado os dictionarios da lingua, e ou não os encontrando, ou achando-os com acepções diferentes” se propôs a fazer uma coleção com suas respectivas explicações. (CORUJA, 1856, p. 4).

Nesta obra, que pode ser tomada como representativa de um Rio Grande do Sul da metade do século XIX, encontramos apenas três grafias de vogais pretônicas altas em contextos nos quais esperávamos vogais médias: **Garuar**, p.16; **Morcilha**/murcella, p.20 e **Rosilho**/Russilho, p.28.

Já no final oitocentista, o médico, político e jornalista gaúcho, José Romaguera da Cunha Corrêa, publicou “*Vocabulario Sul Rio-Grandense*” na intenção de reunir um léxico do português utilizado no Rio Grande do Sul com o objetivo de “referir-se a um assumpto patrio estudado com a maior exactidão e fidelidade possíveis” (CORRÊA, 1898, p.5). Expõe que, no dialeto sul-rio-grandense, entram elementos diversos de outros dialetos ou línguas como o *português antiquado* ou *desvirtuado* (e.g. ave, gavião, embonecar); o *castelhano* (e.g. cincerro, lonca, cadena); o *hispano-americano* (pilcha, churrasco); o *guarani* (tapéra, guri, chimbé); o *quíchua* (chancha, guacho, guayaca); o *araucano* (poncho); o *astéca* (inhapa, galpão); o *latim* (pagos); a *língua bunda* (calmobo, macóta), dentre outros.

Na construção deste *Vocabulário*, Corrêa fez uso, principalmente, das seguintes obras: *Diccionario de Voc. Brasileiros*, de Visconde de Beaurepaire-Rohan; *Collecção de Vocábulos e Frases usados na Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul no Brazil*, de Antônio Alvares Pereira Coruja e ao livro sobre *Costumes do Rio Grande*, pelo Capitão C. Jacques.<sup>92</sup>

Verificamos em Corrêa (1898) quais palavras e/ou entradas lexicais alternavam na grafia das vogais médias pretônicas [e] e [o], isto é, se as grafavam como [i] e [u]. Foram encontrados alguns registros escritos de palavras nas quais a grafia apresenta ou alternância de vogal média com alta (e.g. **Burlequeador**/*burliqueador*) ou somente as grafias de vogais altas [i,u], como em, por exemplo, *babuseiras* (babaseiras). As figuras a seguir apresentam exemplos de que a flutuação entre as vogais médias e as vogais altas em contexto pretônico já acompanhava a língua portuguesa sul-rio-grandense no século XIX

**Burlequeador**, adj. : vadio, vagabundo; o que leva a vida a passeiar e cruzar os campos de um lado para outro, sem ter occupaões. Deriv. de *—burlequiar* ou *burliquear*. Diz-se também *—burliqueador*.

**Burlequiar**, v. intrans. : vadiar, vagabundear, gastar o tempo passeando em folias, etc., não tendo emprego ou occupaão; cruzar campos, vadiando. É voc. da America hespanhola.

Figura 42 – Grafia de *Burlequeador*, *burliqueador* e *burlequiar*. Fonte: Correia (1898, p.39)

**Negrinho do pastoreio**, subs. m. comp.: ente phantastico ou antes *santo* da devoção das creanças e *campeiros* rio-grandenses, que, com promessas de vellas ou bicos de vellas accesas, recorrem aos seus milagres, que consistem apenas em fazer apparecer um animal ou objecto, quando perdidos no campo. É crença que o tal *negrinho do pastoreio* foi n'outros tempos um *santo*, bom e iníeliz molecôte, que morreu de desastre quando pastoreava um gado. É uma das poucas crendices do *campeiro* rio-grandense, que, aliás, tem um espirito mais adiantado e liberto de certas *babuseiras* e abusões do que o camponco de outros Estados do Brazil.

Figura 43 – Entrada lexical **Negrinho do pastoreio** para exemplificar *babuseiras*. Fonte: Correia (1898, p. 137)

A seguir, expomos as 13 palavras encontradas na obra de Correia que expressam, ou a alternância média/alta, ou a elevação da vogal média nos contextos de pretônica.

1. **Biriva**/biriba/beriba, p. 229
2. **Burlequear**/ burliquear, p.39;

<sup>92</sup> O autor não traz as referências bibliográficas completas utilizadas em sua obra.

3. Cubiça, p.41;
4. **Chirú/cherú**, p. 56
5. **Costelhar/Costilhar**, p. 66
6. **Cutuba/Cotuba**, p.69
7. **Garuar**, p.93
8. **Lechiguana/lixigoana**, p.113
9. **Peona/piona**, p.156
10. **Peonada/pionada/pionagem**, p.156
11. **Porongo/puruncca**, p. 165
12. **Rosilho/russilho**, p.188
13. **Tipiti/tepiti**, p. 202

Sumarizando, nessa seção, apresentamos as fontes metalinguísticas portuguesas e brasileiras consultadas acerca da variação existente entre as vogais médias <e,o> e as altas <i,u> na grafia de vogais na língua portuguesa do século XIX. A grafia das vogais médias das palavras encontradas em nossos *corpora* de jornais e documentos manuscritos foram verificadas em Bluteau (1712), Cannecatim (1804), Silva (1813) e Coelho (1890) para examinar se o registro das palavras dos *corpora* coincide com os dicionários.<sup>93</sup>

A seguir exporemos a análise e discussão dos dados encontrados, demonstrando o que consideramos como **grafia ajustada a supostas normas da época** e o que consideramos **grafia como indício de elevação de vogais médias pretônicas**, consideradas como realizações fonológicas, tratando de nossa terceira hipótese.

### 5.3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Para Lima (2014, p.109), estudar a norma gráfica praticada é compreender como os textos-modelo para a época “respondiam as tensões de normatização existentes, num momento de coexistência de princípios gráficos sem a justa medida.” Além disso, investigar o testemunho de gramáticas e dicionários mostra a influência exercida pelas normas, além da repercussão dos usos na elaboração dessas. Acredita-se, assim, que o estudo da norma objetiva (prescrições) e subjetiva (grafia de textos modelares) permite-nos esclarecer o

---

<sup>93</sup> O exame não foi realizado em Coruja (1856) e Corrêa (1898) devido à reduzida abrangência lexical das obras (esta é constituída apenas de vocábulos regionais e aquela, além disso, possui apenas 32 páginas).

fenomeno da representacao gráfica. O autor sustenta esse estudo sobre três pontos fundamentais: a prescrição, a prática e a comparação entre elas.<sup>94</sup>

Para realizarmos esta comparação em nossa Tese, foram verificadas, nas obras de Bluteau (1712), Cannecatim (1804), Silva (1813) e Coelho (1890), a grafia das palavras coletadas em nossos *corpora* de jornais e documentos manuscritos, a fim de se examinar se os registros escritos dos *corpora* são coincidentes ao das fontes metalinguísticas.

Foram examinadas ambas as grafias possíveis, tanto com <i,u> quanto com <e,o> pretônicos: a palavra *arripiar*, por exemplo, foi buscada tanto em *arrepiar* quanto *arripiar*. Caso encontrássemos no dicionário alguma palavra na qual a grafia da vogal média pretônica seja de vogal alta, esta forma gráfica seria considerada como exemplo de adequação à norma vigente, ou seja, *variação puramente gráfica*, e não *grafia fonologicamente significativa*.

Os resultados das consultas realizadas nos dicionários podem ser vistos no Apêndice I (Pesquisas de Registros Escritos em Jornais em Dicionários – Vogal <e>), no Apêndice J (Pesquisas de Registros Escritos em Jornais em Dicionários – Vogal <o>), no Apêndice K (Pesquisas de Registros Escritos em Cartas da Família Prates de Castilhos em Dicionários) e no Apêndice L (Pesquisas de Registros Escritos em Documentos da Revolução Federalista em Dicionários), que se encontram ao final desta Tese.

Em relação à vogal <e> grafada como <i>, foram encontradas as seguintes palavras nos dicionários:

1. *anticipação* (BLUTEAU, 1712, p. 402; CANNECATIM, 1804, P.74; SILVA, 1813, p.140; COELHO, 1890, p.116)

2. *anticipado* (BLUTEAU, 1712, p. 402; CANNECATIM, 1804, P.74; SILVA,1813, p.140; COELHO, 1890, p.116)

3. *arripiadoras* (BLUTEAU, 1712, p. 565; CANNECATIM, 1804, p. 98; SILVA, 1813, p. 192).

4. *arripião-se nos* (BLUTEAU, 1712, p. 565; CANNECATIM, 1804, p. 98; SILVA, 1813, p. 192).

---

<sup>94</sup> Lima (2014) define como *norma subjetiva* o testemunho dos gramáticos e dicionaristas e como *norma objetiva* os textos modelares da época (*corpus*).

5. *arripiar* (BLUTEAU, 1712, p. 565; CANNECATIM, 1804, p. 98; SILVA, 1813, p. 192).

6. *cumieira* (2x) (BLUTEAU, 1712, p.637; SILVA, 1813, P.503; COELHO, 1890, p.425)

7. *envilicido* (SILVA, 1813, p.721)

8. *involver* (CANNECATIM, 1804, P.479)

9. *liviano* (BLUTEAU, 1712, p.161)<sup>95</sup>

As 9 palavras acima, portanto, podem ter sua grafia da vogal alta em contexto pretônico justificada na ortografia presente nos dicionários acima e no Apêndice I referidos. Este fato tende a diminuir a crença de que a grafia destas nove palavras se deva exclusivamente à representação fonológica de um grafema. Podemos acreditar que, quanto mais dicionários a grafia está presente, mais ela pode ter sido utilizada como modelo na grafia da vogal média pretônica de uma palavra do português sul-rio-grandense do século XIX. Assim, ainda pode-se crer que *envilicido* e *involver* demonstrem a flutuação entre vogais médias e altas em contexto pretônico, ao contrário de *arripiar* e *anticipação*, frequentes em todos os dicionários de várias épocas do século XIX.

Em relação às grafias de <e> pretônico coletadas nas cartas da Família Prates de Castilhos (Apêndice K) e dos Documentos da Revolução Federalista (Apêndice L) não foram encontradas nenhuma correspondência nos dicionários consultados. Esse fato corrobora as expectativas de que manuscritos pessoais podem apresentar indícios de realizações de língua falada e que os casos encontrados nesse tipo de documento escrito pode ser tido como um caso de interferência do oral para o escrito.

Sobre as grafias de <o> pretônico, coletadas nos jornais, foram encontradas nos dicionários as seguintes palavras:

1. *concorrência* (2x) (BLUTEAU, 1712, p. 443; CANNECATIM, 1804, p.189; SILVA, 1813, p. 438)

2. *concurrente* (BLUTEAU, 1712, p. 443; CANNECATIM, 1804, P.189; SILVA, 1813, p. 438)

---

<sup>95</sup> Alguns desses registros coincidem com marcas orais típica da linguagem de pessoas mais velhas, como “anticipação” e “livianu”, por exemplo.

3. *cuberta* (BLUTEAU, 1712, p.626)
4. *cuberto* (2x) (BLUTEAU, 1712,p.626)
5. *cubiça* (COELHO, 1890, p.364)
6. *cubiçozo* (COELHO, 1890, p.364)
7. *cubrir-se* (BLUTEAU, 1712, p. 627; SILVA, 1812, p.406)
8. *engulideiras* (BLUTEAU, 1712, p.114; CANNECATIM, 1804, p.355; SILVA, 1813, p.698 e COELHO, p.570)
9. *engulir* (BLUTEAU, 1712, p.114; CANNECATIM, 1804, p.355; SILVA, 1813, p.698 e COELHO, p.570)
10. *ocurrencia* (2x) (BLUTEAU, 1712, p.33; SILVA, 1813, p. 359).

Sendo que destas, apenas *cuberta*, *cuberto*, *cubiçozo* e *engulir* poderiam se apresentar como indício de marca oral de elevação de vogais médias pretônicas. Apesar de estarem registradas em dicionários, coincidem com casos de língua falada, o que abordaremos adiante acerca de nossa terceira hipótese. Casos como *concurrência* e *ocurrencia* seriam menos prováveis de serem grafias fonologicamente significativas acerca do alicamento vocálico de média pretônica /o/, sendo estas grafias representativas de um ajuste à norma vigente, ou em construção, na época. Das cartas pessoais manuscritas da Família Prates de Castilhos, apenas a palavra *ocurridos* (vide *ocurrencia*, BLUTEAU, 1712, p.33; SILVA, 1813, p. 359) foi detectada na consulta aos dicionários como apresentando vogal alta [u] grafada em contexto pretônico. Nenhuma ocorrência dos Documentos da Revolução Federalista (Apêndice L) foi encontrada em dicionários.

A seguir, trataremos de nossa terceira hipótese, acerca dos registros escritos restantes, isto é, as formas gráficas não encontradas nos dicionários. Acreditamos que estas formas figurem como pistas de eventos de fala do português sul-rio-grandense do século XIX. Conforme a hipótese citada no início desta Tese

*3. Alguns casos de indício de elevação no exame grafemático coincidem com realizações da língua falada, demonstrando que contextos favorecedores da elevação vocálica das médias pretônicas na fala são visíveis na escrita do português brasileiro do Rio Grande do Sul no século XIX. O registro de <i> e de <u> como um indício de elevação pode*



*ser interpretado como favorecido pela presença de vogal alta /i/ nas sílabas seguintes, por exemplo, representando um processo de assimilação vocálica<sup>96</sup>. Além disso, pode ser interpretado como indício de elevação sem motivação aparente e alçamento em sílaba inicial.*

Em relação aos registros escritos encontrados em nossos *corpora*, tentamos agrupá-los de acordo com a natureza dos processos fonológicos presentes no dialeto sul-rio-grandense do qual parecem ser indícios: *harmonia vocálica*, conforme Bisol (1981), Schwindt (1995, 2002), Casagrande (2003) e Silva (2012); *elevação de vogais médias em sílabas travadas por nasal/sibilante*, segundo Battisti (1993) ou *elevação sem motivação aparente*, segundo Klunck (2007) e Monaretto (2013). Os registros podem ser vistos no Apêndice M (Dados Fonologicamente Significativos de *Harmonia Vocálica*, *Elevação sem Motivação Aparente*, *Elevação em hiato*, *Elevação vocálica de médias em sílabas travadas por nasal/sibilante*).

Bisol (1981), Battisti (1993), Schwindt (1995, 2002), Casagrande (2003), Klunck (2007), Silva (2012) e Monaretto (2013) foram abordados no capítulo 2 desta Tese como fonte de estudo da análise da elevação de vogais médias pretônicas em língua falada. Acreditamos que a presença de palavras coincidentes ou semelhantes entre os vocábulos apontados nessas pesquisas e os registros escritos coletados em nossos *corpora* nos auxiliam na verificação desses registros escritos como possíveis marcas de oralidade, uma vez que contextos motivadores dos fenômenos de elevação se fazem presentes na língua falada. Foram averiguados nesses trabalhos se havia uma relação das palavras levantadas na pesquisa a fim de se confrontar com os casos encontrados em nossos *corpora*.

Nossa análise inicial apurou que Battisti (1993), Schwindt (1995, 2002) e Monaretto (2013) não apresentam esse tipo de lista de palavras anexas aos seus trabalhos. Da relação apresentada em Klunck (2007, p. 96 – 112), não foram encontradas palavras coincidentes com nossos registros escritos, diferente do ocorrido em Bisol (1981), Casagrande (2003) e Silva (2012). Listaremos as palavras encontradas nesses estudos, indicando entre parênteses o número de ocorrências indicado pelas autoras.

Em seu glossário das palavras estudadas, Bisol (1981, p.288-332) aponta algumas palavras que coincidem com nossos registros encontrados acerca da elevação motivada por harmonia vocálica. Conforme a autora, o processo de harmonização consiste na substituição da vogal média /e, o/ pela vogal alta /i, u/ respectivamente, quando a vogal média precede uma sílaba com vogal alta, conforme visto a seguir.

- (Ibidem. op.cit., p. 288): arripia (1), cimiterio (7);

---

<sup>96</sup> Assimilação regressiva.

- (Ibidem. op.cit,p.289) : filicidade (4), filiz (8), imprestado (1);
- (Ibidem. op.cit, p.290): intender (2), liviana (1), melhor (1);
- (Ibidem. op.cit, p.291): pidi (3), sintia (1), sintiu (1), seguinte (10);
- (Ibidem. op.cit, p,293): cimitério (8); dicide (1);
- (Ibidem. op.cit, p.294): filiz (1); melhor (1);
- (Ibidem. op.cit, p.295): pidi (4);
- (Ibidem. op.cit, p.296): seguinte (5), sentido (1);
- (Ibidem. op.cit, p.299): pidia (1), pidiram (2), seguinte (1), senti (4);
- (Ibidem. op.cit, p.302): difinitivo (1), dispesa (2), filiz (2);
- (Ibidem. op.cit, p.303): pidir (4), sintia (2), sintiu (4), seguinte (2);
- (Ibidem. op.cit, p.305): acostuma (2), acostumada (2), acostumado (1), acostumei (4), acostumou (2), cuberta (3);
- (Ibidem. op.cit, p.307): muchila (1), podia (15);
- (Ibidem. op.cit, p.309): acostumada (6), acostumado (2), acostumei (1), acostumou (3), cuberto (1)
- (Ibidem. op.cit, p.311): podia (14), pussível (2);
- (Ibidem. op.cit, p.312): subrinha (9);
- (Ibidem. op.cit, p.313): acostumado (2), acostumo (1), cuberta (4);
- (Ibidem. op.cit, p.315): muchila (1), podia (9), subrinho (10);
- (Ibidem. op.cit, p.316): acostumado (2), acostumaram (1), cuberta (1);<sup>97</sup>
- (Ibidem. op.cit, p.318): podia (4), pussível (6), subrinho (10);
- (Ibidem. op.cit, p.322): dispesa (1), filiz (2), filizmente (4), fornicido (1);
- (Ibidem. op.cit, p.323): melhor (2);<sup>98</sup>
- (Ibidem. op.cit, p.324): pidi (1), pidir (3), pidiu (4);
- (Ibidem. op.cit, p.326): senti (2), sintia (4), sentido (26), sentimos (3), sentir (1), seguinte (19);
- (Ibidem. op.cit, p.327): acostuma (1), acostumado (7), acostumo (1), acostumou (1);
- (Ibidem. op.cit, p.329): costume (3), costumes (1);
- (Ibidem. op.cit, 1981, p.330): fornicido (1);
- (Ibidem. op.cit, 1981, p.331): podia (3);

<sup>97</sup> Segundo Bisol (2015, p. 192) *cuberta* é derivada de uma base com contexto para HV (cobrir~cubrir), sendo comum em casos como esse estender-se o efeito de HV na base para todo o paradigma derivacional.

<sup>98</sup> Bisol (2015, p.192) aponta contexto para harmonia em *melhor* a motivação na consoante lateral palatal, pela semelhança quanto à percepção do som da lateral palatal com o som de li, a exemplo de *família /fi lha e afi lhar/afi liar*.

- (Ibidem. op.cit., p.332): pussível (18), suciedade (1) e subrinha (3).

Os anexos de Casagrande (2003, p. 146 – 167) também nos apresentam ocorrências de harmonização vocálica em diversas palavras que coincidem com os registros escritos por nós coletados, como pode ser visto a seguir.

- (Ibidem, op.cit., p.146): acostuma (1); acostumada(o) (6); acostumando (1)

- (Ibidem, op.cit., p. 149): cuberta (1);

- (Ibidem, op.cit., p.150): costume (1); custumo (1);

- (Ibidem, op.cit., p.151): engulir (2)

- (Ibidem, op.cit., p.152): muchila (2)

- (Ibidem, op.cit., p.155): podia (19); pussivel (6); subrinha (o) (s) 10;

- (Ibidem, op.cit., p.150): cimiterio (2)

- (Ibidem, op.cit., p.164): pidi (8); pidia (3); pidir (4)

- (Ibidem, op.cit., p.167): seguinte (4)

Os casos também são vistos em Silva (2012, p.112-144), conforme o exposto a seguir.

- (Ibidem, op.cit., p. 114): pidi, impussivel, podia

- (Ibidem, op.cit., p.115): acostumada, pidindo, pidimos, pidido, costume

- (Ibidem, op.cit., p.117): pudiam

- (Ibidem, op.cit., p.118): acostumada, acostumo (2)

- (Ibidem, op.cit., p.119): acostuma, acostumei, acostumo (4)

- (Ibidem, op.cit., p.122): cubrir, costumam

- (Ibidem, op.cit., p.123): podia

- (Ibidem, op.cit., p.125): podia, acostuma

- (Ibidem, op.cit., p.126): seguinte

- (Ibidem, op.cit., p.127): acostumado (3), acostumei, pidi, pidia

- (Ibidem, op.cit., p.128): acostumou

- (Ibidem, op.cit., p.129): podia

- (Ibidem, op.cit., p.130): podia (3)

- (Ibidem, op.cit., p.131): subrinho

- (Ibidem, op.cit., p.132): podia (3), pidi, subrinho

- (Ibidem, op.cit., p.134): senti, custumo, costumava

- (Ibidem, op.cit., p.135): seguinte, sintia, acostumada

- (Ibidem, op.cit., p.136): pussível

- (Ibidem, op.cit., p.137): podia

- (Ibidem, op.cit., p.142): acostumou
- (Ibidem, op.cit., p.143): pidi (2), pidia (4), pidido (2), muchila, podia (3), pudiam
- (Ibidem, op.cit., p.144): subrinha

O exame e a comparação de palavras levantadas em nossos *corpora* com obras metalinguísticas de época, conforme seção 5.3 por meio de Bluteau (1712), Cannecatim (1804), Silva (1813) e Coelho (1890), teve o intuito de verificar se os registros escritos dos *corpora* coindicem ao das fontes metalinguísticas oitocentistas. Essas fontes trouxeram as palavras nas quais a grafia de vogal alta em contexto pretônico já ocorria no século XIX. Percebe-se que, tanto o exame dos dicionários quanto o das listas de dados de *corpus* de língua falada registram variantes como *arripiar*, *uberta*, *uberto* e *engulir*, dados fonologicamente significativos de elevação de vogal média pretônica motivados por harmonia vocálica.

A seguir, faremos apontamentos acerca dos fatores condicionantes de elevação averiguados nos estudos sociolinguísticos de língua falada na seção 2.2.2.2 desta Tese, demonstrando a relação existente entre esses fatores e os registros escritos de elevação de vogal média pretônica encontrados em nossos *corpora*, confirmando-se, pois, um condicionamento fonológico para amotivação de um processo fonológico transportado para a língua escrita.

De acordo com nossas conclusões gerais, percebe-se em pesquisas de língua falada maior elevação de /e/ do que de /o/, com exceção àqueles trabalhos que analisaram a elevação vocálica sem motivação aparente. Isso é visível na maioria das palavras coletadas nas quais se eleva <e> em comparação aos casos de elevação de <o> na grafia.

Entretanto, não é possível fazermos considerações acerca dos casos sem motivação aparente, embora tenham se mostrado mais numerosos os casos de elevação de <e> nos jornais. Já, nas Cartas da Família Prates de Castilhos, em apenas duas das três palavras coletadas apresentaram elevação de <o>, como em *cumarca* e *prumessa*. Bisol (1981) afirma que em relação a sufixos, a probabilidade de harmonização é maior quando há presença de sufixos verbais com vogal alta, como em *mãizinha*, *defirirei*, *indiferidos* e *indiscriptivel*.

Bisol (1981), Schwindt (1995, 2002), Casagrande (2003) e Silva (2012) apontam a vogal alta contígua como fator condicionante da elevação de vogal média pretônica motivada por harmonização vocálica, conforme nossos registros em *cubrir-se* (Correio do Sul, Porto Alegre, 16/10/1852), *eligivel* (O Brado do Sul, Pelotas, 15/03/ 1861), *iducar* (Carta de Carolina Prates de Castilhos para o filho Júlio de Castilhos – São Martinho, 25/07/1894 – [fol

1v]) e *subrinho* (Carta de Theodoro Camargo para Tio Zeca – Pal, 07/08/1895). Incluímos aqui todos os casos de harmonia vocálica listados no Apêndice M, com exceção de *uberta (s)*, *uberto (s)* e *milhor*.

Bisol (1981, p. 111) e Schwindt (2002, p. 176) afirmam que a vogal alta tônica imediata favorece a elevação da vogal média pretônica. Conforme nossos registros, houve vários casos com este contexto: *alvidrio*, *arripião-se-nos*, *dicida*, *disculpa*, *difruta*, *disvios*, *eligível*, *engulir*, *envilicido*, *infurtunio*, *iniquivocos*, *ligítima*, *magnitismo*, *mãizinha*, *prevenir*, *primissas*, *revistidos*, *surtidas*, *tangirina*, *viridico*, *Cicília*, *pidir*, *previnindo-o*, *siguida*, *sintindo*, *Zefirino*, *custume*, *ocorridos*, *podia*, *subrinhos*, *disculpe*, *filis*, *puçivel*, *siginti*, *siguintes* e *subrinho*. A vogal homorgânica /i/ favorece a elevação tanto de /e/ quanto de /o/, como, por exemplo, em *puçivel* e *disculpe*.

Battisti (1993, p.61), ao analisar vogais médias iniciais seguidas por nasal ou sibilante, constatou que a variável prefixação mostrou-se relevante na elevação de /e/, com destaque para o prefixo *des*, como por exemplo em *disculpe*, *disgosto*, *disgostoso* e *dispedaçando*. A autora aponta que a ausência do contexto precedente favorece o alçamento de /e/, mas não de /o/, como por exemplo *inbora*, *intão*, *imbarque*, *imprestimos*, *imprestando*, *incaminhava*, *incarnação*, *incarnações*, *incommenda*, *incontrem*, *indereçada*, *indoçada*, *indereitl-o*, *infernidade*, *inflora*, *inganadoras*, *intendeu*, *impolado*, *involve*, *involvendo* e *involver*. Além disso, ressalta que tem maior probabilidade de elevar-se se a sílaba inicial quefor contígua à tônica, como por exemplo *imminente* e *indiferidos* (2). Outro contexto favorecedor deste tipo de elevação é a palatal precedente, conforme os vocábulos *discrença*, *disculpa* (2), *disforço*, *disforços*, *disgosto*, *disgostoso*, *dispedaçando*, *dispertado*, *dispertam*, *dispertando*, *dispertar*, *dispesa*, *dispreso*, *disvarios* (2x), *disvios*, *dispeitoso*, *disperta*, *disperta-nos* e *dispotismo*. Para Bisol (1981) e Battisti (1993), as consoantes /k,g/ seguintes favorecem a elevação de médias pretônicas em sílaba inicial, como em *siquer* e *inganadoras*,

Monaretto (2013) afirma que a situação de elevação sem motivação aparente, isto é, elevação de vogais médias pretônicas sem contexto de vogal alta na sílaba seguinte ou nasal/sibilante seguintes em contexto inicial, abrange elevação em hiato, como, por exemplo, em *bombardiado*, *Diodoro*, *cumieira*, *cumieira*, *assuada*, *Campi'oes*, *paciar*, *recciosa* e *Juaquim*. Além disso, atribui-se papel relevante às labiais precedentes, como em *pinhorados*, *puçeria*, *abilheira*, *fumenta* e da palatal precedente, como em *pratileiras*.

Bisol (1981) afirma que palavras de mesmo paradigma tendem a elevar-se regularmente. Klunck (2007) alude à elevação em um mesmo paradigma derivacional como indício de difusão lexical. Nossos *corpora* registram [*arripiadoras*, *arripião-se-nos*, *arripiar*],

[*cuberta (2), cuberto (2), cubertos, cubrindo-se, cubrir-se*], [*cubiça, cubiçozo*], [*disfructamos, disfruta*],[*engulir, engulideiras*], [*surtidas, surtimento*], [*involve, envolvendo, involver*], [*dispertado, dispertam, dispertando, dispertar, disperta-nos*], [*iducação, iducar*] e [*filis, filicidade*].

**Percebem-se nos registros coletados em nossos *corpora* vários exemplos de palavras escritas que expressam condicionamentos de casos encontrados na língua falada, abordados em trabalhos sociolinguísticos. A ocorrência desse tipo de dado possibilita interpretá-lo como fonologicamente significativo, isto é, como um indício de marca de oralidade supostamente ouvida no passado, que se confirma em tendências do comportamento variável na elevação de vogais médias pretônicas em estudos linguísticos de sincronias mais recentes.**

Por fim, exporemos nossas conclusões acerca do que tratamos nessa Tese. Retomaremos nossos objetivos e hipóteses, verificando, sumariamente, em que medida foram atingidos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese tratou de examinar e retratar o processo de elevação de vogais médias pretônicas, isto é, vogais /e/ e /o/ supostamente produzidas como [i] e [u] em registros escritos oitocentistas da língua portuguesa brasileira do Rio Grande do Sul. Ao trabalharmos com indícios deste fenômeno fonológico na escrita de documentos oitocentistas, acreditamos que as palavras coletadas possam ser consideradas como indícios fonético-fonológicos de um processo em uma sincronia passada.

Para tal, tratamos de explicitar o processo de elevação de pretônicas pela Teoria Fonológica e de abordar trabalhos sociolinguísticos acerca desse fenômeno na língua falada, a fim de que principais tendências sobre o condicionamento da elevação vocálica de médias pretônicas no português sul-rio-grandense fossem verificadas e confrontadas. Os condicionamentos linguísticos foram analisados o quanto possível em comparação com os dados fonologicamente significativos coletados, após análise desses registros escritos em fontes metalinguísticos do século XIX.

Os objetivos gerais dessa pesquisa são retomados aqui para se verificar em que ponto foram atingidos através dos objetivos específicos e hipóteses desta Tese.

*1. Formar corpora de textos oitocentistas escritos no Rio Grande do Sul de forma digitalizada (fotografia), para oferecer para a comunidade em geral;*

Disponibilizamos, um DVD-ROM, em anexo, contendo 170 exemplares de jornais publicados no Rio Grande do Sul no século XIX. Os exemplares foram fotografados de forma amadora, utilizando uma câmera NIKON D5000 em alta resolução.

A fotografia em resolução alta permite a leitura dos jornais em computador, assim como o aumento da fonte e, principalmente, o acesso a um *corpus* jornalístico disponível apenas no Museu de Comunicação Hipólito José da Costa. Esse *corpus* pode ser considerado bastante representativo em relação à imprensa sul-rio-grandense oitocentista e, conseqüentemente, do uso linguístico do português gaúcho da época nesse tipo de suporte de informação. Atingimos este objetivo, oferecendo o material para a comunidade em geral fazer o uso em pesquisas posteriores.

A seguir, tratamos de nosso segundo objetivo.

*2. Propor metodologia de análise nos corpora de língua escrita oitocentista do Rio Grande do Sul;*

Considerando-se que a época oitocentista no Brasil foi um período de tentativas de construção de norma padrão em termos de convenção ortográfica, com uma produção escrita

escassa e com maior acessibilidade apenas em jornais e alguns livros, além de outros problemas de ordem física e organizacional, abordados na seção 3.2.2 desta Tese, propor metodologia de análise em *corpora* escritos do Rio Grande do Sul no século XIX foi uma tarefa bastante desafiadora. Conforme Lass (2000), Schneider (2002) e Montgomery (2007) e Lass (2000) a seleção de *corpus* segue critérios bastante específicos para que a escrita possibilite a suposição de eventos de fala.

Especificamente, atingimos o objetivo de propor uma alternativa de interpretação para o trabalho em Fonologia Diacrônica por meio de organização de *corpora* de textos escritos no Rio Grande do Sul durante o século XIX, com base em estudiosos da Linguística Histórica (ROMAINE, 1982; LASS, 2000; SCHNEIDER, 2002; MONTGOMERY, 2007). Porém, em relação ao nosso objetivo geral da proposta de nossa metodologia como um todo, além do acesso restrito a esses textos, o que nos levou ao primeiro objetivo dessa tese (digitalização dos *corpora*) e a falta de uniformidade em relação à quantificação e representatividade de fatores extralinguísticos (históricos e sociais), cremos que a metodologia para o trabalho com textos escritos gaúchos oitocentistas deve estar em construção e aperfeiçoamento constantes.

Acreditamos que pesquisas posteriores a esta Tese, assim como o surgimento de novos *corpora* escritos representativos para estudos linguísticos do português sul-rio-grandense oitocentista podem muito contribuir para a metodologia que propomos em nosso estudo.

A seguir, verificamos nosso terceiro objetivo.

### *3. Propor um retrato da elevação vocálica da média pretônica no português sul-rio-grandense oitocentista*

Nosso estudo coletou palavras nas quais havia o registro das vogais altas <i,u> em contextos nos quais esperávamos a grafia de médias <e,o> pretônicas, em *corpora* de jornais e de cartas manuscritas, como ilustração de uso linguístico do português brasileiro no Rio Grande do Sul no século XIX. Averiguaram-se os registros considerados fonologicamente significativos, conforme Lass (2000) em fontes metalinguísticas da época, conforme nosso capítulo 5. Além deste exame em dicionários e gramáticas, foi possível a constatação da presença de nossos dados nos *corpora* de estudos sociolinguísticos de língua falada (BISOL, 1981; CASAGRANDE, 2003; SILVA, 2012), além de atestarmos que vários dos condicionamentos expressos como relevantes para a elevação de vogais médias pretônicas na fala encontram respaldo em diversas palavras por nós coletadas.

Especificamente, atingimos nosso objetivo de coletar ocorrências grafemáticas em textos oitocentistas representativos do fenômeno de elevação de vogais médias pretônicas, analisando qualitativamente os registros de acordo com os tipos de elevação já abordados na



língua falada em sincronias recentes (BISOL, 1981; BATTISTI, 1993; SCHWINDT, 1995, 2002; CASAGRANDE, 2003; KLUNCK, 2007; SILVA, 2012; MONARETTO, 2013). Verificamos que registros escritos com vogais pretônicas altas <i> e <u> no lugar das médias <e> e <o> (em relação à ortografia atual) podem ser considerados ou casos de reflexo de oralidade ou possível ajuste a uma norma escrita daquele tempo, através do exame de ocorrências em dicionários oitocentistas (BARBOSA, 1999; LIMA, 2014). Essas evidências metalinguísticas diretas (gramáticas, dicionários e vocaúários), acerca da elevação vocálica de médias pretônicas, podem atestar ocorrências grafemáticas do fenômeno como registros de tentativas de se adequar a uma ortografia do português brasileiro em construção na época.

Sendo assim, à medida que existem, embora escassos, registros escritos de elevação vocálica de médias pretônicas em *corpora* escritos no Rio Grande do Sul, no século XIX, podemos afirmar que atingimos, em parte, o objetivo geral de retratar as vogais médias pretônicas no português sul-rio-grandense oitocentista, ao menos nos *corpora* escritos analisados.

A seguir, tratamos de retomar nosso quarto objetivo.

#### 4. Contribuir para a descrição histórica da fonologia do português brasileiro, com foco no século XIX.

Conforme Bisol (2015, p. 199), o século XIX é um marco na história do português, pois, nesta época, harmonização vocálica está presente no português brasileiro e ausente no português europeu, dentre outros aspectos que afastaram as duas variedades, mas essas diferenças, que se estendem da fonologia à sintaxe, não mudaram o sistema básico. Maior parte dos estudos de fonologia histórica do português brasileiro detém-se em estágios anteriores de língua até o século XVIII, tornando necessárias mais descrições acerca do crítico período do século XIX, principalmente sobre a fonologia do português brasileiro.

Como podemos ver em nosso capítulo 5 e no Apêndice M desta Tese, alguns registros de indício de elevação no exame grafemático coincidem com realizações da língua falada, demonstrando que contextos favorecedores da elevação vocálica das médias pretônicas na fala aparecem na escrita do português brasileiro do Rio Grande do Sul oitocentista.

Observamos maior presença da grafia de <e>, escrito como <i>, do que de <o>, como <u> nos *corpora* oitocentistas, conforme se atesta em estudos de língua falada. Destaca-se, na maior parte das palavras, o registro de <i> e de <u> como um indício de elevação que interpretamos como motivado pela presença de vogal alta /i/ nas sílabas seguintes, representando, pois, um processo de assimilação vocálica.

Além disso, ao descrevermos um fenômeno fonológico, datado em escritos oitocentistas, atingimos nosso objetivo de contribuir com a descrição histórica da fonologia do português brasileiro no século XIX. Por fim, esse trabalho encerra-se de forma a contribuir para os estudos escassos de fonologia diacrônica no Brasil, com a oferta de material para outros estudos, através dos *corpora* oferecidos em DVD-ROM. Esperamos também ter contribuído para futuras discussões de análise de aspectos fonéticos/fonológicos em registros escritos de sincronias passadas.

## REFERÊNCIAS

ABAURRE, M. B. Horizontes e limites de um programa de investigação em aquisição da escrita. In: LAMPRECHT, R. R. (Org.) **Aquisição de linguagem: questões e análises**. p. 167-186. EDIPUCRS, Porto Alegre, 1999.

\_\_\_\_\_. A relação entre escrita espontânea e representações linguísticas subjacentes. **Verba Volant**, v. 2, n. 1, p. 167-200, 2011.

AGUIAR, M. As reformas ortográficas da língua portuguesa: uma análise histórica, linguística e ideológica. **Filologia e Linguística Portuguesa**, n. 9, p. 11-26. USP, São Paulo, 2007.

ALTENHOFEN, C. **A Aprendizagem do Português em uma Comunidade Bilíngue do Rio Grande do Sul - Um Estudo de Rede de Comunicação em Harmonia**. Dissertação de Mestrado. UFRGS, Porto Alegre, 1990.

\_\_\_\_\_. **Hunsrückisch in Rio Grande do Sul. Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen**. Tese de Doutorado. Johannes Gutenberg Universität Mainz. Mainz, 1996.

AMARAL, M. A síncope em Proparoxítonas: Uma Regra Variável. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (Comp.). **Fonologia e Variação: Recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: Edipucrs, p. 99-126, 2002.

ARAUJO, P.M.B. **hum dicionario sem auctor versus hum ‘auctor’ com dictionarioologia e Variação: Recortes do português brasileiro**. Rio de Janeiro: NON EDICTANDI, 2009.

ARCE, A. **Os verendos restos da sublime geração farroupilha, que andei a recolher de entre o pó das idades - uma história arquivística da Coleção Varela**. Monografia de Graduação. UFRGS, Porto Alegre, 2011.

ARCHANGELI, D. PULLEYBLANK, D. Harmony, In: DE LACY, P. (ed.). **The Cambridge Handbook of Phonology**, p.353-378. Cambridge University Press, Cambridge, 2007.

ASSIS, P. **Índice Analítico Do Vocabulário de os Lusíadas (1572)**, 1966.

AULETE, J.C. **Grammatica Nacional**. Typographia da Sociedade Typographica Franco-Portugueza. Lisboa, 1864.

BARBOSA, A. **Para uma história do português colonial: aspectos linguísticos em cartas do comércio**. Tese de Doutorado, UFRJ, Rio de Janeiro, 1999.

BARBOSA, F.D. **História do Rio Grande do Sul**. 4ª edição. Passo Fundo, 2013.

BARBOSA, J. **Grammatica philosophica da língua portugueza ou princípios de grammatica geral applicados à nossa linguagem**. Academia Real das Sciencias, Lisboa, 1822. Disponível em <http://purl.pt/128>

BARRETO, A. **Primórdios da Imprensa no Rio Grande do Sul**. Subcomissão de Publicações e Concursos. Porto Alegre, 1986.

BATTISTI, E. **Elevação das Vogais Médias Pretônicas em Sílabas Iniciais de Vocábulo na Fala Gaúcha**. Dissertação de Mestrado, PUCRS, 1993.

\_\_\_\_\_. A prosodização de clíticos no Português Brasileiro em documentos dos séculos XVIII e XIX. In DA HORA, D. e SILVA, Camilo Rosa da. **Para a História do Português Brasileiro – abordagens e perspectivas**. v.8, Editora UFPB. João Pessoa, 2010.

BEAL, J.C. Evidence from sources after 1500. In: NEVALAINEN, T.; TRAUGOTT, E. **The Oxford Handbook of the History of English**. p. 63-94. Oxford University Press Nova York, 2012.

BENÇAL, D.R.; ALTINO, F.C. **Manuscritos Novecentistas Da Cidade de Casto – PR: o caso dos alçamentos**. In SIGNUM: Estud. Ling., n. 18/1, p. 70-101, Londrina, Jun. 2015

BETTINI, M. **La storia della lingua latina**. In **Letteratura e antropologia di Roma antica**, vol. I, Firenze: La Nuova Italia, 2005. Disponível em [http://www.luzappy.eu/latino\\_terzad/storia\\_lingua.htm](http://www.luzappy.eu/latino_terzad/storia_lingua.htm)

BISOL, L. **Harmonização vocálica: uma regra variável**. Tese de Doutorado. UFRJ, 1981.

\_\_\_\_\_. **A Variação da Pretônica na Diacronia do Português**. In: Letras de Hoje. Porto Alegre. v. 17, n. 1, p. 80-97, 1983.

\_\_\_\_\_. (org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. EDIPUCRS, Porto Alegre, 2005.

\_\_\_\_\_. O alçamento da pretônica sem motivação aparente. In: BISOL, L. e COLLISCHONN, G (org). **Português Do Sul Do Brasil: Variação Fonológica**. Porto Alegre, Edicurs, p. 73-92, 2009.

\_\_\_\_\_. **A simetria no sistema vocálico do Português Brasileiro**. In: Linguística - Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto, v. 5, p. 41-52, Porto, 2010.

\_\_\_\_\_. **Harmonização gradiente**. Revista Diadorim, v.8. UFRJ, Rio de Janeiro, 2011.

\_\_\_\_\_. **Harmonização vocálica: efeito parcial e total**. Organon, v.28, n.54. UFRGS, Porto Alegre, 2013

\_\_\_\_\_.; BATTISTI, E. (org.) **O Português Falado no Rio Grande do Sul**. EDIPUCRS, Porto Alegre, 2014.

\_\_\_\_\_. A harmonização vocálica como indício de uma mudança histórica. **D.E.L.T.A.**, 31-1, p.185-205). PUC, São Paulo, 2015.

BLEVINS, J.; GARRETT, Andrew. The evolution of metathesis. In: HAYES, B.; KIRSCHNER, R.; STERIADE, D. (Ed.). **Phonetically based phonology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

BLUTEAU, R. **Vocabulario portuguez e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasílico, comico, critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendrologico, ecclesiastico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero, geographico, geometrico, gnomonico, hydrographico, homonymico, hierologico, ichtyologico, indico, isagogico, laconico, liturgico, lithologico, medico, musico, meteorologico, nautico, numerico, neoterico, ortographico, optico, ornithologico, poetico, philologico, pharmaceutico, quidditativo, qualitativo, quantitativo, rethorico, rustico, romano, symbolico, synonymico, syllabico, theologico, terapeutico, tecnologico, uranologico, xenophonico, zoologico, autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos.** Collegio das Artes da Companhia de Jesus. Coimbra, 1712

BORTONI, S.; GOMES, C.; MALVAR, E. **A variação das vogais médias pretônicas no português de Brasília: um fenômeno neogramático ou de difusão lexical?** Revista Estudos da Linguagem, n. 1, p. 9-30, jul./dez. 1992.

BOYD-BOWMAN, P. **From Latin to Romance in Sound Charts.** Georgetown University Press. Washington D.C., 1980.

BYNON, T. **Historical Linguistics.** Cambridge University Press, 1977.

CALLOU, D.; LEITE, Y.; COUTINHO, L. **Elevação e abaixamento das vogais pretônicas no Rio de Janeiro.** Organon, 18, v.5. Porto Alegre, p.71-78, 1991.

CÂMARA JÚNIOR, J. **Estrutura da Língua Portuguesa.** Editora Vozes. Petrópolis, RJ. 10ª Edição, 1980.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. 30. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Dicionário de Linguística e Gramática: referente à língua portuguesa.** Editora Vozes. Petrópolis, RJ, 26ª Edição, 2007.

CAMPOS, B. **Alteamento Vocálico em Posição Pretônica no Português Falado no Município de Mocajuba-Pará.** Dissertação de Mestrado, UFPA, Pará, 2008.

CAMPOS, G.P.; CINTRA, T.L.; FERREIRA, V.S.; CAMPOS-TOSCANO, A.L.F. **Os Gêneros do Discurso Jornalístico da Primeira Página- O Caso do Jornal Impresso: O Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo.** Revista Eletrônica de Letras. v.4, n.1 Centro Universitário de Franca, São Paulo, 2011.

CANNECATIM, B. **Diccionario da lingua bunda ou angolense, explicada na portugueza e latina.** Impressão Régia. Lisboa, 1804.

CARDOSO, S. As Vogais Médias Pretônicas no Brasil: Uma Visão Diatópica. In: AGUILERA, V. **Português no Brasil Estudos Fonéticos e Fonológicos.** Editora UEL, Londrina, 1999.

CARVALHO, J.H. **Estudos linguísticos.** Atlântida. Coimbra, 1969.

CARVALHO, A.M. Variation and Diffusion of Uruguayan Portuguese in a Biligual Border Town. In: YÁÑEZ, R. e SUÁREZ, A.L. **Comunidades e individuos bilingües. Actas do I Simposio Internacional sobre o Bilingüismo.** p. 642-651, Universidade de Vigo, Galizia, Espanha, 2003.

- CARVALHO, P. Escrever e Publicar Gramáticas no Império luso-brasileiro (1770-1813) **Crátilo: Revista de Estudos Linguísticos e Literários**. Patos de Minas: UNIPAM (2): 122-132. Patos de Minas, nov. 2009
- CASAGRANDE, G. **Harmonização Vocálica: Análise Variacionista em Tempo Real**, Dissertação de Mestrado, PUCRS, 2003
- CASTILHO, A. **Nova gramática do português brasileiro**. 1ª Edição, 3ª reimpressão. Editora Contexto. São Paulo, 2014.
- CASTRO, I. **A primitiva produção escrita em português. Em Orígenes de las lenguas romances en el Reino de León**. Siglos IX-XII, vol. II, p. 69-97.9, León, Centro de Estudios e Investigación San Isidoro, 2004
- CHOMSKY, N.; HALLE, M. **The Sound Pattern of English**. New York, Harper e Row, 1968.
- CLEMENTS, N. **On the Representation of Vowel Height**. Cornell University, Ithaca, 1989.
- CLEMENTS, N.; HUME, E. The internal organization of the speech sounds. In: **The Handbook of Phonological Theory**. London, Blackwell, 1995.
- COELHO, F. A. **A Lingua Portugueza : phonologia, etymologia, morphologia e syntaxe** Imprensa da Universidade de Coimbra. Coimbra, 1868.
- \_\_\_\_\_. **Os dialectos romanicos ou neo-latinos na África, Ásia e América**. Casa da Sociedade de Geographia. Lisboa, 1881
- \_\_\_\_\_. **Diccionario Manual Etymologico da Lingua Portugueza contendo a significação e prosodia**. P.Plantier. Lisboa, 1890.
- COLLISCHONN, G. SILVA, M. **Elevação das Médias Pretônicas por Harmonia: Questões Teóricas e Empíricas**. In: Working Papers em Linguística, v.14, n.2, UFSC, Florianópolis, 2013
- CORREIA, J.R. **Vocabulario Sul Rio-Grandense**. Echenique & Irmão Editores, Livraria Universal. Pelotas – Porto Alegre, 1898.
- CORUJA, A.A.P. **Colleção de Vocabulos e Frases usados na Provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul no Brazil**. Trübner e Comp. Londres, 1856.
- COSTA, E. (ed). **História Ilustrada do Rio Grande do Sul**. Já Editores, Porto Alegre, 1998.
- CRISTÓFARO-SILVA, T.; GRECCO, A. **Representações Fonológicas: contribuições da oralidade e da escrita**. Letras de Hoje, v. 45, n. 1, p. 87-93, Porto Alegre, jan./mar. 2010
- CUNHA, C. **Língua portuguesa e a realidade brasileira**. Editora Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1968.
- EMILIANO, A. **Latim e Romance Na Segunda Metade do Século XI; Análise Scripto-linguística de documentos notariais do Liber Fidei de Braga de 1050 a 1110**. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa, 2003.

FÁVERO, L.L. A Grammatica Portugueza de Julio Ribeiro. **Revista da ANPOLL**, n. 13, p.73-88, jul/dez. 2002.

\_\_\_\_\_.; MOLINA, M.A. Memórias gramaticais: João Ribeiro para jovens e crianças. **Letras**, v.24,n.48, p.49-67. Santa Maria, jan/jun, 2014.

FEIJÓ, J. **Orthographia ou arte de escrever e pronunciar com acerto a lingua portugueza**. Officina de Luís Secco Ferreira, Coimbra, 1739.

FITZ, R.A. Os jesuítas no território gaúcho. In CARELI, S. S; KNIERIM, L. C. **Releituras da História do Rio Grande do Sul**. Fundação Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore. CORAG, Porto Alegre, 2011. p. 43-64

FONTE, J. **O Sistema Vocálico do Português Arcaico Visto a partir das Cantigas de Santa Maria**. Dissertação de Mestrado, UNESP, 2010.

FORTES, G.P. S.A. **Moinhos Rio Grandenses – SAMRIG- Relatório da Diretoria 1976-1977**. SAMRIG, 1977.

FROSI, V. **Provérbios Dialectais Italianos: uma linguagem em extinção**. Dissertação de Mestrado. PUCRS, Porto Alegre, 1989.

\_\_\_\_\_. A linguagem oral da região de colonização italiana no sul do Brasil. In: MAESTRI, M. **Nós, os ítalo-gaúchos**. Porto Alegre, UFRGS, 1999, p.158-167

GONÇALVES, S.A. **Empréstimos Linguísticos do Português no Kaingang do Rio Grande do Sul**. In Estudos Lingüísticos XXXVI, janeiro-abril, p. 258 / 267. São Paulo, 2007.

HOHLFEDT, A. **A Imprensa sul-rio-grandense entre 1870 e 1930**. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. E compós. 2006.

HORA, D. ; SILVA, C. **Para uma História do Português Brasileiro: abordagens e perspectivas**. João Pessoa (PB), Ideia/Editora Universitária. 2010.

HORA, D.; TELLES, S. A metátese no Português Brasileiro: descrição e análise. In HORA, D. e SILVA, C. **Para a História do Português Brasileiro – abordagens e perspectivas** . v.8, Editora UFPB. João Pessoa, 2010.

HORA, D.; TELLES, S.; MONARETTO, V. **Português brasileiro: uma língua de metátese?** In: Letras de Hoje. v.42, n. 2, 2007.

HOSOKAWA, A.; SILVA, P. **Harmonização Vocálica do /e/ e do /o/ no município de Rio Branco – Acre**. Cadernos do CNLF, Vol. XIV, Nº 4, t. 3, 2010.

HULST, H.; WEIJER, J. Vowel Harmony. In: GOLDSMITH, J. A (ed.) **The Handbook of Phonological Theory**. Blackwell, Oxford, 1995. p. 495 –534.

HUME, E. **The indeterminacy/attestation model of metathesis**. In: Language, v. 80, n. 2, p. 203-237, 2004.

\_\_\_\_\_. Methathesis: formal and functional considerations. In: HUME, E.; SMITH, N.; WEIJER, J.. **Surface syllable structure and segment sequencing**. HIL, 2001.

KELLER, T.; COSTA, E. **A Instabilidade das Vogais Pretônicas em Cartas Pessoais do Rio Grande do Sul do Século XIX**. In Sociodialeto, Vol. 4, n. 12, Campo Grande, maio/2014

KEMLER, R. Alguns documentos inéditos para a biografia do gramático Manuel Dias de Sousa (1753-1827). **Revista de Letras**, II, n.º 10/2011, p. 75-90. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Vila Real, 2011.

\_\_\_\_\_. Subsídios inéditos para o estudo das primeiras gramáticas portuguesas do século XIX. **Revista de Letras**, II, n.º 11/ 2012, p. 133-143. ed. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Vila Real, 2012.

KERN, A.A.; BERND, Z.; COHEN, V.R.A.; AVANCINI, E.G.; KEMEL, C.A.; GICK, P.W. **Rio Grande do Sul: Continente Múltiplo**. Coleção O continente de São Pedro, v. 5, Riocell Marprom, Porto Alegre, 1993.

KLUNCK, P. **Alçamento da Vogais Médias Pretônicas sem Motivação Aparente**. Dissertação de Mestrado, PUCRS, 2007.

LABOV, W. **The Social Stratification of English in New York City**. Center for Applied Linguistics. Washington, 1966.

\_\_\_\_\_. On the mechanism of linguistic change. In: GUMPERZ, J.J; HYMES, D. **Directions in sociolinguistics: the ethnography of communication**. Hold, Rinehart and Winstion, Nova York, 1972.

\_\_\_\_\_. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo, Parábola, 2008.

\_\_\_\_\_.; BAKER, B. **What is a reading error?** University of Pennsylvania., 2003. Disponível em <http://www.ling.upenn.edu/~wlabov/Papers/WRE.html>

LAROQUE, L. F. S. Os nativos charrua/minuano, guarani e kaingang: O protagonismo indígena e as relações interculturais em territórios de planície, serra e planalto do Rio Grande do Sul. In: CARELI, S. S; KNIERIM, L. C. **Releituras da História do Rio Grande do Sul**. Fundação Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore. CORAG, Porto Alegre, 2011. p. 15-42

LASS, R. **Historical Linguistics and Language Change**. Cambridge, 2000.

LEÃO, J.B. **Representação à Academia Real das Ciências sobre a refôrma da ortografia**. Imprensa Nacional. Lisboa, 1878.

LEITE, I. B. **As classificações étnicas e as terras de negros no sul do Brasil**. In: Terra de Quilombos: Caderno da Associação Brasileira de Antropologia, 1, 111-119, 1995.

LIMA, A. **Descrição da ortografia portuguesa: a inserção do princípio etimológico na prescrição e na prática gráficas oitocentistas**. Tese de Doutorado, UFRJ, Rio de Janeiro, 2014.

LIMEIRA, L. **O Não Alçamento das Vogais Médias Na Fala de Curitiba sob a Perspectiva da Sociolinguística Quantitativa**. Dissertação de Mestrado, UFRGS, Porto Alegre, 2013.

MACEDO, F.R. **Lições da Revolução Farroupilha**. Assembléia Legislativa do RS, 1995.



MAGALHÃES, A. S. **Concepções de trabalho e a organização identitária de São Paulo: um enfoque dialógico-enunciativo da construção dos sentidos em uma primeira página da folha de S. Paulo.** Revista Intercâmbio, v. XXV: 224-242, LAEL/PUCSP, São Paulo, 2012.

MAGALHÃES, J. S. **Alçamento das vogais pretônicas nos séculos XVIII e XIX.** Revista do GELNE, v. 15, p. 31-48, 2013.

MAIA, C. **História do galego-português.** Fundação Calouste Gulbenkian. Coimbra, 1986.

MALER, B. (org.). **Orto do Esposo.** Texto inédito do fim do século XIV ou comêço do XV. Ed. Crítica com introdução, anotações e glossário . Uppsala, Almqvist & Wiskell, v.3, 1964

MARCOTULIO, L. **O 2º Marquês do Lavradio e as estratégias linguísticas no Brasil Colonial.** Rio de Janeiro, 2010.

\_\_\_\_\_. **Vossa Mercê sabe bem de onde viestes: um caso de gramaticalização na história do português.** Tese de Doutorado, UFRJ, 2012

MARQUILHAS, R. **Norma Gráfica Setecentista: do Autógrafo ao Impresso.** Dissertação de Mestrado. Instituto Nacional de Investigação Científica. Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Lisboa, 1991.

\_\_\_\_\_. **A Faculdade de Letras: Leitura e escrita em Portugal no séc. XVII.** Imprensa Nacional – Casa da Moeda. Lisboa, 2000.

\_\_\_\_\_. Mudança Analógica e Elevação das Vogais Pretônicas. In: CASTRO, I., DUARTE, I. (org.), **Razões e emoção. Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus**, 2. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 7-18. Lisboa, 2003

MASSINI-CAGLIARI, G. **Cantigas de amigo: do ritmo poético ao lingüístico. Um estudo do percurso histórico da acentuação em Português.** Tese de doutorado. Campinas, UNICAMP, 1994.

\_\_\_\_\_. Acento em Português Brasileiro: percurso dinâmico. In DA HORA, D. e SILVA, C. **Para a História do Português Brasileiro – abordagens e perspectivas** . v.8, Editora UFPB. João Pessoa, 2010.

MATEUS, M.H. Sobre a natureza fonológica da ortografia portuguesa. **Est Língua**, v. 3, n. 1, p. 159-80. Lisboa, 2006.

MATTOS E SILVA, R. **Diversidade e Unidade: A Aventura Linguística do Português.** Revista Icalp, n.11, p.60-72/ n. 12-13, p.12-27. Lisboa, 1988. Disponível em : <http://cvc.instituto-camoes.pt/hlp/biblioteca/diversidade.pdf>

\_\_\_\_\_. **Português Arcaico: Fonologia, Morfologia e Sintaxe.** São Paulo, Ed. Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_. **Caminhos da Linguística Histórica – ouvir o inaudível.** Parábola., São Paulo, 2010.

MELO, J.C. **Gramática Filosófica da Linguagem Portuguêsa.** Imprensa Régia. Lisboa, 1818.

MELO, G. **A Língua do Brasil**. AGIR. Rio de Janeiro, 1946.

MIRANDA, A.R.M. . Um estudo sobre o erro ortográfico. In: HEINING, O.; FRONZA, C.A. (org.). **Diálogos entre linguística e educação**. 1 ed.. EDIFURB, v. 1, p. 141-162, Blumenau, 2010.

MIRANDA, M.E. De comandância militar à Província: A administração do Rio Grande de São Pedro (1737-1824). In CARELI, S. S; KNIERIM, L. C. **Releituras da História do Rio Grande do Sul**. Fundação Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore. CORAG, p. 89-114. Porto Alegre, 2011.

MONARETTO, V. **O estudo da mudança do som no registro escrito: fonte para o estudo da fonologia diacrônica**. In: Letras de Hoje, v.40, n.3, 2005.

\_\_\_\_\_. **O Alçamento das Vogais Médias Pretônicas /e/ e /o/ sem motivação aparente: um estudo em tempo real**. Fragmentum. N. 39, Laboratório Corpus: UFSM, Out./ Dez. 2013.

MONTEIRO, C.; MIRANDA, A. **As vogais do português brasileiro - ortografia e fonologia na escrita infantil**. Anais do CELSUL, [S.L.], 2008.

MONTGOMERY, M. Variation and historical linguistics. In: BAYLEY, R. ; LUCAS, C. **Sociolinguistic Variation, theories, methods, and applications**. Cambridge University Press, 2007.

NARO, A. **Estudos Diacrônicos**. Editora Vozes. Petrópolis, 1973.

NASCENTES, A. **O linguajar carioca**. 2 ed. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953.

NASI, R. **Variáveis Fonológicas em Jornais Gaúchos do Século XIX**. Dissertação de Mestrado, UFRGS, 2012.

\_\_\_\_\_. **Elevação de vogais médias pretônicas: registros históricos em jornais do século XIX**. Fragmentum, N.39, Laboratório Corpus: UFSM, Out./Dez. 2013.

NEVALAINEN, T.; RAUMOLIN-BRUNBERG, H. Historical sociolinguistics: origins, motivations, and paradigms. In: HERNÁNDEZ, J. M.; CONDE-SILVESTRE, J. C. **The handbook of historical sociolinguistics**. Wiley-Blackwell, Malden/West Sussex, 2012.

NICOLAU, J. **Eleições no Brasil: do império aos dias atuais**. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 2012.

NOLL, V. **O Português Brasileiro: formação e contrastes**. Trad. Mário Eduardo Viaro. São Paulo, Ed. Globo, 2008.

NUNES, Z.C.; NUNES, R.C. **Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul**. Ed. Martins Livreiro, Porto Alegre, 1984.

OLIVEIRA, F. **Grammatica da lingoagem portuguesa**. Lisboa, 1536. Disponível em <http://purpl.pt/120>

OLIVEIRA, K. **Negros e escrita no Brasil do século XIX – sócio-história, edição filológica de documentos e estudo linguístico**. Tese de Doutorado, UFBA, 2006.

PAGOTTO, E. **A posição dos clíticos em português: um estudo diacrônico**. Dissertação de Mestrado, UNICAMP, Campinas, 1992

PAGOTTO, E.; DUARTE, M. Gênero e norma: avós e netos, classes e clíticos no final do século XIX. In LOPES, C. **A Norma Brasileira em Construção – fatos linguísticos em cartas pessoais do século XIX**. UFRJ, FAPERJ, 2005

PAIVA, D. **História da Língua Portuguesa. II: Século XV e meados do Século XVI**. Editora Ática. São Paulo, 1988.

PAIVA, M. **A descrição do vocalismo átono quinhentista: linhas e entrelinhas nos textos metalinguísticos coevos**. Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto. 2008.

PENNA, R.; GRAEBIN, C. **Arquivo Particular Julio de Castilhos: cartas, bilhetes e anotações pessoais como fontes históricas**. In: Patrimônio e Memória, v.4, n.2, p.55-73. UNESP, 2009

PEREYRA, B. **Thesouro da lingua portvguesa**. Officina de Paulo Graesbeeck, Lisboa, 1647.

\_\_\_\_\_. **Regras geraes breves & comprehensivas da melhor orthografia com que se podem evitar erros no escrever da lingua latina , & portugueza**. Domingos Carneiro, Lisboa, 1666.

PESAVENTO, S.J. **História do Rio Grande do Sul**. 6ª Edição. Mercado Aberto. Porto Alegre. 1992.

PHILLIPS, B. **Word frequency and actuation of sound change**. Language, Baltimore, v.60. n.2, p.286 - 19, 1984.

RAMBO, Pe. B.S.J. **Os Índios Riograndenses Modernos**. In: Província de São Pedro, n. 10, p. 81-88. Ed. Globo, Porto Alegre, 1947.

REICHARDT, H. Alfredo Varela - Centenário de Nascimento. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. v. 263, p.157-170, Rio de Janeiro, abril-junho, 1964.

REVERBEL, C.; BONES, E. **Luiz Rossetti: o editor sem rosto & outros aspectos da Imprensa no Rio Grande do Sul**. Copesul e LPM. Porto Alegre, 1996.

REZENDE, F.; MAGALHÃES, J. **O Sistema Vocálico Pretônico do Triângulo Mineiro – Enfoque Sobre as cidades de Coromandel E Monte Carmelo**. Horizonte Científico, v.5.n.2, UFU, Uberlândia, 2011.

RIBEIRO, Júlio. **Grammatica Portugueza**. Typ. Jorge Seckler. São Paulo, 1881.

RIBEIRO, João. **Grammatica Portugueza**. Livraria Classica de Alves & C. 3º Anno. Rio de Janeiro, 1889.

ROBERTS, I.; KATO, M. **Português Brasileiro - uma viagem diacrônica**. Unicamp, Campinas, 1996.

ROMAINE, S. **Socio-Historical Linguistics: its status and methodology**. Cambridge University Press. Inglaterra, 1982.

ROSA, E. **As Vogais Átonas Finais no Português Brasileiro do Século XIX: um estudo baseado em fontes de evidência direta e indireta**. Dissertação de Mestrado. UFRGS, 2015.

SACKS, N. **The latinity of dated documents in the portuguese territory**. University of Pennsylvania Press, Philadelphia, 1941.

SANTOS, C. M. Luanda: A Colonial City Between Africa and the Atlantic, Seventeenth and Eighteenth Centuries. In: BROCKEY, L.M. **Portuguese colonial cities in the early modern world**. Ashgate Publishing, p. 249-270, Farham, UK, 2008.

SANTOS, K. A. V. **Teu Amigo Certo, Júlio de Castilhos – Correspondência Interna**. EdiJuc. Porto Alegre, 2013.

SCHNEIDER, E. Investigating variation and change in written documents. In J.K. Chambers, Peter Trudgill & Natalie Schilling-Estes, eds. **The Handbook of Language Variation and Change**. Oxford, Malden, MA: Blackwell, p. 67-96, 2002.

SCHENDL, H.. **Historical Linguistics**. Oxford University Press, 2009.

SCHMITT, C.J. **Redução vocálica postônica e estrutura prosódica**. Dissertação de mestrado. UFRGS, Porto Alegre, 1987

SCHWINDT, L. **A harmonia vocálica em dialetos do sul do país: uma análise variacionista**. Dissertação de Mestrado, PUCRS, 1995.

\_\_\_\_\_. A regra variável de harmonização vocálica no RS. In: Bisol, L., BRESCANCINI, C. **Fonologia e Variação, recortes do português brasileiro**. EDIPUCRS, 2002.

SPINA, S. **História da Língua Portuguesa III. Segunda Metade do século XVI e século XVII**. Ática, São Paulo, 1987.

SILVA, A. **Diccionario da Lingua Portugueza**. Typographia Lacérdina. Lisboa, 1813.

SILVA, M.B. **As pretônicas no falar baiano: a variedade culta de Salvador**. Tese de Doutorado. UFRJ, Rio de Janeiro, 1989.

SILVA, A.. **As pretônicas no falar teresinense**. Tese de Doutorado. PUCRS, 2009.

SILVA, M. **O Alçamento das Vogais Médias Pretônicas na fala de São José do Norte/RS: harmonia vocálica**. Dissertação de Mestrado, UFRGS, 2012.

SILVA, W. **Caracterização Linguística do Oeste Goiano: o Uso Variável das Vogais Médias Pretônicas na Fala de Iporá/GO**. Dissertação de Mestrado, UFG, Goiânia, 2013.

SILVA NETO, S. **Manual de Gramática Histórica**. Companhia Editora Nacional, 1942.

\_\_\_\_\_. **Fontes do Latim Vulgar**. Livraria Acadêmica. Rio de Janeiro, 1956.

\_\_\_\_\_. **História do Latim Vulgar**. Livraria Acadêmica. Rio de Janeiro, 1957a.

\_\_\_\_\_. **Manual de Filologia Portuguesa**. História. Problemas. Métodos. Livraria Acadêmica. Rio de Janeiro, 1957b

\_\_\_\_\_. **A Língua Portuguesa no Brasil – Problemas**. Livraria Acadêmica. Rio de Janeiro, 1960.

- \_\_\_\_\_. **História da Língua Portuguesa**. Livros de Portugal. Rio de Janeiro, 1970.
- SODRÉ, N. **História da Imprensa no Brasil**. Martins Fontes, São Paulo, 1983.
- SOUSA, M. **Gramatica Portugueza**. Real Imprensa da Universidade de Coimbra. Coimbra, 1804.
- SOUZA, V. **Museu Júlio de Castilhos – 111 Anos de História em Arquivos**. EDIJUC, Porto Alegre, 2014.
- STURZA, E. **Línguas de fronteira: o desconhecido território das práticas lingüísticas nas fronteiras brasileiras**. *Ciência e Cultura*. vol.57, n.2, pp. 47-50, São Paulo, 2005. Disponível em <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v57n2/a21v57n2.pdf>. Acesso em 13/01/2016.
- TARALLO, F. **Relativization Strategies in Brazilian Portuguese**. Tese de Doutorado. University of Pensilvannya, 1983.
- TELLES, C. **Reflexos de fala na escrita no Livro Velho do Tombo**. In: MAGALHÃES, J. (org.). *Fonologia*. 1ed. Uberlândia (MG): EDUFU, 2014, v. 1, p. 91-116.
- TENANI, L.; SILVEIRA, A. **O Alçamento das Vogais Médias na Variedade Culta do Noroeste Paulista**. *Alfa*, São Paulo, 52 (2): 447-464, 2008.
- TEYSSIER, P. **História da Língua Portuguesa**. Tradução de Celso Cunha. 1ª Edição. Martins Fontes. São Paulo, 1997.
- Tratado de Confisson**. Leitura diplomática e estudo bibliográfico por José V. de Pina Martins. Imprensa Nacional, Casa da Moeda, Lisboa, 1973.
- VARELA, A. **História da Grande Revolução**. v.1. Oficinas Graficas da Livraria do Globo. Barcellos, Bertaso & Cia. Porto Alegre, 1933.
- VARNHAGEN, F.. **História Geral do Brazil**. [S.l.: s.n.], 1854. p. 31. vol. 1. Disponível em <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/01818710>
- VIANNA, L. **Imprensa Gaúcha (1827 – 1852)**. Porto Alegre, Museu de Comunicações Social Hipólito José da Costa, 1977.
- VIEGAS, M. C. **Alçamento das vogais pretônicas: uma abordagem sociolingüística**. Dissertação de Mestrado, UFMG, Belo Horizonte, 1987.
- \_\_\_\_\_. CAMBRAIA, C.. **Vogais médias pretônicas no português brasileiro: contrastando passado e presente**. In **Minas é plural**. p.13-43. UFMG, 2011
- VITAL, R.R. **Caminhos da colonização alemã no Rio Grande do Sul: Políticas de Estado, etnicidade e transição**. In CARELI, S. S; KNIERIM, L. C. **Releituras da História do Rio Grande do Sul**. Fundação Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore. CORAG, Porto Alegre, 2011. p. 159-180.
- WANG, W. S.-Y. **The lexicon in phonological change**. The Hague: Mouton, 1977.
- \_\_\_\_\_; CHENG, C-C. **Implementation of phonological change: the Shuangfeng Chinese case**. In: Wang, W. S-Y. (ed.) **The lexicon in phonological change**. The Hague: Mouton, 1977. p. 148-158.

**WETZELS, L. Harmonização Vocálica, Truncamento, Abaixamento, e Neutralização no Sistema Verbal do Português: Uma análise Auto-Segmental.** In: Cadernos de Estudos Linguísticos. Campinas, n. 23, p. 25-58, 1991.

**WHITNEY, W.D. Language, and the study of language: twelve lectures on the principles of linguistic science.** Scribner, Armstrong & Co. 5ª Ed. Nova York, 1874.

**YASSUDA, S. Documentação museológica: uma reflexão sobre o tratamento descritivo do objeto no Museu Paulista.** Dissertação de Mestrado, UNESP, Marília, 2009

**ZICMAN, R. História Através da Imprensa – Algumas Considerações Metodológicas.** *Revista História e Historiografia.* São Paulo, n. 4, p. 89-102, jun. 1985.

## Jornais

*Acácia*, A. Porto Alegre, 1876. Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

*Actualidade*, A. Porto Alegre, 1867. Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

*Album do Domingo*. 1878. Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

*Alvorada*. Rio Grande, 1879. Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

*Amador*, O. Quaraí, 1896. Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

*América*. Rio Grande, 1870. Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

*Americano*, O. Alegrete, 1842 e 1843. Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho.

*Amigo do Homem e da Pátria*. Porto Alegre, 1829. Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

*Amolador*, O. Rio Grande, 1874. Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

*Anunciante*, O. Porto Alegre, 1835. Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

*Analista*, O. Porto Alegre, 1840. Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

*Artilheiro*, O. Porto Alegre, 1837. Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

*Artista*, O. Rio Grande, 1867. Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

*Asmodeo*, O. Rio Grande, 1881. Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

*Atalaia do Sul*. Jaguarão, 1864. Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

*Athleta*, O. Porto Alegre, 1885. Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

*Bageense*, O. Bagé, 1863. Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

*Boato*, O. Pelotas, 1897. Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

*Brado do Sul*, O. Pelotas, 1859. Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

*Campeão da Legalidade*, O. Porto Alegre, 1837. Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

*Colono Alemaó*, O. São Leopoldo, 1836. Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

*Combate*, O. Porto Alegre, 1886. Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

*Combatente*, O. Santa Maria, 1893. Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

*Commercio*, O. Rio Grande, 1840 e 1841. Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

*Commercio*, O. Pelotas, 1867. Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

*Commercio*, O. Uruguaiana, 1892. Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

*Conciliador*, O. Rio Grande, 1840. Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

*Constitucional Rio Grandense*, O. Porto Alegre, 1828. Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

*Continentino*, O. Porto Alegre, 1832. Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

*Continentista*, O. Porto Alegre, 1835. Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

*Conservador*, O. Porto Alegre, 1880. Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

*Correio*, O. Rio Grande, 1847. Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

*Correio da Liberdade*. Porto Alegre, 1831. Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

*Correio do Século*. Pelotas, 1875. Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

*Correio do Sul*. Porto Alegre, 1852. Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

*Correio Mercantil*. Pelotas, 1879 e 1893. Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

*Correio Oficial da Província de São Pedro*. Porto Alegre, 1835. Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

*Corymbo*. Rio Grande, 1893. Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

*Cruz Altense*. Cruz Alta, 1878. Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

*Cruzeiro do Sul*. Bagé, 1883. Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

*Democracia*, A. Porto Alegre, 1874 e 1875. Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.



*Echo Gabrielense*. São Gabriel, 1865. Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

*Echo do Palmar*. Santa Vitória do Palmar, 1892. Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

*Encruzilhada*, A. Encruzilhada do Sul, 1892. Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

*Especulador*, O. Rio Grande, 1878. Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

*Estrella do Sul*. Alegrete, 1843. Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho.

*Exemplo*, O. Porto Alegre, 1893. Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

*Federação*, A. Porto Alegre, 1892. Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho.

*Ferula*, A. Pelotas, 1882. Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

*Gazeta Serrana*. Cruz Alta, 1893. Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

*Gazetinha*, A. Porto Alegre, 1891, 1895 e 1898. Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho.

*Grinalda*, A. Rio Grande, 1871. Museu de Comunicação Hipólito José da Costa

*Imperialista*, O. Porto Alegre, 1840. Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

*Independente*, O. Rio Grande, 1862. Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

*Jornal do Commercio*. Porto Alegre, 1867. Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho.

*Liberal*, O. Rio Grande, 1863. Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

*Maruí*, O. Rio Grande, 1882. Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

*Mensageiro*, O. Porto Alegre, 1835. Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho.

*Orvalho*, O. Santana do Livramento, 1900. Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

*Patriota*, O. Rio Pardo, 1893. Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

*Pharol*, O. Itaqui, 1897 e 1898. Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

*Povo*, O. Piratini e Caçapava. 1838. Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho.

*Revista Gabrielense*. São Gabriel, 1881 e 1883. Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

*Século, O*. Porto Alegre, 1883. Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

*Sentinela da Liberdade*. Porto Alegre, 1834. Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

*Taquaryense*. Taquari, 1893. Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

*Voz do Escravo*, A. Pelotas, 1891. Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho.

*Voz da Verdade*, A. Rio Grande, 1845. Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

## **APÊNDICES**

**APÊNDICE A - Generalizações Sobre os Condicionamentos da Elevação Vocálica de Pretônicas em alguns trabalhos sociolinguísticos do PB: síntese de resultados**

<b>Autor/Ano</b>	<b>Local</b>	<b>Processo fonológico<sup>1</sup></b>	<b>No. Informantes</b>	<b>F. Linguísticos mais relevantes</b>	<b>F.Extralinguísticos mais relevantes</b>
Campos (2008)	Mocajuba, Pará (Norte)	H.vocálica, neutralização e elevação sem motivação	48	E: Pretônica nasal	Mais jovens.
				O: Pretônica nasal /e/ seguida de tônica /i/	Masculino
Hosokawa e Silva	Rio Branco, Acre (Norte)	Harmonização vocálica de /e/ e /o/	4	E: Presença de vogal alta na sílaba seguinte	Feminino
				O: Presença de vogal alta na sílaba seguinte	Feminino
				Total: mais produções em O do que em E.	Feminino
Silva (2009)	Teresina, Piauí (Nordeste)	<b>H. vocalica (com vogal alta, com vogal média aberta, com vogal alta e com vogal média fechada)</b>	36	E: Presença de vogal alta na sílaba seguinte (principalmente /i/) , labiais e palatais precedentes, velar e coronal seguintes; derivadas (mesmo paradigma)	Não apresentaram condicionamento expressivo.
				O: Presença de vogal alta na sílaba seguinte (principalmente /i/), velar precedente; labial, palatal e coronal seguintes; derivadas (mesmo paradigma)	Não apresentaram condicionamento expressivo.
				Total: Contiguidade de vogal da mesma altura,	Não apresentaram condicionamento expressivo.
Bortoni, Gomes e Malvar (1992)	Brasília, Distrito Federal (Centro-oeste)	Elevação, manutenção e abaixamento	14	E: Vogais altas orais e nasais na sílaba seguinte, palatal anterior, posição inicial de palavra, labial/velar seguintes, /S/ em hiato,	Não relevantes
				O: Vogais altas orais e nasais na sílaba seguinte, palatais, velares e labiais anteriores e seguintes	Não relevantes
				Total: Palatais precedentes, labial seguinte e atonicidade permanente das sílabas	Não relevantes
Callou, Leite e	Rio de Janeiro (Sudeste)	Elevação e abaixamento	18	E: Vogal tônica alta	Não se mostraram significativos.
				O: Oclusiva seguinte, velar precedente	Não se mostraram significativos.

<sup>1</sup> Quando os trabalhos não exclusivamente da elevação e harmonia vocálica com vogal alta, mas também de outros processos como manutenção ou abaixamento vocálicos, trazemos à esta tese somente os resultados destes trabalhos que tratam de elevação de vogais médias pretônicas. (SILVA, 2009; BORTONI, GOMES e MALVAR, 1992; CALLOU, LEITE e COUTINHO, 1991; LIMEIRA, 2013.)

Coutinho (1991)				Total: Vogal tônica alta, sendo [i] mais favorecedor que [u]	Não se mostraram significativos.
Tenani e Silveira (2008)	São José do Rio Preto, São Paulo (Sudeste)	Elevação da vogal média pretônica	16 (feminino)	E: Labial Precedente, velar seguinte, sílaba CV,	Faixa etária não exerce papel determinante na aplicação da regra.
				O: vogal tônica posterior [u], Labial precedente, palatal seguinte, sílaba CV	Faixa etária não exerce papel determinante na aplicação da regra.
				Total: vogal tônica anterior [i], vogal alta tônica imediata;	Faixa etária não exerce papel determinante na aplicação da regra.
Rezende e Magalhães (2011)	Coromandel, Monte Carmelo, Minas Gerais (Sudeste)	Alçamento de vogais médias – altas pretônicas	18	E: vogal alta na posição tônica; sílabas CVC e CVN; oclusivas, fricativas e palatais seguintes	Apenas o fator idade, porém se mostrou pouco significativo.
				O: vogal alta na posição tônica, sílaba CVC; oclusivas, fricativas e labiais precedentes;	Masculino e menos escolarizados.
				Total: vogais altas /i;u/ na sílaba tônica;	Fatores sociais pouco expressivos.

APÊNDICE B - Generalizações Sobre os Condicionamentos da Elevação Vocálica de Pretônicas no RS: síntese de resultados

Autor/Ano	Local	Processo fonológico	Tempo/Análise	No. Informantes	No. Dados		Aplic. Geral	F. Linguísticos mais relevantes	F.Extralinguísticos mais relevantes	
Bisol (1981)	Porto Alegre, Taquara, Monte Bérico, Veranópolis e Santana do Livramento. Suplementar: Porto Alegre (NURC)	Harmonia da vogal média pretônica interna	Aparente/	44 (32 com escolaridade primária, 12 do NURC com ensino superior)	E	5743	22%	v.nasal, hom (i), v.alta, alta imed., alta seq., tonica alta imed.; pret. e tonica altas; mais próximas à tônica; com parente; átona permanente e v.variável; sem sufixo, velar prec., velar seg;	metropolitanos, feminino (pouco expressivo); fala livre; mais velhos.	
					E <sup>1</sup>	2364	21%			
					O	5261	32%	v.oral; hom (u) (i); v.alta (pret), v.alta (pré-pret), alta imed. alta seq., tonica alta imed., pret. e tonica altas; mais próximas à tônica; com parente; átona permanente e v.variável; sufixo verbal~sem sufixo; velar e labial prec; palatal seg.;	metropolitanos, feminino (pouco expressivo); fala livre; mais velhos.	
					O <sup>1</sup>	2128	22%			
					T <sup>2</sup>	E	8107	43% (?)	hom (i); v.alta, alta imed., alta seq; tonica alta imed; pret. e tonica altas; mais próximas à tônica; com parente; átona permanente e v.variável; velar prec.	metropolitanos, fala livre, mais velhos.
						O	7389	54% (?)		
					15496					
Battisti (1993)	Porto Alegre, Monte Bérico, Taquara e Santana do Livramento, Porto Alegre (NURC)	Elevação de vogais médias em posição inicial, em hiato e em prefixo	Aparente	35 (28 com escolaridade primária, 12 porto-alegrenses com ensino superior)	E	12054	4227 = 30,06%	Prefixos com nasal ou sibilante em coda; sílabas fechadas por /n/ ou /s/; vogal alta na sílaba seguinte; coronais sibilantes /s/ e /z/ seguintes; dorsais /k/ e /g/ seguintes; vogal seguida de nasal em sílaba sem ataque; palatal precedente e seguinte;	Italianos, Metropolitanos (cult),	
					O	7567	1896 = 25,05%	Sílabas fechadas por /n/ ou /t/; vogal alta na sílaba seguinte; dorsais /k/ e /g/ seguintes; consoante labial precedente e seguinte; palatal seguinte; sílaba inicial contígua à tônica;	Italianos, Metropolitanos (cult),	
					T	19621	55,11%	Sílabas fechadas por /n/; vogal alta na sílaba seguinte; dorsais /k/ e /g/ seguintes;	Metropolitanos (cult) - masculino, Italianos - feminino	
Schwindt (1995)	Porto Alegre, Curitiba e	Harmonia da vogal média	Aparente	36	E	2986		Homorganica (/i/); alta tonica imediata, v.orais; v.sem status definido e átonas permanentes;		

<sup>1</sup> Dados conforme Tabela 1 (BISOL, 1981, p. 53)

<sup>2</sup> Bisol (1981, p.124).

	Florianópolis.	pretônica						precedida por pausa, cons. velar ou labial; seguida de alveolar, velar,	
					O	2120		Não homorganica (/i/), alta tônica imediata, v.orais, v.sem status definido e átonas permanentes, precedida por cons. palatal, velar ou labial; seguida de alveolar, sufixos verbais,	
					T	5016			Mais velhos (pouco expressivo); menos escolarizados (pouco expressivo),
Schwindt (2002)	Porto Alegre, São Borja, Panambi e Flores da Cunha	Harmonia da vogal	Aparente	64	E	6611		Vogal alta contígua, homorganica /i/, velar e alveolar sibilante precedentes e seguintes; tônica alta; raiz e sufixo verbal	Feminino (pouco expressivo), mais velhos (pouco expressivo), Flores da Cunha (italianos, pouco expressivo)
					O	5522		Vogal alta contígua, alveolar sibilante e velar seguintes; tônica alta; raiz e sufixo verbal	Feminino (pouco expressivo), Flores da Cunha (italianos, pouco expressivo)
					T	121333		Vogal alta contígua, v.oral, alveolar sibilante e velar seguintes; tônica alta; raiz e sufixo verbal	
Casagrande (2003)	Porto Alegre	Harmonia da vogal interna	Real – painel e tendência	6	E	4485		Vogal alta contígua; pretonica e tônica altas, velares seguintes; sufixo verbal e sem sufixo; nasal seguinte, com parente,	Mais velhos,
					O	4058		Vogal alta contígua; pretonica e tônica altas, velares e labial precedente; átona permanente, sufixo verbal com vogal alta, com parente,	
					T	8543		Vogal alta contígua; pretonica e tônica altas,	
Klunck (2007)	Porto Alegre	Elevação sem motivação aparente	Aparente	24	E	2229	96 – 4%	Palatal nasal e vogal média <sup>3</sup> seguinte; vogal alta precedente, sílaba leve, vogal nasal, difusão lexical	Menos escolarizados,
					O	1979	235-12%	Palatal nasal, labial, dorsal e vogal média seguintes; dorsal precedente, distância 1, difusão lexical	Masculino, menos escolarizados,
					T	4208		Palatal nasal seguinte; difusão lexical	Menos escolarizados
Silva (2012)	São José do Norte	Harmonia	Aparente	40	E	986	41%	Homorganica /i/; v.oral; tônica imediata; átona permanente; palatal precedente; velar seguinte; sufixo verbal e radical;	

<sup>3</sup> Em oposição à vogal alta (KLUNCK, 2007, p. 68)

					O	801	43%	Não- homorganica /i/; v.oral; tônica imediata; velar precedente; palatal seguinte; sufixo verbal e radical;	Masculino (pouco expressivo); mais velhos;
					T	1787		Vogal oral, tônica imediata; sufixo verbal e radical. Tende a preservar as médias.	
Monaretto (2013)	Porto Alegre	Elevação sem motivação aparente	Real - painel	12 (NURC e VARSUL)	E	703	63 (9%)	Palatal precedente	Homens mais velhos (inconclusivo)
					O	650	83 (12,8%)	Palatal precedente	Homens mais velhos (inconclusivo)
					T			Palatal precedente	



<b>APÊNDICE C – Relação de Jornais Gaúchos do Século XIX do MUSECOM</b>		
<b>Nome</b>	<b>Ano</b>	<b>Local</b>
<b>1820</b>		
1. Amigo do Homem e da Pátria	1829	Porto Alegre
2. O Constitucional Rio-Grandense	1828	Porto Alegre
3. Diário de Porto Alegre	1827	Porto Alegre
4. A Evolução	1821	São Sebastião do Caí
<b>1830</b>		
5. O Anunciante	1835	Porto Alegre
6. O Artilheiro	1837	Porto Alegre
7. O Avisador	1835	Porto Alegre
8. O Colono Alemaó	1836	Porto Alegre
9. O Continentino	1831	Porto Alegre
10. O Continentista	1835	Porto Alegre
11. O Correio da Liberdade	1831	Porto Alegre
12. O Echo Porto Alegrense	1834	Porto Alegre
13. O Liberal Rio Grandense	1836	Porto Alegre
14. O Mensageiro	1835	Porto Alegre
15. O Mercantil do Rio Grande	1836	Rio Grande
16. O Mestre Barbeiro	1835	Porto Alegre
17. O Noticiador	1836	Rio Grande
18. O Observador	1832	Rio Grande
19. O Povo	1838-39	Piratini-Caçapava
20. Propagador da Indústria Rio Grandense	1832-33	Rio Grande
21. O Recopilador Liberal	1832	Porto Alegre
22. Sentinela da Liberdade	1834	Porto Alegre
<b>1840</b>		
23. O Americano	1842	Alegrete
24. O Analista	1840	Porto Alegre
25. O Commercio	1840	Rio Grande
26. O Correio	1847	Rio Grande
27. Diário do Rio Grande	1848	Rio Grande
28. O Echo	1848	Rio Grande
29. Estrella do Sul	1843	Alegrete
30. O Imparcial	1844	Porto Alegre
31. O Imperialista	1840	Rio Grande
32. A Nova Epoca	1847	Rio Grande
33. O Rio-Grandense	1846	Porto Alegre
34. Semanario Official	1840	Porto Alegre
<b>1850</b>		
35. O Brado do Sul	1859	Pelotas
36. O Conciliador	1858	Porto Alegre
37. Correio da Liberdade	1851	Porto Alegre
38. Correio do Sul	1852	Porto Alegre
39. O Guayba	1856	Porto Alegre
40. O Mercantil	1852	Porto Alegre
41. O Noticiador	1855	Pelotas
42. O Pharol	1851	Porto Alegre
43. O Povo	1859	Rio Grande
44. O Rio Grandense	1852	Porto Alegre
<b>1860</b>		
45. A Actualidade	1867	Porto Alegre
46. Arcadia	1868	Rio Grande e Pelotas

47. Artista	1867	Rio Grande
48. A Atalaia do Sul	1864	Jaguarão
49. O Bageense	1865	Bagé
50. O Campeão da Legalidade	1867	Porto Alegre
51. O Commercio	1867	Pelotas
52. Cruzeiro do Sul	1863	Rio Grande
53. Diário de Pelotas	1860	Pelotas
54. Estrella do Sul	1862	Porto Alegre
55. O Guarda Nacional	1866	Porto Alegre
56. O Independente	1862	Rio Grande
57. Jornal d' Annuncios	1867	Pelotas
58. A Lei	1861	Jaguarão
59. O Liberal	1863	Rio Grande
60. Opinião Pública	1868	Rio Grande
61. A Reforma	1869	Porto Alegre
62. Relâmpago	1869	Porto Alegre
63. Rio Grandense	1866	Porto Alegre
64. A Sentinella do Sul	1867	Porto Alegre
65. O Ypiranga	1863	Porto Alegre
<b>1870</b>		
66. A Acácia	1876	Porto Alegre
67. Album do Domingo	1878	Porto Alegre
68. Alvorada	1879	Rio Grande
69. América	1870	Rio Grande
70. O Amolador	1874	Rio Grande
71. Correio do Século	1875	Pelotas
72. Correio Mercantil	1879	Pelotas
73. O Cruz Altense	1878	Cruz Alta
74. A Democracia	1874	Porto Alegre
75. O Diabrete	1875	Rio Grande
76. O Diógenes	1874-78	Porto Alegre
77. Echo do Ultramar	1876	Porto Alegre
78. A Grinalda	1871	Rio Grande
79. O Industrial	1870	Porto Alegre
80. Jornal do Commercio	1875	Porto Alegre
81. Jornal do Commercio	1870	Pelotas
82. Manifesto do Partido Liberal	1876	Cruz Alta
83. O Mosquito	1874	Porto Alegre
84. Onze de Junho	1876	Jaguarão
85. O Paiz	1870	Rio Grande
86. Revista da Sociedade Parthenon Litterario	1873	Porto Alegre
87. O Trovador	1877	Pelotas
88. Victoriense	1876	Santa Vitória do Palmar
89. Voz do Povo	1870	Jaguarão
<b>1880</b>		
90. O Asmodeo	1881	Porto Alegre
91. O Athleta	1885	Porto Alegre
92. O Combatente	1886	Porto Alegre
93. O Conservador	1880	Porto Alegre
94. Correio Official da Província de São Pedro	1885	Porto Alegre
95. Cruzeiro do Sul	1883	Bagé
96. Descentralização	1884	Cruz Alta

97.	A Discussão	1881	Pelotas
98.	A Federação	1884	Porto Alegre
99.	A Ferula	1882	Pelotas
100.	Gazeta de Porto Alegre	1880	Porto Alegre
101.	O Lábaro	1880	Porto Alegre
102.	O Maruí	1882	Rio Grande
103.	O Patriota	1889	Porto Alegre
104.	O Progresso	1887	Porto Alegre
105.	Revista Gabrielense	1881	São Gabriel
106.	Revista Litteraria	1881	Porto Alegre
107.	O Século	1883	Porto Alegre
108.	O Taquaryense	1887	Taquari
109.	O Thabor	1881	Porto Alegre
<b>1890</b>			
110.	O Amador	1896	Quaraí
111.	O Boato	1896	Pelotas
112.	O Combatente	1893	Santa Maria
113.	O Commercio	1892	Uruguaiana
114.	Congresso Rio Grandense	1891	Porto Alegre
115.	Correio do Povo	1895	Porto Alegre
116.	Corymbo	1893	Rio Grande
117.	Diário de Jaguarão	1892	Jaguarão
118.	Diário Popular	1895	Pelotas
119.	Echo do Palmar	1892	Santa Vitória do Palmar
120.	Echo Gabrielense	1895	São Gabriel
121.	A Encruzilhada	1892	Encruzilhada do Sul
122.	O Especulador	1898	Rio Grande
123.	A Evolução	1893	Rio Grande
124.	O Exemplo	1893	Porto Alegre
125.	O Farrapo	1896	Quaraí
126.	Folha do Sul	1893	Bagé
127.	Folha Nova	1893	Porto Alegre
128.	Gazeta Americana	1892	Porto Alegre
129.	Gazeta da Tarde	1897	Porto Alegre
130.	Gazeta Serrana	1893	Cruz Alta
131.	O Intransigente	1896	São Leopoldo
132.	Jaguarão Illustrado	1900	Jaguarão
133.	Jornal do Commercio	1893	Porto Alegre
134.	Jornal do Estado	1900	Porto Alegre
135.	O Luctador	1893	Dom Pedrito
136.	O Mecenaz	1894	Porto Alegre
137.	Mercantil	1893	Porto Alegre
138.	O Mosquito	1898	Quaraí
139.	A Ordem	1893	Jaguarão
140.	O Orvalho	1900	Santa do Livramento
141.	Paladino	1893	Porto Alegre
142.	O Papae	1900	Porto Alegre
143.	Pátria Nova	1893	São Gabriel
144.	Patriota	1893	Rio Pardo
145.	O Phanal	1893	Porto Alegre
146.	O Pharol	1897	Itaqui
147.	A Razão	1898	Encruzilhada do Sul
148.	A Razão	1890	Villa de São Jerônimo

149.	Republicano	1893	Santana do Livramento
150.	Rio Grande do Sul	1893	Rio Grande
151.	O Rio Grande	1893	Porto Alegre
152.	Rio Grandense	1900	Rio Grande
153.	Tribuna Federal	1893	Pelotas

### APÊNDICE D - Jornais com mais de 10 exemplares

	Ano	Nome	Local	Exemp. disponíveis	Exemplares analisados	Exemplares com dados	Dados
1.	1828	O Constitucional Rio Grandense	Porto Alegre	93	10	2	2
2.	1829	Amigo do Homem e da Pátria	Porto Alegre	128	10	4	5
3.	1831	Correio da Liberdade	Porto Alegre	62	10	2	4 <sup>1</sup>
4.	1835	Correio Oficial da Província de São Pedro	Porto Alegre	23	10	3	3
5.	1837	O Artilheiro	Porto Alegre	44	10	10	16 <sup>2</sup>
6.	1852	Correio do Sul	Porto Alegre	34	10	4	7
7.	1859	O Brado do Sul	Pelotas	68	10	10	24 <sup>3</sup>
8.	1867	A Actualidade	Porto Alegre	15	10	1	1
9.	1870-1871	América	Rio Grande	32	10	2	3 <sup>4</sup>
10.	1874-1875	A Democracia	Porto Alegre	30	10	3	3
11.	1874	O Amolador	Rio Grande	42	10	2	2
12.	1876	A Acácia	Porto Alegre	49	10	3	3
13.	1878	Album do Domingo	Porto Alegre	43	10	2	2
14.	1883	O Século	Porto Alegre	21	10	4	6
15.	1885	O Athleta	Porto Alegre	91	10	3	4
16.	1891-1895	A Gazetinha	Porto Alegre	27	10	7	12 <sup>5</sup>
17.	1896	O Amador	Quaraí	23	10	2	3
	<b>TOTAL</b>			<b>825</b>	<b>170</b>	<b>64</b>	<b>100</b>

<sup>1</sup> O mesmo dado, *similhantes*, ocorre em exemplares diferentes, em 14/05/1831 e 17/04/1831.

<sup>2</sup> São 6 palavras diferentes. O dado *cubiçozo* faz parte de um verso de Camões utilizado como epígrafe do periódico, ocorrendo no cabeçalho de todos os exemplares analisados. A palavra configura um novo dado se aparece em documentos diferentes. O dado *hidiondo* tem duas ocorrências em 16/09/1837.

<sup>3</sup> O dado *cimiterio* ocorre duas vezes em 15/07/1859.

<sup>4</sup> O dado *magnitismo* ocorre duas vezes em 08/08/1870.

<sup>5</sup> O mesmo dado, *siquer* ocorre em 01/11/1891, 29/11/1891 e em 04/08/1895. O dado *similhante* ocorre duas vezes em 08/11/1891 e o dado *similhantes* ocorre duas vezes em 15/11/1891.

### APÊNDICE E - Jornais com menos de 10 exemplares

	Ano	Nome	Local	Exemplares disponíveis e analisados	Exemplares com dados	Dados
18.	1832	O Continentino	Porto Alegre	2	1	1
19.	1834-1836	Sentinela da Liberdade	Porto Alegre	5	1	1
20.	1835-1836	O Continentista	Porto Alegre	3	1	6
21.	1835	O Anunciante	Porto Alegre	1	-	-
22.	1835	O Avisador	Porto Alegre	1	1	2 <sup>6</sup>
23.	1836	O Colono Alemaó	São Leopoldo	2	-	-
24.	1837	O Campeão da Legalidade	Porto Alegre	1	1	1
25.	1840-1841	O Commercio	Rio Grande	5	3	5 <sup>7</sup>
26.	1840	O Analista	Porto Alegre	2	1	1
27.	1840	O Conciliador	Rio Grande	1	1	1
28.	1840	O Imperialista	Porto Alegre	1	-	-
29.	1845-1846	A Voz da Verdade	Rio Grande	2	-	-
30.	1847	O Correio	Rio Grande	1	1	1
31.	1862	O Independente	Rio Grande	1	1	2
32.	1863	O Bageense	Bagé	1	-	-
33.	1863	O Liberal	Rio Grande	1	1	1
34.	1864	Atalaia do Sul	Jaguarão	1	1	1
35.	1865	Echo Gabrielense	São Gabriel	1	-	-
36.	1867	O Artista	Rio Grande	1	-	-
37.	1867	O Commercio	Pelotas	1	-	-
38.	1871	A Grinalda	Rio Grande	1	-	-
39.	1875	Correio do Século	Pelotas	1	-	-
40.	1878	Cruz Altense	Cruz Alta	1	-	-
41.	1878	O Especulador	Rio Grande	1	-	-
42.	1879-1893	Correio Mercantil	Pelotas	4	2	3
43.	1879	Alvorada	Rio Grande	1	-	-
44.	1880	O Conservador	Porto Alegre	1	-	-
45.	1881-1883	Revista Gabrielense	São Gabriel	4	-	-
46.	1881	O Asmodeo	Rio Grande	1	-	-
47.	1882	A Ferula	Pelotas	1	-	-
48.	1882	O Maruí	Rio Grande	1	1	1 <sup>8</sup>
49.	1883	Cruzeiro do Sul	Bagé	1	-	-
50.	1886	O Combate	Porto Alegre	1	-	-
51.	1892	A Encruzilhada	Encruzilhada	1	1	1
52.	1892	Echo do Palmar	Santa	1	1	2

<sup>6</sup> O dado *Campi'oes* tem duas ocorrências em 07/08/1835.

<sup>7</sup> O dado *especuladores* tem quatro ocorrências em 09/02/1941.

<sup>8</sup> Dado com vogal alta epentética: *poupulação*, em 12/03/1882.

			Vitória do Palmar			
53.	1892	O Commercio	Uruguaiana	1	1	1
54.	1893	Corymbo	Rio Grande	1 <sup>9</sup>	1	1
55.	1893	Gazeta Serrana	Cruz Alta	1	1	1
56.	1893	O Combatente	Santa Maria	1	1	1
57.	1893	O Exemplo	Porto Alegre	1 <sup>10</sup>	-	-
58.	1893	O Patriota	Rio Pardo	1	-	-
59.	1893	O Taquaryense	Taquari	1	1	1 <sup>11</sup>
60.	1897-1898	O Pharol	Itaqui	6	3	4
61.	1897	O Boato	Pelotas	1	-	-
62.	1900	O Orvalho	Livramento	1	1	1
	<b>TOTAL</b>			<b>70</b>	<b>28</b>	<b>40</b>

<sup>9</sup> Os outros 10 exemplares que possuímos datam do século XX (1924 a 1939), período não contemplado nesta pesquisa.

<sup>10</sup> Os outros 23 exemplares que possuímos datam do século XX (1904 a 1925), período não contemplado nesta pesquisa.

<sup>11</sup> Dado com vogal alta epentética: *readquirirem*, em 22/01/1893.

**APÊNDICE F – Dados Fonologicamente Significativos dos Jornais Gaúchos Oitocentistas em Relação à Década**

			20	30	40	50
<b>1º período</b>	<b>capital</b>	<b>e</b>	antecipação, <b>intendeu</b> , semelhante, <b>similhança</b> , semelhante,	bombardiado, <b>defirirei</b> , <b>hidiundo</b> (2x), <b>impolado</b> , <b>índiferidos</b> , <b>linitivo</b> , <b>milhor</b> , semelhantes, semelhantes, alvidrio, <b>Campi'oes</b> (2x), <b>dicida</b> , <b>dispeitoso</b> , <b>disperta</b> , <b>incaminhava</b> , <b>inganadoras</b> , <b>iniquivocos</b> , <b>inivitavel</b> , <b>viridico</b> ,	<b>liviano</b> ,	antecipado, <b>denigrantes</b> , <b>disforço</b> , <b>disforços</b> , <b>disfruta</b> ,
		<b>o</b>	<b>uberta</b> , <b>uberto</b> ,	<b>acustumados</b> , <b>assuada</b> , <b>uberto</b> , <b>ubichoço</b> (10x), <b>suçobrasse</b> , <b>infurtunio</b> ,		<b>ubrindo-se</b> , <b>ubirse</b> ,
	<b>interior</b>	<b>e</b>			<b>arripiadoras</b> , <b>arripiar</b> , <b>disfructamos</b> , <b>espiculadores</b> (4x), <b>previnir</b> , <b>revivirá</b> ,	<b>cimiterio</b> (2x), <b>dimitira</b> , <b>discrença</b> , <b>disgosto</b> , <b>dispertar</b> , <b>indereçada</b> , <b>infermidade</b> , <b>pinhorados</b> , <b>pratileiras</b> ,
		<b>o</b>			<b>surtimento</b>	<b>similhante</b> , <b>ubertos</b> ,

			60	70	80	90
<b>2º período</b>	<b>capital</b>	<b>e</b>	<b>prmissas</b> ,	<b>cumieira</b> , <b>dirivar-se</b> , <b>incarnação</b> , <b>incarnações</b> , <b>Similhante</b> , <b>sinão</b> ,	<b>abilheira</b> , <b>cumieira</b> , <b>Diodoro</b> , <b>dispertado</b> , <b>effiminados</b> , <b>inflora</b> , <b>perigrina</b> , <b>similhante</b> ,	<b>assimilham</b> , <b>indiscriptível</b> , <b>mãzinha</b> , <b>revistidos</b> , <b>similhante</b> (2x), <b>similhanes</b> (2x), <b>similhanes</b> , <b>siquer</b> , <b>siquer</b> , <b>siquer</b> ,
		<b>o</b>		<b>uberta</b> , <b>ubiça</b> , <b>surrateiro</b> ,	<b>engulideiras</b> , <b>engulir</b> ,	<b>puderia</b> ,
	<b>interior</b>	<b>e</b>	<b>disculpa</b> , <b>dispedaçando</b> , <b>dispertando</b> , <b>dispreso</b> , <b>disvarios</b> , <b>disvarios</b> , <b>disvios</b> , <b>eligível</b> , <b>involve</b> , <b>involver</b> , <b>arripião-se-nos</b> , <b>invidaremos</b> ,	<b>Hermínigildo</b> , <b>magnitismo</b> (3x), <b>perigração</b> , <b>similhança</b> , <b>imminente</b> ,		<b>difinitiva</b> , <b>disculpa</b> , <b>ligítima</b> , <b>difinitiva</b> , <b>disperta-nos</b> , <b>dispotismo</b> , <b>envilicido</b> , <b>IMPRESTIMOS</b> , <b>indiscriptível</b> , <b>indiscriptível</b> , <b>involvendo</b> , <b>siquer</b> , <b>siquer</b> , <b>Tangirina</b> ,
		<b>o</b>	<b>fumenta</b> , <b>meludiosa</b> , <b>concurrência</b> , <b>concurrência</b>	<b>ocurrência</b> ,	<b>ocurrência</b> ,	<b>concurrências</b> ,



## **APÊNDICE G – Corpus de Cartas Manuscritas Pessoais da Família Prates de Castilhos (AHRS e MJC)**

### **1. Cadernos escolares (4 itens)**

1) Problema matemático de Júlia de Castilhos, [S.L.], [s.d.], Arquivo Histórico (POA), APJCSérie 02; Subsérie 12, Maço 15: documentos diversos. Bilhete de Julia de Castilhos contando as travessuras de Honorio.

2) Caderno de Honório de Castilhos, [S.L.], [s.d.], Arquivo Histórico (POA), APJC, Série 02; Subsérie 12: assuntos familiares. Castilhos conta uma história sobre menino que preferiu não mentir apesar de ter sido aconselhado a tal.

3) Redação de Honório de Castilhos. [S.L.], [s.d.], Arquivo Histórico (POA), APJCSérie 02; Subsérie 12: assuntos familiares, Redação de Castilhos relatando a estima que ele sente pelo amigo Carlos que viajou para o Amazonas.

4) Poesia de Eugênia de Castilhos. [S.L.], [s.d.], Arquivo Histórico (POA). APJCSérie 02; Subsérie 12: assuntos familiares. Eugênia de Castilhos relata as doces lembranças da sua infância através da poesia.

### **2. Cartas escritas por Adelaide de Castilhos (3 itens)**

1) Adelaide de Castilhos para Honorina de Castilhos. Rio de Janeiro, 28/08/1903. Museu Júlio de Castilhos, A.P. Júlio de Castilhos. In: SANTOS, K. *Teu amigo certo. Júlio de Castilhos*. Correspondência Inédita. Porto Alegre, Edijuc, 2013.

2) Adelaide Prates de Castilhos para Inocência de Castilhos França. Rio de Janeiro, 15/12/1900. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul- Série 02/Subsérie 11/ Doc.024– A.P. Júlio de Castilhos. Adelaide Prates de Castilhos escreveu a sua irmã Inocência sobre como ela ficou triste que a irmã não tem escrito e como ficou magoada em saber que os irmãos a culpam pela infelicidade de Inocência no casamento com Salvador.

3) Adelaide Prates de Castilhos para Honorina de Castilhos. Rio de Janeiro, 28/08/1903. Museu Júlio de Castilhos. Museu Júlio de Castilhos, A.P. Júlio de Castilhos. In: SANTOS, K. *Teu amigo certo. Júlio de Castilhos*. Correspondência Inédita. Porto Alegre, Edijuc, 2013. Relata que Sinhá e seu marido viajaram para Pernambuco para visitar os pais dele. Agradece o interesse de Júlio na nomeação dele e fala das saudades que sente de Sinhá. Conta que Hermínio estava

com bronquite e que ela ainda estava doente, com um pouco de febre. Relata que todos estão torcendo para Júlio se tornar presidente da república em 1906.

### **3. Cartas escritas por Adelaide, Julio e Herminio (1 item)**

1) Adelaide, Júlio e Hermínio para Cássia Revoredo Barros. Santa Maria, [s.d.]. Arquivo Histórico (POA). APJCSérie 02; Subsérie 11, Maço 14: correspondência entre diversos familiares. Adelaide, Julio e Herminio enviam uma mensagem para Cassia Revoredo Barros para que venha visitar a mãe que está mal de saúde.

### **4. Cartas escritas por Ana Costa (5 itens)**

1) Ana Costa para Honorina de Castilhos. [S.L], 30/03/1894. A.P. Júlio de Castilhos. Arquivo Histórico (POA). APJCSérie 02; Subsérie 06. Ana Costa, mãe de Honorina, fala sobre a morte triste de um parente que estava doente e que vai procurar saber mais informações sobre o estado de saúde dele antes da morte. Também pergunta à filha sobre algumas mulheres da família.

2) Ana Costa para Honorina de Castilhos. Pelotas, 28/03/1895. . A.P. Júlio de Castilhos. Arquivo Histórico (POA). APJCSérie 02; Subsérie 06.

3) Ana Costa para Honorina de Castilhos. Pelotas, 02/06/1895 A.P. Júlio de Castilhos. Arquivo Histórico (POA). APJCSérie 02; Subsérie 06. Ana Costa, mãe de Honorina, agradece sua filha pela última carta e algumas encomendas enviadas. Também avisa que está mandando algumas coisas para ela e dá notícias da menina Ambrosina.

4) Ana Costa para Honorina de Castilhos. Serra, 14/01/1903. A.P. Júlio de Castilhos. Arquivo Histórico (POA). APJC. Série 02; Subsérie 06. Ana Costa, mãe de Honorina, fala sobre sua saúde, sobre o clima na serra e que gostaria de visitá-la. Também fala de seu aborrecimento com um assunto sobre questões de terras de vizinhos.

5) Ana Costa para Honorina de Castilhos. [S.L.], [S.D.], A.P. Júlio de Castilhos. Arquivo Histórico (POA). APJC.Série 02; Subsérie 06.Doc 004. Ana escreve para Honorina para falar dos presentes que enviou a ela e para contar sobre as dificuldades que encontra por morar longe da cidade. Além disso, comenta que está com saudades dos netos.

### **5. Cartas escritas por Anacleto Dias Baptista (2 itens)**

1) Anacleto Dias Baptista para Francisco Ferreira de Castilhos. [S.L.], [S.D.]. Arquivo Histórico do RS – Série 0201/Doc. 029 – A.P. Júlio de Castilhos. A carta é breve e fala sobre um escravo que fugiu. Uma das características dada a esse escravo é a de que fala “todas as coisas no plural”.

2) Anacleto Dias Baptista (procuração). Villa da [*Pantagrena*], 25/08/1857. O documento não é de fato uma carta, como o próprio autor diz, e sim uma “procuração”, em que ele fala sobre tribunal e testemunhas, e fala sobre o escravo José.

### **6. Cartas escritas por Aurelio Viríssimo de Bittencourt (1 item)**

1) Aurélio Viríssimo Bittencourt para Honorina de Castilhos. Porto Alegre , 13/01/1899. A.P. Júlio de Castilhos. Arquivo Histórico (POA). APJCSérie 02; Subsérie 06. Dá notícias de Júlio a Honorina, avisa sobre a chegada de uma carroça com frutas, escreve a pedido de Júlio de Castilhos para a esposa.

### **7. Cartas escritas por Candido Costa (1 item)**

1) Cândido Costa para Francisco Ferreira de Castilhos. [S/L], [S.D.]. Arquivo Histórico (POA). A carta dá notícias de Jose Bonifácio e fala sobre tropas. Também fala sobre o desejo do autor de que Francisco encontre sua família.

### **8. Cartas escritas por Candido Cunha (1 item)**

1) Cândido Cunha para Fidelis Nepomuceno Prates. Limeira, 24/07/ 1864. Arquivo Histórico (POA), APJCSérie 02; Subsérie 11, Maço 14: correspondência entre diversos familiares. Candido Cunha escreve para relatar a Fidelis a respeito dos negócios e dos pagamentos.

### **9. Cartas escritas por Carlos Moreira de Castilho (1 item)**

1) Carlos Moreira de Castilhos para Francisco Ferreira de Castilhos. Santo Antônio, 10/01/1849. Arquivo Histórico (POA), APJC. Série 02, Sub.01, Doc 015. Carlos escreve para seu

filho Francisco para dizer o quanto se sente triste por não poder acompanhá-lo e que deseja saber notícias dele.

#### **10. Cartas escritas por Carlos Prates de Castilhos (2 itens)**

1) Carlos Prates de Castilhos para o filho. [S.L.], [s.d.]. Arquivo Histórico (POA). APJCSérie 02; Subsérie 11, Maço 14: correspondência entre diversos familiares. Carlos escreve ao filho para contar que João Ferreira de Melo ficou hospedado em sua casa, dizendo ser amigo de seu filho e que ele, Carlos, acreditou nas mentiras de João a ponto de dar a ele um cavalo e dinheiro para poder voltar para casa.

2) Carlos Prates de Castilhos para Carolina Prates de Castilhos. [S.L.], [S.D.]. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Série 02, subsérie 03, Doc 012– A.P. Júlio de Castilhos.

#### **11. Cartas escritas por Carolina Prates de Castilhos (4 itens)**

1) Carolina Prates de Castilhos para Francisco Ferreira de Castilhos. Reserva, 1/06/1866. A.P. Júlio de Castilhos. Arquivo Histórico (POA). APJCSérie 02; Subsérie 06. Carta da esposa Carolina Prates de Castilhos a Francisco Ferreira de Castilhos, pai de Júlio de Castilhos.

2) Carolina Prates de Castilhos para Júlio de Castilhos. [S.L.], 25/07/1884. A.P. Júlio de Castilhos. Arquivo Histórico (POA). APJCSérie 02; Subsérie 06. Carta de Carolina Prates de Castilhos ao filho Júlio de Castilhos.

3) Carolina Prates de Castilhos para Júlio de Castilhos. São Martinho, agosto de 1890. Arquivo Histórico (POA). A.P. Júlio de Castilhos. Subsérie 04, caixa 02, maço 07, n. 04. Carolina escreve a seu filho Julio falando de seu estado de saúde, pedindo um favor e notícias dele e de alguns parentes.

4) Carolina Prates de Castilhos para Júlio de Castilhos. São Martinho, 07/08/1890. Arquivo Histórico (POA). APJCSérie 02; Subsérie 03, 04, 05; Maços 05, 06, 07, 08. A mãe, Carolina Prates de Castilhos, escreveu ao seu filho, Júlio Prates de Castilhos, para relatar sobre seu estado de saúde e da saudade que sente do filho, da nora e das netas.

#### **12. Cartas escritas por Cássia Prates de Castilhos (8 itens)**

1) Cássia Prates de Castilhos para Carolina Prates de Castilhos. [S.L.], [S.D.], Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. A carta trata de um cunho muito intimo que passa por assuntos

familiares e relações de amizade ente a autora e o destinatário, além de fazer uma série de pedidos e comentários sobre atividades do cotidiano como compras de produtos alimentícios e vestimentas.

2) Cássia Prates de Castilhos para Carolina Prates de Castilhos. Sortiga, [s.d.]. Arquivo Histórico (POA). A.P Júlio de Castilhos Série: Assuntos Familiares Subsérie: Carolina de Castilhos. Série 02.03, Doc 004. Cássia fala basicamente em toda carta sobre calçados: que tem um de couro e quer um de lã. No fim da carta diz que seus filhos pedem a benção de Carolina.

3) Cássia Prates de Castilhos para Carolina Prates de Castilhos. Sortiga, [s.d.]. Arquivo Histórico (POA). A.P Júlio de Castilhos Série: Assuntos Familiares Subsérie: Carolina de Castilhos. A carta trata de diversos assuntos dos quais Cássia precisa de resposta, tais como informações sobre Cecília, tramites de negócio como a transação de uma vaca leiteira e compra de roupas de cama .

4) Cássia Prates de Castilhos para Carolina Prates de Castilhos. Sortiga, [s.d.]. Arquivo Histórico (POA). A.P Júlio de Castilhos Série: Assuntos Familiares Subsérie: Carolina de Castilhos. A carta trata em sua maior parte de assuntos sentimentais, com saudades de familiares e questionamentos pela falta de correspondência da parte de Carolina. Relata assuntos sobre encomendas, dúvidas sobre um armário quebrado e uma encomenda de farinha.

5) Cássia Prates de Castilhos para Carolina Prates de Castilhos. [S.L.], [s.d.]. Arquivo Histórico (POA). A.P. Júlio de Castilhos. Série Assuntos Familiares, Subsérie Carolina de Castilhos. Série 02.03 Doc 008. Cássia manda notícias e pede para a mãe ler a carta de Cecília, em que tem a explicação do porquê ela não vai visitá-la. Pede para a mãe vir logo visitá-la, mas diz para não ir sem deixar a casa em ordem e bem cuidada. Pede para agradecer Carolina pelo casquinho e pede para não esquecer de trazer saco de farinha, polvilho e geléia quando for visitá-la.

6) Cássia Prates de Castilhos para Carolina Prates de Castilhos. [S.L.], [s.d.]. Arquivo Histórico (POA). A.P. Júlio de Castilhos. Série Assuntos Familiares, Subsérie Carolina de Castilhos. Série 02.03 Doc 009. Carta breve na qual que Cássia pede à sua mãe leite para sua filha.

7) Cássia Prates de Castilhos para Carolina Prates de Castilhos. [S.L.], [s.d.]. Arquivo Histórico (POA). A.P. Júlio de Castilhos. Série Assuntos Familiares, Subsérie Carolina de Castilhos. Série 02.03 Doc 010. Cássia pede para a mãe não esquecer de trazer o que pediu, pois

os rios estão baixos. Cássia fica aborrecida com a notícia de que Chiquinho foi para Santa Maria pois isso implica que “a menina” não melhorou. Avisa que está mandando outra carta para colocarem no correio, e diz que escreveu uma carta em nome de Carolina.

8) Cássia Prates de Castilhos para Carolina Prates de Castilhos. [S.L.], [s.d.]. Arquivo Histórico (POA). A.P. Júlio de Castilhos. Série Assuntos Familiares, Subsérie Carolina de Castilhos. Série 02, subsérie 03, doc 011. Cássia deseja a saúde de todos e pede, o que provavelmente é, um pedaço de tecido – o suficiente para fazer uma saia de vestido. Pede mudas de arvoredo, laranjas e “laranjas tangerinas”. Diz que está mandando dois pães. Pede para rasgar o bilhete que mandou pelo José e relata que a vaca encontra-se “em ordem”, embora provavelmente seja o leite que esteja fazendo mal.

### **13. Cartas escritas por Chiquinha (1 item)**

1) Chiquinha para Honorina de Castilhos. Serra, 11/03/1894. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (POA). A.P. Júlio de Castilhos. In: SANTOS, K.A. *Teu amigo certo. Júlio de Castilhos*. Correspondência Inédita. Porto Alegre, Edijuc, 2013. Chiquinha pergunta se Honorina tem ou sabe quem tem uma foto que “Castinha” teria tirado antes de morrer e fala de outras questões práticas.

### **14. Cartas escritas por Dom Feliciano (3 itens)**

1) Dom Feliciano para Francisco Ferreira de Castilhos. Porto Alegre, 27/04/1857. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (POA). A.P. Júlio de Castilhos, série 02, subsérie 01. Dom Feliciano fala da alegria de ter recebido a última carta de Francisco e fala sobre algumas pessoas conhecidas de ambos.

2) Dom Feliciano para Francisco Ferreira de Castilhos. São Gabriel, 14/06/1854. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (POA). A.P. Júlio de Castilhos, série 02, subsérie 01. O bispo envia correspondência a Francisco Ferreira de Castilhos pedindo doações para a construção de um seminário.

3) Dom Feliciano para Francisco Ferreira de Castilhos. Palácio da Lapa, 17/08/1855. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (POA). A.P. Júlio de Castilhos, série 02, subsérie 01.

Bispo Dom Feliciano agradece as doações e se refere ao Seminário como um lugar educacional, que produzirá ministros que poderão ocupar diversos cargos no futuro.

#### **15. Cartas escritas por Ernesto Luis Gonçalves (1 item)**

1) Ernesto Luis Gonçalves para Felisberto Prates. [S.L.], 18/01/1864. Arquivo Histórico (POA). APJCSérie 02; Subsérie 11, Maço 14: correspondência entre diversos familiares. Ernesto Luis Gonçalves declara que solicita dinheiro para suas despesas de viagem.

#### **16. Cartas Escritas por Etelvina (1 item)**

1) Etelvina para Carolina Prates de Castilhos. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (POA). Etelvina escreve para nora Carolina para contar de assuntos do cotidiano e fazer pedidos e explicações de entregas.

#### **17. Cartas escritas por F. Costa (2 itens)**

1) F. Costa para Honorina de Castilhos. Santa Maria, 10/06/1892. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (POA). A.P. Júlio de Castilhos, série 02: Assuntos Familiares. Subsérie 06: Honorina de Castilhos - correspondência recebida. Doc 005. F. Costa escreve à sua irmã Honorina avisando que pretende viajar para Cima da Serra no dia seguinte.

2) F. Costa para Honorina de Castilhos. Pelotas, 21/03/1894. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (POA). A.P. Júlio de Castilhos, série 02: Assuntos Familiares. Subsérie 06: Honorina de Castilhos - correspondência recebida. Doc 007. F. Costa traz notícias sobre a mãe em resposta à carta de Honorina.

#### **18. Cartas escritas por Feliciano Nepomuceno Prates (1 item)**

1) Feliciano Nepomuceno Prates para Francisco Ferreira de Castilhos. Castro, 21/05/1811. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (POA). A.P. Júlio de Castilhos, série 02: Assuntos Familiares. Subsérie 01: Francisco F. de Castilhos - correspondência recebida. Doc 001.

### **19. Cartas escritas por Fidelis Nepomuceno Castro Prates (1 item)**

1) Fidelis Nepomuceno Castro Prates para Francisco Ferreira de Castilhos. São Paulo, 22/02/18012. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (POA). Carta sobre carregamento de suprimentos.

### **20. Cartas escritas por Fidêncio Nepomuceno (3 itens)**

1) Fidêncio Nepomuceno para Francisco Ferreira de Castilhos. São Paulo, 27/05/1860. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul- Série 02/Subsérie 01/ Doc.039– AP Júlio de Castilhos. Fidêncio Nepomuceno escreve a Francisco sobre a notícia do nascimento de sua sobrinha, a perda de sua filha Carolina e dá recomendações sobre como cuidar da saúde de sua afilhada. Fala de negócios.

2) Fidêncio Nepomuceno para Francisco Ferreira de Castilhos. [S.L.], 24/06/1856. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (POA), A.P.Júlio de Castilhos, série 02, subsérie 01. Notícias familiares.

3) Fidêncio Nepomuceno para Francisco Ferreira de Castilhos. São Paulo, 03/08/1857. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (POA), A.P.Júlio de Castilhos, série 02, subsérie 01. O autor discorre sobre a saúde do destinatário e da família – deseja apresentar sua filha Eugênia a Francisco. Trata sobre tropas nas Missões e sobre a província de Paraná, além da próxima feira em Sorocaba. Relata sobre negócios e transporte.

### **21. Cartas escritas por Francisco Ferreira de Castilhos (2 itens)**

1) Francisco Ferreira de Castilhos para Carlos Paxeco de Macedo Taques. Reserva, 16/11/1861. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Arquivo Particular Júlio de Castilhos, série 02, subsérie Francisco Ferreira de Castilhos – correspondência enviada – Maço 05 – Doc 001. Francisco Ferreira de Castilhos escreve a pedido do Sr. Dulcio Mariano Ribas para cobrar uma dívida de crédito do Sr. Carlos Taques.

2) Francisco Ferreira de Castilhos para Joaquim Carlos da Silveira. Sorocaba, 06/06/ 1866. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, série 02/Subsérie 02/ Doc.002 – A.P. Júlio de Castilhos. Francisco Ferreira de Castilhos escreveu a Joaquim Carlos da Silveira para tratar de negócios, pedindo um favor e desejando que os negócios de Joaquim melhorem.



## **22. Cartas escritas por Herminio Francisco do Espírito Santo (2 itens)**

1) Hermínio Francisco do Espírito Santo para destinatário desconhecido. [S.L], 03/11/1875. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Arquivo Particular Júlio de Castilhos, série 02, subsérie 11 - enviadas por diversos familiares. Hermínio escreve para saber da saúde de seus entes e avisar que os que convivem com ele estão bem.

2) Hermínio Francisco do Espírito Santo para destinatário desconhecido. [S.L], 20/07/1876. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Arquivo Particular Júlio de Castilhos, série 02, subsérie 11 - enviadas por diversos familiares. Herminio justifica sua ausência por estar ocupado e afirma que, quando visitar a destinatária, ficará por bastante tempo.

## **23. Cartas escritas por Honorina de Castilhos (3 itens)**

1) Honorina de Castilhos para Júlio de Castilhos. [S.L.], [S.D.]. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. A.P. Júlio de Castilhos. Série 02: Assuntos Familiares. Subsérie 07: Honorina de Castilhos - correspondência enviada. Doc 001. Honorina fala sobre o filho Edmundo.

2) Honorina de Castilhos para Júlia de Castilhos. Porto Alegre, 08/04/1900. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. A.P. Júlio de Castilhos. Série 02: Assuntos Familiares. Subsérie 07: Honorina de Castilhos - correspondência enviada. Doc 003. Honorina fala sobre dinheiro e despesas da casa; pede notícias de Júlio.

3) Honorina de Castilhos para Júlio de Castilhos. Porto Alegre, 15/04/1900. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. A.P. Júlio de Castilhos. Série 02: Assuntos Familiares. Subsérie 07: Honorina de Castilhos - correspondência enviada. Doc 004. Honorina está preocupada com a falta de notícias de Julio e reclama que ele não tem sido honesto com ela.

## **24. Cartas escritas por Honorio Prates de Castilhos (1 item)**

1) Honório Prates de Castilhos para Honorina de Castilhos. [S.L], [s.d.]. Museu Júlio de Castilhos. A.P. Júlio de Castilhos. In: SANTOS, K.V. *Teu amigo certo. Júlio de Castilhos. Correspondência Inédita*. Porto Alegre, Edijuc, 2013. Honorio escreve à sua mãe, Honorina, pedindo que lhe mande talheres.

**25. Cartas escritas por Joaquim Fernandes de Souza (1 item)**

1) Joaquim Fernandes de Souza para Francisco Ferreira de Castilhos. [S.L.], 31/03/1852. Museu Júlio de Castilhos.

**26. Cartas escritas por Joaquim Francisco de Assis Brasil (4 itens)**

1) Joaquim Francisco de Assis Brasil para Carolina Prates de Castilhos. Sortiga, 4 de fevereiro, sem ano. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul- Série 02/Subsérie 03/ Doc.001– A.P. Júlio de Castilhos. Joaquim escreve a sua sogra Carolina dando dicas de como proceder caso se sinta indisposta e falando sobre sua saúde.

2) Joaquim Francisco de Assis Brasil para Carolina Prates de Castilhos. [S.L.], [s.d.]. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. A.P. Júlio de Castilhos, série 02 Subsérie 03. Aviso a Carolina Prates sobre a doença de Cecília.

3) Joaquim Francisco de Assis Brasil para Carolina Prates de Castilhos. Porto alegre, 29 de março, sem ano. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. A.P Júlio de Castilhos, série 02, subsérie 03, assuntos familiares. Subsérie: Carolina Prates de Castilhos. Trata do pedido de envio de balas que estão em uma gaveta.

4) Joaquim Francisco de Assis Brasil para Carolina Prates de Castilhos. Sortiga, 07/12/1889. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul- Série 02/Subsérie 03/ Doc.039– A.P. Júlio de Castilhos. O remetente escreve à sogra Carolina Prates de Castilhos informando que iria ficar mais alguns dias em Sortiga e pergunta se ela gostaria de ir logo para Santa Maria, Informa sobre a saúde de Francisco.

**27. Cartas escritas por Jose Ignacio (1 item)**

1) Jose Ignacio para Francisco Ferreira de Castilhos. Santo Antônio, 08/11/1858. Museu Julio de Castilhos. A.P. Júlio de Castilhos. Série 020/Doc. 032. A carta não está em boas condições, a letra já está um pouco fraca e há buracos e manchas no meio da carta que atrapalham a leitura das duas páginas.

## 28. Cartas escritas por Julio Prates de Castilhos (9 itens)

1) Júlio Prates de Castilhos para Honorina de Castilhos. São Martinho, 07/02/1883. Arquivo Histórico (POA). Júlio Prates de Castilhos escreveu a sua esposa Honorina sobre a saudade que sentia por ter de separar dela por motivos de trabalho.

2) Júlio Prates de Castilhos para Honorina de Castilhos. Porto Alegre, 12/02/1883. Museu Júlio de Castilhos. Livro de Correspondências. Carta pessoal de Júlio à sua esposa Honorina.

3) Júlio Prates de Castilhos para Honorina de Castilhos. Porto Alegre, 24/03/1883. Museu Júlio de Castilhos. Livro de Correspondências. Carta pessoal de Júlio à sua esposa Honorina.

4) Júlio Prates de Castilhos para Honorina de Castilhos. Porto Alegre, 08/04/1883. Museu Júlio de Castilhos. In: SANTOS, K.V. *Teu amigo certo. Júlio de Castilhos*. Correspondência Inédita. Porto Alegre, Edijuc, 2013. Júlio Prates de Castilhos escreve à esposa Honorina pedindo que suas cartas sejam mais longas e que falem mais sobre como ela se sente. Júlio pede também que ela se dedique mais à música, e não só à leitura e à pintura. Responde ao pedido de Honorina por informações sobre um concurso para professor na Escola Normal.

5) Júlio Prates de Castilhos para Honorina de Castilhos. Porto Alegre, 09/04/1883. Museu Júlio de Castilhos. In: SANTOS, K.V. *Teu amigo certo. Júlio de Castilhos*. Correspondência Inédita. Porto Alegre, Edijuc, 2013. Carta íntima de Júlio à Honorina. Lamenta notícias recebidas e indica cuidados necessários à saúde da sogra. Reclama a brevidade das cartas da companheira. Relata desagrado em relação ao retrato de Honorina recebido em correspondência e diz que vai entregá-lo à mãe. Queixa-se do não recebimento do telegrama de Carrilho, de Santa Maria.

6) Júlio Prates de Castilhos para Cecília. Porto Alegre, 11/02/1884. Museu Júlio de Castilhos. Livro de Correspondências. In: SANTOS, K.V. *Teu amigo certo. Júlio de Castilhos*. Correspondência Inédita. Porto Alegre, Edijuc, 2013. Júlio de Castilhos escreveu para a irmã, Cecília, para relatar a falta que ela faz tanto para ele quanto para a esposa, Honorina, além de perguntar sobre a saúde da mãe, Carolina, e a respeito do mapa da província.

7) Júlio Prates de Castilhos para Chiquinho. Porto Alegre, 30/07/1883. Museu Julio de Castilhos – Livro de Correspondências. In : SANTOS, K.V. *Teu amigo certo. Júlio de Castilhos*. Correspondência Inédita. Porto Alegre, Edijuc, 2013. Júlio Prates de Castilhos escreve a seu irmão Chiquinho sobre como vai sua vida como advogado, pergunta como vai a família, sobre a safra de gado e sobre estimular os correligionários a reelegerem Valle Machado.

8) Júlio Prates de Castilhos para Chiquinho. Porto Alegre, 04/09/1883. Museu Júlio de Castilhos. Livro de Correspondências. In SANTOS, K.V. *Teu amigo certo. Júlio de Castilhos*. Correspondência Inédita. Porto Alegre, Edijuc, 2013. Júlio escreve a seu irmão Carlinhos aconselhando sobre sua dor de dente e tratando de negócios - a venda do escravo Annibal, motivo de constrangimento para Julio pois o Partido Republicano era à favor da abolição da escravatura.

9) Júlio Prates de Castilhos para Carolina Prates de Castilhos. Porto Alegre, 10/11/1883. Museu Julio de Castilhos. In SANTOS, K.V. *Teu amigo certo. Julio de Castilhos*. Correspondência Inédita. Porto Alegre, Edijuc, 2013. Júlio de Castilhos escreve à mãe Carolina contando notícias sobre a filha e a mulher. Fala também de alguns negócios: compra de produtos, preço da safra e pagamentos.

### **29. Cartas escritas por Manoel Veríssimo Lima Pires (1 item)**

1) Manoel Veríssimo Lima Pires para Francisco Ferreira de Castilhos. Santa Maria, 31/01/1856. Museu Júlio de Castilhos. Série 0201/Doc. 026 – AP Júlio de Castilhos. Manoel trata sobre suas dívidas, sobre tropas e cita muitos nomes.

### **30. Cartas escritas por Manoel Ribeiro (1 item)**

1) Recibo de Manoel Ribeiro. [S.L.], 30/07/1854. Arquivo Histórico (POA). APJCSérie 02; Subsérie 12: assuntos familiares. Recibo de pagamento de Manoel Ribeiro para Joze Ferreira de Castilhos.

### **31. Cartas escritas por Revoredo Barros (1 item)**

1) Revoredo Barros para “mãisinha”. [S.L.], [s.d.]. Arquivo Histórico (POA). APJCSérie 02; Subsérie 11, Maço 14: correspondência entre diversos familiares. Revoredo Barros responde a carta de sua mãe, contando sobre uma proposta feita a Ito, que em sua opinião não deve ser aceita.

### **32. Cartas Escritas por Virgínea (1 item)**

1) Virgínea para Anna Costa. Burity, 11/04/1888. Museu Júlio de Castilhos (POA). Série 02/Subsérie 11/ Doc.017– AP Júlio de Castilhos. Virgínea escreve à mãe Ana Martins da Costa sobre como tem passado e pergunta como estão Cecília e Cássia.

**Total: 73 documentos**

**APÊNDICE H – Corpus de Documentos Manuscritos da Revolução Federalista (IHGRS)**

**Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Pasta: Revolução Federalista (Vacaria) 1892 – 1917**

**1) Documentos Recebidos por Avelino Paim de Souza<sup>1</sup> (7 itens)**

1. Carta patente, 05/11/1892; de Avelino Paim de Souza para Major Ajudante de Ordens do Comando Superior da GN – Comarca de Vacaria
2. Carta; Damasceno, 30/01/1895; de Atanasio Rodrigues de Sousa para Major Avelino Paim de Souza
3. Carta, Boqueirão 08/02/1895; de Manoel Fabricio Vieira para Avelino Paim de Souza;
4. Ofício; Lagoa Vermelha, 20/03/1895; de Paulo Alves de Souza Marques para Tenente Coronel Avelino Paim de Souza;
5. Carrta; 06/06/1901; de Borges de Medeiros e de Júlio de Castilhos para Avelino Paim;
6. Ofício; Caxias, 25/01/1905; de Associação de Comerciantes de Caxias para Coronel Avelino Paim;
7. Carta; 20/06/ 1917; de Borges de Medeiros para Coronel Avelino Paim;

**2) Cartas e Ofícios recebidos por José Theodoro dos Santos (26 itens) 1892-1896**

1. Carta; sem data; de Varella para Capitão José dos Santos;
2. Carta; sem data; de Daniel Martins para Capitão José dos Santos;
3. Ofício; Vacaria, 16/12/1892; de Theodoro de Souza Duarte para José Theodoro dos Santos;
4. Ofício; Vacaria, 17/01/1893, de João Batista Galvão de Moura Lacerda, Intend. para José Theorodo dos Santos, nomeado subintendente do 1º distrito;
5. Ofício; Vacaria, 15/07/1893; de Theodoro de Souza Duarte para José Theodoro dos Santos;

---

<sup>1</sup> Intendente de Vacaria (dez/1895 – jan/1896/ 1900-1904) e Deputado Estadual (1905-1908)

6. Ofício; Vacaria, 05/08/1893, de Theodoro de Souza Duarte para José Theodoro dos Santos;
7. Carta; Vacaria, 23/05/1894, de Aureliano Rodrigues Siqueira para José dos Santos;
8. Carta; Vila, 24/05/1894, de Cerino José Amado para Capitão Zeca;
9. Carta; Porto Alegre, 28/04/1894 de I. Campos Jr. Para Zeca dos Santos;
10. 17/05/1894, de Manoel Silva para “primo Zeca”;
11. Carta; 20/05/1894, de Raimundo José de Azevedo para Capitão José dos Santos;
12. Carta; Loureiro, 22/05/1894, de Faustino para Capitão Santos;
13. Ordem do Dia; 27/06/1894, de Avelino Paim para Capitão José Theodoro dos Santos (2 cópias, a lápis e à caneta – a cópia à caneta diz ter sido feita em 1927 pelo filho do capitão, proprietário do arquivo);
14. Carta; Antônio Prado, 05/11/1894; de I. Campos Jr. para Capitão José dos Santos;
15. Carta; 07/06/1895, de Bernardino Moreira Paz para Capitão José dos Santos;
16. Carta; Vacaria, 1895, de Bernardino Moreira Paz para Cap. José dos Santos;
17. Carta; Porto Alegre, 12/07/1895, de Manoel José de Barros para Capitão Zeca;
18. Carta; Porto Alegre, 04/10/1895, de I. Campos Jr. para José dos Santos;
19. Carta; Fazenda Branca, 07/02/1896; de Avelino Paim para José dos Santos;
20. Carta; Barnabé, 11/06/1896, de José Costa para José dos Santos;
21. Carta; Vacaria, 27/12/1895; de Avelino Paim para Cap. José dos Santos (na mesma folha: Vacaria, 27/12/1895, de João Borges Pinto para Cap. José Theodoro dos Santos);
22. Carta; Vila, 06/09/ 1895; de Bernardo Moreira Paz para Cap. Jose dos Santos
23. Carta; Porto Alegre, 07/08/1895 de Theodoro Camargo para Tio Zeca;
24. Carta; Porto Alegre, 11/07/1895, de I.C. Campos Jr. para José dos Santos;
25. Carta; Acampamento no Capão da Lagoa, 09/07/1895, de Boaventura Domingues para Capitão José Theodoro dos Santos;
26. Carta; Porto Alegre 29/03/1895; de I.Campos Jr. para José dos Santos;

**3) Diversos (1892-1933) – referentes À Revolução Federalista e Partido Republicano  
Correspondência (1892-1933) (7 itens)**

1. Telegrama, 04/09/1892, de Teles de Queiroz para Chefe de Polícia ao Delegado Vacaria;
2. Telegrama; 31/10/1892, de Antunes Ribas para Chefe de Polícia ao Delegado Vacaria;
3. Carta; Caí, 18/06/1895, de I. Campos Jr. para Emilia
4. Circular; Porto Alegre, 24/08/1895 de J.Castilhos para Intendente de Vacaria;
5. Carta; Porto Alegre, 29/08/1895 de Bispado de Porto Alegre para José Fernandes da Cunha (notícias da Padre da Freguesia que “sumiu”);
6. Carta; Porto Alegre, 11/06/ 1933; de Cazuza para Theodoro dos Santos;
7. Recibo: 1) 28/09/1894, de Bernardo Moreira Paz recebido de Firmino Jacques Vieira; 2) Fazenda Branca, 16/03/1895 de Gomes Paim de Andrade recebido de Tenente Coronel Avelino Paim;

**4) Tipologias Diversas (1893-1927) (5 itens)**

1. Ordem do Dia; Vacaria, 21/10/1893 de Chefe de Estado Maior;
2. Declaração e recibo (2 vias). Declaração – Lagoa Vermelha, 01/05/1894, de Fabricio Vieira, 65° Corpo Provisorio Cavalaria;
3. Recibo – pago a Carolina Dias, 30/11/1894;
4. Carta; Vacaria, 06/04/1894; de Manoel Vicente da Rosa para Julio Campos;
5. Poema sobre a Revolução Federalista (contemporâneo?) – sem autoria.

**Total: 45 documentos**



APÊNDICE I – Pesquisas de Registros Escritos em Jornais em Dicionários – Vogal <e>

<b>Palavra</b>	<b>Periódico, Local e Data</b>	<b>BLUTEAU (1712)</b>	<b>CANNECATIM (1804)</b>	<b>SILVA (1813)</b>	<b>COELHO (1890)</b>
1. abilheira	O Século, POA, 14/10/1883	-	<b>Abelha (p.3)</b>	Abelheira (p.7)	Abelheira (p.6)
2. alvidrio	O Continentista, POA, 10/06/1836	<b>Alvedrio</b> , Alvidrio (p.307)	-	Alvedrio, Alvidrio (p.111)	Alvedrio (p. 91)
3. antecipação	Amigo do Homem e da Pátria, POA, 11/08/1829	Anticipac,am, Antecipação (p.402)	<b>Antecipada cousa, Anticipar, Anticipo, Antecipei, Anticiparei, Anticipar-se (p.74)</b>	<b>Antecipação</b> , Antecipação, <b>Antecipar</b> , Anticipar (p. 140)	<b>Antecipado, Antecipador, Antecipante, Anticipar</b> (p.116)
4. antecipado	Correio do Sul, POA, 21/10/52	Antecipado (p.402)	<b>Antecipada cousa, Anticipar, Anticipo, Antecipei, Anticiparei, Anticipar-se (p.74)</b>	<b>Antecipação</b> , Antecipação, <b>Antecipar</b> , Anticipar (p. 140)	<b>Antecipado, Antecipador, Antecipante, Anticipar</b> (p.116)
5. arripiadoras	O Correio, Rio Grande, 18/02/1847	<b>Arripiado,Arripiamento</b> (p.565)	<b>Arrepiada cousa, Arrepiamento, Arrepiar, Arrepio, Arrepiei, Arripiarei, Arrepiar-se (p.98)</b>	<b>Arrepiar</b> , Arripiar, Arrepiar, Arripia (p. 192)	<b>Arrepiado, Arrepiar, Arrepiadura</b> (p.160)
6. arripião (-se-nos)	O Independente, Rio Grande, 15/09/1862	<b>Arripiado,Arripiamento</b> (p.565)	<b>Arrepiada cousa, Arrepiamento, Arrepiar, Arrepio, Arrepiei, Arripiarei, Arrepiar-se (p.98)</b>	<b>Arrepiar</b> , Arripiar, Arrepiar, Arripia (p. 192)	<b>Arrepiado, Arrepiar, Arrepiadura</b> (p.160)

7. arripiar	O Commercio, Rio Grande, 09/02/1841	arripiar <sup>1</sup> (p.560*), <b>Arripiado, Arripiamento</b> (p.565)	<b>Arrepiada cousa, Arrepiamento, Arrepiar, Arrepio, Arrepiei, Arripiarei, Arrepiar-se (p.98)</b>	<b>Arrepiar</b> , Arripiar, Arrepia, Arripia (p. 192)	<b>Arrepiado, Arrepiar, Arrepiadura</b> (p.160)
8. assimilham	A Gazetinha, Porto Alegre, 15/11/1891	<b>Assemelhar</b> (p.600)	<b>Assemelhada cousa, Assemelhar, Assemelho, Assemelhei, Assemelharei, Assemelhar-se. (p.104)</b>	<b>Assemelhar (p.207)</b>	<b>Assemelhar, Assimilhar</b> (p. 173)
9. bombardiado	O Artilheiro, Porto Alegre, 22/07/1837	-	<b>Bombardada (p.136)</b>	<b>Bombardeár (p. 290)</b>	<b>Bombardeamento (p. 248)</b>
10. Campi'oes (2x)	O Avisador, Porto Alegre, 07/08/1835	<b>Campeam, Campeão</b> (p.85)	-	<b>Campeão (p.332)</b>	<b>Campeão (p.294)</b>
11. cimiterio (2x) <sup>2</sup>	O Brado do Sul, Pelotas, 15/07/1859	<b>Cemiterio</b> (p.235), Cimiterio (p.235, p.597)	<b>Cemeterio (p. 232)</b>	<b>Cemitério (p.371)</b>	<b>Cemitério (p.330)</b>
12. cumieira	A Democracia, Porto Alegre, 30/11/1874	<b>Cumieira</b> (p.637)	-	<b>Cumiéira (p.503)</b>	<b>Cumieira (p.425)</b>
13. cumieira	O Século, Porto Alegre, 12/06/1883	<b>Cumieira</b> (p.637)	-	<b>Cumiéira (p.503)</b>	<b>Cumieira (p.425)</b>
14. defirirei	Correio Official da Província de São Pedro, Porto Alegre, 06/06/1835	<b>Deferir</b> (p.36)	-	<b>Deferir (p.520)</b>	<b>Deferir (p.440)</b>
15. denigrantes <sup>3</sup>	Correio do Sul, Porto Alegre, 24/10/1852	<b>Deneegrir, Denigrir</b> (p.58),	<b>Denegrída cousa (p. 264)</b>	-	<b>Denegrir, Denigrir</b> (p.446)

Uic.  
- ARREPIAMENTO, Arrepiar, &c. Vid.

<sup>1</sup> Arripiamento, &c.

<sup>2</sup> (x) indica quantas vezes a ocorrência apareceu no exemplar do periódico datado no item.

<sup>3</sup> BLUTEAU: Denigrir - Ocorrência:1 – Ocorr. Palavras - 1

16. <b>dicida</b>	O Continentino, Porto Alegre, 29/10/1832	<b>Decidir</b> (p.24)	-	<b>Decidir</b> (p.520)	<b>Decidir, Decidido, Decididamente</b> (p.437)
17. <b>difinitiva</b>	O Commercio, Uruguaiana, 16/10/1892	<b>Definitivo</b> (p.37)	-	<b>Definitivo</b> (p.520)	<b>Definitivo</b> (p.440)
18. <b>difinitiva</b>	O Amador, Quaraí, 02/02/1986	<b>Definitivo</b> (p.37)	-	<b>Definitivo</b> (p.520)	<b>Definitivo</b> (p.440)
19. <b>dimittira</b>	O Brado do Sul, Pelotas, 09/05/1859	Demitir (p.55)	-	<b>Demittir</b> (p.528)	<b>Demittir, Demittido</b> (p.444)
20. <b>Diodoro</b>	O Século, Porto Alegre, 15/03/1885	-	-	-	-
21. <b>dirivar (-se)</b>	Album do Domingo, Porto Alegre, 12/05/1878	<b>Derivar</b> (p.75), dirivar (p.74)	<b>Derivar</b> (p.270)	<b>Derivár</b> (p.535)	<b>Derivar</b> (p.449)
22. <b>discrença</b>	O Brado do Sul, Pelotas, 28/03/1859	-	-	<b>Descrer</b> (p.565)	<b>Descrença</b> (p.470)
23. <b>disculpa</b>	O Amador, Quaraí, 02/02/1896	<b>Desculpa</b> (p.116)	<b>Desculpa</b> (p.289)	<b>Desculpa</b> (p.566)	<b>Desculpa</b> (p.470)
24. <b>disculpa</b>	O Brado do Sul, Pelotas, 12/12/1860	<b>Desculpa</b> (p.116)	<b>Desculpa</b> (p.289)	<b>Desculpa</b> (p.566)	<b>Desculpa</b> (p.470)
25. <b>disforço</b>	Correio do Sul, Porto Alegre, 24/10/1852	-	<b>Desforçar</b> (p.297)	<b>Desforçar, Desforçador, Desforçado</b> (p.581)	<b>Desforço</b> (p.486)
26. <b>disforços</b>	Correio do Sul, Porto Alegre, 24/10/1852	-	<b>Desforçar</b> (p.297)	<b>Desforçar, Desforçador, Desforçado</b> (p.581)	<b>Desforço</b> (p.486)
27. <b>disfructamos</b>	O Conciliador, Rio Grande, 05/12/1840	<b>Desfrutar</b> (p.72)	-	<b>Desfrutar, Desfrutador, Desfrutado</b> (p.582)	<b>Desfructar</b> (p.486)
28. <b>disfruta</b>	Correio do Sul, Porto Alegre, 19/10/1852	<b>Desfrutar</b> (p.72)	-	<b>Desfrutar, Desfrutador, Desfrutado</b> (p.582)	<b>Desfructar</b> (p.486)
29. <b>disgosto</b>	O Brado do Sul,	<b>Desgosto</b> (p.145)	<b>Desgosto</b> (p.297)	<b>Desgôsto</b> (p.582)	<b>Desgosto</b> (p.487)

	Pelotas, 09/05/1859				
30. <b>dispedaçando</b>	O Brado do Sul, Pelotas, 12/12/1860	<b>Despedac,ar</b> (p.162)	<b>Despedaçar, Despedaçada cousa, Despedeçador</b> (p.303)	<b>Despedaçár, Despedaçádo</b> (p. 593)	<b>Despedaçar</b> (p.497)
31. <b>dispeitoso</b>	O Continentista, Porto Alegre, 10/06/1836	<b>Despeito</b> (p.164)	-	<b>Despeitóso</b> (p.594)	<b>Despeitoso</b> (p.497)
32. <b>disperta</b>	O Continentista, Porto Alegre, 10/06/1836	<b>Despertar, Despertado</b> (p.166)	<b>Despertar, Despertada cousa</b> (p. 305)	<b>Despertar, Desperto</b> (p.596)	<b>Despertar</b> (p.498)
33. <b>dispertado</b>	O Athleta, Porto Alegre, 15/03/1885	<b>Despertado</b> (p.166)	<b>Despertar, Despertada cousa</b> (p. 305)	<b>Despertar, Desperto</b> (p.596)	<b>Despertado</b> (p.498)
34. <b>dispertam</b>	A Gazetinha, Porto Alegre, 15/11/1891	<b>Despertar, Despertado</b> (p.166)	<b>Despertar, Despertada cousa</b> (p. 305)	<b>Despertar, Desperto</b> (p.596)	<b>Desperto, Despertar, Despertado</b> (p.498)
35. <b>dispertando</b>	O Brado do Sul, Pelotas, 17/03/1860	<b>Despertar, Despertado</b> (p.166)	<b>Despertar, Despertada cousa</b> (p. 305)	<b>Despertar, Desperto</b> (p.596)	<b>Desperto, Despertar, Despertado</b> (p.498)
36. <b>disperta-nos</b>	Orvalho, Livramento, 15/07/1900	<b>Despertar, Despertado</b> (p.166)	<b>Despertar, Despertada cousa</b> (p. 305)	<b>Despertar, Desperto</b> (p.596)	<b>Desperto, Despertar, Despertado</b> (p.498)
37. <b>dispertar</b>	O Brado do Sul, Pelotas, 28/03/1859	<b>Despertar</b> (p.166)	<b>Despertar</b> (p. 305)	<b>Despertar, Desperto</b> (p.596)	<b>Despertar</b> (p.498)
38. <b>dispotismo</b>	O Pharol, Itaquí, 02/05/1898	-	-	<b>Despotismo</b> (p.598)	<b>Despotismo</b> (p. 499)
39. <b>dispreso</b>	O Brado do Sul, Pelotas, 18/03/1860	<b>Desprezo</b> (p.148)	<b>Desprezo</b> (p.307)	<b>Desprèzo</b> (p.599)	-
40. <b>disvarios</b>	O Brado do Sul, Pelotas, 16/03/1860	<b>Desvario</b> (p.181)	<b>Desvarío</b> (p.309)	<b>Desvario</b> (p.606)	<b>Desvario</b> (p. 505)
41. <b>disvarios</b>	O Brado do Sul, Pelotas, 17/03/1860	<b>Desvario</b> (p.181)	<b>Desvarío</b> (p.309)	<b>Desvario</b> (p.606)	<b>Desvario</b> (p. 505)
42. <b>disvios</b>	O Brado do Sul, Pelotas, 15/03/1861	<b>Desvio</b> (p.150)	<b>Desvio</b> (p.310)	<b>Desvio</b> (p.607)	<b>Desvio</b> (p.506)
43. <b>effeminados</b>	O Século, Porto	<b>Effeminado</b> (p.79)	-	<b>Effeminado</b> (p.648)	<b>Effeminado</b> (p.514)

	Alegre, 12/06/1883				
44. eligível	O Brado do Sul, Pelotas, 15/03/ 1861	-	<b>Eleger, Elegida cousa. (p. 332)</b>	<b>Elegível (p.651)</b>	<b>Elegível (p.545)</b>
45. envilicido	Echo do Palmar, Santa Victoria do Palmar, 31/12/1892	<b>Envilecer (p.162)</b>	-	<b>Envilecido, Envilicido (p.721)</b>	<b>Envilecer, Envilecimento (p. 580)</b>
46. especuladores (4x	O Comercio, Rio Grande, 09/02/1841	<b>Especular (p.265)</b>	<b>Especulador (p. 385)</b>	<b>Especulador (p.757)</b>	<b>Especulador (p.604)</b>
47. Herminigildo	O Amolador, Rio Grande, 26/04/1874	-	-	-	-
48. hidiondo (2x	O Artilheiro, Porto Alegre, 16/09/1837	Hediondo (p.14)	-	<b>Hediondo (p.112)</b>	<b>Hediondo (p. 719)</b>
49. incaminhava	O Continentista, Porto Alegre, 10/06/1836	encaminhava (p.193), <b>Encaminhar (p.79)</b>	<b>Encaminhar, Encaminho, Encaminhei, Encaminharei. (p. 343)</b>	<b>Encaminhár (p. 677)</b>	<b>Encaminhar (p.557)</b>
50. incarnação	A Acácia, Porto Alegre, 05/03/1876	<b>Encarnac,am (p.84)</b>	<b>Encarnação (p.344)</b>	<b>Encarnação (p.679)</b>	<b>Encarnação (p.559)</b>
51. incarnações	A Acácia, Porto Alegre, 01/04/1876	<b>Encarnac,am, Encarnar (p.84)</b>	<b>Encarnação (p.344)</b>	<b>Encarnação (p.679)</b>	<b>Encarnação (p.559)</b>
52. indereçada	O Brado do Sul, Pelotas, 20/07/1859	<b>Endere,cado, Enderec,ar (p.101)</b>	-	<b>Endereçar (p. 691)</b>	<b>Endereçar, Endereçamento, Endereço (p. 563)</b>
53. indiferidos	Correio Oficial da Província de São Pedro, Porto Alegre, 10/06/1835	-	-	<b>Indeferido (p. 149)</b>	<b>Indeferido (p.755)</b>
54. indiscriptível	A Gazetinha, Porto Alegre, 15/11/1891	-	-	-	<b>Indescriptível (p.755)</b>
55. indiscriptível	Echo do Palmar, Santa Victoria do Palmar, 31/12/1892	-	-	-	<b>Indescriptível (p.755)</b>
56. indiscriptível	O Pharol, Itaqui,	-	-	-	<b>Indescriptível</b>

	01/06/1898				(p.755)
57. <b>infermidade</b>	O Brado do Sul, Pelotas, 15/07/1859	Enfermidade (p.366, 128, 200, 514, etc.), <b>Enfermidade</b> (p.108)	<b>Enfermidade</b> (p.351)	<b>Enfermidáde</b> (p. 693)	<b>Enfermidade</b> (p.566)
58. <b>inflora</b>	O Athleta, Porto Alegre, 22/02/1885	-	-		<b>Enflorar</b> (p.566)
59. <b>imminente</b> <sup>4</sup>	Correio Mercantil, Pelotas, 08/05/1879	<b>Eminente</b> (p.53), <b>Eminente</b> (7x) (p.53)	<b>Eminente coisa</b> (p. 337)	-	<b>Emminente</b> (551)
60. <b>impolado</b>	O Artilheiro, Porto Alegre, 19/08/1837	<b>Empolado</b> (p.66)	-	<b>Empoládo</b> (p.670)	<b>Empollado</b> (p. 555)
61. <b>IMPRESTIMOS</b>	Gazeta Serrana, Cruz Alta, 15/01/1893	<b>Empréstimo</b> (p.73)	<b>Empréstimo</b> (p.342)	<b>Empréstimo</b> (p.673)	<b>Empréstimo</b> (p. 556)
62. <b>inganadoras</b>	O Continentista, Porto Alegre, 10/06/1836	<b>Enganador, Enganar, Enganado</b> (p. 114)	<b>Enganada coisa, Enganar</b> (p. 352)	<b>Enganador, Enganadora</b> (p.696)	<b>Enganar</b> (p.567)
63. <b>iniquivocos</b>	O Campeão da Legalidade, Porto Alegre, 04/02/1837	-	-	-	<b>Inequivoco</b> (p.759)
64. <b>inivitavel</b>	O Continentista, Porto Alegre, 10/06/1836	<b>Inevitavel</b> (p. 118)	<b>Inevitavel coisa</b> (p.467)	<b>Inevitavel</b> (p.154)	<b>Inevitavel</b> (p.759)
65. <b>intendeu</b> <sup>5</sup>	O Constitucional Rio Grandense, 30/07/1828	<b>Entender, Entendedor</b> (p.139)	<b>Entender, Entendedor, Entendo, Entendi, Entenderei, Entender-se, Entendimento</b> (p. 360)	<b>Entendedor</b> (p.709), <b>Entendido</b> (p.710)	<b>Entender, Entendido</b> (p.555)
66. <b>invidaremos</b>	O Independente, Rio Grande, 15/09/1862	<b>Envidar</b> (p.162)	-	<b>Envidar</b> (p.720)	<b>Envidar</b> (p.580)
67. <b>involve</b>	O Brado do Sul, Pelotas, 17/03/1860	<b>Envolver, Envolvedor, Envolto</b> (p.163)	<b>Envolver, Envolver-se, Envolverei</b> (p.366) <b>Involver</b> (p.479)	<b>Envolvér, Envolvído</b> (p.722)	<b>Envolver, Envolvedor, Envolvimento</b> (p.580)

<sup>4</sup> Significando, no contexto da ocorrência, *eminente* e não *iminente*, pois ambas as palavras existem na língua portuguesa e são exemplos de valor distintivo na grafia de **e** ou **i**.

<sup>5</sup> BLUTEAU: intender – Ocorrências: 5 – Ocorr. Palavras: 5

68. envolvendo	O Pharol, Itaqui, 03/03/1898	<b>Envolver, Envolvedor, Envolto</b> (p.163)	<b>Envolver, Envolver-se, Envolverei</b> (p.366) <b>Involver</b> (p.479)	<b>Envolvér, Envolvído</b> (p.722)	<b>Envolver, Envolvedor, Envolverimento</b> (p.580)
69. involver	O Brado do Sul, Pelotas, 17/03/1860	<b>Envolver</b> (p.163)	<b>Envolver</b> (p.366) <b>Involver</b> (p.479)	<b>Envolvér, Envolvído</b> (p.722)	<b>Envolver</b> (p.580)
70. ligitima	O Amador, Quaraí, 08/03/1896	Legitima (p.373, 418, 620, 116, 177, 14, 50, 94, 106), <b>Legítima</b> , (p.65)	<b>Legitima cousa</b> (p. 490)	<b>Legítima</b> (p.212)	<b>Legitima</b> (p.804)
71. linitivo	O Artilheiro, Porto Alegre, 02/09/1837	<b>Lenitivo</b> (p.79)	-	<b>Lenítivo</b> (p.214)	<b>Lenitivo</b> (p.806)
72. liviano	O Analista, Porto Alegre, 29/07/1840	<b>Leviandade, Leviano</b> Livianidade, Liviano (p.103), <b>Liviandade, Liviano</b> (p. 161)	-	<b>Leviano</b> (p.219)	<b>Leviano</b> (p.808)
73. magnitismo (3x)	América, Rio Grande, 08/08/1870	-	-	<b>Magnétismo</b> (p. 247)	<b>Magnetismo</b> (p.827)
74. mãzinha <sup>6</sup>	A Gazetinha, Porto Alegre, 28/11/1895	-	<b>Mãi, Mãi de família</b> (p. 502)	<b>Mãe, Mãi</b> (p. 247)	<b>Mãe</b> (p.826)
75. milho	O Artilheiro, Porto Alegre, 19/08/1837	<b>Melhor</b> (p.406)	<b>Melhor cousa</b> (p. 513)	<b>Melhúr, Melhor, Melhoria, Milhoria</b> (p. 285)	<b>Melhor</b> (p.851)
76. perigrina	O Athleta, Porto Alegre, 01/02/1885	<b>Peregrino, Peregrina</b> (p.416)	<b>Peregrina cousa</b> (p.572)	<b>Peregrino</b> (p.432)	<b>Peregrino</b> (p.953)
77. perigrinação	América, Rio Grande, 07/11/1870	<b>Peregrino, Peregrina</b> (p.416)	<b>Peregrina cousa, Peregrinos, Peregrinar</b> (p.572)	<b>Peregrinação</b> (p.432)	<b>Peregrinação</b> (p.953)
78. pinhorados	O Brado do Sul, Pelotas, 15/07/1859	<b>Penhorado</b> (p.394)	<b>Penhor, Penhora, Penhorar</b> (p. 569)	<b>Penhorádo</b> (p.427)	<b>Penhorado</b> (p.950)
79. pratileiras	O Brado do Sul, Pelotas, 09/05/1859	<b>Parteleira</b> (p.286), Prateleira (p.286)	-	<b>Prateléira</b> (p. 483)	<b>Prateleira</b> (p.983)

<sup>6</sup> BLUTEAU: mãi – Ocorrências: 1100 – Ocorr. Palavras: 1593 (Percebi que as primeiras ocorrências são de “mal” (MAL) e não mãi – o caracter “l” (L minúsculo) é igual a “i” (“i” maiúsculo).

80. prevenir	O Commercio, Rio Grande, 30/03/1841	<b>Prevenir</b> (p.731)	<b>Prevenir</b> (p. 596)	<b>Prevenir</b> (p. 501)	<b>Prevenir</b> (p.991)
81. primissas	A Actualidade, Porto Alegre, 06/10/1867	<b>Premissa</b> (p.698)	-	<b>Premissas</b> (p.492)	-
82. revistidos	A Gazetinha, Porto Alegre, 28/11/1895	<b>Revestir</b> , Revestido (p.314)	<b>Revestido</b> (p.637)	<b>Revestido</b> (p.626)	<b>Revestir</b> (p.1059)
83. revivirá	O Commercio, Rio Grande, 07/09/1841	Reviver (p.317)	<b>Reviver</b> (p. 637)	<b>Reviver</b> (p. 628)	<b>Reviver</b> (p.1059)
84. semelhante	O Constitucional Rio Grandense, Porto Alegre, 09/08/1828	Semelhante (p. 566)	<b>Semelhante cousa</b> (p.656)	<b>semelhante</b> (p. 683)	<b>semelhante</b> (p. 1097)
85. similhaça	América, Rio Grande, 07/11/1870	Semelhança (p.462, 271, 272), <b>Semelhança</b> (p,565)	<b>Semelhança</b> (p.656)	<b>Semelhança</b> (p. 683)	<b>Semelhança</b> (p.1097)
86. similhaça	Amigo do Homem e da Pátria, Porto Alegre, 07/08/1829	Semelhança (p.462, 271, 272), <b>Semelhança</b> (p,565)	<b>Semelhança</b> (p.656)	<b>Semelhança</b> (p. 683)	<b>Semelhança</b> (p.1097)
87. semelhante (2x)	A Gazetinha, Porto Alegre, 08/11/1891	Semelhante (p. 566)	<b>Semelhante cousa</b> (p.656)	<b>semelhante</b> (p. 683)	<b>semelhante</b> (p. 1097)
88. semelhante	Amigo do Homem e da Pátria, Porto Alegre, 04/08/1829	Semelhante (p. 566)	<b>Semelhante cousa</b> (p.656)	<b>semelhante</b> (p. 683)	<b>semelhante</b> (p. 1097)
89. Semilhante	O Amolador, Rio Grande, 07/06/1874	Semelhante (p. 566)	<b>Semelhante cousa</b> (p.656)	<b>semelhante</b> (p. 683)	<b>semelhante</b> (p. 1097)
90. semelhante	O Athleta, Porto Alegre, 22/02/1885	Semelhante (p. 566)	<b>Semelhante cousa</b> (p.656)	<b>semelhante</b> (p. 683)	<b>semelhante</b> (p. 1097)
91. semelhante	O Brado do Sul, Pelotas, X-X-1859 (n.186)	Semelhante (p. 566)	<b>Semelhante cousa</b> (p.656)	<b>semelhante</b> (p. 683)	<b>semelhante</b> (p. 1097)
92. semelhantes (2x)	A Gazetinha, Porto Alegre, 15/11/1891	Semelhante (p. 566)	<b>Semelhante cousa</b> (p.656)	<b>semelhante</b> (p. 683)	<b>semelhante</b> (p. 1097)
93. semelhantes	A Gazetinha, Porto Alegre, 22/11/1891	Semelhante (p. 566)	<b>Semelhante cousa</b> (p.656)	<b>semelhante</b> (p. 683)	<b>semelhante</b> (p. 1097)
94. semelhantes	Correio da Liberdade, Porto Alegre,	Semelhante (p. 566)	<b>Semelhante cousa</b> (p.656)	<b>semelhante</b> (p. 683)	<b>semelhante</b> (p. 1097)



	14/05/1831				
95. <b>similhantes</b>	Correio da Liberdade, Porto Alegre, 17/04/1831	Semelhante (p. 566)	<b>Semelhante cousa (p.656)</b>	<b>semelhante (p. 683)</b>	<b>semelhante (p. 1097)</b>
96. <b>sinão</b>	Album do Domingo, Porto Alegre, 07/04/1878	Senão (p.13, 32, 68, 458, 604, 565.), <b>Senaõ</b> (p.576)	<b>Senão (p.656)</b>	<b>Senão (p.685)</b>	<b>Senão (p. 1099)</b>
97. <b>siquer</b>	A Encruzilhada, Encruzilhada, 07/12/1892	<b>Sequer</b> (p.598)	-	<b>Se-quér (p.689)</b>	<b>Sequer (p.1202)</b>
98. <b>siquer</b>	O Combatente, Santa Maria, 01/01/1893	<b>Sequer</b> (p.598)	-	<b>Se-quér (p.689)</b>	<b>Sequer (p.1202)</b>
99. <b>siquer</b>	A Gazetinha, Porto Alegre, 01/11/1891	<b>Sequer</b> (p.598)	-	<b>Se-quér (p.689)</b>	<b>Sequer (p.1202)</b>
100. <b>siquer</b>	A Gazetinha, Porto Alegre, 04/08/1895	<b>Sequer</b> (p.598)	-	<b>Se-quér (p.689)</b>	<b>Sequer (p.1202)</b>
101. <b>siquer</b>	A Gazetinha, Porto Alegre, 29/11/1891	<b>Sequer</b> (p.598)	-	<b>Se-quér (p.689)</b>	<b>Sequer (p.1202)</b>
102. <b>Tangirina</b>	O Pharol, Itaquí, 03/03/1898	-	-	-	<b>Tangerina (p.1147)</b>
103. <b>viridico</b>	O Avisador, Porto Alegre, 07/08/1835	<b>Veridico</b> , Veridico (p.441)	-	<b>Verídico (p. 845)</b>	<b>Veridico (p.1217)</b>

APÊNDICE J – Pesquisas de Registros Escritos em Jornais em Dicionários – Vogal <o>

<b>Palavra</b>	<b>Periódico, Local e Data</b>	<b>BLUTEAU (1712)</b>	<b>CANNECATIM (1804)</b>	<b>SILVA (1813)</b>	<b>COELHO (1890)</b>
1. <b>acostumados</b>	Correio da Liberdade, Porto Alegre, 23/04/1831	<b>Acostumado</b> (p.100)	<b>Acostumado bem</b> (p.16)	<b>Acostumado</b> (p.33)	<b>Acostumado</b> (p.26)
2. <b>assuada</b>	Correio da Liberdade, Porto Alegre, 23/04/1831	<b>Assoado</b> (p.611)	-	<b>Assoada, Assuada</b> <sup>1</sup> (p.212)	<b>Assoado</b> (p.176)
3. <b>concurrência</b>	Atalaia do Sul, Jaguarão, 17/11/1864	<b>Concurrência,</b> concurrência (p.443)	<b>Concurrência</b> (p.189)	<b>Concurrência</b> (p.438)	<b>Concorrência</b> (p. 381)
4. <b>concurrência</b>	Correio Mercantil, Pelotas, 08/05/1879	<b>Concurrência,</b> concurrência (p.443)	<b>Concurrência</b> (p.189)	<b>Concurrência</b> (p.438)	<b>Concorrência</b> (p. 381)
5. <b>concurrentes</b>	Corymbo, Rio Grande, 01/01/1893	<b>Concurrente</b> (p.443)	<b>Concurrência</b> (p.189)	<b>Concurrénte</b> (p.438)	<b>Concorrente</b> (p. 381)
6. <b>coberta</b>	A Democracia, Porto Alegre, 09/11/1874	coberta (p.629), <b>Cuberta, Cuberto,</b> <b>Cubertamente</b> (p.626)	<b>Coberta, ou cobertor,</b> <b>Coberta cousa</b> (p. 171)	<b>Cobérta</b> (p.406)	<b>Coberta</b> (p.363)
7. <b>coberta</b>	O Amigo do Homem e da Pátria, Porto Alegre, 28/08/1829	coberta (p.629), <b>Cuberta, Cuberto,</b> <b>Cubertamente</b> (p.626)	<b>Coberta, ou cobertor,</b> <b>Coberta cousa</b> (p. 171)	<b>Cobérta</b> (p.406)	<b>Coberta</b> (p.363)
8. <b>coberto</b>	Correio Oficial da Província de São Pedro, Porto Alegre, 27/06/1835	coberta (p.629), <b>Cuberta, Cuberto,</b> <b>Cubertamente</b> (p.626)	<b>Coberta, ou cobertor,</b> <b>Coberta cousa</b> (p. 171)	<b>Cobérto</b> (p.406)	<b>Coberto</b> (p.363)
9. <b>coberto</b>	O Amigo do Homem e da Pátria, Porto Alegre, 04/08/1829	coberta (p.629), <b>Cuberta, Cuberto,</b> <b>Cubertamente</b> (p.626)	<b>Coberta, ou cobertor,</b> <b>Coberta cousa</b> (p. 171)	<b>Cobérto</b> (p.406)	<b>Coberto</b> (p.363)
10. <b>cobertos</b>	O Brado do Sul,	coberta (p.629),	<b>Coberta, ou cobertor,</b>	<b>Cobérto</b> (p.406)	<b>Coberto</b> (p.363)

<sup>1</sup> Segundo Morais e Silva (1813, p. 212) “ASSOÁDA. V. ASSUÁDA, como escrevem os Classicos”

	Pelotas, 15/07/1859	<b>Cuberta, Cuberto, Cubertamente</b> (p.626)	<b>Coberta cousa</b> (p. 171)		
<b>11. cubiça</b>	A Democracia, Porto Alegre, 16/11/1874	<b>Cobiça, Cobiçar, Cobiçoso</b> (p.349)	<b>Cobiça</b> (p. 171)	<b>Cobiça</b> (p.406)	<b>Cobiça, Cubiça, Cubiçado</b> (p. 364) <sup>2</sup>
<b>12. cubiçozo</b> <sup>3</sup>	O Artilheiro, Porto Alegre, 1837 <sup>4</sup>	<b>Cobiça, Cobiçar, Cobiçoso</b> (p.349)	<b>Cobiçosa cousa</b> (p.171)	<b>Cobiçoso</b> (p.406)	<b>Cobiçante, Cubiça, Cubiçado</b> (p.364)
<b>13. cubrindo-se</b>	Correio do Sul, Porto Alegre, 21/01/1852	<b>Cubrir</b> (p.627)	<b>Cobrir-se, Cobri, Cobrirei, Cobrir</b> (p. 172)	<b>Cobrir, Cubrir</b> (p.406)	<b>Cobrir</b> (p.364)
<b>14. cubrir-se</b>	Correio do Sul, Porto Alegre, 16/10/1852	<b>Cubrir</b> (p.627)	<b>Cobrir-se</b> (p. 172)	<b>Cobrir, Cubrir</b> (p.406)	<b>Cobrir</b> (p.364)
<b>15. engulideiras</b>	O Século, Porto Alegre, 12/06/1883	Engolir (p.50), <b>Engulir</b> (p.114)	<b>Engulir, Engulida coida, Engulirei</b> (p.355)	<b>Engolir, Engulir</b> (p.698)	<b>Engulidor</b> (p.570)
<b>16. engulir</b>	O Século, Porto Alegre, 02/11/1884	Engolir (p.50), <b>Engulir</b> (p.114)	<b>Engulir</b> (p. 355)	<b>Engolir, Engulir</b> (p.698)	<b>Engulir</b> (p.570)
<b>17. fumenta</b>	O Brado do Sul, Pelotas, 17/03/1860	<b>Fomentar</b> (p.162)	<b>Fomentar</b> (p.421)	<b>Fomentar</b> (p.44)	<b>Fomentar</b> (p.670)
<b>18. infurtunio</b>	Sentinela da Liberdade, Porto Alegre, 30/12/1836	<b>Infortunio</b> (p.129)	<b>Infortunio</b> (p.470)	<b>Infortunio</b> (p.160)	<b>Infortunio</b> (p.763)
<b>19. meludiosa</b>	O Brado do Sul, Pelotas, 15/03/1861	<b>Melodia</b> (p.411), <b>Melodioso</b> (p.412)	-	<b>Melodiôso</b> (p.286)	<b>Melodioso</b> (p.852)
<b>20. ocorrencia</b>	Correio Mercantil, Pelotas, 17/08/1889	Ocorrência (p.33)	-	<b>Occurência</b> (p.359)	<b>Occorencia</b> (p.907)
<b>21. ocorrencia</b>	O Liberal, Rio Grande, 26/01/1863	Ocorrência (p.33)	-	<b>Occurência</b> (p.359)	<b>Occorencia</b> (p.907)
<b>22. puderia</b>	A Gazetinha, Porto	<b>Poder</b> (p.562)	<b>Poder</b> (p.582)	<b>Poder, Poderio</b> (p. 461)	<b>Poder</b> (p.973)

<sup>2</sup> Segundo Coelho (1890, p. 364), a palavra Cobiçado pode ser grafada de duas formas, com a vogal pretônica <o> ou com a vogal <u>, sendo esta última grafia detentora de um significado diferente daquela com <o>: Cubiçado é algo desejado também com “avareza”, enquanto “Cobiçado” é desejado apenas com “ardor e paixão”.

<sup>3</sup> Este dado consta no verso de Camões utilizado como epígrafe do periódico, ocorrendo no cabeçalho de todos os exemplares analisados e acima referidos.

<sup>4</sup> 22/07/1837, 29/07/1837, 19/08/1837, 26/08/1837, 02/09/1837, 09/09/1837, 16/09/1837, 13/09/1837, 30/09/1837;

	Alegre, 04/08/1895				
<b>23. suçobrasse</b>	O Artilheiro, Porto Alegre, 19/08/1837	Soçobrar (p.62), <b>Soçobrar</b> (p.685)	<b>Soçobrada cousa,</b> <b>Soçobrar (p.665)</b>	-	<b>Sossobrar (p.1124)</b>
<b>24. surrateiro</b>	A Acácia, Porto Alegre, 03/12/1876	<b>Sorratoiro</b> (p.731)	-	<b>Sorratoiro (p. 725)</b>	<b>Sorratoiro (p.1123)</b>
<b>25. surtidas</b>	O Brado do Sul, Pelotas, 15/07/59	<b>Sortida</b> , sortida (p.734)	-	<b>Sortida (p. 725)</b>	<b>Sortida (p.1124)</b>
<b>26. surtimento</b>	O Commercio, Rio Grande, 09/02/1841	-	-	<b>Sortimento (p. 726)</b>	<b>Sortimento (p.1124)</b>

APÊNDICE K – Pesquisas de Registros Escritos em Cartas da Família Prates de Castilhos em Dicionários

<b>Vogal /E/</b>					
<b>Palavra</b>	<b>Remetente, Destinatário, Local e Data</b>	<b>BLUTEAU (1712)</b>	<b>CANNECATIM (1804)</b>	<b>SILVA (1813)</b>	<b>COELHO (1890)</b>
<b>1. Cicilia</b>	Hermínio Francisco do Espírito Santo para S.D. – S.L., 03/11/1875 [f 1 r]	-	-	-	-
<b>2. desinvolver</b>	Júlio Prates de Castilhos para Chiquinho (irmão Francisco Prates de Castilhos) – POA, 30/07/1883 [fol 3 v]	<b>Desenvolver (p.137)</b>	-	<b>Desenvolver (p.577)</b>	<b>Desenvolver (p.483)</b>
<b>3. desgostoso</b>	Dom Feliciano para o cunhado Francisco Ferreira de Castilhos – POA, 27/04/1857 [fol 1 r]	<b>Desgostoso (p.145)</b>	<b>Desgostosa cousa (p. 298)</b>	<b>Desgostoso (p.582)</b>	<b>Desgostoso (p.487)</b>
<b>4. despesas</b>	Ernesto Luis Gonçalves para Felisberto Prates – S.L.,18/01/1864 [fol 1]	<b>Despeza (p.166)</b>	<b>Despeza (p.305)</b>	<b>Despèsa (p.596)</b>	<b>Depesa (p.498)</b>
<b>5. despesas</b>	Ernesto Luis Gonçalves para Felisberto Prates – S.L.,18/01/1864 [fol 1]	<b>Despeza (p.166)</b>	<b>Despeza (p.305)</b>	<b>Despèsa (p.596)</b>	<b>Depesa (p.498)</b>

<b>6. iducação</b>	Carolina Prates de Castilhos para o filho Júlio de Castilhos – São Martinho, 25/07/1894 [fol 1v]	<b>Educac,cam, Educação (p.13)</b>	-	<b>Educação (p.647)</b>	<b>Educação (p.542)</b>
<b>7. iducação</b>	Carolina Prates de Castilhos para o filho Júlio de Castilhos – São Martinho, 25/07/1894 – [fol 1v]	<b>Educac,cam, Educação (p.13)</b>	-	<b>Educação (p.647)</b>	<b>Educação (p.542)</b>
<b>8. iducar</b>	Carolina Prates de Castilhos para o filho Júlio de Castilhos – São Martinho, 25/07/1894 – [fol 1v]	<b>Educar (p.14)</b>	-	<b>Educár (p.647)</b>	<b>Educar (p.542)</b>
<b>9. imbarque</b>	Carolina Prates de Castilhos para o filho Júlio de Castilhos – São Martinho, 25/07/1894 – [fol 1v]	<b>Embarcar (p.38)</b>	<b>Embarcar, Embarcado (p.333)</b>	-	<b>Embarque (p.548)</b>
<b>10. imprestando</b>	Adelaide de Castilhos para Inocência de Castilhos França – RJ, 15/12/1900 – [fol 2v]	<b>Emprestar, Empréstimo (p.73)</b>	<b>Emprestar (p.341), Empréstimo (p.342)</b>	<b>Emprestár (p.673)</b>	<b>Emprestar (p.556)</b>
<b>11. incommenda</b>	Fidencio Nepomuceno para Francisco Ferreira de Castilhos – RJ,	<b>Encomenda (p.91)</b>	<b>Encommenda (p.347)</b>	<b>Encomènda (p.685)</b>	<b>Encommenda (p.561)</b>

	08/06/1856 - [fol1 v]				
<b>12. incommenda</b>	Fidencio Nepomuceno para Francisco Ferreira de Castilhos – RJ, 24/06/1856 - [fol2 r]	<b>Encomenda (p.91)</b>	<b>Encommenda (p.347)</b>	<b>Encomènda (p.685)</b>	<b>Encommenda (p.561)</b>
<b>13. incommenda</b>	Fidencio Nepomuceno para Francisco Ferreira de Castilhos – RJ, 24/06/1856 - [fol2 v]	<b>Encomenda (p.91)</b>	<b>Encommenda (p.347)</b>	<b>Encomènda (p.685)</b>	<b>Encommenda (p.561)</b>
<b>14. incommenda</b>	Fidencio Nepomuceno para Francisco Ferreira de Castilhos – RJ, 24/06/1856 - [fol2 v]	<b>Encomenda (p.91)</b>	<b>Encommenda (p.347)</b>	<b>Encomènda (p.685)</b>	<b>Encommenda (p.561)</b>
<b>15. incontrem</b>	Carolina Prates de Castilhos para o filho Júlio de Castilhos – São Martinho, agosto de 1890 – [fol 1r]	<b>Encontrado (p.92), Encontrar (p.93)</b>	<b>Encontrar (p.347)</b>	<b>Encontrár (p.686)</b>	<b>Encontrar (p.561)</b>
<b>16. indoçada</b>	Cândido Cunha para Fidelis Nepomuceno Prates - Limeira (?), 24/07/1864 – [fol1r.]	-	-	<b>Endossado, Endossar (p.691)</b>	<b>Endossado, Endossar (p.564)</b>
<b>17. indereitl-o</b>	Adelaide para Honorina de Castilhos - RJ, 28/08/1903 - [fol 2v]	<b>Endireittar (p.102)</b>	-	<b>Endireitar (p.691)</b>	<b>Endireitar (p.564)</b>
<b>18. melhor</b>	Carlos Moreira de	<b>Melhor (p.406)</b>	<b>Melhor cousa</b>	<b>Melhór (p.285)</b>	<b>Melhor (p.851)</b>

	Castilho para o filho Francisco – Santo Antônio, 10/01/1849 – [p. 01]		(p.513)		
<b>19. paciar</b>	Ana Costa para Honorina de Castilhos – Serra, 14/01/1903 – [fol 1r]	<b>Passear (p.306)</b>	<b>Passear (p.562)</b>	<b>Passeár (p.408)</b>	<b>Passear (p.941)</b>
<b>20. vos[pidir]</b>	Carlos Moreira de Castilho para o filho Francisco – Santo Antônio, 10/01/1849 – [pg. 01]	<b>Pedinte (p..347), Pedir (p.347,p.348))</b>	<b>Pedir (p.565)</b>	<b>Pedir (p.418)</b>	<b>Pedir (p. 946)</b>
<b>21. previninindo-o</b>	Júlio Prates de Castilhos para Honorina Martins da Costa - POA, 08/04/1883 – [fol 1r]	<b>Prevenir (p.731)</b>	<b>Prevenir (p.596)</b>	<b>Prevenír (p.501)</b>	<b>Prevenir (p. 991)</b>
<b>22. recciosa</b>	Honorina de Castilhos para Júlio de Castilhos - POA, 15/04/1900 – [fol 1]	<b>Recear, Receyo (p. 144)</b>	<b>Receio, Receosamente (p.620)</b>	<b>Receòso (p.564)</b>	<b>Receio (p.1026), Receoso (p.1027)</b>
<b>23. siguida</b>	Cândido Cunha para Fidelis Nepomuceno Prates - Limeira (?), 24/07/1864 – [fol 2]	<b>Seguido (p.550)</b>	<b>Seguir (p. 654)</b>	<b>Seguída (p.678)</b>	<b>Seguida (p. 1094)</b>
<b>24. semelhante</b>	Cândido Cunha para Fidelis Nepomuceno Prates - Limeira (?),	Semelhante (p. 566)	<b>Semelhante coisa (p.656)</b>	<b>semelhante (p. 683)</b>	<b>semelhante (p. 1097)</b>



	24/07/1864 – [fol1r.]				
<b>25. sinão</b>	Aurelio Virissimo de Bittencourt para Honorina de Castilhos, POA, 13/01/1889 – [fol 1r]	Senão (p.13, 32, 68, 458, 604, 565,), <b>Senaõ</b> (p.576)	<b>Senão (p.656)</b>	<b>Senão (p.685)</b>	<b>Senão (p. 1099)</b>
<b>26. sinceridade</b>	Ignácio d’Almeida Faria Souza para Francisco Ferreira de Castilhos - Villa do Principe – 10/04/1855 - [fol 1 r]	<b>Sinceridade (p.655)</b>	<b>Sinceridade (p.662)</b>	<b>Sinceridáde (p. 702)</b>	<b>Sinceridade (p. 1110)</b>
<b>27. sintindo</b>	Cândido Cunha para Fidelis Nepomuceno Prates - Limeira (?), 24/07/1864 – [fol.2]	<b>Sentido (p.587), Sentimento (p.589)</b>	<b>Sentir, Sentido (p. 657)</b>	<b>Sentír (p.688)</b>	<b>Sentir, Sentido (p.1201)</b>
<b>28. siquer</b>	Julio Prates de Castilhos para Honorina de Castilhos - POA, 24/03/1883 – [fol1 r]	<b>Sequer (p.598)</b>	-	<b>Se-quér (p.689)</b>	<b>Sequer (p.1202)</b>
<b>29. vosmices</b>	Fidencio Nepomuceno para Francisco Ferreira de Castilhos – RJ, 08/06/1856 - [fol2r]	<b>Mercê (p.430)</b>	<b>Vossa mercê (p.716)</b>	<b>Vossancê, Vossa mercê, Vòssê (p.866)</b>	<b>Vossê, Vossemessê (p. 1233)</b>
<b>30. vosmices</b>	Fidencio Nepomuceno para Francisco Ferreira de Castilhos – RJ, 24/06/1856 - [fol1 r]	<b>Mercê (p.430)</b>	<b>Vossa mercê (p.716)</b>	<b>Vossancê, Vossa mercê, Vòssê (p.866)</b>	<b>Vossê, Vossemessê (p. 1233)</b>

<b>31. Zefirino</b>	Etelvina para a sogra Carolina – S.L.,S.D.	-	-	-	-
<b>Vogal /O/</b>					
<b>Palavra</b>	<b>Remetente, Destinatário, Local e Data</b>	<b>BLUTEAU (1712)</b>	<b>CANECATIM (1804)</b>	<b>MORAIS E SILVA (1813)</b>	<b>COELHO (1890)</b>
1. cumarca	Carolina Prates de Castilhos para o filho Júlio de Castilhos – São Martinho, agosto de 1890 – [fol 1r]	<b>Comarca (p.386)</b>	<b>Comarca (p.176)</b>	<b>Commarca (p.420)</b>	<b>Comarca (p.370)</b>
2. custume	Carolina Prates de Castilhos para o esposo Francisco Ferreira de Castilhos – Reserva, 01/06/1866 – [fol 1r]	<b>Costume (p.586)</b>	<b>Costume (p217)</b>	<b>Costume (p. 486)</b>	<b>Costume (p.413)</b>
3. Juaquim	Francisco Ferreira de Castilhos para Joaquim Carlos da Silveira – Sorocaba, 06/06/66 – [fol 1 r]	-	-	-	-
4. ocorridos	Francisco Ferreira de Castilhos para Joaquim Carlos da Silveira – Sorocaba, 06/06/1866 –	<b>Ocorrência (p.33)</b>	-	<b>Occurência (p.359)</b>	<b>Occorencia (p.907)</b>

	[fol 1 r]				
5. prumessa	Recibo de pagamento de Manoel Ribeiro para Joze Ferreira de Castilhos - S.L., 30/07/1864	<b>Promessa (p.772)</b>	<b>Promessa (p.600)</b>	<b>Proméssa (p.512)</b>	<b>Promessa (p.996)</b>
6. podia	Cássia Prates de Castilhos para a mãe Carolina Prates de Castilhos – Sortiga, SD – [fol 1 r]	<b>Poder (p.562)</b>	<b>Poder (p.582)</b>	<b>Poder, Poderio (p.461)</b>	<b>Poder (p.973)</b>
7. subrinhos	Fidêncio Nepomuceno para Francisco Ferreira de Castilhos – RJ, 24/06/1856 - [fol1 r]	<b>Sobrinho (p.682)</b>	<b>Sobrinho (p.665)</b>	<b>Sobrinho (p.712)</b>	<b>Sobrinho (p.1116)</b>
8. de[susiedade]	Carlos Prates de Castilhos para o filho – S.L., S.D. - [fol 1r]	<b>Sociedade (p.684)</b>	-	<b>Sociedade (p.713)</b>	<b>Sociedade (p.1117)</b>

APÊNDICE L – Pesquisas de Registros Escritos em Documentos da Revolução Federalista em Dicionários

<b>Vogal /E/</b>					
<b>Palavra</b>	<b>Remetente, Destinatário, Local e Data</b>	<b>BLUTEAU (1712)</b>	<b>CANNECATIM (1804)</b>	<b>SILVA (1813)</b>	<b>COELHO (1890)</b>
<b>1. Disculpe</b>	<b>Manoel Vicente para Julio Campos - Vacaria, 06/04/1894</b>	<b>Desculpa (p.116)</b>	<b>Desculpa (p.289)</b>	<b>Desculpa (p.566)</b>	<b>Desculpa (p.470)</b>
<b>2. filicidade</b>	<b>Theodoro Camargo para Tio Zeca – Pal, 07/08/1895</b>	<b>Felicidade (p. 258, 100, 120)</b>	<b>Felicidade (p.412)</b>	<b>Felicidáde (p. 21)</b>	<b>Felicidade (p.656)</b>
<b>3. filis</b>	<b>Aureliano Rodrigues Siq<sup>a</sup> para José dos Santos – Vacaria, 23/05/1894</b>	<b>Felice (p.69), Feliz (p.73)</b>	<b>Feliz (p.412)</b>	<b>Felíz (p.21)</b>	<b>Feliz (p.656)</b>
<b>4. fornicimento</b>	<b>Recibo de Ten. Cor. Avelino Paim para Alphonso Gomes Paim de Andrade – Faz<sup>a</sup> Branca, 16/03/1895</b>	<b>Fornecimento (p. 178)</b>	<b>Fornecimento (p.423)</b>	<b>Fornecimènto (p.49)</b>	<b>Fornecimento (p.672)</b>
<b>5. inbora</b>	<b>Theodoro Camargo</b>	<b>Embora (p.46)</b>	<b>Embora (p.335)</b>	<b>Embóra (p.659)</b>	<b>Embora (p.549)</b>

	para <b>Tio Zeca – Pal, 07/08/1895</b>				
<b>6. intão</b>	<b>Theodoro Camargo para Tio Zeca – Pal, 07/08/1895</b>	<b>Entam (p.138), Entaõ (p.138)</b>	<b>Então (p.360)</b>	<b>Então (p.709)</b>	<b>Então (p.575)</b>
<b>7. siginti</b>	<b>Boaventura Domingues Bueira para Capitão José Teodoro dos Santos – Acampamento no Capão da Lagoa, 09/07/1895</b>	<b>Seguinte (p.550)</b>	<b>Seguinte (p.653)</b>	<b>Seguínte (p.678)</b>	<b>Seguinte (p.1094)</b>
<b>8. siguintes</b>	<b>Manoel Vicente para Julio Campos - Vacaria, 06/04/1894</b>	<b>Seguinte (p.550)</b>	<b>Seguinte (p.653)</b>	<b>Seguínte (p.678)</b>	<b>Seguinte (p.1094)</b>
<b>Vogal /O/</b>					
<b>1. pucivel</b>	<b>Avelino Paim para Cap. José Theodoro dos Santos – Ordem do Dia, 26/06/1894.</b>	<b>Possível (p.644)</b>	<b>Possivel cousa (p.558)</b>	<b>Possível (p.477)</b>	<b>Possível (p.981)</b>
<b>2. pucivel</b>	<b>Avelino Paim para Capitão José dos Santos – Vacaria, 27/12/ 1895</b>	<b>Possível (p.644)</b>	<b>Possivel cousa (p.558)</b>	<b>Possível (p.477)</b>	<b>Possível (p.981)</b>

<b>3. subrinho</b>	<b>Theodoro Camargo para Tio Zeca – Pal, 07/08/1895</b>	<b>Sobrinho (p.682)</b>	<b>Sobrinho (p.665)</b>	<b>Sobrinho (p.712)</b>	<b>Sobrinho (p.1116)</b>
--------------------	---	-------------------------	-------------------------	-------------------------	------------------------------

APÊNDICE M – Dados Fonologicamente Significativos de Harmonia Vocálica, Elevação vocálica de médias em posição inicial e Elevação sem Motivação Aparente.

<b>REGISTROS ESCRITOS EM JORNAIS GAÚCHOS OITOCENTISTAS</b>
Vogal <e> como <i>: 113 registros, 86 palavras Vogal <o> como <u>: 26 registros, 22 palavras
HARMONIA VOCÁLICA
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. <b>ac</b>ustumados, Correio da Liberdade, Porto Alegre, 23/04/1831;</li> <li>2. <b>al</b>vidrio, O Continentista, Porto Alegre, 10/06/1836;</li> <li>3. <b>an</b>ticipação, Amigo do Homem e da Pátria, Porto Alegre, 11/08/1829;</li> <li>4. <b>an</b>ticipado, Correio do Sul, Porto Alegre, 21/10/52;</li> <li>5. <b>ar</b>ripiadoras, O Correio, Rio Grande, 18/02/1847;</li> <li>6. <b>ar</b>ripião-se-nos, O Independente, Rio Grande, 15/09/1862;</li> <li>7. <b>ar</b>ripiar, O Commercio, Rio Grande, 09/02/1941;</li> <li>8. <b>ci</b>miterio (2x)<sup>1</sup>, O Brado do Sul, Pelotas, 15/07/1859,</li> <li>9. <b>cu</b>berta, A Democracia, Porto Alegre, 09/11/1874;</li> <li>10. <b>cu</b>berta, O Amigo do Homem e da Pátria, Porto Alegre, 28/08/1829;</li> <li>11. <b>cu</b>berto, Correio Official da Província de São Pedro, Porto Alegre, 27/06/1835;</li> <li>12. <b>cu</b>berto, O Amigo do Homem e da Pátria, Porto Alegre, 04/08/1829;</li> <li>13. <b>cu</b>bertos, O Brado do Sul, Pelotas, 15/07/1859;</li> <li>14. <b>cu</b>brindo-se, Correio do Sul, Porto Alegre, 21/01/1852;</li> <li>15. <b>cu</b>brir-se, Correio do Sul, Porto Alegre, 16/10/1852;</li> <li>16. <b>cu</b>biça, A Democracia, Porto Alegre, 16/11/1874;</li> <li>17. <b>cu</b>biçozo<sup>2</sup>, O Artilheiro, Porto Alegre, 22/07/1837, 29/07/1837, 19/08/1837, 26/08/1837, 02/09/1837, 09/09/1837, 16/09/1837, 13/09/1837, 30/09/1837;</li> <li>18. <b>de</b>firirei, Correio Official da Província de São Pedro, Porto Alegre, 06/06/1835</li> <li>19. <b>di</b>rivar-se, Album do Domingo, Porto Alegre, 12/05/1878;</li> <li>20. <b>di</b>cida, O Continentino, Porto Alegre, 29/10/1832;</li> <li>21. <b>di</b>finitiva, O Commercio, Uruguaiana, 16/10/1892;</li> <li>22. <b>di</b>sfructamos, O Conciliador, Rio Grande, 05/12/1840;</li> </ol>

<sup>1</sup> (x) indica quantas vezes a ocorrência apareceu no exemplar do periódico datado no item.

<sup>2</sup> Este dado consta no verso de Camões utilizado como epígrafe do periódico, ocorrendo no cabeçalho de todos os exemplares analisados e acima referidos.

23. **disculpa**, O Amador, Quaraí, 02/02/1896;
24. **disculpa**, O Brado do Sul, Pelotas, 12/12/1860;
25. **disfruta**, Correio do Sul, Porto Alegre, 19/10/1952;
26. **disvios**, O Brado do Sul, Pelotas, 15/03/1861
27. **effiminados**, O Século, Porto Alegre, 12/06/1883
28. **eligível**, O Brado do Sul, Pelotas, 15/03/ 1861
29. **engulideiras**, O Século, Porto Alegre, 12/06/1883;
30. **engulir**, O Século, Porto Alegre, 02/11/1884;
31. **envilicido**, Echo do Palmar, Santa Victoria do Palmar, 31/12/1892;
32. **espiculadores** (4x), O Commercio, Rio Grande, 09/02/1941;
33. **hidiondo** (2x), O Artilheiro, Porto Alegre, 16/09/1837;
34. **indiferidos**, Correio Official da Província de São Pedro, Porto Alegre, 10/06/1835;
35. **indiscriptível**, A Gazetinha, Porto Alegre, 15/11/1891;
36. **indiscriptivel**, Echo do Palmar, Santa Victoria do Palmar, 31/12/1892;
37. **indiscriptivel**, O Pharol, Itaquí, 01/06/1898;
38. **infurtunio**, Sentinela da Liberdade, Porto Alegre, 30/12/1936;
39. **iniquivocos**, O Campeão da Legalidade, Porto Alegre, 04/02/1837;
40. **inivitavel**, O Continentista, Porto Alegre, 10/06/1836;
41. **invidaremos**, O Independente, Rio Grande, 15/09/1862;
42. **ligitima**, O Amador, Quaraí, 08/03/1896;
43. **linitivo**, O Artilheiro, Porto Alegre, 02/09/1837;
44. **liviano**, O Analista, Porto Alegre, 29/07/1840
45. **magnitismo** (3x), América, Rio Grande, 08/08/1870;
46. **mãizinha**, A Gazetinha, Porto Alegre, 28/11/1895;
47. **meludiosa**, O Brado do Sul, Pelotas, 15/03/1861;
48. **milhor**, O Artilheiro, Porto Alegre, 19/08/1837;
49. **previnir**, O Commercio, Rio Grande, 30/03/1841;
50. **primissas**, A Actualidade, Porto Alegre, 06/10/1867;
51. **revivirá**, O Commercio, Rio Grande, 07/09/1841;
52. **revistidos**, A Gazetinha, Porto Alegre, 28/11/1895;
53. **surtidas**, O Brado do Sul, Pelotas, 15/07/59.
54. **surtimento**, O Commercio, Rio Grande, 09/02/1841.
55. **Tangirina**, O Pharol, Itaquí, 03/03/1898;



56. <b>viridico</b> , O Avisador, Porto Alegre, 07/08/1835.
<b>ELEVAÇÃO SEM MOTIVAÇÃO APARENTE</b>
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. <b>abilheira</b>, O Século, Porto Alegre, 14/10/1883;</li> <li>2. <b>denigrantes</b>, Correio do Sul, Porto Alegre, 24/10/1852</li> <li>3. <b>fumenta</b>, O Brado do Sul, Pelotas, 17/03/1860;</li> <li>4. <b>impolado</b>, O Artilheiro, Porto Alegre, 19/08/1837;</li> <li>5. <b>pinhorados</b>, O Brado do Sul, Pelotas, 15/07/1859;</li> <li>6. <b>pratleiras</b>, O Brado do Sul, Pelotas, 09/05/1859;</li> <li>7. <b>puzeria</b>, A Gazetinha, Porto Alegre, 04/08/1895;</li> <li>8. <b>semilhante</b>, O Constitucional Rio Grandense, Porto Alegre, 09/08/1828;</li> <li>9. <b>sinão</b>, Album do Domingo, Porto Alegre, 07/04/1878</li> <li>10. <b>siquer</b>, A Gazetinha, Porto Alegre, 01/11/1891;</li> <li>11. <b>siquer</b>, A Gazetinha, Porto Alegre, 04/08/1895;</li> <li>12. <b>siquer</b>, A Gazetinha, Porto Alegre, 29/11/1891;</li> <li>13. <b>siquer</b>, A Encruzilhada, Encruzilhada, 07/12/1892;</li> <li>14. <b>siquer</b>, O Combatente, Santa Maria, 01/01/1893;</li> <li>15. <b>suçobrasse</b>, O Artilheiro, Porto Alegre, 19/08/1837;</li> <li>16. <b>surrateiro</b>, A Acácia, Porto Alegre, 03/12/1876;</li> </ol>
<b>ELEVAÇÃO EM SÍLABAS TRAVADAS POR NASAL</b>
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. <b>imminente</b><sup>3</sup>, Correio Mercantil, Pelotas, 08/05/1879</li> <li>2. <b>IMPRESTIMOS</b>, Gazeta Serrana, Cruz Alta, 15/01/1893;</li> <li>3. <b>incaminhava</b>, O Continentista, Porto Alegre, 10/06/1836;</li> <li>4. <b>incarnação</b>, A Acácia, Porto Alegre, 05/03/1876;</li> <li>5. <b>incarnações</b>, A Acácia, Porto Alegre, 01/04/1876;</li> <li>6. <b>impolado</b>, O Artilheiro, Porto Alegre, 19/08/1837;</li> <li>7. <b>indereçada</b>, O Brado do Sul, Pelotas, 20/07/1859;</li> </ol>

<sup>3</sup> Significando, no contexto da ocorrência, *eminente* e não *iminente*, pois ambas as palavras existem na língua portuguesa e são exemplos de valor distintivo na grafia de e ou i.

<p>8. <b>í</b>ndiferidos, Correio Oficial da Província de São Pedro, Porto Alegre, 10/06/1835;</p> <p>9. <b>í</b>nfermidade, O Brado do Sul, Pelotas, 15/07/1859;</p> <p>10. <b>í</b>nflora, O Athleta, Porto Alegre, 22/02/1885;</p> <p>11. <b>í</b>nganadoras, O Continentista, Porto Alegre, 10/06/1836;</p> <p>12. <b>í</b>ntendeu, O Constitucional Rio Grandense, 30/07/1828;</p> <p>13. <b>í</b>nvolve, O Brado do Sul, Pelotas, 17/03/1860;</p> <p>14. <b>í</b>nvolvendo, O Pharol, Itaqui, 03/03/1898;</p> <p>15. <b>í</b>nvolver, O Brado do Sul, Pelotas, 17/03/1860;</p>
<p>ELEVAÇÃO EM SÍLABAS TRAVADAS POR SIBILANTE</p>
<p>1. <b>í</b>scrença, O Brado do Sul, Pelotas, 28/03/1859;</p> <p>2. <b>í</b>sculpa, O Amador, Quaraí, 02/02/1896;</p> <p>3. <b>í</b>sculpa, O Brado do Sul, Pelotas, 12/12/1860;</p> <p>4. <b>í</b>sforço, Correio do Sul, Porto Alegre, 24/10/1952;</p> <p>5. <b>í</b>sforços, Correio do Sul, Porto Alegre, 24/10/1852;</p> <p>6. <b>í</b>sgosto, O Brado do Sul, Pelotas, 09/05/1859;</p> <p>7. <b>í</b>spedaçando, O Brado do Sul, Pelotas, 12/12/1860;</p> <p>8. <b>í</b>spertado, O Athleta, Porto Alegre, 15/03/1885;</p> <p>9. <b>í</b>spertam, A Gazetinha, Porto Alegre, 15/11/1891;</p> <p>10. <b>í</b>spertando, O Brado do Sul, Pelotas, 17/03/1860;</p> <p>11. <b>í</b>spertar, O Brado do Sul, Pelotas, 28/03/1859;</p> <p>12. <b>í</b>spreso, O Brado do Sul, Pelotas, 18/03/1860;</p> <p>13. <b>í</b>svarios, O Brado do Sul, Pelotas, 16/03/1860;</p> <p>14. <b>í</b>svarios, O Brado do Sul, Pelotas, 17/03/1860;</p> <p>15. <b>í</b>svios, O Brado do Sul, Pelotas, 15/03/1861</p> <p>16. <b>í</b>speitoso, O Continentista, Porto Alegre, 10/06/1836;</p> <p>17. <b>í</b>sperta, O Continentista, Porto Alegre, 10/06/1836;</p> <p>18. <b>í</b>sperta-nos, Orvalho, Livramento, 15/07/1900;</p> <p>19. <b>í</b>sputismo, O Pharol, Itaqui, 02/05/1898;</p> <p>20. <b>í</b>ndiscriptível, Echo do Palmar, Santa Victoria do Palmar, 31/12/1892;</p> <p>21. <b>í</b>ndiscriptível, O Pharol, Itaqui, 01/06/1898;</p>
<p>HIATO</p>

<ol style="list-style-type: none"> <li>1. bombardeado, O Artilheiro, Porto Alegre, 22/07/1837,</li> <li>2. Diodoro, O Século, Porto Alegre, 15/03/1885;</li> <li>3. cumieira, A Democracia, Porto Alegre, 30/11/1874;</li> <li>4. cumieira, O Século, Porto Alegre, 12/06/1883,</li> <li>5. assuada, Correio da Liberdade, Porto Alegre, 23/04/1831;</li> <li>6. Campi'oes (2x), O Avisador, Porto Alegre, 07/08/1835,</li> </ol>
<p>OUTROS</p>
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. assimilham, A Gazetinha, Porto Alegre, 15/11/1891;</li> <li>2. concurrencia, Atalaia do Sul, Jaguarão, 17/11/1864;</li> <li>3. concorrentes, Corymbo, Rio Grande, 01/01/1893;</li> <li>4. concurrencia, Correio Mercantil, Pelotas, 08/05/1879;</li> <li>5. Herminigildo, O Amolador, Rio Grande, 26/04/1874;</li> <li>6. semelhante, O Constitucional Rio Grandense, Porto Alegre, 09/08/1828;</li> <li>7. similhaça, América, Rio Grande, 07/11/1870;</li> <li>8. similhaça, Amigo do Homem e da Pátria, Porto Alegre, 07/08/1829;</li> <li>9. semelhante (2x), A Gazetinha, Porto Alegre, 08/11/1891;</li> <li>10. semelhante, Amigo do Homem e da Pátria, 04/08/1829;</li> <li>11. Semilhante, O Amolador, Rio Grande, 07/06/1874;</li> <li>12. semelhante, O Athleta, Porto Alegre, 22/02/1885;</li> <li>13. semelhante, O Brado do Sul, Pelotas, X-X-1859 (n.186);</li> <li>14. semelhantes (2x), A Gazetinha, Porto Alegre, 15/11/1891;</li> <li>15. semelhantes, A Gazetinha, Porto Alegre, 22/11/1891;</li> <li>16. semelhantes, Correio da Liberdade, Porto Alegre, 14/05/1831;</li> <li>17. semelhantes, Correio da Liberdade, Porto Alegre, 17/04/1831;</li> <li>18. occurrencia, Correio Mercantil, Pelotas, 17/08/1889;</li> <li>19. occurrencia, O Liberal, Rio Grande, 26/01/1863;</li> </ol>

<b>REGISTROS ESCRITOS EM DOCUMENTOS DA FAMÍLIA PRATES DE CASTILHOS</b>	
Vogal <e> como <i>: 31 registros, 25 palavras Vogal <o> como <u>: 8 registros, 8 palavras	
HARMONIA VOCÁLICA	
1.	<b>Ciçilia</b> , Carta de Hermínio Francisco do Espírito Santo para S.D. – S.L., 03/11/1875 – [f 1 r]
2.	<b>id<u>u</u>cação</b> (2x), Carolina Prates de Castilhos para o filho Júlio de Castilhos – São Martinho, 25/07/1894 – [fol 1v]
3.	<b>id<u>u</u>car</b> , Carta de Carolina Prates de Castilhos para o filho Júlio de Castilhos – São Martinho, 25/07/1894 – [fol 1v]
4.	<b>m<u>i</u>lhor</b> , Carta de Carlos Moreira de Castilho para o filho Francisco – Santo Antônio, 10/01/1849 – [p. 01]
5.	<b>p<u>i</u>dir</b> , Carta de Carlos Moreira de Castilho para o filho Francisco – Santo Antônio, 10/01/1849 – [pg. 01]
6.	<b>pre<u>v</u>inindo-o</b> , Carta de Júlio Prates de Castilhos para Honorina Martins da Costa - POA, 08/04/1883 – [fol 1r]
7.	<b>sig<u>i</u>da</b> , Carta de Cândido Cunha para Fidelis Nepomuceno Prates - Limeira (?), 24/07/1864 – [fol 2]
8.	<b>sinc<u>i</u>ridade</b> , Carta de Ignácio d’Almeida Faria Souza para Francisco Ferreira de Castilhos - Villa do Principe – 10/04/1855 - [fol 1 r]
9.	<b>s<u>i</u>ntindo</b> , Carta de Cândido Cunha para Fidelis Nepomuceno Prates - Limeira (?), 24/07/1864 – [fol.2]
10.	<b>Zef<u>i</u>рино</b> , Carta de Etelvina para a sogra Carolina – S.L.,S.D.
11.	<b>cu<u>s</u>tume</b> , Carta de Carolina Prates de Castilhos para o esposo Francisco Ferreira de Castilhos – Reserva, 01/06/1866 – [fol 1r]
12.	<b>oc<u>u</u>rridos</b> , Carta de Francisco Ferreira de Castilhos para Joaquim Carlos da Silveira – Sorocaba, 06/06/1866 – [fol 1 r]
13.	<b>pu<u>d</u>ia</b> , Carta de Cássia Prates de Castilhos para a mãe Carolina Prates de Castilhos – Sortiga, SD – [fol 1 r]
14.	<b>su<u>b</u>rinhos</b> , Carta de Fidêncio Nepomuceno para Francisco Ferreira de Castilhos – RJ, 24/06/1856 - [fol1 r]
15.	<b>sus<u>i</u>edade</b> , Carta de Carlos Prates de Castilhos para o filho – S.L., S.D. - [fol

1r]
ELEVAÇÃO SEM MOTIVAÇÃO APARENTE
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. <b>siquer</b>, Carta de Julio Prates de Castilhos para Honorina de Castilhos - POA, 24/03/1883 – [fol1 r]</li> <li>2. <b>cumarca</b>, Carta de Carolina Prates de Castilhos para o filho Júlio de Castilhos – São Martinho, agosto de 1890 – [fol 1r]</li> <li>3. <b>prumessa</b>, Carta de Recibo de pagamento de Manoel Ribeiro para Joze Ferreira de Castilhos - S.L., 30/07/1864</li> </ol>
ELEVAÇÃO EM SÍLABAS TRAVADAS POR NASAL
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. <b>desinvolver</b>, Carta de Júlio Prates de Castilhos para Chiquinho (irmão Francisco Prates de Castilhos) – POA, 30/07/1883 - [fol 3 v]</li> <li>2. <b>imbarque</b>, Carta de Carolina Prates de Castilhos para o filho Júlio de Castilhos – São Martinho, 25/07/1894 – [fol 1v]</li> <li>3. <b>imprestando</b>, Carta de Adelaide de Castilhos para Inocência de Castilhos França – RJ, 15/12/1900 – [fol 2v]</li> <li>4. <b>incommenda</b>, Carta de Fidencio Nepomuceno para Francisco Ferreira de Castilhos – RJ, 08/06/1856 - [fol1 v]</li> <li>5. <b>incommenda</b>, Carta de Fidencio Nepomuceno para Francisco Ferreira de Castilhos – RJ, 24/06/1856 - [fol2 r]</li> <li>6. <b>incommenda (2X)</b>, Carta de Fidencio Nepomuceno para Francisco Ferreira de Castilhos – RJ, 24/06/1856 - [fol2 v]</li> <li>7. <b>incontrem</b>, Carta de Carolina Prates de Castilhos para o filho Júlio de Castilhos – São Martinho, agosto de 1890 – [fol 1r]</li> <li>8. <b>indoçada</b>, Carta de Cândido Cunha para Fidelis Nepomuceno Prates - Limeira (?), 24/07/1864 – [fol1r.]</li> <li>9. <b>indereitl-o</b>, Carta de Adelaide para Honorina de Castilhos - RJ, 28/08/1903 - [fol 2v]</li> </ol>
ELEVAÇÃO EM SÍLABAS TRAVADAS POR SIBILANTE
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. <b>disgostoso</b>, Carta de Dom Feliciano para o cunhado Francisco Ferreira de Castilhos – POA, 27/04/1857– [fol 1 r]</li> <li>2. <b>dispesas (2x)</b>, Carta de Ernesto Luis Gonçalves para Felisberto Prates – S.L.,18/01/1864 – [fol 1]</li> </ol>

HIATO
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. <b>pac̄iar</b>, Carta de Ana Costa para Honorina de Castilhos – Serra, 14/01/1903 – [fol 1r]</li> <li>2. <b>recc̄iosa</b>, Carta de Honorina de Castilhos para Júlio de Castilhos - POA, 15/04/1900 – [fol 1]</li> <li>3. <b>Juaquim</b>, Carta de Francisco Ferreira de Castilhos para Joaquim Carlos da Silveira – Sorocaba, 06/06/66 – [fol 1 r]</li> </ol>
OUTROS
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. <b>sim̄ilhante</b>, Carta de Cândido Cunha para Fidelis Nepomuceno Prates - Limeira (?), 24/07/1864 – [fol1r.]</li> <li>2. <b>sin̄ão</b>, Carta de Aurelio Virissimo de Bittencourt para Honorina de Castilhos, POA, 13/01/1889 – [fol 1r]</li> <li>3. <b>vosm̄ices</b>, Carta de Fidencio Nepomuceno para Francisco Ferreira de Castilhos – RJ, 08/06/1856 - [fol2r]</li> <li>4. <b>vosm̄ices</b>, Carta de Fidencio Nepomuceno para Francisco Ferreira de Castilhos – RJ, 24/06/1856 - [fol1 r]</li> </ol>

<b>REGISTROS ESCRITOS EM DOCUMENTOS DA REVOLUÇÃO FEDERALISTA</b>
Vogal <e> como <i>: 7 registros, 8 palavras Vogal <o> como <u>: 3 registros, 2 palavras
<b>Harmonia Vocálica</b>
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. <b>D̄isculpe</b>, Carta de Manoel Vicente para Julio Campos - Vacaria, 06/04/1894</li> <li>2. <b>f̄ilicidade</b>, Carta de Theodoro Camargo para Tio Zeca – Pal, 07/08/1895</li> <li>3. <b>f̄ilis</b>, Carta de Aureliano Rodrigues Siq<sup>a</sup> para José dos Santos – Vacaria, 23/05/1894</li> <li>4. <b>forn̄icimento</b>, Carta de Recibo de Ten. Cor. Avelino Paim para Alphonso Gomes Paim de Andrade – Faz<sup>a</sup> Branca, 16/03/ 1895</li> <li>5. <b>p̄ucivel</b>, Carta de Avelino Paim para Cap. José Theodoro dos Santos – Ordem do Dia, 26/06/1894.</li> <li>6. <b>p̄ucivel</b>, Carta de Avelino Paim para Capitão José dos Santos – Vacaria, 27/12/ 1895</li> </ol>

- |   |
|---|
| <ol style="list-style-type: none"><li>7. <b>siginti</b>, Carta de Boaventura Domingues Bueira para Capitão José Teodoro dos Santos – Acampamento no Capão da Lagoa, 09/07/1895</li><li>8. <b>siguintes</b>, Carta de Manoel Vicente para Julio Campos - Vacaria, 06/04/1894</li><li>9. <b>subrinho</b>, Carta de Theodoro Camargo para Tio Zeca – Pal, 07/08/1895</li></ol> |
| <b>Elevação em sílabas travadas por nasal</b>   |
| <ol style="list-style-type: none"><li>1. <b>inbora</b>, Carta de Theodoro Camargo para Tio Zeca – Pal, 07/08/1895</li><li>2. <b>intão</b>, Carta de Theodoro Camargo para Tio Zeca – Pal, 07/08/1895</li></ol>  |

**ANEXOS**



ANEXO A - Dados trazidos por Bisol de registros de fenômenos de elevação vocálica das vogais médias pretônicas (1981, p.240-252)

Do <i>Appendix Probi</i> (Século IV d.C.)	
1. cannelam non canianus	23. suboles non subolis
2. pecten non pictinis	24. vulpes non vulpis
3. aquaedctus non aquiductus	25. lues non luis
4. formica non furmica	26. deses non desis
5. sobrius non suber	27. reses non resis
6. doleus non dolium	28. vepres non vepris
7. vinea non vinia	29. fames non famis
8. cavea non cavia	30. clades non cladis
9. senatus non sinatus	31. syrtes non syrtis
10. brattea non brattia	32. aedes non aedis
11. cochlea non coclia	33. sedes non sedis
12. cocleare non cocliarum	34. proles non prolis
13. palearium non paliarum	35. tinea non tinia
14. lancea non lancia	36. faseolus non fasiolus
15. formosos non formunsus	37. dysentericus non dysintericus
16. solea non solia	38. linteum non lintium
17. calceus non calcius	39. terrae motus non terrimotium
18. festuca non fistuca	40. robigo non rubigo
19. cautes non cautis	41. bipennis non bipinnis
20. vates non vatis	42. ermeneumata non erminomata
21. tabes non tavis	
22. apes non apis	

Do <i>The Latinity of Dates Documents in the Portuguese Territory</i> , de Norman Sacks (1941) – registra o português do ano 770 ao ano 1102	
1. cunileiros>coneliarios	11. *infirmitem> infirmitatem
2. pigureiro> pecuriarium	12. lugares> locales
3. piliteiros> pellitarios	13. contuversia>controversiam
4. obturigare>auctoricare	14. siriens>series
5. octurgare> auctoricare	15. cumlomento> cognomentum, com o estágio intermediário cumnomentum
6. obtugar> auctoricate	16. divessis>defensis
7. vinder> vendere	17. cumtestamus>contestamus
8. vindigar> vindicare	18. mulinos>molina
9. pumifheris>pomifheris	

10. rizarios> retiaros	19. *testimonias>testimonia 20. costumes>consuetudinem
------------------------	---

Do texto religioso <i>Orto do Esposo</i> (1381)	
Formas prováveis:	
1. aconticya (acontecia)	35. melhor~milhor
2. acorrimento~acurrimento	36. mendigar~myndigar
3. acostumar~acustumar	37. menino~minino
4. elefante~alifante	38. mentir~mintir
5. bevedice~bevydice	39. merecimento~mericimento
6. apostura~apustura	40. mezquidade~mizquidade
7. butycairo (boticário)	41. mesquinho~mizquinho
8. ceguidade~ciguidade	42. myndigo (mendigo)
9. celicio~cilicio	43. mordidura~morderura
10. cobertura~cubertura	44. mordimento~murdimento
11. cobiiçoso~cubiçoso	45. padecimento~padicimento
12. cobrir~cubrir	46. pelegrim~pilingrim
13. concebimento~concibimento	47. percebimento~pircibimento
14. consentir~consyntisse, consintir	48. persyguiçom~perseguidor
15. costume~custume	49. pedir~pidir, pidio, pidindo
16. communalmente~cumunalmente	50. petiçom~pitiçom
17. desfalecimento~defalimento	51. podridom~pudridom
18. derreter, deretura~derritido, derritura	52. percebimento~percibimento
19. descobrir~descubrir	53. preguiça~priguiça
20. desmerecimento~desmiricimento	54. preguiçoso~priguiçoso
21. desobidiente (desobediente)	55. remir~rimir
22. encobrir~encubrir	56. respirar~rispirar
23. enfermidade~enfirmidade	57. seguidor~siguidor
24. engolir~engulir	58. seguinte~syguente~siguynte
25. escolphir~esculphir	59. seguir~siguir
26. especialmente~espicialmente	60. sentido~sintido
27. esplandimento (esplandecimento)	61. sentir~sintir
28. falecedoyro~falecidoyro	62. seguidor~siguidor
29. falimento (falecimento)	63. semelhança~simildom
30. fortuna~furtuna	64. sentido~sintido
31. gemido~gimido	65. testemunhar~testimunar
32. grossura~grussura	66. velhice~vilhice
	67. vestidura~vistidura

33. mancebia~mancibia 34. medida~midida  Formas pouco prováveis: 1. (?) bitume (betume) 2. (?) bitumoso (betumoso) 3. deleytamento~dyleitamento 4. delicado~dilicado,dilicadamente 5. derribar~dirribar	68. vestir~vistir     6. goteyra~guteyra 7. (?) possesson~possison 8. tecer~ticer 9. turpidade
---	--

<i>Do Tratado de Confisson (1489)</i>	
Formas prováveis 1. avorrecivel~avorricivel 2. acostumado (acostumado) 3. bebedice~bebidice 4. cerimonias~cirimonias 5. celistial (celestial) 6. consintindo (consentindo) 7. concibido (concebido) 8. cobiiça~cubiiça 9. costume~custume 10. convinhável (convenável) 11. conhicimento (conhecimento) 12. desfalicimento (desfalecimento) 13. desconhido (desconhecido) 14. descuberta (descoberta) 15. duçura (doçura) 16. encubrido (encobrido) 17. espicial (especial) 18. esturminho (estorminho) 19. favoricivel (favorecivel) 20. freigueses~frigresia 21. formigasses~furmigaste	22. infirmitade (enfermidade) 23. irrregular (irregular) 24. mancibia (mancebia) 25. mentira~mintira 26. mintir, mintiste (mentir) 27. midida, midir (medir) 28. melhores~milhores 29. mericimento (merecimento) 30. mysquinho (mesquinho) 31. priguiça (preguiça) 32. priguiçoso (preguiçoso) 33. pididos, pidirem (pedir) 34. pumar (pomar) 35. stabilicido (estabelecido) 36. siguir (seguir) 37. testemunho~testimunho 38. vestimenta~vistidura  Formas pouco prováveis 1. dilicado (delicado) 2. jugatais (jogais) 3. promitimento~prometimento 4. timi (temer) 5. timor (temor) 6. turpidade (torpidade)

Do <i>Os Lusíadas</i> , de Camões (1572)	
<p>Formas prováveis:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. elefante~aliphante</li> <li>2. Apinino (Apenino)</li> <li>3. Cyfisia (Cefísia)</li> <li>4. cigueira (cegueira)</li> <li>5. cobiça~cubiça, cubiçado</li> <li>6. cobiçosos~cubiçosos</li> <li>7. cubertos,cuberta(cobertos, coberta)</li> <li>8. cubrir, curbrio (cobrir)</li> <li>9. costumado~custumado</li> <li>10. costuma~custuma</li> <li>11. costume~custume</li> <li>12. dirivado, diriva (derivar)</li> <li>13. descobridor~descubridores</li> <li>14. descoberto (descoberto)</li> <li>15. difiria, difirisse (diferir)</li> <li>16. devido~divido</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>17. encuberto (encoberto)</li> <li>18. engulindo (engolir)</li> <li>19. gingiva (gengiva)</li> <li>20. insufribil, insufridas (insofrível)</li> <li>21. embebidos~embibidos</li> <li>22. Melindano~Milindano</li> <li>23. minino (menino)</li> <li>24. mentirosa~mintirosa</li> <li>25. misilhões (mexilhões)</li> <li>26. melhor (melhor)</li> <li>27. perigo~pirigo</li> <li>28. regurosos~rigurosos (rigorosos)</li> <li>29. Sivilha (Sevilha)</li> <li>30. Surrindo (sorrindo)</li> </ol>

Do <i>Thesouro da Lingoa Portuguesa</i> (1647) e <i>Regras Gerais</i> (1666), de Bento Pereyra	
<p>Formas prováveis</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. celleyro~cileyro</li> <li>2. cegude~cigude</li> <li>3. coberta~cuberta, cubertamente</li> <li>4. cobrir~cubrir</li> <li>5. costume~custume</li> <li>6. corucho~cucurucheo</li> <li>7. cobiça~cubiça</li> <li>8. coruja~curuja</li> <li>9. devido~divido</li> <li>10. elefante~alifante</li> <li>11. fogareyro~fugareyro</li> <li>12. focinho~fucinho</li> <li>13. gemido~gimido</li> <li>14. melhor~milhor</li> <li>15. melhoria~milhoria</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>19. pequeno~piqueno</li> <li>20. petiçam~pitiçam</li> <li>21. preguiça~priguiça</li> <li>22. preguiçoso~priguiçoso</li> <li>23. poderão~puderão</li> <li>24. pomar~pumar</li> <li>25. pomareyro~pumareyro</li> <li>26. Portugal~Purtugal</li> <li>27. rigorosas~rigurosas</li> <li>28. sentinela~sintinela</li> <li>29. testemunho~testimunho</li> <li>30. tutoria~tuturia</li> <li>31. tesouro~tisouro</li> <li>32. vestido~vistido</li> <li>33. vestidura~vistidura</li> <li>34. vestir~vistir</li> </ol>

16. menino~minino 17. pedir~pidir 18. pedinte~pidinte	35. vendido~vindido Formas pouco prováveis: 1. começou~começou 2. gemer~gimer 3. pereyra~pireyra 4. pecado~picado 5. perfeito~prifeito 6. rendeiro~rindeiro 7. redençam~rediçam 8. tirceyro~terceyro 9. vinder~vender
---	---

<i>Do Compendio de Orthografia ou Arte de Escrever e Pronunciar com acerto a Língua Portuguesa, de Madureira Feijó (1739)</i>	
Formas prováveis: 1. aborrecer~aborricer 2. acredito~acredito 3. acogular~acugular 4. acostumo~acustumo 5. acontecido,acontecimento~ acontecido, acontecimento 6. affocinhar~affucinhar 7. agonia~agunia 8. alecrim~alicrim 9. algodão~algudão 10. almofada~almufada 11. almocreve~almucreve 12. amexial~amixial 13. amofinar~amufinar 14. amolcido~amulcido 15. amotinar~amutinar 16. appellar~appillar 17. appetite~appitite 18. Arestino~Aristino 19. arrepiar~arripiar 20. assegurar~assigurar 21. assemelhar~assimilhar 22. atrevido~atrivido 23. bebedice~bebidice	83. medida~midida 84. melindre~milindre 85. merediano~miridiano 86. mexericar~mixericar 87. mesiricordia~misiricordia 88. offerecimento~offerimento 89. penhor~pinhor, pinhorar 90. peregrino~pelingrino, pelingrinar 91. referir~refirir 92. regimento~rigimento 93. remir~rimir 94. repetição~repição 95. repentino~repintino 96. revestir~revistir 97. seguir~siguir 98. segundar~sigundar 99. servir~sirvir 100. seringa~siringa 101. sentir~sintir 102. sentido~sintido 103. sentinela~sintinela 104. sepulto~sipulto 105. tossir~tussir 106. necessidade~nicissidade 107. negligência~nigrigência

24. belleguim~belliguim	108.mexericar~mixiricar
25. beneficiencia~benificencia	109.moribundo~muribundo
26. beneficiado~beneficiado	110.mentira~mintira
27. benefício~benifício	111.partelleira~partilleira
28. boceto~buceto	112.perseguição~persiguição
29. boquejar~buquejar	113.sedimento~sidimento
30. borrifar~burrifar	114.temeridade~timiridade
31. borsegui~burseguim	115.vestir~vistir
32. bovino~buvino	116.vestimenta~vistimenta
33. bostela~bustela	117.vestígio~vistígio
34. borbulhar~burbulhar	
35. cabelleiro~cabelleiro	
36. castelhano~castilhano	
37. cobertor~cubertor	
38. cobrir~cubrir	
39. colete~culete	
40. colhedar~colhidar	Formas pouco prováveis:
41. collegial~colligial, colligiado	1. abetumar~abitumar
42. comedor~comidor	2. adversidade~advirsidade
43. compelir~compilir	3. alvejar~alvijar
44. competir~compitir, compitidor	4. arejar~arijar
45. concebido~concebido	5. arrepender~arripender
46. concorrer~concurrer	6. apedrejar~apedrijar
47. conhecimento~conhicismo	7. atrever-se~atraver-se
48. conseguir~consiguir	8. bandejar~bandijar
49. consentido~consintido	9. beber~biber
50. convertido~convirtido	10. benzer~binzer
51. correr~currer	11. clemência~climencia
52. corrente~currente	12. clemente~climente
53. corromper~corrumper	13. competente~compitente
54. costela~custela	14. conceber~conciber
55. costume~custume	15. convencer~convincer
56. cotovelo~cutuvelo	16. coração~curação
57. covelhete~covilhete	17. debilidade~dibilidade
58. decifrar~dicifrar	18. dedicação~didicação
59. decidir~dici-dir	19. defender~difender
60. denegrado~denigrado	20. derreter~dirreter
61. depenicar~depincar	21. despejar~despijar
62. descobrir~descubrir	22. exterminar~extirminar
63. descortinar~descurtinar	23. fechar~fichar

64. despedida~despidida	24. fechadura~fichadura
65. dessimilhança~dissimilhança	25. fidelidade~fidilidade
66. digerir~digirir	26. gracejar~gracijar
67. discorrer~discurrer	27. gemer~gimer
68. doçura~duçura	28. lagrimejar~lagrimijar
69. escorregar~escurregar	29. lamentação~lamintação
70. escorrer~escurrer	30. merenda~mirenda
71. esfolinhar~esfulinhar	31. negrejar~nigrejar
72. ferir~firir	32. ordenação~ordinação
73. fogaça~fugaça	33. peccado~piccado
74. gemido~gimido	34. peccador~piccador
75. gentileza~gintileza	35. pederneira~pedirneira
76. gengibre~gingibre	36. pereira~pireira
77. gengiva~gingiva	37. prender~prinder
78. genitivo~ginitivo	38. ternura~tirnura
79. lentilhas~lintilhas	39. tenente~tinente
80. leviandade~livandade	40. temeridade~timiridade
81. leviano~liviano	
82. levimento~livimento	

**Anexo B – Detalhes e Meio de Busca do Acervo Particular Júlio De Castilhos –  
Adaptado do Instrumento de Pesquisa do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul e de  
acordo com Penna e Graebin (2009, p. 60-63)**

<b>Área de identificação</b>	
Tipo de Entidade	Pessoa
Forma autorizada do nome	Castilhos, Júlio Prates de. 29 de junho de 1860/24.10.1903
Formas normalizadas do nome de acordo com as regras	Castilho, Julio de.: Castilhos. Julio de
Nível de descrição	Fundo subdividido em Séries e Subséries
Dimensão e suporte	2,7ml (metros lineares) (17 caixos-arquivo)
História Arquivística	<p>Doada por familiares em 2002 à SEC/RS, após permanecer no RJ por 25 anos. Ao MJC foram destinados os objetos, e os escritos ao AHRs.</p> <p>O APJC constitui-se de cartas e bilhetes de caráter familiar, pessoal e político, notas de compras, fragmentos de diversos escritos, atas, proclamações, documentos relacionados a eleições e vida política em geral, recortes de jornais, cartões e documentos legais. A ordem original dos documentos se perdeu com o tempo. Destaca-se a vida política vivida na época, no nível público da documentação. No nível pessoal, destaca-se a relação com os filhos, a mãe, a esposa e demais parentes, descortinando o cotidiano político, onde também encontra-se uma grande variedade de registros domésticos como contas a pagar, pedidos de dinheiro e diversas receitas de amigos para curar a doença que acabaria por vitimá-lo. O estado dos documentos é variado, e pelo papel ainda sofrer a ação do tempo, faz-se trabalho de transcrição desse fundo para futura publicação da instituição. Toda a documentação deste Fundo está organizada e numerada, de acordo com a Série a que pertence, registrada no Meio de Busca.</p>
	Doação



Procedência	
Sistema de arranjo	Conforme Penna e Gaebrin (2009)
Condições de Acesso	Irrestrita
Condições de reprodução	Para sua preservação, o acesso a este Arquivo é possível em meio digital ou reprodução liberada. Publicação sob autorização dos detentores do copyright.
Instrumento de Pesquisa	Meio de busca próprio
Alguns locais e instituições com peças de documentação relacionadas ao Arquivo Particular Júlio de Castilhos em Porto Alegre	<p>AHRS – Arquivo Particular Aurélio Viríssimo Bittencourt, Arquivo Particular José Gomes Pinheiro Machado, Arquivo Particular Borges de Medeiros, Relatórios dos Presidentes do Estado e Correspondências de Governantes; Fundo de Legislação e Documentação de Diversas Secretarias;</p> <p>MJC – Objetos (reconstituição do Gabinete de JC, retratos pessoais, informações biográficas, peças ilustrativas, antigo quarto de dormir) e Coletânea de Cartas de Júlio de Castilhos escritas à sua esposa Honorina (1993)</p> <p>IHGRS – mapoteca, arquivo fotográfico, arquivos documentais, fichas genealógicas, pinacoteca e peças de museu. Documentação relativa à Borges de Medeiros (bilhetes de próprio punho) e Aurélio de Bittencourt, dentre outros correligionários.</p> <p>Praça da Matriz – O monumento à Júlio de Castilhos – Centenário da Independência do Brasil</p> <p>Biblioteca Pública do RS – Discurso do Deputado Estadual Dr. Carlos Penafiel (orador oficial à convite do Centro Republicano Júlio de Castilhos) pronunciado na Comemoração Cívica da Romaria ao túmulo de JC (24/11/1913); o relato de separação entre Julio de Castilhos</p>

	e Assis Brasil (MARQUES, 1983)
<b>Área de Descrição</b>	
Data de existência	Séculos XIX e XX
História	<p>Júlio Prates de Castilhos nasceu em Vila Rica, atual Júlio de Castilhos, em 29/06/1860, filho do fazendeiro Francisco Ferreira de Castilhos e de Carolina Prates de Castilhos. Teve como irmãos Francisco, Carlos, Adelaide, Francisco, Clara, Juvencia, Pertta, Maria e Alfredo. Formou-se em Direito na ALSF em São Paulo. Participou da formação do Partido Republicano na Província do RS. Era neto de Fidélis Nepomuceno de Carvalho Prates, estancieiro de prestígio que foi chefe farroupilha e deputado à Assembléia Constituinte da República Rio-Grandense. Embora gago, era conhecido como liderança nas letras de jornais como “A Evolução” (formado com Assis Brasil e Pereira Costa em 1879) e “A Federação” (propaganda republicana). Foi deputado à Constituinte republicana de 1891 e eleito presidente do estado em 14/07/1891., mas foi deposto pelo Mal. Deodoro da Fonseca (apoiado por JC quando implantou a República em 1889). Castilhos foi eleito por voto direto em 1893 e enfrentou a Revolução Federalista, já que na época predominavam os <i>Liberais</i> (gasparistas), liderados por Gaspar da Silveira Martins. Os opositores eram os <i>Republicanos</i> (castilhistas), liderados por Júlio de Castilhos. A paz, mediada pelo presidente Prudente de Moraes, veio apenas em 1895. Em 1898, transmitiu seu mandato à Antônio Augusto Borges de Medeiros, mas continuando chefe do Partido Republicano até seu falecimento em 1903, devido a um câncer na garganta. Teve quatro filhas e três filhos: Júlia (1884), Eugênia (1885), Otília (1888), Honório (1889), Ambrosina (1890), Edmundo (1892) e Fernando (?). Deixou 19 netos, 24 bisnetos e 32</p>

	<p>trinetos.</p> <p>Fontes: Júlio de Castilhos e sua Época. FRANCO, Sérgio da Costa. Porto Alegre, Ed. Globo, 1967 (Biblioteca AHRs, ref: 92 C352j)</p> <p>Júlio de Castilhos. TODESCHINI, Claudio. Porto Alegre, EMMA/SEC, DAC, IEL. 1978.</p> <p>Júlio de Castilhos. COHEN, Ester. Porto Alegre, Tchê, 1985</p> <p>Júlio de Castilhos. SOARES, Mozart Pereira. Porto Alegre, IEAL, 1991.</p> <p>Positivismo – Um Projeto Político Alternativo (RS: 1889-1930). PINTO, Céli Regina. Porto Alegre. LPM, 1986</p>
<p>Momentos significativos, funções, ocupações e atividades</p>	<p>1860 – Nascimento;</p> <p>1866/76 – Alfabetização com Francisca Miller. Conclusão do Primário no Colégio Guilherme Wellington (Santa Maria). Recebe herança do pai falecido;</p> <p>1877/1881 – Graduação em Direito (SP). Colaboração nos jornais “A República” e “A Evolução” (com Assis Brasil, futuro cunhado);</p> <p>1881 – Trabalha como advogado e inicia-se na política.</p> <p>1882 – Relator do projeto da 1ª Convenção Republicana em Poa;</p> <p>1883 – Participa do I Congresso Republicano. Redator do jornal “A 17 de maio: Federação”. Discursa nas comemorações do Martírio de Tiradentes, sua primeira manifestação pública. Casa-se com D.Honorina Martins da Costa.</p> <p>1884 – Inicia a circulação do jornal “A Federação”, Castilhos assume a redação. Eleito secretário da Comissão Executiva. Empenha-se na Campanha Abolicionista.</p> <p>1885 –Atua na chamada Questão Militar (conflitos entre militares e monarquia em relação à República) e participa do</p>

	<p>Congresso Republicano em SM.</p> <p>1888 – É substituído no jornal “ A Federação”</p> <p>1886/1887 – Retira-se com a família para Vila Rica. Aceita alguns trabalho de advocacia e escreve textos a favor da República.</p> <p>1889 – Convenção Republicana na Fazenda de Júlio de Castilhos (além dele, participaram José Gomes Pinheiro Machado, Ernesto Alves, Fernando Abott, Assis Brasil, Ramiro Barcellos e Demétrio Ribeiro). Ressume a redação de “A Federação”. Em 15/11/89 proclama-se a República e é nomeado superintendente de Negócios do Interior. Cria a Secretaria de Obras.</p> <p>1890 – Assume como Vice-Governador do estado. Integra a Comissão dos 21 representantes de cada estado na Assembléia Nacional Constituinte. Discursa no Congresso Constituinte.</p> <p>1891 – Promulga-se a 1ª Constituição Republicana. A Constituição do RS foi toda redigida por Castilhos, o que ocasiona o rompimento entre ele e Assis Brasil. Em 15/07/91, JC assume como presidente do estado e, em novembro, é deposto pelo golpe do Marechal Dedoro da Fonseca. Inicia-se o “Governicho” e lança-se um Manifesto Público em favor de Castilhos.</p> <p>1892 – Reassume o governo e o transfere para o Dr. Vitorino Monteiro.</p> <p>1893 – Em janeiro Castilhos reassume legalmente o governo e em fevereiro inicia-se a Revolução Federalista. Em 23/08 ocorre a Paz de Pelotas e Castilhos promulga a Lei de organização judiciária do estado.</p> <p>1895 – Reorganiza a Instrução Pública do Estado</p> <p>1896 – Promulga a Lei de Organização Policial</p> <p>1897 – Promulga a Lei Eleitoral “voto a descoberto”<sup>1</sup> e transmite a presidência do Estado para Borges de Medeiros.</p>
--	--

<sup>1</sup> “Alternativamente ao mecanismo tradicional de depositar a cédula na urna, o eleitor poderia fazer uso de instrumento que a legislação chamou de “voto a descoberto”. Nesse caso, ele deveria trazer duas cédulas consigo. Ambas eram datadas e rubricadas pelos mesários. Uma era inserida na urna e a outra ficava com eleitor. Ou seja, o voto a descoberto servia como uma prova de que e o eleitor realmente havia votado em um determinado candidato.” (NICOLAU, 2012, p.67)

	<p>1898 – Promulga o Código de Processo Penal</p> <p>1901 – Nega-se, pela segunda vez, a ser Presidente da República. Reeleição de Borges de Medeiros.</p> <p>1903 – 24/10/03 – Falece de câncer na garganta.</p>
--	---

### **Série 01: Assuntos de Estado**

[Documentos relacionados a assuntos e personagens em âmbito público]

Subsérie 01: documentos recebidos

Subsérie 02: correspondência recebida

Subsérie 03: correspondência enviada

### **Série 02 : Assuntos Familiares**

[Correspondências, bilhetes e documentos tratando de temas familiares entre Júlio de Castilhos e seus parentes ou apenas entre seus parentes. As subséries são nominadas pelo personagem que envia ou recebe correspondências, bem como é mencionado nos documentos]

Subsérie 01: CASTILHOS, Francisco Ferreira de - Correspondência recebida

Subsérie 02: CASTILHOS, Francisco Ferreira de - Correspondência enviada

Subsérie 03: CASTILHOS, Carolina Prates de - Correspondência recebida

Subsérie 04: CASTILHOS, Carolina Prates de - Correspondência enviada

Subsérie 05: CASTILHOS, Carolina Prates de - Documentos

Subsérie06: CASTILHOS, Honorina de - Correspondência recebida

Subsérie07: CASTILHOS, Honorina de - Correspondência enviada

Subsérie08: CASTILHOS, Honorina de - Documentos

Subsérie 09: SILVA, Firmino de Paula e - Correspondência enviada

Subsérie 10: SILVA, Firmino de Paula e - Correspondência recebida

Subsérie11: Correspondência entre diversos familiares

Subsérie12: Documentos

### **Série 03: Atas, Manifestos e Panfletos**

[Documentos de registro, propaganda ou opinião política]

### **Série 04: Cargos, Provimentos e Solicitações**

[Correspondências com a finalidade principal de pleitear e/ou preencher cargos públicos]

Subsérie 01: recebidos

Subsérie 02: enviados

**Série 05: Assuntos Privados Julio de Castilhos**

[Documentação relacionada estritamente a interesses pessoais de Julio de Castilhos]

Subsérie 01: Correspondência enviada

Subsérie 02: Correspondência recebida

Subsérie 03: Recibos e Notas

**Série 06: Conflitos e Sedições**

[Documentação que trata da movimentação de episódios de convulsão social]

**Série 07: Telegramas**

[Exclusivamente telegramas de caráter político. Em sua maior parte concentrados em determinadas datas. Ex.: telegramas enviados por Julio de Castilhos por ocasião do término de seu mandato de Presidente do Estado]

Subsérie 01: recebidos

Subsérie 02: enviados

Subsérie 03: entre correligionários

**Série 08: Correligionários**

[Correspondências e documentos que tratam da comunicação política entre Julio de Castilhos e membros do PRR (Partido Republicano Rio-Grandense) ou entre eles. As subséries são nominadas pelo titular que envia e recebe correspondências]

Subsérie 01: Correspondência recebida (1876 a 1903)

Subsérie 02: Correspondência entre correligionários (1884 a 1903)

Subsérie 03: Correspondência enviada

Subsérie 04: Diversos

Subsérie 05 - AMARAL, Evaristo Teixeira do - Correspondência enviada

Subsérie 06 - AMARAL, Evaristo Teixeira do - Correspondência recebida

Subsérie 07: COSTA, Cherubim da.: Correspondência enviada

Subsérie 08: COSTA, Cherubim da - Correspondência recebida

Subsérie 09: LEITÃO, José Montauray de Aguiar - Correspondência enviada

Subsérie 10: LEITÃO, José Montauray de Aguiar - Correspondência recebida

Subsérie 11: MACHADO, José Gomes Pinheiro - Correspondência enviada

Subsérie 12: MEDEIROS, Antonio Augusto Borges de - Correspondência enviada

Subsérie 13: MEDEIROS, Antonio Augusto Borges de - Correspondência recebida

Subsérie 14: PAROBÉ, João José Pereira Correspondência enviada

Subsérie 15: PAROBÉ, João José Pereira - Correspondência recebida

Subsérie 16: PORTO, José Bento - Correspondência enviada

Subsérie 17: PORTO, José Bento - Correspondência recebida

Subsérie 18: MACHADO, Salvador A. Pinheiro - Correspondência enviada

### **Série 09: Aurélio Viríssimo de Bittencourt Junior.**

[Correspondências trocadas entre Aurélio Bittencourt, Julio de Castilhos e diversos correligionários. Também inclusas as correspondências ditadas por Julio de Castilhos a seu Secretário].

Subsérie 01: Correspondência enviada

Subsérie 02 : Correspondência recebida

Subsérie 03: Correspondências enviadas em nome de Júlio de Castilhos.

### **Série 10: Folhetos e Jornais**

[Fragmentos de periódicos e folhetos]

### **Série 11: Cartas de Pêsames**

[Correspondências, cartões e bilhetes expressando pêsames pela morte de Julio de Castilhos]

### **Série 12: Assuntos Diversos**

[Documentação de caráter diversificado, até 1903]

### **Série 13: Documentos post-mortem**

[Documentação de caráter diversificado, pós 1903]

### **Série 14: Imagens**

[Fotografias, postais, etc.]





**UFRGS**  
UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO GRANDE DO SUL



UNIVERSIDADE DO RIO GRANDE DO SUL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Ilmo Sr. Diretor do Museu de Comunicação Hipólito José da Costa

Venho por meio deste **solicitar autorização**, para divulgação acadêmica, de material fotografado por mim em pesquisa realizada no Setor de Imprensa desta Instituição, por volta dos anos de 2012 a 2015. Trata-se de uma divulgação em forma de DVD-Rom, anexado a minha Tese de Doutorado, a ser defendida no Programa de Pós-Graduação do Instituto de Letras da UFRGS em janeiro de 2017.

Nesse DVD-Rom, será disponibilizado parte do acervo **de jornais do Setor de Imprensa do MUSECOM relativo ao século XIX do Rio Grande do Sul**. A relação de Títulos, bem como o número de exemplares fotografados e que vão ser reproduzidos nessa mídia está em anexo.

No aguardo de autorização formal dessa Instituição, coloco-me à disposição para esclarecimentos necessários. Minha orientadora, Profa. Dra. Valéria Monaretto subscreve também esta solicitação.

*Roberto Francisco Nasi*

**Roberto Francisco Nasi** – aluno de Pós-Graduação de Letras da UFRGS  
Rua Riachuelo, 1521/44, Centro- Porto Alegre  
F: 51 995315751, email: [betonasi@gmail.com](mailto:betonasi@gmail.com)

*Valéria Monaretto*

**Profa. Dra. Valéria Monaretto** – professora de Pós-Graduação do Instituto de Letras – UFRGS  
Instituto de Letras – Universidade Federal do rio do Sul, Av. Bento Gonçalves, 9500 – Porto Alegre, RS.  
F: 51 999885999; email: [monareto@ufrgs.br](mailto:monareto@ufrgs.br)

Porto Alegre, 08 de dezembro de 2016

O material de jornais do Acervo do MUSECOM, em anexo à Tese de Doutorado, recebeu autorização de reprodução, por meio digital (fotografia), para fins acadêmicos, de 2012 a 2017.

*Carlos Roberto da Costa Leite*

Carlos Roberto da Costa Leite  
Coordenador do Setor de Impressos do MUSECOM  
Museu de Comunicação Social Hipólito da Costa – Porto Alegre - RS

MUSEU DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
HIPÓLITO JOSÉ DA COSTA



Relação de Títulos e Número de Exemplares Fotografados

	Ano	Nome	Local	Exemplares Fotografados
1.	1828	O Constitucional Rio Grandense	Porto Alegre	93
2.	1829	Amigo do Homem e da Pátria	Porto Alegre	128
3.	1831	Correio da Liberdade	Porto Alegre	62
4.	1835	Correio Oficial da Província de São Pedro	Porto Alegre	23
5.	1837	O Artilheiro	Porto Alegre	44
6.	1852	Correio do Sul	Porto Alegre	34
7.	1859	O Brado do Sul	Pelotas	68
8.	1867	A Actualidade	Porto Alegre	15
9.	1870-1871	América	Rio Grande	32
10.	1874-1875	A Democracia	Porto Alegre	30
11.	1874	O Amolador	Rio Grande	42
12.	1876	A Acácia	Porto Alegre	49
13.	1878	Album do Domingo	Porto Alegre	43
14.	1883	O Século	Porto Alegre	21
15.	1885	O Athleta	Porto Alegre	91
16.	1891-1895	A Gazetinha	Porto Alegre	27
17.	1896	O Amador	Quaraí	23
	<b>TOTAL</b>			<b>825</b>

	Ano	Nome	Local	Exemplares Fotografados
18.	1832	O Continentino	Porto Alegre	2
19.	1834-1836	Sentinela da Liberdade	Porto Alegre	5
20.	1835-1836	O Continentista	Porto Alegre	3
21.	1835	O Anunciante	Porto Alegre	1
22.	1835	O Avisador	Porto Alegre	1
23.	1836	O Colono Alemaó	São Leopoldo	2
24.	1837	O Campeão da Legalidade	Porto Alegre	1
25.	1840-1841	O Commercio	Rio Grande	5
26.	1840	O Analista	Porto Alegre	2
27.	1840	O Conciliador	Rio Grande	1
28.	1840	O Imperialista	Porto Alegre	1
29.	1845-1846	A Voz da Verdade	Rio Grande	2
30.	1847	O Correio	Rio Grande	1
31.	1862	O Independente	Rio Grande	1
32.	1863	O Bageense	Bagé	1
33.	1863	O Liberal	Rio Grande	1
34.	1864	Atalaia do Sul	Jaguarão	1
35.	1865	Echo Gabrielense	São Gabriel	1
36.	1867	O Artista	Rio Grande	1
37.	1867	O Commercio	Pelotas	1
38.	1871	A Grinalda	Rio Grande	1



39.	1875	Correio do Século	Pelotas	1
40.	1878	Cruz Altense	Cruz Alta	1
41.	1878	O Especulador	Rio Grande	1
42.	1879-1893	Correio Mercantil	Pelotas	4
43.	1879	Alvorada	Rio Grande	1
44.	1880	O Conservador	Porto Alegre	1
45.	1881-1883	Revista Gabrielense	São Gabriel	4
46.	1881	O Asmodeo	Rio Grande	1
47.	1882	A Ferula	Pelotas	1
48.	1882	O Maruí	Rio Grande	1
49.	1883	Cruzeiro do Sul	Bagé	1
50.	1886	O Combate	Porto Alegre	1
51.	1892	A Encruzilhada	Encruzilhada	1
52.	1892	Echo do Palmar	Santa Vitória do Palmar	1
53.	1892	O Commercio	Uruguaiana	1
54.	1893	Corymbo	Rio Grande	1
55.	1893	Gazeta Serrana	Cruz Alta	1
56.	1893	O Combatente	Santa Maria	1
57.	1893	O Exemplo	Porto Alegre	1
58.	1893	O Patriota	Rio Pardo	1
59.	1893	O Taquaryense	Taquari	1
60.	1897-1898	O Pharol	Itaqui	6
61.	1897	O Boato	Pelotas	1
62.	1900	O Orvalho	Livramento	1
<b>TOTAL</b>				<b>70</b>

autorizo a reprodução fotográfica dos exemplares citados na  
 listagem acima.

Carlos Roberto da Costa Jéti

13/12/2016

20A/RS

MUSEU DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
 HIPÓLITO JOSÉ DA COSTA

*[Handwritten signature]*

*[Handwritten signature]*